



"O livro mais romântico escrito em anos.
Uma história extraordinária, formidável, mágica."
San Francisco Chronicle

BEL CANTO

ANN PATCHETT



VENCEDOR DO PRÊMIO ORANGE,
DO PEN/FAULKNER AWARD E DO
NATIONAL BOOK CRITICS CIRCLE AWARD





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Copy right © Ann Patchett 2001

TÍTULO ORIGINAL

Bel Canto

PREPARAÇÃO

Clarissa Peixoto

REVISÃO

Suelen Lopes

REVISÃO DE EPUB

Juliana Pitanga

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-8057-348-0

Edição digital: 2013

Todos os direitos reservados à

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Um](#)

[Dois](#)

[Três](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Oito](#)

[Nove](#)

[Dez](#)

[Epílogo](#)

[Sobre a autora](#)

[Outro título da autora](#)

*Para
Karl VanDevender*

Meu amor e gratidão para meu editor, Robert Jones.

*Fonti e colline chiesi agli Dei;
m'udirò al fine,
pago io vovrò,
né mai quel fonte co'desir miei,
né mai quel monte trapasserò.*

“Pedi aos Deuses por montanhas e fontes,
Afinal eles me ouviram.
Eu viverei satisfeito.
E nunca desejarei ir além daquela fonte,
Nem desejarei atravessar aquela montanha.”

— Sei Ariette I: Malinconia, ninfa gentile
Vincenzo Bellini

Sprecher: Ihr Fremdlinge! Was sucht oder fordert ihn von uns?

Tamino: Freundschaft und Liebe.

Sprecher: Bist du bereit, es mit deinem Leben zu erkämpfen?

Tamino: Ja.

“Orador: Estranho, o que você busca entre nós?

Tamino: Amizade e amor.

Orador: E você está preparado, mesmo que possa lhe custar a vida?

Tamino: Estou.”

Quando as luzes se apagaram, o pianista que a acompanhava a beijou. Talvez ele estivesse se voltando na direção dela logo antes de o ambiente ficar inteiramente escuro, ou talvez ele estivesse começando a levantar as mãos. Deve ter havido um movimento, um gesto, porque todos naquela sala mais tarde se lembrariam de um beijo. Eles não *viram* um beijo, o que teria sido impossível. A escuridão que se instalou sobre eles era completa e surpreendente. Não apenas as pessoas tinham certeza de que viram um beijo, mas elas alegavam serem capazes de identificar o tipo de beijo: forte e apaixonado, além de tê-la tomado de surpresa. Todos olhavam diretamente para ela quando as luzes se apagaram. Aplaudiam, de pé, ainda no auge das palmas, palmas batidas com firmeza, os cotovelos levantados. Nenhum dos espectadores estava perto de se cansar de aplaudir. Os italianos e os franceses gritavam “*Bravo! Bravo!*” e os japoneses se afastavam deles. Será que ele a teria beijado daquela forma se as luzes do salão estivessem acesas? Será que a mente dele estava tão impregnada por ela que, no exato instante em que a escuridão se instalou, ele pensou rapidamente em tomá-la nos braços? Ou será que os outros a queriam também, os homens e as mulheres no salão, e imaginaram a cena coletivamente? Ficaram de tal maneira tocados com a beleza da voz dela que quiseram cobrir sua boca com a boca deles, beber daquela fonte. Talvez a música pudesse ser transferida, devorada, possuída. O que significaria beijar os lábios que produziam sons como aqueles?

Algumas pessoas já a amavam há anos. Colecionavam todas as suas gravações. Mantinham um caderno em que anotavam os lugares onde a tinham visto se apresentar, descrevendo a música, o elenco, o regente. Outros que estavam presentes naquela noite jamais haviam ouvido o nome dela e teriam dito, se fossem indagados, que a ópera nada mais era do que um conjunto de gritos e miados sem sentido, e que prefeririam passar três horas sentadas em uma cadeira de dentista àquilo. Essas eram as pessoas que choravam abertamente agora, tão enganadas estiveram.

Ninguém teve medo da escuridão. Na realidade, mal a notaram. Continuaram aplaudindo. Os que moravam em outros países supuseram que coisas como aquela sempre aconteciam ali. As luzes se acendem e se apagam. Os que moravam no país anfitrião sabiam que era verdade. Além do mais, o momento da falha elétrica parecia dramático e perfeitamente adequado, como se as luzes tivessem dito: *Vocês não precisam ver. Escutem*. Porém, ninguém deixou de se perguntar por que as velas de todas as mesas também se apagaram, provavelmente no mesmo momento, ou um instante antes. O salão se encheu

com o agradável odor de velas recém-apagadas, uma fumaça doce e inteiramente inofensiva. Um odor que indicava que já estava tarde, hora de ir para a cama.

Os convidados continuaram a aplaudir. Eles presumiram que ela retribuía o beijo.

Roxane Coss, soprano lírico, era a única razão da vinda do Sr. Hosokawa a este país. O Sr. Hosokawa era o motivo por que todos os outros convidados foram à festa. Não era o tipo de lugar que as pessoas costumavam visitar. A razão para o país anfitrião — um país pobre — encomendar uma festa de aniversário de alto custo para um cidadão estrangeiro que não precisava de subornos era que se tratava do fundador e presidente da Nansei, a maior empresa de eletrônica do Japão. O maior desejo do país anfitrião era que o Sr. Hosokawa sorrisse para ele e o ajudasse em algumas dos cem diferentes tipos de ajuda possíveis. Poderia ser por meio de treinamento ou de comércio. Uma fábrica (um sonho tão acalentado que não se podia nomeá-lo em voz alta) talvez pudesse ser construída aqui, onde a mão de obra barata constituiria um bom lucro para todos os envolvidos. A indústria poderia dar um passo adiante em relação à cultura de folhas de coca e papoulas de coração negro, criando a ilusão de um país que se afastava da matéria-prima da cocaína e da heroína, de forma a fomentar ajuda estrangeira e tornar menos evidente o tráfico daquelas drogas. Contudo, o plano nunca decolou em tempos passados, uma vez que os japoneses, pela própria natureza, vaguearam para o lado da cautela. Eles acreditaram no perigo e nos rumores de perigo que países como este apresentam. Então, ver o próprio Sr. Hosokawa, e não um vice-presidente, nem um político, sentar-se à mesa era uma prova de que uma mão poderia ser estendida. E talvez fosse uma mão à qual se tivesse que implorar e seduzir. Talvez ela tivesse mesmo que ser puxada do fundo do bolso. Mas essa visita, com um glorioso jantar de aniversário adornado pela presença de uma estrela da ópera, com diversas reuniões planejadas e viagens a possíveis locais para a instalação de uma fábrica no dia seguinte, representava uma diferença fantástica em direção aos propósitos do país. Assim, o ambiente da festa estava adocicado pelas promessas. Representantes de mais de uma dúzia de países que se mantinham iludidos quanto à natureza das intenções do Sr. Hosokawa encontravam-se ali, investidores e embaixadores que possivelmente não incentivariam os próprios governos a colocarem um tostão no país anfitrião, mas certamente apoiariam qualquer esforço da Nansei, agora circulavam pelo salão vestidos em smoking e trajes de gala, brindando e rindo.

Quanto ao próprio Sr. Hosokawa, sua viagem não fora motivada por negócios, diplomacia ou amizade com o Presidente, como seria posteriormente relatado. O Sr. Hosokawa não gostava de viajar e não conhecia o Presidente. Ele tinha deixado suas intenções — ou a falta delas — perfeitamente claras. Ele não pretendia construir uma fábrica. Nunca teria concordado em viajar para um país

estrangeiro para celebrar o aniversário com pessoas que não conhecia. Ele não era muito do tipo de comemorar aniversário com as pessoas que de fato conhecia, e certamente não faria isso ao completar cinquenta e três anos, que considerava um número sem qualquer simbolismo. Ele já tinha recusado meia dúzia de convites semelhantes dessas mesmas pessoas, para uma festa exatamente igual, até que prometeram conseguir a presença de Roxane Coss.

Se ela fosse o presente, como seria possível recusar o convite? Por mais distante, mais inapropriado, mais equivocado que pudesse ser, quem diria não?

* * *

Mas antes vale lembrar outro aniversário, o décimo primeiro, o aniversário em que Katsumi Hosokawa ouviu uma ópera pela primeira vez: *Rigoletto*, de Verdi. O pai o havia levado de trem a Tóquio e juntos caminharam até o teatro sob um tremendo aguaceiro. O dia era 22 de outubro; logo, era uma chuva fria de outono, e as ruas estavam cobertas de uma camada tão fina quanto papel de folhas vermelhas e molhadas. Quando chegaram ao Tokyo Metropolitan Festival Hall, suas camisas estavam ensopadas embaixo dos casacos e suéteres. As entradas, que aguardavam dentro da carteira do pai de Katsumi Hosokawa, se encontravam molhadas e sem cor. Seus assentos não eram especialmente bons, mas a visão era desimpedida. Em 1954, o dinheiro era um bem precioso; passagens de trem e óperas eram coisas inimagináveis. Em uma época diferente, tal produção pareceria demasiado complicada para uma criança, mas havia se passado apenas um punhado de anos após a guerra, e as crianças de então estavam muito mais propensas a compreender uma quantidade de coisas que parecem impossíveis para as crianças de hoje. Eles subiram a longa escadaria para a fila dos seus assentos, com cuidado para não olharem para baixo na direção do vão que provocava tonteiras. Eles se curvaram e pediram licença a cada uma das pessoas que se levantaram para deixá-los passar a caminho dos lugares, e em seguida baixaram os assentos e se acomodaram neles. Chegaram cedo, mas outros espectadores tinham chegado ainda mais cedo, pois uma parte do luxo que vinha com o preço da entrada era o direito de se sentar tranquilamente neste lindo local e esperar. Eles esperaram, pai e filho, em silêncio, até que finalmente fez-se a escuridão e o primeiro sopro de música tremeu de algum lugar bem abaixo deles. Pessoas pequeninas, como insetos, apareceram por detrás das cortinas, abriram as bocas e soltaram as vozes adornando as paredes com desejos, sofrimentos, amores ilimitados e temerários que os levariam à própria ruína.

Foi nessa apresentação de *Rigoletto* que a ópera marcou indelevelmente Katsumi Hosakawa, uma mensagem escrita em suas rosadas pálpebras inferiores

que ele lia para si mesmo quando adormecia. Muitos anos depois, na época em que tudo passou a ser uma questão de negócios, quando ele passou a trabalhar mais do que qualquer outra pessoa em um país cujos valores são estruturados em torno do trabalho árduo, ele acreditava que a vida, a vida real, era algo guardado na música. A vida real era mantida intacta nas linhas de *Eugene Onegin*, de Tchaikovsky, enquanto você participava do mundo cumprindo com as obrigações que eram esperadas de você. Certamente ele sabia (embora não compreendesse por completo) que a ópera não era para todos, mas esperava que existisse algo para cada um. As gravações de que gostava, as raras oportunidades de ver uma apresentação ao vivo, essas eram os sinais que ele usava para avaliar sua capacidade de amar. Não sua mulher, nem suas filhas, nem seu trabalho. Ele nunca pensou que de certa forma transferira o que teria preenchido sua vida para a ópera. Ao invés disso, sabia que, sem a ópera, uma parte de si mesmo teria desaparecido inteiramente. Foi logo no início do segundo ato, quando Rigoletto e Gilda cantaram juntos, suas vozes se retorcendo, saltando, que ele agarrou a mão do pai. Ele não fazia ideia do que os cantores diziam, nem sabia que eles representavam os papéis de pai e filha; só sabia que tinha de agarrar algo. Os cantores o tocaram tão profundamente que ele podia se sentir tombando para a frente, para fora dos altos e distantes assentos.

Tal amor provoca lealdade, e o Sr. Hosokawa era um homem leal. Jamais se esqueceu da importância de Verdi em sua vida. Como todo mundo, tinha sua preferência por determinadas cantoras. Criou coleções especiais de Schwarzkopf e Sutherland. Acreditava na genialidade de Callas, acima de todas as outras. Ele nunca tinha tempo suficiente, não o tanto de tempo que esse interesse claramente merecia. Criou o costume de, após jantar com os clientes e concluir a papelada, passar trinta minutos ouvindo música e lendo os libretos antes de adormecer. Era quase uma raridade impossível, talvez acontecesse em cinco domingos por ano, que ele conseguisse três horas consecutivas para ouvir uma ópera do início ao fim. Certa vez, quando estava com quarenta e tantos anos, ele comeu uma ostra estragada e sofreu um surto de intoxicação alimentar que o fez ficar em casa por três dias. Ele se lembra dessa época como um tempo bom, semelhante a férias, porque ouviu *Alcina*, de Händel, sem parar, mesmo enquanto dormia.

Foi sua filha mais velha, Kiyomi, que lhe deu o primeiro disco de Roxane Coss como presente de aniversário. O pai era alguém difícil de presentear; assim, quando ela descobriu um disco com um nome que não conhecia, decidiu jogar com a sorte. Não foi o nome desconhecido, porém, que chamou sua atenção, mas o rosto da mulher. Kiyomi achava irritantes as fotos de sopranos. Estavam sempre olhando por cima de leques ou através de véus diáfanos. Mas Roxane Coss a encarava fixamente, o queixo para a frente, os olhos bem abertos. Kiyomi apanhou o disco mesmo antes de saber que se tratava de uma gravação de *Lucia di Lammermoor*. Quantas gravações de *Lucia di Lammermoor* o pai possuía? Não

importava. Entregou o dinheiro à moça que estava no balcão.

Na noite em que o Sr. Hosokawa colocou o CD para tocar e se sentou em sua cadeira para ouvir, ele não voltou ao trabalho. Era como se fosse novamente um menino nos assentos da galeria em Tóquio, sentindo a mão do pai, grande e quente, sobre a dele. Ele pôs o disco para tocar repetidas vezes, impacientemente pulando as partes que não eram a voz dela. Era sublime, aquela voz, ardente e complexa, inteiramente destemida. Como ela podia ser ao mesmo tempo tão controlada e tão arrojada? Ele chamou Kiyomi pelo nome e ela veio, parando na porta do escritório do pai. Ela ia começar a dizer algo — “sim?” ou “o quê?” ou “senhor?” —, mas, antes que pudesse articular as palavras, ela ouviu aquela voz, da mulher que a encarava na foto. O pai nem chegou a falar, simplesmente fez um gesto em direção ao alto-falante com a mão aberta. Kiyomi ficou imensamente feliz de ter feito algo tão bem. A música a enaltecia. O Sr. Hosokawa fechou os olhos. Ele sonhava.

Nos cinco anos seguintes, assistiu a dezoito apresentações com Roxane Coss. A primeira delas foi uma feliz coincidência; nas outras vezes ele se dirigiu às cidades onde ela estava, criando alguma reunião de trabalho por lá. Assistiu a *La Sonnambula* três vezes seguidas. Ele nunca a procurou nem se propôs a ser mais do que qualquer outro espectador na plateia. Ele não pressupôs que sua admiração pelo talento dela excedesse a de qualquer outro fã. Estava mais propenso a pensar que apenas um idiota não sentiria por ela o mesmo que ele sentia. Não havia nada mais a querer além do privilégio de se sentar na plateia e escutá-la.

Leiam um perfil de Katsumi Hosokawa em qualquer revista de negócios. Ele não fala sobre paixão, uma vez que a paixão é uma questão íntima, mas a ópera sempre está presente, representando o viés de interesse humano para fazê-lo parecer mais acessível. Outros CEOs são mostrados pescando nos rios da Escócia ou pilotando seus Learjets particulares em Helsinkí. O Sr. Hosokawa é fotografado em casa, na cadeira de couro que usa para ouvir música, com um sistema estéreo Nansei EX-12 atrás de si. Há as inevitáveis perguntas sobre suas preferências. E há a inevitável resposta.

Por um valor consideravelmente mais alto do que o custo integral do restante da noite (alimentação, serviços, transporte, flores, segurança), Roxane Coss foi persuadida a comparecer à festa, já que a data coincidiu com um período livre entre o final da temporada no Teatro Scala, de Milão, e o início de sua apresentação no Teatro Colón, na Argentina. Não participaria do jantar (ela não comia antes de cantar), mas chegaria ao final da refeição e cantaria seis árias acompanhada do pianista. Na carta que recebera, o Sr. Hosokawa fora avisado de que, se aceitasse o convite, poderia fazer um pedido. Embora os anfitriões não pudessem prometer nada, o pedido seria enviado à consideração da Srta. Coss. Foi logo após ela terminar a seleção do Sr. Hosokawa, a ária de

Rusalka, que as luzes se apagaram. Seria o final do programa, mas não se poderia pensar que ela cantaria um bis, até mesmo dois, se as luzes continuassem acesas?

O Sr. Hosokawa escolheu a *Rusalka* como uma medida de seu respeito pela Srta. Coss. Tratava-se da peça central de seu repertório e ela não precisaria de qualquer preparação extra — a peça certamente estaria incluída no programa, mesmo que ele não tivesse pedido. Ele não procurava nada extremamente desconhecido, uma ária de *Partenope* talvez, de forma a se mostrar como um verdadeiro aficionado. Ele queria simplesmente ouvi-la cantar *Rusalka* enquanto estivesse perto dela, no mesmo ambiente. *Se uma alma humana puder sonhar comigo, talvez ela ainda se lembre de mim ao despertar!* Anos atrás seu tradutor havia escrito a letra para ele, a partir do tcheco.

As luzes continuaram apagadas. Os aplausos começaram a mostrar uma ligeira perda de vigor. As pessoas piscavam e tentavam vê-la novamente. Um minuto se passou, depois dois, e ainda assim o grupo permanecia confortavelmente despreocupado. Então, Simon Thibault, o embaixador francês, a quem tinham prometido, antes de vir a este país, o posto mais cobiçado de embaixador na Espanha (que fora injustamente dado a outro homem como compensação por um favor político complicado enquanto Thibault e a família já arrumavam as malas), reparou que por baixo da porta da cozinha ainda dava para ver luzes acesas. Ele foi o primeiro a entender. Foi como se tivesse acordado num susto de um profundo sono, embriagado de álcool, porco e Dvořák. Pegou a mão da mulher, procurando-a no escuro, já que ela ainda aplaudia, e puxou-a para junto da multidão, corpos escuros que ele não podia ver, mas aos quais se juntava. Encaminhou-se para portas de vidro que lembrava de ficarem no fundo do salão, erguendo a cabeça para tentar vislumbrar uma fresta de luz que servisse para se orientar. O que ele viu foi o facho estreito de uma lanterna, e depois outros, e sentiu o coração se contrair dentro do peito, uma sensação que só poderia ser descrita como de tristeza.

— Simon? — sussurrou a mulher.

Mas já estava lá, sem que ele a visse, a rede já estava envolvendo e se apertando ao redor da casa. E, embora seu primeiro impulso, o impulso natural, fosse prosseguir de qualquer maneira e ver se conseguia se safar, a lógica o reteve. É melhor não chamar atenção para si. É melhor não ser um exemplo. Em algum lugar, lá na frente do salão, o pianista estava beijando a cantora de ópera e então o Embaixador Thibault envolveu a esposa, Edith, nos braços.

— Posso cantar no escuro — gritou Roxane Coss —, se alguém me der uma vela.

Com essas palavras, o salão todo se enrijeceu e os últimos aplausos se transformaram em silêncio quando ficou evidente que também as velas estavam apagadas. Era o final da noite. Por agora, os guarda-costas dormiam dentro das

limusines como grandes cães superalimentados. Em todo o salão, os homens enfiaram as mãos nos bolsos e só encontraram lenços bem-passados e algumas notas de dinheiro. Uma onda de vozes se levantou, houve um barulho de arrastar os pés e então, como em um passe de mágica, as luzes se acenderam.

* * *

Foi uma linda festa, embora ninguém fosse se lembrar disso. Aspargos brancos com molho holandês, linguado com cebolinhas crocantes, pequenas costeletas, do tamanho de três ou quatro dentadas, em um molho glaçado de frutas vermelhas. Em geral, países em desenvolvimento ansiosos por impressionar as mentes de importantes empresas estrangeiras escolhem caviar russo e champanhe francês. Russo e francês, russo e francês, como se essa fosse a única maneira de demonstrar prosperidade. Em cada mesa, ramos de orquídeas amarelas, cada flor menor do que a unha de um polegar, todas nativas da região, balançando e se equilibrando como móveis, se reorganizando a cada expiração de um convidado. O esforço despendido naquela noite, o posicionamento de cada caule, a caligrafia extensa dos cartões que indicavam os lugares, tudo se havia perdido sem a mínima consideração. Alguns quadros vieram emprestados do museu nacional: uma Madona de olhos escuros apresentando um minúsculo Cristo nas pontas dos dedos, a face do bebê estranhamente adulta e sábia, estava pendurada sobre a lareira. O jardim, que os convidados só veriam por um breve momento ao vencerem a pequena distância entre os carros e o portão da frente ou ao olharem casualmente para fora da janela quando ainda havia uma réstia de luz, estava lustroso e composto, com aves do paraíso e lírios de canna firmemente enrolados, canteiros de orelhas de lebre e espargos plumosos. Eles não estavam longe da floresta, e, mesmo nos jardins mais domesticados, as flores se empenhavam em alcançar a sutil extensão da bem-cuidada grama bermuda. Desde cedo naquela manhã, jovens tinham trabalhado, retirando a poeira das folhas rígidas com panos úmidos, apanhando as flores caídas de buganvília que apodreciam sob as sebes. Três dias antes eles haviam passado uma camada fresca de cal no alto muro que circundava a casa do Vice-Presidente, com cuidado para que nem uma gota respingasse na grama. Cada elemento fora planejado: saleiros de cristal, musse de limão, *bourbon* americano. Não havia dança, nenhum conjunto musical. O único momento em que haveria música aconteceria após o jantar, Roxane Coss e o pianista que a acompanharia, um homem na casa dos trinta anos, sueco ou norueguês, com belo cabelo louro e dedos bonitos e compridos.

Duas horas antes do início da festa de aniversário do Sr. Hosokawa, o Presidente Masuda, nascido neste país filho de imigrantes japoneses, havia enviado uma nota de pesar informando que importantes assuntos que fugiam a seu controle o obrigariam a se ausentar do evento.

Especulou-se muito acerca dessa decisão, depois que a noite acabou mal. Será que tinha sido a boa sorte do Presidente? Providência divina? Uma pista, conspiração, trama? É triste, mas não foi nada tão casual. A festa estava marcada para as oito horas e deveria durar até depois da meia-noite. A novela do Presidente começava às nove. Era um segredo, que todos os consultores e membros do gabinete do Presidente conheciam, que questões de governo não poderiam ser tratadas de segunda-feira a sexta-feira durante uma hora, a partir das duas da tarde, ou às terças-feiras à noite, entre as nove e as dez horas. O aniversário do Sr. Hosokawa caiu em uma terça-feira este ano. Não havia como alterar a data. Tampouco alguém poderia conceber que uma festa começasse às dez da noite ou que terminasse antes das oito e meia, dando tempo ao Presidente para chegar em casa. Sugeriu-se que se gravasse o programa, mas o Presidente abominava a ideia. Já bastavam as gravações que ele precisava suportar quando viajava para fora do país. Tudo o que ele pedia era que certas horas de sua semana ficassem inquestionavelmente vagas. Durou dias a discussão a respeito da infeliz data de aniversário do Sr. Hosokawa. Após uma boa dose de negociações, o Presidente cedeu e disse que compareceria. Horas antes do início da festa, por um motivo óbvio e não declarado, ele, de maneira firme e irrevogável, mudou de ideia.

Embora esse comprometimento do Presidente Masuda com os seus programas favoritos fosse conhecido e reconhecido por seu círculo político mais íntimo, de alguma forma conseguia se manter inteiramente ignorado pela imprensa e pelo povo. O país anfitrião era fanático por novelas; no entanto, a firme dedicação do Presidente ao seu aparelho de televisão era tão potencialmente constrangedora que seu gabinete a teria trocado de bom grado por uma amante indiscreta. Mesmo os membros do governo que reconhecidamente também acompanhavam certos programas não aguentavam ver que aquela obsessão tinha um papel tão determinante para seu chefe de Estado. Assim, muitos dos que compareceram à festa e trabalhavam com o Presidente, ficaram decepcionados com sua ausência, mas não exatamente surpresos. Todas as outras pessoas indagavam: Houve alguma emergência? O Presidente Masuda está adoentado?

— Problemas em Israel — ouviram em tom confidencial.

— Israel — cochicharam. Ficaram impressionados, pois jamais haviam sonhado que o Presidente Masuda pudesse ser consultado em questões relativas a

Israel.

Os quase duzentos convidados da noite se dividiam claramente em dois grupos: os que sabiam onde estava o Presidente e os que não sabiam. E assim permaneceram até quando os dois lados se esqueceram completamente dele. O Sr. Hosokawa mal notou a ausência. Ele não tinha muito interesse em encontrar o Presidente. O que, afinal, representava um presidente em uma noite na qual era possível conhecer Roxane Coss?

Com a lacuna provocada pela ausência presidencial, o Vice-Presidente, Ruben Iglesias, tomou a iniciativa de atuar como o anfitrião da festa. Não era difícil de imaginar a situação. O jantar acontecia em sua própria residência. Durante o coquetel e as entradas, o jantar formal e o agradável recital de música, sua mente se fixou no Presidente. Como era fácil imaginar o companheiro de governo agora da maneira como Iglesias o vira centenas de vezes antes, sentado no escuro, na beirada da cama da suíte principal do palácio presidencial, o paletó dobrado sobre o braço de uma cadeira, as mãos flexionadas e pressionadas entre os joelhos. Ele assistia ao programa em um pequeno televisor que ficava na cômoda, enquanto sua mulher assistia ao mesmo programa em uma ampla tela no escritório localizado no andar de baixo. A imagem de uma bela garota amarrada a uma cadeira se refletia nas lentes dos seus óculos. Ela torcia os pulsos para frente e para trás, várias e várias vezes, até que finalmente encontrou uma parte solta da corda e deslizou uma das mãos para fora. Maria estava livre! O Presidente Masuda se balançou para trás e bateu palmas silenciosamente. E pensar que ele quase perdeu essa cena, depois de semanas de espera! A garota espreitou rapidamente em torno do depósito e em seguida se abaixou para desamarrar a corda áspera que imobilizava seus calcanhares.

Então, em um instante, a imagem de Maria se desvaneceu e Ruben Iglesias levantou o rosto para as luzes que se acenderam novamente no salão. Ele tinha acabado de perceber que uma lâmpada se apagara na luminária de uma mesa lateral quando homens invadiram a festa vindo de todas as janelas e muros. Para onde quer que o Vice-Presidente se virasse, as extremidades do cômodo pareciam ser empurradas para a frente, aos gritos. Pesadas botas e coronhas de armas se mesclavam nas aberturas, irrompiam pelas portas. Todas as pessoas se amontoaram e, depois, com a mesma rapidez, se afastaram em um estado de pânico selvagem. A casa parecia se elevar como um barco que adernava, apanhado por uma imensa onda. A prataria voava pelos ares, os dentes dos garfos batendo contra as lâminas das facas, vasos jogados contra as paredes. As pessoas fugiram, caíram, correram, mas apenas por um instante, apenas até que seus olhos se acostumassem novamente com a luz e vissem a completa inutilidade de seus esforços.

Era fácil ver quem estava no comando — os homens mais velhos, os que gritavam ordens. Eles não se apresentaram na hora e assim, por um momento, não foram identificados pelos nomes, mas por traços marcantes. Benjamin: herpes-zóster violenta. Alfredo: bigode, sem o primeiro e segundo dedos da mão esquerda. Hector: óculos de armação dourada com uma haste faltando. Com os generais, vinham quinze soldados cujas idades variavam dos quatorze aos vinte anos. Havia agora mais dezoito indivíduos na festa. Ninguém pôde contá-los na hora. Eles se moviam e se espalhavam. Eles se duplicavam e se triplicavam enquanto trepidavam em volta do salão, surgiam por detrás das cortinas, desciam as escadas, desapareciam na cozinha. Era impossível contá-los porque pareciam estar em todos os lugares, já que eram muito semelhantes — seria como alguém contar abelhas em uma colmeia acima de sua cabeça. Usavam roupas desbotadas em cores escuras, muitas de um verde neutro, como a cor de águas rasas e barrentas, algumas em azul ou preto. Por cima das roupas, usavam uma segunda camada de armas, cinturões de balas, facas reluzentes nos bolsos traseiros, todo tipo de armas de fogo, as menores presas às coxas ou confiantemente enfiadas nos cintos, as maiores penduradas como crianças, brandidas como bastões. Usavam bonés com as abas abaixadas, mas ninguém estava interessado em olhar para os seus olhos, somente para as suas armas, apenas para as suas facas denteadas. Um homem com três armas era registrado no subconsciente como três homens. Havia outras semelhanças entre eles: eram magros, alguns por falta de comida, outros apenas pela fase de crescimento, as roupas sobrando nos ombros e nos joelhos. Também estavam sujos, dava para se notar. Mesmo na confusão do momento todo mundo podia ver que eles estavam com muitas manchas e sujeiras, braços, rostos e mãos salpicados de terra, como se tivessem chegado ali cavando pelos jardins e abrindo uma fenda no piso.

A entrada desses homens não deve ter durado mais do que um minuto; no entanto, pareceu durar mais do que todo o jantar. Houve tempo para cada convidado considerar uma estratégia, revisá-la em detalhes e abandoná-la. Os maridos encontraram as esposas que tinham se afastado em direção ao outro lado do salão, pessoas de uma nacionalidade procuraram os conterrâneos e se colocaram em grupos, falando rapidamente uns com os outros. Era consenso que haviam sido sequestrados não por La Familia de Martin Suarez (assim nomeado em memória de um menino de dez anos que havia sido baleado até a morte por soldados enquanto distribuía panfletos de uma disputa política), mas por terroristas muito mais famosos, La Dirección Auténtica, um grupo revolucionário de assassinos, cuja reputação fora construída por cinco anos de extensa e raivosa brutalidade. Era uma crença não mencionada de todos os que conheciam os métodos da organização e que conheciam o país anfitrião a de que estavam mais

mortos do que vivos, quando, na verdade, os terroristas é que não sobreviveriam à empreitada. Então, o terrorista sem dois dedos, que usava calças verdes amassadas e uma jaqueta que não combinava, levantou uma enorme pistola automática calibre .45 e atirou duas vezes para o teto. Pedacos de gesso caíram e salpicaram um grupo de convidados; nesse momento, diversas mulheres gritaram, por causa dos tiros ou do toque de algo inesperado sobre seus ombros nus.

— Atenção — disse em espanhol o homem com a pistola. — Isso é um sequestro. Exigimos atenção e cooperação absolutas.

Aproximadamente dois terços dos convidados aparentavam medo, mas cerca de um terço aparentava, ao mesmo tempo, curiosidade. Eram esses que se inclinavam em direção ao homem com a pistola, ao invés de se afastarem dele. Eram os que não falavam espanhol. Eles cochichavam rapidamente entre os vizinhos. A palavra *atención* foi repetida em diversas línguas. Todos a tinham entendido.

O anúncio do General Alfredo tinha antecipado um tipo de um silêncio pungente e ansioso, mas o silêncio não chegou. O cochichar fez com que ele atirasse para o teto novamente, dessa vez sem cuidado, o que fez com que atingisse um lustre, que explodiu. O salão ficou mais escuro e cacos de vidro se espalharam sobre colarinhos de camisas e cabelos.

— *Arresto* — repetia ele. — *Detengase!*

Pode parecer surpreendente, a princípio, que tantas pessoas não falassem o idioma do país anfitrião, mas você deve se lembrar de que era uma festa para promover interesses estrangeiros, e os dois convidados de honra, juntos, não conheciam nem dez palavras em espanhol, apesar de *arresto* soar familiar para Roxane Coss, nada significava para o Sr. Hosokawa. Eles se inclinaram para a frente, como se assim pudessem compreender melhor. A Srta. Coss não se inclinava muito, pois o pianista se colocara ao redor dela, como uma muralha de segurança, o corpo pronto, ansioso para estar à frente de qualquer bala que pudesse vir na direção da moça.

Gen Watanabe, o rapaz que trabalhava como intérprete do Sr. Hosokawa, se inclinou e lhe disse as palavras em japonês.

* * *

Não que lhe fosse muito útil nas presentes circunstâncias, mas o Sr. Hosokawa certa vez havia tentado aprender italiano a partir de um conjunto de fitas que ele ouvia nos aviões. Para fins de negócios, deveria ter aprendido inglês, mas estava mais interessado em aperfeiçoar sua compreensão das óperas. “*Il bigliettaio mi fece il biglietto*”, dizia a gravação. “*Il bigliettaio me fece il biglietto*”, repetia ele,

movendo os lábios em silêncio, sem querer perturbar os outros passageiros. Mas, na melhor das hipóteses, seus esforços foram mínimos, e no final ele não prosperou. O som da língua falada fazia com que ele quisesse ouvir o som da língua cantada e logo mudava a fita para um CD de *Madama Butterfly*.

Quando era mais jovem, o Sr. Hosokawa notou como era vantajoso saber línguas. Quando ficou mais velho, queria ter tido o compromisso de aprendê-las. Os intérpretes! Estavam sempre mudando, alguns eram bons, outros cheios de inflexibilidade digna de um estudante, outros, ainda, completa e irremediavelmente estúpidos. Alguns mal sabiam falar o japonês, sua língua nativa, e continuamente interrompiam as conversas para procurar palavras no dicionário. Houve alguns que desempenharam a tarefa com muita competência, mas não eram o tipo de gente com a qual alguém quisesse viajar. Alguns o abandonavam no minuto em que terminasse a última frase de uma reunião, deixando-o mudo e de braços atados, se mais negociações fossem necessárias. Outros eram mais dependentes e queriam ficar com ele durante todas as refeições, acompanhá-lo em suas caminhadas e relatar-lhe cada momento de suas próprias infâncias opacas. O que ele passou por causa de apenas algumas palavras de francês, algumas poucas frases lógicas em inglês! O que ele passou antes de conhecer Gen!

Gen Watanabe lhe foi indicado em um congresso sobre a distribuição mundial de produtos, na Grécia. Normalmente, o Sr. Hosokawa tentava evitar o elemento surpresa que tantas vezes os intérpretes locais forneciam, mas seu secretário não foi capaz de localizar um intérprete de grego que pudesse viajar em tão pouco tempo. Durante o voo para Atenas, o Sr. Hosokawa não falou com os dois vice-presidentes seniores e três gerentes de venda que o acompanhavam na viagem. Em vez disso, ele ouviu Maria Callas cantar uma coleção de canções gregas, em seu aparelho Nansei, pensando filosoficamente que, se o encontro fosse ininteligível para ele, pelo menos teria visto o país que a cantora considerava seu lar. Depois de esperar na fila para carimbarem seu passaporte e examinarem sua bagagem, o Sr. Hosokawa viu um rapaz segurando um cartaz com a palavra *Hosokawa* cuidadosamente impressa. O rapaz era japonês, o que, francamente, constituía um alívio. Era mais fácil lidar com um conterrâneo que soubesse um pouco de grego do que com um grego que soubesse um pouco de japonês. O intérprete era alto para os padrões nipônicos. Tinha cabelo farto e longo na frente, roçando a parte superior dos aros dos pequenos óculos redondos, mesmo que ele tentasse mantê-lo partido para um lado. Ele parecia ser bem jovem. Era o cabelo. O cabelo denotava ao Sr. Hosokawa falta de seriedade, ou talvez fosse só o fato de que o rapaz estava em Atenas, e não em Tóquio, que o fizesse parecer menos sério. O Sr. Hosokawa aproximou-se dele, fez uma ligeira reverência de reconhecimento que incluía apenas o pescoço e os ombros, um gesto que dizia “Você me encontrou”.

O rapaz se aproximou e apanhou a valise do Sr. Hosokawa e, ao fazê-lo, se inclinou até a altura da cintura. Ele também fez uma reverência, embora menos profunda, para os vice-presidentes, assim como para os três gerentes de venda. Ele se apresentou como intérprete, indagou sobre o quão confortável havia sido o voo, deu-lhes o tempo estimado para chegarem até o hotel e a hora da primeira reunião. No conturbado aeroporto de Atenas, em que um em cada dois homens parecia ostentar um bigode e uma Uzi, entre as malas sendo jogadas e o barulho de gritos e avisos, o Sr. Hosokawa ouviu algo na voz desse jovem, alguma percepção familiar e tranquilizante. Não era uma voz musical, mas assim mesmo soava como música. Fale novamente, por favor.

— De onde você é? — perguntou o Sr. Hosokawa.

— Nagano, senhor.

— Cidade muito bonita. E as Olimpíadas de Inverno...

Gen aquiesceu, sem acrescentar qualquer outra informação sobre as Olimpíadas de Inverno.

O Sr. Hosokawa lutou para pensar em alguma outra coisa. Foi um longo voo e parecia que, no tempo em que estivera a bordo, ele se esquecera de como manter uma conversa. Sentiu que era incumbência de Gen puxar algum assunto.

— E sua família, continua lá?

Gen Watanabe fez uma pausa por um momento, como se estivesse se recordando. Um enxame de adolescentes australianas passou por eles, cada uma com uma mochila às costas. Os gritos e as risadas das garotas encheram o saguão.

— Vombate! — gritou uma delas, e as outras responderam:

— Vombate! Vombate! Vombate! — Elas tropeçaram de tanto rir e gurdaram os braços umas nas outras.

— Estão todos lá — disse Gen, sem perder de vista, cauteloso e desconfiado, as costas das adolescentes. — Pai, mãe e duas irmãs.

— E suas irmãs, são casadas? — O Sr. Hosokawa não se importava com as irmãs, mas a voz era algo que ele quase conseguia identificar, como as notas que abriam o primeiro ato de, o quê?

Gen encarou-o.

— Casadas, senhor.

Subitamente, essa pergunta idiota beirou algo inadequado. O Sr. Hosokawa olhou para longe, enquanto Gen apanhava sua bagagem e liderava o grupo por entre as portas transparentes deslizantes até o calor arrasador da Grécia ao meio-dia. A limusine estava à espera, refrigerada e desocupada, e os homens entraram nela.

Nos dois dias seguintes, Gen não deixou qualquer ponta solta. Ele digitou as anotações manuscritas do Sr. Hosokawa, cuidou da agenda, conseguiu entradas para uma apresentação de *Orfeo ed Euridice* que estava esgotada há seis

semanas. No congresso, falou em grego em nome do Sr. Hosokawa e seu grupo, falou japonês para eles e foi, em todos os casos, inteligente, rápido e profissional. Mas não foi a sua presença que fez com que o Sr. Hosokawa se ligasse a ele, e sim sua ausência. Gen era uma extensão dele, um ser invisível que constantemente antecipava suas necessidades. O Sr. Hosokawa sentia que Gen se lembraria de tudo o que tivesse sido esquecido. Certa tarde, durante uma reunião privada relacionada a juros de envio de bens, quando Gen traduziu para o grego o que ele tinha acabado de dizer, o Sr. Hosokawa finalmente reconheceu a voz. Algo tão familiar, era o que ele tinha pensado antes. Era a sua própria voz.

— Não faço muitos negócios na Grécia — disse o Sr. Hosokawa para Gen naquela mesma noite quando tomavam alguns drinques no bar do Atenas Hilton. O bar ficava no topo do hotel e dava para a Acrópole. Parecia que a Acrópole, pequena e esfumada ao longe, tinha sido construída ali só por este motivo, para fornecer uma vista agradável aos convidados do bar. — Estava pensando nas outras línguas que você fala. — O Sr. Hosokawa o ouvira falar inglês ao telefone.

Gen fez uma lista, parando de tempos em tempos para ver o que tinha sido deixado de fora. Ele dividiu em categorias os idiomas nos quais se sentia extremamente fluente, muito fluente, fluente, passável e aqueles que ele apenas conseguia ler. Ele sabia mais línguas do que os coquetéis especiais enumerados no cardápio de acrílico sobre a mesa. Cada um deles pediu um drink chamado Aeropagus. Fizeram um brinde.

O espanhol de Gen se encaixava na categoria extremamente fluente.

* * *

Meio mundo mais longe, em um país duas vezes mais estrangeiro, o Sr. Hosokawa recordava o Aeroporto de Atenas, os homens com bigodes e Uzis que lembravam o sujeito que segurava a pistola agora. Foi no dia em que ele conheceu Gen — quatro, cinco anos atrás? Depois daí, Gen foi para Tóquio para trabalhar com ele em tempo integral. Quando não havia trabalho de tradução, Gen simplesmente parecia cuidar das coisas antes que as pessoas percebessem que elas necessitavam de cuidados. Gen se mostrava agora tão essencial para a maneira como ele pensava que o Sr. Hosokawa às vezes se esquecia de que não sabia falar os outros idiomas, que a voz que as pessoas ouviam não era sua. Ele não entendera o que o homem com a pistola dissera e, ainda assim, as palavras estavam inteiramente evidentes para ele. Na pior das hipóteses, eles iriam morrer. Na melhor, estavam enfrentando o início de uma longa provação. O Sr. Hosokawa fora a um lugar aonde nunca deveria ter ido, deixara estranhos acreditarem em algo que não era verdade, tudo para ouvir uma mulher cantar. Ele olhou para o outro lado do salão, onde se encontrava Roxane Coss. Ele mal

conseguia vê-la, já ela se encontrava entre o piano e o corpo do pianista, que a cobria quase completamente.

— Presidente Masuda — disse o homem com o bigode e a pistola.

Houve uma movimentação desconfortável entre os elegantes convidados, ninguém querendo ser a pessoa a dar a notícia.

— Presidente Masuda, apresente-se.

As pessoas mantinham o olhar vago, à espera, até que o homem com a pistola baixou a arma e apontou-a para a multidão, para ninguém em particular, apesar de parecer que estava mirada na direção de uma mulher loura na casa dos cinquenta anos chamada Elise, uma banqueira suíça. Ela piscou algumas vezes e depois cruzou as duas mãos inteiramente abertas uma em cima da outra para cobrirem seu coração, como se esse fosse o local onde provavelmente levaria um tiro. Ela ofereceria as mãos se ambas pudessem dar um milésimo de segundo de proteção ao coração. Embora a cena tenha provocado algum susto por parte do público, não fez mais do que isso. Houve uma espera constrangedora que descartou quaisquer noções de heroísmo ou mesmo de cavalheirismo; finalmente, o Vice-Presidente do país anfitrião deu um curto passo à frente e se apresentou.

— Sou o Vice-Presidente Ruben Iglesias — disse para o homem com a pistola. O Vice-Presidente parecia extremamente cansado. Era um homem bastante baixo, além de bastante magro, que fora escolhido como companheiro de chapa tanto por causa de seu tamanho quanto de suas crenças políticas. Havia um pensamento difundido pelos governantes de que um vice-presidente mais alto pudesse dar a impressão de que o presidente era fraco e substituível. — O Presidente Masuda não pôde comparecer ao jantar. Ele não está aqui. — A voz do Vice-Presidente estava séria. Grande parte do peso da situação recaía sobre ele.

— Mentira — corrigiu o homem com a pistola.

Ruben Iglesias balançou a cabeça com ar triste. Ninguém mais do que ele queria que o Presidente Masuda estivesse presente agora, em vez de ficar deitado na própria cama, pensando alegremente sobre o enredo do capítulo de sua novela. O General Alfredo rapidamente virou a pistola na mão de modo a segurar o cano e não a coronha. Elevou a arma para o ar e bateu no Vice-Presidente, atingindo o osso frontal do crânio próximo ao olho direito. Ouviu-se um baque suave, um som consideravelmente menos violento do que a ação, quando o cabo da arma acertou a pele sobre o osso e o pequeno homem caiu no chão. O sangue não demorou a jorrar, vertendo do corte de três centímetros perto da linha do cabelo. Um tanto de sangue escorreu até o ouvido e adentrou-o. Assim mesmo, todo mundo, inclusive o Vice-Presidente (que agora se encontrava caído semi-inconsciente no tapete de sua sala de estar onde, menos de dez horas antes, tinha rolado com o filho de três anos, em uma luta de

brincadeira) ficou satisfeito e surpreso de não ter levado um tiro mortal.

O homem com a pistola olhou-o no chão e então, como se tivesse gostado do que via, ordenou que o restante das pessoas se deitasse da mesma forma. Também para os que não falavam a língua a ordem ficou bem clara, porque um por um todos os outros convidados caíram de joelhos e se esticaram no chão.

— De cara para cima — acrescentou.

Os poucos que tinham errado rolaram para mudar de posição. Dois alemães e um argentino não se deitaram até que um dos soldados se aproximou deles e bateu com força na parte de trás de seus joelhos com um rifle. Os convidados ocupavam consideravelmente mais espaço deitados do que quando estavam de pé. Para que todos se acomodassem, alguns se deitaram no saguão e outros na sala de jantar. Cento e noventa e um convidados se deitaram no chão, vinte garçons se deitaram no chão, sete cozinheiros e chefs de cozinha se deitaram no chão. Os três filhos do Vice-Presidente e sua governanta foram trazidos do quarto, que ficava no andar de cima, onde, apesar do avançado das horas, ainda se preparavam para dormir, já que haviam ficado assistindo ao recital de Roxane Coss do alto da escada. Eles também se deitaram. Espalhados pelo chão como tapetes estavam algumas pessoas importantes e umas poucas pessoas extremamente importantes, embaixadores e diplomatas, membros do ministério, presidentes de bancos, presidentes de empresas, um monsenhor e uma estrela de ópera, que parecia muito menor agora. Pouco a pouco, o pianista se moveu para ficar em cima dela, tentando encobri-la com suas costas largas. Ela se contorceu ligeiramente. As mulheres que acreditavam que tudo aquilo acabaria logo e que estariam em casa, nas próprias camas, lá pelas duas da madrugada, tiveram o cuidado de ajustar as saias de forma a que não ficassem muito amarrotadas. Aquelas que acreditavam que levariam um tiro deixaram suas sedas se dobrarem e amassarem. Quando todos se acomodaram no chão, o salão ficou impressionantemente calmo.

Agora, as pessoas se dividiam claramente em dois grupos: as que estavam de pé e as que estavam deitadas. As ordens foram passadas: aqueles que estavam deitados deveriam permanecer imóveis e em silêncio; os que estavam de pé deveriam verificar se os que estavam deitados portavam armas ou se algum deles escondia o fato de ser o Presidente.

Era possível pensar que ficar no chão significaria sentir-se mais vulnerável, mais temeroso. As pessoas poderiam ser pisoteadas ou chutadas. Poderiam levar um tiro sem nem mesmo esboçar uma tentativa de fuga. No entanto, absolutamente todos os que estavam no chão se sentiam em uma posição melhor. Eles não tinham mais como planejar uma forma de subjugar um terrorista ou como considerar uma fuga desesperada em direção à porta. Estavam provavelmente menos fadados a serem acusados de fazer alguma coisa que não fizeram. Eram como cães pequenos tentando evitar uma briga, os pescoços e as

barrigas virados de bom grado para cima, na direção dos dentes afiados, dizendo: *Estou aqui*. Mesmo os russos, que haviam cochichado um plano de fuga alguns minutos antes, experimentavam o alívio da resignação. Uma boa parte dos convidados fechou os olhos. Era tarde. Tinham consumido vinho e peixe e uma deliciosa e pequenina costeleta e, por mais que se encontrassem aterrorizados, estavam cansados. As botas que pisavam em torno deles, sobre eles, eram velhas e cheias de uma lama que deixava traços sobre o tapete Savonnière de padrões elaborados (o qual, felizmente, estava esticado por cima de uma tela protetora de qualidade). As botas tinham furos por onde se viam dedos dos pés, agora tão próximos dos olhos dos convidados. Algumas botas tinham-se rasgado e estavam remendadas por uma fita adesiva prateada que, por sua vez, estava suja e descolando nas pontas. Os jovens se acocoravam sobre os convidados. Não sorriam, mas tampouco havia algo particularmente ameaçador em suas expressões. Era fácil imaginar o que poderia ter acontecido se todos tivessem continuado de pé — um garoto menor de idade com diversas facas tendo que estabelecer sua autoridade sobre um homem mais velho, mais alto, vestindo um smoking caro. Agora, porém, as mãos dos garotos se moviam rapidamente, batendo dentro e fora de bolsos, alisando as pernas das calças com os dedos abertos. No caso das mulheres, só davam uns tapas curtos ao redor das saias. Às vezes, um garoto se abaixava, fazia um gesto de hesitação e depois se afastava. Acharam poucos itens de interesse, uma vez que se tratava de um jantar comemorativo.

Os itens a seguir foram anotados em um caderno pelo General Hector, que estava muito calmo: seis canivetes prateados encontrados nos bolsos das calças, quatro cortadores de charutos presos em correntes de relógio, uma pistola com cabo de madrepérola pouco maior do que um pente dentro de uma bolsa de noite. No início, pensaram tratar-se de um isqueiro e acidentalmente, procurando a chama, fizeram um disparo com um barulho seco, o que deixou um sulco riscado na mesa de jantar. Um abridor de cartas com um cabo em *cloisonné*, que se encontrava na escrivaninha, e todo tipo de facas e garfos de carne que vieram da cozinha, o atizador e a pá que estavam no suporte ao lado da lareira e o revólver Smith & Wesson calibre .38 que estava guardado na mesa de cabeceira do Vice-Presidente, uma arma que ele admitiu possuir, quando questionado. Tudo isso eles trancaram dentro de um armário do andar de cima. Deixaram os relógios, as carteiras, as joias. Um garoto tirou uma pastilha de hortelã da bolsa clutch de seda de uma senhora, mas primeiro a levantou como se pedisse permissão. A mulher mexeu a cabeça para cima e para baixo, quase imperceptivelmente, e o garoto sorriu e desembulhou o papel celofane.

Um garoto examinou atentamente Gen e o Sr. Hosokawa, olhando-os uma vez e voltando a olhar para os seus rostos. Encarou o Sr. Hosokawa e depois retrocedeu, pisando na mão de um dos garçons, que deu um grito baixo e retirou-

a rapidamente.

— General — disse o garoto, alto demais para um salão tão silencioso. Gen se moveu, ficando mais próximo de seu chefe, como se dissesse, só pela posição do corpo, que os dois estavam juntos e formavam uma coisa só.

O General Benjamin atravessou a massa de convidados. À primeira vista, seria possível pensar que, por infelicidade, ele tinha uma grande marca de nascença cor de vinho do porto, mas a um olhar mais detalhado, ficava claro que o que havia em seu rosto era uma coisa viva e furiosa. A extensão brilhante e vermelha da herpes-zóster começava logo abaixo da linha do cabelo preto e seguia até a têmpora esquerda, parando quase no olho. Só de ver aquilo, qualquer um ficava tocado, sentindo uma dor solidária. O General Benjamin acompanhou o caminho que o dedo do garoto apontava e ele também encarou o Sr. Hosokawa por um longo tempo.

— Não — disse para o garoto. Ele se virou para se afastar, mas então parou e disse para o Sr. Hosokawa, como se fosse uma conversa: — Ele pensou que você fosse o Presidente.

— Ele pensou que o senhor fosse o Presidente — Gen disse calmamente e o Sr. Hosokawa aquiesceu. Um homem japonês na casa dos cinquenta anos usando óculos; deitados por ali havia mais uma meia dúzia com a mesma descrição.

O General Benjamin baixou o rifle até o peito de Gen e apoiou o cano, como se fosse uma bengala. A abertura redonda era pouco maior que os ilhoses de sua camisa e o comprimia de forma leve, porém firme.

— Nada de conversa.

Gen formou a palavra *traductor* com os lábios. O General considerou seu gesto por um momento, como se lhe tivesse dito que o outro era surdo ou cego. Depois, recolheu a arma e se afastou. Certamente deve haver um medicamento para ajudar esse homem, pensou Gen. Quando inspirou, sentiu uma ligeira ardência no ponto onde o rifle tinha sido apoiado.

* * *

Não muito distante dali, perto do piano, dois garotos pegaram as armas e deram cutucadas no pianista até ele ficar mais do lado de Roxane Coss do que em cima dela. O cabelo da cantora estava penteado em um coque elaborado na parte posterior da cabeça, o que tornava quase impossível que ela se deitasse sobre ele. Discretamente, ela havia retirado os grampos e os empilhara cuidadosamente sobre o próprio estômago, de onde poderiam ser coletados como armas se alguém assim desejasse. Agora, seu cabelo, longo e ondulado, se espalhava ao redor da cabeça, e todos os terroristas jovens se aproximavam intencionalmente para vê-los, alguns ousando mesmo tocá-lo, não com a satisfação profunda de

um tapa, mas com pequenas batidas de apenas um dedo perto das pontas enroladas. Inclinando-se sobre ela, conseguiam sentir seu perfume, que era diferente dos perfumes das outras mulheres que haviam examinado. A cantora de ópera de alguma maneira conseguira replicar o aroma das pequeninas flores brancas que tinham visto no jardim quando se encaminhavam para os dutos. Mesmo nesta noite, em que mantinham as mentes ocupadas avaliando as possibilidades de encarar a própria morte e as chances de libertação, não deixaram de notar o aroma daquelas flores pequeninas, em formato de sino, que cresciam perto do muro alto e branco. E agora, encontrar o mesmo aroma aqui, no cabelo de uma bela mulher, parecia um bom presságio, como um sinal de boa sorte. Eles a tinham ouvido cantar, enquanto esperavam acorados nos dutos do ar-condicionado. Cada um deles tinha uma tarefa, com instruções extremamente específicas. A luz precisava ser cortada após a sexta canção, sendo que ninguém nunca lhes explicara o que era um bis. Ninguém lhes explicara tampouco o que era ópera, ou o que era cantar algo que não fosse o cantarolar descontraído, como se fazia ao carregar lenha para casa ou tirar água do poço. Ninguém lhes explicara absolutamente nada. Até os generais, que já haviam estado na capital, que tinham recebido instrução, prenderam a respiração de modo a melhor ouvi-la. Os jovens terroristas que ficaram à espera nos dutos do ar-condicionado eram pessoas simples e acreditavam em coisas simples. Quando uma moça da aldeia tinha uma bela voz, uma das mulheres mais velhas dizia que ela havia engolido um pássaro, e era isso o que tentavam dizer a si mesmos enquanto olhavam para a pilha de grampos pousados sobre o vestido de chiffon cor de pistache: *Ela engoliu um pássaro*. Mas sabiam que não era verdade. Por mais ignorantes que fossem, por mais desapegados das coisas mundanas, eles sabiam que nunca existira um pássaro como aquele.

Em meio à enchente constante de garotos que se aproximavam, um ficou de cócoras perto dela e pegou-lhe a mão. Ele a segurou com leveza, quase só apoiando a palma dela, de modo que ela podia retirá-la a qualquer momento, mas não o fez. Roxane Coss sabia que, quanto mais tempo ele passasse segurando sua mão, mais a amaria e, se ele a amasse, estaria mais propenso a protegê-la dos outros e de si mesmo. Este garoto em particular parecia incrivelmente jovem e de compleição delicada por baixo da aba do boné, as pálpebras sobrecarregadas pelo peso de mil cílios pretos sedosos. Uma bandoleira cheia de balas atravessava seu tórax estreito, e o corpo se curvava com o peso. O cabo tosco de madeira de uma faca de cozinha primitiva sobressaía do cano de uma das botas e uma pistola quase caía de seu bolso. Roxane Coss pensou em Chicago e nas noites gélidas no final de outubro. Se esse garoto morasse em outro país, com uma vida completamente diferente, talvez sáísse pela rua na semana seguinte para pedir doces no Halloween, mesmo que já fosse um pouco crescido para isso. Ele talvez se vestisse como um terrorista, calçasse botas velhas tiradas

de um galpão de jardinagem, improvisasse uma bandoleira de tiras de papelão ondulado e preenchesse cada buraco com os batons da mãe. O garoto não olhava para ela, só para a mão de Roxane, que estudava como se fosse algo inteiramente separado dela. Em quaisquer outras circunstâncias, ela a teria retirado, mas, devido ao rumo extraordinário que as coisas tinham tomado durante aquela noite, ela manteve a mão imóvel e permitiu que fosse examinada.

O pianista levantou a cabeça e olhou furioso para o garoto, que então largou a mão de Roxane Coss sobre o vestido e se afastou.

* * *

Dois fatos: nenhum dos convidados estava armado; nenhum dos convidados era o Presidente Masuda. Grupos de garotos com armas desembainhadas foram despachados para todos os cantos da casa, para o porão, para o sótão, para junto aos altos muros brancos, a fim de verificarem se o Presidente teria se escondido durante a confusão. Mas logo chegavam as notícias de que não havia ninguém lá. Através das janelas abertas vinha o zumbido rouco dos variados insetos. No salão da casa do Vice-Presidente reinava o silêncio. O General Benjamin se acocorou próximo do Vice-Presidente, que ainda sangrava bastante no guardanapo que a esposa, deitada junto dele, pressionava-lhe contra a cabeça. Um círculo mais sinistro de cor roxa começava a aparecer em torno do olho. Não parecia nem um pouco tão dolorosa quanto a inflamação na própria face do General.

— Onde está o Presidente Masuda? — perguntou o General, como se fosse a primeira vez que notassem a sua ausência.

— Na casa dele. — O Vice-Presidente tomou o pano ensanguentado das mãos da mulher e fez um gesto para que ela saísse logo dali.

— Por que ele não veio a este evento?

O que o General queria saber era se ele tinha um infiltrado na organização e se o Presidente tinha sido avisado sobre um ataque. Mas o Vice-Presidente estava tonto com o choque e, além disso, se sentia magoado; e a mágoa é prima em primeiro grau da verdade.

— Ele queria assistir à novela — disse Ruben Iglesias e, no salão silencioso e obediente, sua voz viajou para todo e qualquer ouvido presente. — Ele queria ver se a Maria seria solta no capítulo de hoje.

— Por que fomos avisados de que ele estaria aqui?

O Vice-Presidente desistiu de ocultar o fato, sem hesitação ou remorso.

— Ele concordou em vir e depois mudou de ideia.

Houve uma movimentação desconfortável entre as pessoas deitadas no chão. Tanto quem não sabia disso quanto quem sempre soube ficou horrorizado com o que ouvia. Ruben Iglesias, naquele exato instante, havia terminado com a

sua carreira política. Desde o início, não havia uma grande afeição entre ele e Masuda, e agora Masuda iria arruiná-lo. Um vice-presidente trabalhava muito por acreditar que um dia a presidência passaria para ele, como uma propriedade que passa de pai para filho. No meio-tempo, engolia sapos, tinha que lidar com o trabalho chato, comparecia às cerimônias de funerais, visitava os locais danificados por terremotos. Ele fazia sinais de que concordava com todos os intermináveis discursos do Presidente. Mas nesta noite ele não acreditava mais que algum dia fosse ser presidente. Nesta noite, ele acreditava que levaria um tiro juntamente com alguns dos convidados, possivelmente todos, possivelmente seus filhos também. E, se isso de fato acontecesse, ele queria que o mundo soubesse que Eduardo Masuda, um homem que o excedia em altura em apenas um centímetro, estava em casa vendo televisão.

Os padres católicos, herdeiros dos missionários espanhóis sanguinários, gostavam de dizer às pessoas que a verdade as libertaria e, nesse caso, eles estavam inteiramente corretos. O general chamado Benjamin tinha preparado sua arma e estava pronto para dar um exemplo, despachando o Vice-Presidente para outra vida, mas a história da novela fez com que interrompesse o gesto. Por mais aborrecido que estivesse, por saber que cinco meses de planejamento para que nesta noite sequestrassem o Presidente e possivelmente depusessem todo o governo foram inúteis e que agora ele tinha sob seu domínio duzentos e vinte e dois reféns deitados no chão à sua frente, ele acreditou totalmente na história do Vice-Presidente. Ninguém poderia inventá-la. Era tão mesquinha, tão limitada! O General Benjamin não tinha qualquer escrúpulo em matar, acreditando, por experiência própria, que a vida nada mais era do que um sofrimento excruciante. Se o Vice-Presidente tivesse dito que o Presidente estava gripado, ele teria atirado. Se tivesse dito que o Presidente fora chamado para resolver assuntos urgentes de segurança nacional, ele teria atirado. Se tivesse dito que tudo não passava de um estratagema e o Presidente nunca planejara comparecer à festa, *bang*. Mas Maria... mesmo na selva, onde os televisores eram raros, a eletricidade, sofrível, e os sinais de recepção, inexistentes, as pessoas falavam da Maria. Mesmo Benjamin, cujo único interesse era a liberdade dos oprimidos, já ouvira falar de Maria. A novela chegava todas as tardes, de segunda a sexta-feira, com um episódio especial na terça-feira à noite, que mais ou menos resumia a semana para os espectadores que precisavam trabalhar durante o dia. Se Maria tivesse que ser libertada, não era surpresa que isso fosse ocorrer no capítulo de terça à noite.

Havia um plano, e o plano era sequestrar o Presidente e sair dali em um espaço de tempo de sete minutos. Eles já deveriam estar fora da cidade a esta altura, partindo em alta velocidade pelas estradas perigosas que levavam de volta à selva.

Pelas janelas, brilhantes luzes vermelhas estroboscópicas piscavam por

detrás do muro, ao longo de toda sua extensão, acompanhadas de um gemido agudo. O som era irritante e acusatório. Não se parecia nada, nada, com uma canção.

Durante toda a noite, o mundo lá fora urrava. Carros corriam e derrapavam. Sirenes se aproximavam, se afastavam, eram desligadas e ligadas e desligadas mais uma vez. Barricadas de madeira eram montadas, pessoas se agrupando atrás delas. Era surpreendente como eles conseguiam ouvir melhor agora que estavam deitados. Eles tinham tempo para se concentrar — sim, houve arrastar de pés, houve o som de um bastão estalando na palma de uma mão. O teto já havia sido memorizado (azul-claro com um friso que era tão elaborado a ponto de ser de mau gosto, ornamentos em forma de espiral com cada centímetro folheado a ouro, os três buracos lascados deixados pelas balas), e então os convidados fechavam os olhos para se concentrar na séria atividade que era ouvir. Vozes exageradas e distorcidas pela amplificação dos megafones berravam instruções na rua, faziam exigências em direção à casa. Eles não aceitariam nada além da rendição completa e imediata.

— Coloquem as armas no chão do lado de fora da porta. — A voz enfurecia-se, alta e distorcida como se estivesse borbulhando do fundo do oceano. — Abram a porta e saiam na frente dos reféns, as mãos atrás da cabeça. Depois, os reféns vão sair pela porta da frente. Por questões de segurança, os reféns devem manter as mãos no topo da cabeça.

Quando uma voz completava seu discurso, o megafone passava para outra, que começava tudo outra vez com variações sutis das ameaças. Houve uma série de estalos altos e então uma luz branca-azulada artificial jorrou como leite frio através da janela do salão e obrigou todos a fecharem os olhos. Em que momento os problemas deles tinham sido descobertos? Quem havia chamado essas pessoas e como era possível que houvesse um grupo tão grande tão rapidamente? Será que elas estavam juntas no porão de alguma delegacia de polícia, esperando por uma noite exatamente assim? Será que elas treinavam as coisas que diriam, gritando nos megafones para ninguém, fazendo com que o tom de suas vozes ficasse cada vez mais alto? Até os convidados sabiam que ninguém deporiam as armas e sairia pela porta somente porque alguém estava mandando. Até eles compreendiam que, cada vez que as exigências eram ordenadas, as chances de que fossem cumpridas eram reduzidas. Cada um dos convidados sonhava em ter uma arma secreta e, se alguém tivesse tal arma, certamente nunca a jogaria nos degraus da frente da varanda. Depois de um tempo, eles estavam tão cansados que se esqueceram de desejar que isso nunca tivesse acontecido ou que não tivessem vindo à festa. Tudo o que desejavam é que as pessoas lá fora fossem embora, desligassem os megafones e deixassem

que todos pudessem dormir no chão. De vez em quando, havia alguns momentos quando ninguém falava nada e, nesse silêncio falso e temporário, um tipo diferente de barulho era ouvido, pererecas e gafanhotos, e o estalo metálico das armas sendo carregadas e engatilhadas.

O Sr. Hosokawa mais tarde alegou que não pregou os olhos a noite inteira, mas Gen o ouviu roncar depois das quatro da manhã. Era um ronco suave, assobiado como o vento entrando por baixo do batente da porta, e deu algum conforto a Gen. Havia outro ronco na sala, já que as pessoas caíam no sono por dez ou vinte minutos, mas até dormindo elas permaneciam obedientes e continuavam deitadas de costas. O pianista havia tirado o paletó tão vagarosamente que nem parecia ter se mexido e fez com ele um pequeno travesseiro redondo no qual Roxane Coss podia apoiar a cabeça. Por toda a noite, as botas enlameadas pisaram por sobre eles, por entre eles.

Quando os convidados foram obrigados a se deitar no chão, na noite anterior, houve muito drama, que serviu como distração para o que poderia acontecer, mas de manhã o medo revestira o interior de todas as bocas. Eles ficaram acordados pensando nas alternativas, que não pareciam boas. As barbas por fazer cresceram durante a noite e a maquiagem nos olhos ficou borrada pelo choro. Os smokings e vestidos de festa ficaram amarrotados, os sapatos, apertados. Costas e quadris ficaram doloridos por causa do chão duro e pescoços, travados para a frente. Sem exceção, todas as pessoas que estavam no chão precisavam usar o banheiro.

Além de sofrer o que os outros sofriam, o Sr. Hosokawa carregava o terrível peso da responsabilidade. Todas essas pessoas haviam vindo por conta de seu aniversário. Ao concordar com uma festa que ele sabia ser sob pretexto falso, ele contribuíra para colocar cada vida naquela sala em perigo. Diversos funcionários da Nansei haviam vindo, incluindo Akira Yamamoto, diretor de desenvolvimento de projetos, e Tetsuya Kato, vice-presidente sênior. Os vice-presidentes do Banco Sumitomo e do Banco do Japão, Satoshi Ogawa e Yoshiki Aoi, respectivamente, também tinham vindo, apesar dos apelos pessoais e repetidos do Sr. Hosokawa para que não comparecessem. O país anfitrião também tinha ligado para eles, explicando que era uma festa de aniversário para o seu cliente mais valioso e, claro, eles não iriam querer perder uma festa de aniversário. O Embaixador do Japão havia feito a ligação. Ele estava deitado agora no capacho da porta de entrada.

Mas o convidado cuja situação mais penalizava o Sr. Hosokawa (e mesmo que pensasse assim, ele sabia que era errado colocar uma vida em um valor mais alto do que outra) era Roxane Coss. Ela havia sido trazida até essa selva sinistra para cantar para ele. Que vaidade sua pensar que esse seria um presente apropriado. Era suficiente ouvir suas gravações. Era mais do que suficiente vê-la no Covent Garden, no Metropolitan. Por que pensou que seria melhor se pudesse

sentar-se tão perto dela a ponto de sentir seu perfume? Não era melhor. Sua voz, se ele fosse bem sincero, não fora valorizada pela acústica do salão. Ele ficou desconfortável ao notar a suprema atividade física de sua boca, ao ver tão claramente sua língua rosada e úmida quando ela abria cada vez mais a boca. Os dentes inferiores não eram uniformes. Havia sido uma honra, mas nada que valesse o mal que poderia ter causado a ela, a todos eles. Ele tentou levantar a cabeça apenas um centímetro para vê-la. Ela estava quase perto dele, já que ele se encontrava parado na parte da frente do salão enquanto ela cantava. Os olhos dela estavam fechados agora, mas ele achava que ela não estava dormindo. Não era uma mulher muito bonita, se alguém pudesse vê-la objetivamente, deitada no chão do salão. Cada um dos traços parecia um pouco grande demais para seu rosto, o nariz era comprido demais, a boca larga demais. Os olhos, certamente, eram maiores e mais redondos do que olhos da média das pessoas, mas ninguém poderia reclamar de seus olhos. Eles lembravam a ele o azul das flores gencianas que cresciam perto do Lago Nagano. Ele sorriu ao pensar nisso e quis se virar e dizê-lo a Gen. Em vez disso, olhou para Roxane Coss, cujo rosto ele havia estudado incansavelmente em programas de espetáculos e encartes de CDs. Seus ombros eram inclinados. Seu pescoço, talvez, pudesse ser mais longo. Um pescoço mais longo? Ele se amaldiçoou. O que ele estava pensando? Nada disso interessava. Ninguém podia vê-la objetivamente mesmo. Até aqueles que a viam pela primeira vez, antes de ela abrir a boca para cantar, a achavam radiante, como se o talento dela não pudesse ficar contido na voz e emanasse como luz pela pele. Então, tudo o que podia ser visto dela era o peso e o brilho do cabelo e o claro tom de cor-de-rosa do rosto e das lindas mãos. O pianista percebeu a cabeça elevada do Sr. Hosokawa, e este rapidamente baixou o olhar para o chão de novo. Os terroristas estavam começando a dar batidas leves em alguns convidados e fazê-los se levantarem e os seguirem. Era fácil para o Sr. Hosokawa fingir que tinha levantado a cabeça somente para ver isso.

Às dez horas da manhã, certa quantidade de sussurros já tinha começado. Não era tão difícil trocar uma ou duas palavras furtivamente com todo aquele barulho que irrompia pelas janelas e o constante levantar e abaixar dos convidados que eram levados ao saguão. Foi isso que fez com que os cochichos comessem. Primeiro, todos acreditavam que seriam levados para serem fuzilados, um grupo de cada vez, provavelmente no jardim atrás da casa. Victor Fyodorov apalpou o maço de cigarros no bolso do paletó e ficou pensando se eles o deixariam fumar por um minuto antes de atirarem nele. Pequenos riachos de suor mantinham seu cabelo penteado para trás. Quase valia a pena levar um tiro se fosse possível fumar um cigarro agora. Uma quietude aflitiva se abateu sobre o salão enquanto eles esperavam mais informações, mas, quando o primeiro grupo voltou, sorrindo, acenando, eles sussurraram a quem estivesse perto: “Toalete, banheiro, lavabo.” A novidade se espalhou.

Todos eram levados com um acompanhante: para cada convidado, um jovem terrorista coberto de sujeira e munido de diversas armas. Alguns dos rapazes simplesmente caminhavam ao lado dos convidados, enquanto outros apertavam o braço do refém em graus variáveis de agressividade. O rapaz que veio acompanhar Roxane Coss pegou a mão dela em vez do braço e a segurou como se fossem namorados procurando um trecho deserto na praia. Ele não era bonito como o menino que havia agarrado a mão dela anteriormente.

Havia aqueles que acreditavam que seriam mortos, que viram e reviram o filme de si próprios sendo levados para fora tarde da noite e baleados na nuca, mas Roxane Coss não pensava em nada disso. Talvez alguns outros tivessem um desfecho ruim, mas ninguém atiraria em uma soprano. Ela estava preparada para ser gentil, deixar que segurassem sua mão, mas, quando chegasse a hora, seria ela a escapar. Tinha certeza disso. Ela sorriu para o rapaz quando ele abriu a porta do banheiro para ela. Ela esperava que ele entrasse junto. Como ele não entrou, ela trancou a porta, sentou-se no vaso sanitário e chorou, com grandes e contidos soluços. Ela prendeu o cabelo com as mãos e cobriu os olhos. Maldito agente que disse que tudo isso valia o dinheiro! Seu pescoço estava rijo e ela sentiu que talvez estivesse ficando resfriada, mas quem não pegaria um resfriado dormindo no chão? Ela não era a Tosca? Não havia pulado do parapeito do Castelo de Sant'Angelo noite após noite? A Tosca era mais difícil do que isso. Depois do evento da noite anterior, ela só cantaria na Itália, na Inglaterra e nos Estados Unidos. Itália, Inglaterra e Estados Unidos. Ela repetiu o nome dos três países várias e várias vezes até conseguir regularizar a respiração e parar de chorar.

Cesar, o rapaz armado que a esperava no corredor, não bateu na porta para apressá-la como havia feito com outros convidados. Ele ficou encostado na parede do lado de fora e a imaginou se inclinando sobre a torneira dourada para lavar a boca. Ele a imaginou lavando o rosto e as mãos com os pequenos sabonetes em forma de concha. Ele ainda podia ouvir na cabeça as músicas que ela havia cantado e, muito baixinho, cantarolou as partes de que se lembrava para passar o tempo: *Vissi d'arte, vissi d'amore, non feci mai male ad anima viva!* Estranho como esses sons permaneceram tão claros em sua cabeça. Ela não era rápida no banheiro, mas o que se poderia pedir de uma mulher assim? Ela era uma obra-prima. Nada nela podia ser apressado. Quando ela enfim saiu, sua mão estava ligeiramente úmida e gelada ao toque. *Vissi d'arte*, ele queria lhe dizer, mas não sabia o que significava. Quando ele a levou de volta a seu lugar perto do piano, o pianista não estava lá. Retornou pouco depois e parecia consideravelmente pior do que os outros convidados. O pianista tinha uma aflitiva tez branca como a lua e os olhos estavam rodeados de vermelho sangue. Ele estava sendo firmemente levado por Gilbert e Francisco, dois dos garotos maiores, que usavam ambas as mãos para arrastá-lo. Primeiro, pareceu que o

acompanhante tentara correr até a janela ou a porta e fora dominado, mas, quando foram levá-lo de volta a seu lugar, seus joelhos dobraram como se fossem duas folhas de caderno que tivessem que suportar todo o peso do corpo. Ele deslizou para o chão em um desmaio. Os terroristas deram um aviso ou informação em espanhol para Roxane, mas ela não falava espanhol.

Ela levantou um pouco o corpo, incerta se era permitido sentar-se ou não, e esticou as pernas do pianista. Era um homem grande, não pesado, mas alto, e ela lutou com as posições pouco naturais de seus membros. Primeiro, pensou que ele tivesse fingido o desmaio. Ela soubera de convidados fingindo ser cegos para facilitar sua libertação, mas ninguém poderia fingir uma pele daquela cor. A cabeça dele balançou pesadamente de um lado a outro quando ela o sacudiu. Um dos garçons que estava perto se inclinou, empurrou os braços do pianista, que estavam embaixo dele, e os ajeitou nos dois lados.

— O que aconteceu com você? — sussurrou ela. Um par de botas enlameadas passou. Ela se esticou ao lado do pianista e tomou seu pulso com os dedos.

Finalmente, o pianista se mexeu, suspirou e se voltou para encará-la, piscando rapidamente como se tentasse acordar de um sono profundo e maravilhoso.

— Nada vai acontecer a você — disse ele a Roxane Coss, mas, mesmo com os lábios azulados pressionando o lado da cabeça dela, a voz dele parecia distante, exausta.

* * *

— Vai haver um pedido de resgate — o Sr. Hosokawa disse a Gen. Ambos estavam agora observando Roxane e o músico que a acompanhava, chegando a pensar em diversos momentos que o músico estava morto, mas então ele mudava de posição ou suspirava. — É a política da Nansei pagar resgate, qualquer resgate. Eles vão pagar por nós dois. — Ele conseguia falar na sua voz mais baixa, um som tão mínimo que nem se poderia chamá-lo de sussurro, e ainda assim Gen entendeu perfeitamente. — Eles também vão pagar por ela. Seria adequado. Ela está aqui por minha causa. — E o músico que a acompanha, principalmente se estivesse doente, não deveria ter sido forçado a ficar. O Sr. Hosokawa suspirou. Na verdade, de alguma maneira, todos na sala estavam lá por sua causa e ele imaginou quanto seria um resgate dessa monta. — Sinto que fui eu quem nos colocou nisso.

— O senhor não está segurando uma arma — disse Gen. O som de sua própria fala os confortava, um som de japonês falado tão suavemente que não poderia ser ouvido doze centímetros além de onde estavam. — Era o Presidente

que eles queriam.

— Eu queria que o tivessem conseguido — disse o Sr. Hosokawa.

* * *

Do outro lado do salão, perto da extremidade de um sofá em brocado dourado, Simon e Edith Thibault seguravam as mãos um do outro. Eles não haviam se misturado com os demais franceses. Eles pareciam mesmo um par, quase irmãos, com o cabelo escuro e liso e os olhos azuis. Estavam deitados no chão do salão de festa com tanta dignidade e tão sem esforço que não pareciam duas pessoas obrigadas a se deitar com uma arma apontada para si, mas como duas pessoas que simplesmente ficaram cansadas de permanecer de pé. Enquanto todos os outros se encontravam rígidos e tremendo, os Thibault estavam inclinados, a cabeça dela no ombro dele, o rosto dele pressionando o topo da cabeça dela. Ele estava pensando menos nos terroristas e mais no fato memorável de que o cabelo da esposa tinha cheiro de lilás.

Em Paris, Simon Thibault havia amado a esposa, embora nem sempre tivesse sido fiel a ela ou lhe dado muita atenção. Eles estavam casados há vinte e cinco anos. Tiveram duas filhas, todo verão desfrutavam um mês na praia com os amigos, passaram por vários empregos, vários cães de estimação, grandes Natais em família que incluíam muitos parentes mais velhos. Edith Thibault era uma mulher elegante em uma cidade com tantos milhares de mulheres elegantes, de forma que, muitas vezes, ao longo dos anos, ele acabava se esquecendo dela. Dias inteiros se desenrolavam sem que a imagem dela nem lhe viesse à mente. Ele não parava para pensar sobre o que ela estaria fazendo ou para imaginar se ela estava feliz, não Edith por ela mesma, mas Edith como sua mulher.

Então, em uma onda de promessas de governo feitas e retiradas, eles foram enviados a este país, que, entre os dois, era sempre chamado de *ce pays maudit*, “este país maldito”. Ambos encararam essa nomeação com temor e um sentimento de praticidade estoica, mas, alguns dias depois de terem chegado, uma coisa extraordinária aconteceu: ele a redescobriu, como algo que ele nunca percebera que estava faltando, como uma música que havia decorado na juventude e fora esquecida. De repente, com clareza, ele a via da maneira como a vira aos vinte anos, não ela fisicamente aos vinte anos, porque de todas as maneiras ele a achava mais bonita agora, mas ele sentiu aquela velha sensação, os pulos do coração, o desejo súbito e impulsivo. Ele a encontrava em casa, cortando papéis para forrar as prateleiras ou deitada na cama de braços escrevendo cartas para as filhas que estavam na universidade em Paris, e ficava sem fôlego. Será que ela sempre foi assim, e ele que nunca havia notado? Será

que ele sabia e então, por alguma razão, e por descuido, havia se esquecido? Porém, neste país, com suas estradas sujas e arroz amarelo, ele descobriu que a amava, que ele *era* ela. O que talvez não tivesse acontecido se ele fosse nomeado embaixador na Espanha. Sem essas circunstâncias particulares, em outro posto que não neste lugar específico e horroroso, talvez ele nunca percebesse que o único verdadeiro amor da sua vida era a própria esposa.

— Eles não parecem estar com pressa para matar ninguém — cochichou Edith Thibault para o marido, os lábios tocando a orelha dele.

Por mais longe que os olhos possam ver, não havia nada além de areia branca e água azul-brilhante. Edith entrando no mar para nadar se vira para ele, a água batendo nas coxas.

— Quer que eu traga um peixe para você? — pergunta ela, e então se vai, mergulhando sob uma onda.

— Eles vão nos separar mais tarde — disse Simon.

Ela enroscou o braço bem apertado nele e pegou novamente a sua mão.

— Deixe que eles tentem.

No ano anterior, na Suíça, Simon frequentara um seminário obrigatório, sobre o protocolo a ser seguido no caso de uma embaixada ser vítima de sequestro. Ele assumiu que as regras se aplicariam igualmente se o mesmo ocorresse em um jantar. Primeiro libertariam as mulheres. Depois iriam... ele parou. Sinceramente, não se lembrava do que vinha depois. Quando levassem Edith, será que ela teria algo para deixar com ele, um brinco talvez? Com que rapidez nós acabamos por aceitar cada vez menos!, pensou Simon Thibault.

* * *

O que começara como poucos sussurros cuidadosos agora era um burburinho constante à medida que as pessoas voltavam do banheiro. Como elas tinham se levantado e esticado as pernas, não estavam mais tão dispostas a ser tão obedientes como quando estavam deitadas no chão. Baixinho, os convidados começaram a tentar uma comunicação, que depois passou para um murmúrio, seguido de um diálogo brotando do chão, até que todo o salão se transformou em uma festa, em que todos os deitados conversavam. Finalmente, o General Alfredo teve que dar outro tiro para o teto, para pôr fim àquilo. Alguns gritos agudos e então o silêncio. Menos de um minuto após o revólver disparar, alguém bateu à porta.

Todos se viraram para olhar de onde vinha a batida. Apesar de todas as exigências, do arrastar de pés da multidão, do latido dos cães, do barulho de helicópteros fazendo voos rasantes, ninguém antes havia batido na porta, e todos na casa ficaram tensos, da mesma forma que alguém fica tenso quando não quer

ser perturbado em casa. Os terroristas mais jovens se entreolharam nervosamente, respirando fundo e deslizando os dedos para os gatilhos das armas, como se dissessem que estavam prontos para matar alguém agora. Os três generais confabularam entre si e fizeram sinais para os soldados que se mexeram para formar uma fila de cada lado da porta. Então, o General Benjamin sacou o próprio revólver e, cutucando o ombro do Vice-Presidente com o bico redondo da bota, o fez se levantar e atender à porta.

O raciocínio lógico era que quem quer que estivesse do outro lado da porta só poderia ter a intenção de entrar atirando, de forma que era melhor servir Ruben Iglesias como vítima desse erro. Ele se levantou do ninho que havia arranjado perto da lareira vazia com a esposa e os três filhos, duas meninas de olhos brilhantes e um menino pequeno, cujos rostos estavam suados e vermelhos do sono pesado. A governanta, Esmeralda, ficou com eles. Ela era do norte e não hesitou em encarar abertamente os terroristas. O Vice-Presidente mantinha o olhar para o teto, com medo de que aquela última bala tivesse atingido um cano. Seria um inferno lidar com isso agora. O lado direito do rosto dele, que aumentava e mudava de cor a cada hora, estava agora inchado e vermelho-amarelado e o olho direito estava bem fechado. A ferida ainda sangrava muito. Por duas vezes ele havia precisado pegar um guardanapo novo. Quando menino, Ruben Iglesias rezava longas horas de joelhos na Igreja Católica para que Deus lhe concedesse a graça de ser alto, graça essa que Ele não havia concedido a nenhum membro da sua extensa família. “Deus saberá o que conceder a você”, os padres haviam dito a ele sem um pinga de interesse e estavam certos. Ser baixo o tinha transformado no segundo homem mais importante do governo, e agora muito provavelmente sua estatura o havia livrado de um machucado mais sério, já que o golpe atingira a parte mais forte do crânio em vez da articulação da mandíbula, comparativamente mais delicada. Seu rosto funcionava como um lembrete de que nem tudo havia corrido de forma tranquila na noite anterior, outra boa mensagem para as pessoas lá fora. Quando o Vice-Presidente se levantou, rijo e dolorido, o General Benjamin colocou o fino cano do rifle entre as omoplatas dele e o guiou para frente. Sua própria condição física, sempre exacerbada pelo estresse, havia começado a criar uma pequena pústula no fim de cada nervo, e ele ansiava por uma compressa quente quase tanto quanto ansiava pela revolução. A batida na porta se repetiu.

— Estou indo — disse Ruben Iglesias, não para a porta, mas para o homem armado atrás de si. — Eu sei onde fica a minha porta. — Ele sabia que sua vida provavelmente iria acabar ali. Saber desse fato lhe conferiu uma audácia que ele achou útil.

— Mais devagar — instruiu o General Benjamin.

— Mais devagar, mais devagar, sim, me diga, por favor. Eu nunca abri uma porta — disse o Vice-Presidente quase em um sussurro e então abriu a porta em

seu próprio ritmo, que não era nem rápido nem devagar.

Na porta da frente, o homem à espera era extremamente claro e tinha o cabelo louro quase branco partido cuidadosamente e penteado para trás. Seu traje — camisa branca com gravata e calças pretas — o fazia parecer muito mais um fervoroso missionário de alguma religião norte-americana. Dava para imaginar que havia um paletó deixado de lado por causa do calor ou talvez ele o tivesse tirado para mostrar a braçadeira com uma cruz vermelha. Ruben Iglesias queria trazer o homem para dentro a fim de tirá-lo do sol escaldante. Sua testa e a parte de cima das faces já estavam começando a ficar vermelhas. O Vice-Presidente olhou para além dele, na direção do caminho que passava pelo jardim da frente, ou pelo que ele acabava por considerar como o seu jardim da frente. A casa, na verdade, não era dele, nem o gramado, os empregados, as camas macias ou as toalhas felpudas. Tudo vinha com o cargo e seria inventariado quando de sua partida. Seus próprios pertences estavam guardados e houve um tempo em que pensou esperançosamente que suas coisas ainda ficariam exatamente onde estavam enquanto ele e a família faziam a inevitável transição à mansão presidencial. Através da estreita abertura no portão da frente, ele viu um grupo inflamado de policiais, militares e repórteres. De algum lugar em uma árvore pipocou a luz brilhante de um flash de câmera fotográfica.

— Joachim Messner — disse o homem, estendendo a mão. — Sou da Cruz Vermelha Internacional. — Falou em francês e, quando o Vice-Presidente piscou para ele, repetiu a declaração em um espanhol medíocre.

Seu comportamento era tão calmo, como se não estivesse percebendo o caos que o rodeava, que poderia estar fazendo a arrecadação do domingo de manhã. A Cruz Vermelha estava sempre presente para ajudar as vítimas de terremotos e enchentes, os mesmos desastres para os quais o Vice-Presidente Iglesias era enviado com o intuito de confortar as vítimas e avaliar os estragos. Ruben Iglesias apertou a mão do homem e então levantou um dedo, indicando que ele deveria esperar.

— A Cruz Vermelha — disse para a barreira de armas atrás dele.

Os três generais confabularam novamente e concordaram que seria permitida a entrada.

— O senhor tem certeza de que quer entrar? — perguntou o Vice-Presidente com a voz baixa, em inglês. Seu inglês era imperfeito, talvez como o espanhol de Messner. — Não há garantias de que vão deixá-lo sair.

— Eles vão me deixar sair — disse, entrando. — O problema é que eles têm muitos reféns. Eles não estão em busca de mais reféns agora. — Ele olhou ao redor para os terroristas e depois de volta ao Vice-Presidente. — Seu rosto não está nada bem.

Ruben Iglesias encolheu os ombros para indicar que estava conformado em relação àquilo, já que tinha sido atingido pela parte menos perigosa de um

revólver, mas Messner achou que ele não tivesse entendido a pergunta.

— Eu falo inglês, francês, alemão e italiano — disse ele em inglês. — Sou suíço. Falo um pouco de espanhol. — Ele levantou dois dedos e os separou cerca de um centímetro, como se dissesse que o tanto de espanhol que falava caberia naquele espaço. — Esta não é a minha região. Eu estava de férias, pode imaginar? Sou fascinado pelas ruínas deste país. Estou como turista e me chamaram para trabalhar. — Joachim Messner parecia extremamente casual, como um vizinho que parou para pedir ovos emprestados e se alongou demais batendo papo. — Eu tenho que trazer um intérprete se for trabalhar em espanhol. Tenho um lá fora.

O Vice-Presidente aquiesceu, mas na verdade não tinha entendido metade das palavras que Messner dissera. Ele entendia um pouco de inglês, mas somente quando as palavras eram faladas uma de cada vez e quando ele não havia sido atingido na cabeça com uma arma. Ele pensou que existia algo sobre um tradutor. Mesmo que não houvesse, ele gostaria de contar com um.

— *Traductor* — disse ao General.

— *Traductor* — repetiu o General Benjamin e passou uma vista pelo chão, lembrando-se vagamente da noite anterior. — *Traductor?*

Gen, que era prestativo, mas não heroico por natureza, ficou imóvel por um instante, lembrando-se da pressão da ponta do revólver contra o peito. Mesmo que não dissesse nada, eles se lembrariam mais cedo ou mais tarde de que ele era um intérprete.

— O senhor se importaria? — sussurrou ao Sr. Hosokawa.

— Vá em frente — respondeu ele e tocou o ombro de Gen.

Houve um momento de silêncio, e então Gen Watanabe levantou uma hesitante mão.

O General Alfredo acenou para que ele se levantasse. Gen, como a maioria dos homens, tinha tirado os sapatos e inclinou-se para a frente para colocá-los de volta, mas o General estalou os dedos para ele com impaciência. Gen, constrangido, caminhou de meias ao redor dos convidados. Ele pensou que seria rude pisar em alguém e se desculpava em voz baixa enquanto andava. *Perdon, perdonare, pardon me.*

— Joachim Messner — disse o homem da Cruz Vermelha em inglês, apertando a mão de Gen. — Inglês, francês, você tem preferência?

Gen balançou a cabeça.

— Se tanto faz, francês, então. Você está bem? — Messner perguntou em francês. Seu rosto era um singular conjunto de cores. O azul intenso dos olhos, o branco intenso da pele, vermelho onde o sol havia queimado as faces e os lábios, o cabelo amarelo que era da cor do milho branco que uma vez Gen vira nos Estados Unidos. Ele era todo de cores primárias, pensou Gen. Qualquer início seria possível a partir de um rosto como esse.

— Estamos bem.

— Vocês foram maltratados?

— Em espanhol — ordenou o General Alfredo.

Gen explicou e então repetiu, levando os olhos para o Vice-Presidente, que todos estavam bem. O Vice-Presidente não parecia nem um pouco bem.

— Diga a eles que vou atuar como um intermediário. — Messner pensou por um minuto, repetiu ele mesmo a frase em um espanhol bom o suficiente. Então sorriu para Gen e disse em francês. — Eu não deveria tentar. Posso acabar falando algo terrivelmente errado, e todos nós ficaríamos encrencados.

— Em espanhol — disse o General Alfredo.

— Ele diz que tem dificuldades com o espanhol.

Alfredo aquiesceu.

— O que queremos, é claro, é a libertação incondicional de todos os reféns, ilesos. O que estabelecemos por agora são alguns dos extras. — Messner deu uma olhada em volta dos seus pés, o tapete de convidados bem-vestidos e de garçons de jaqueta branca que estendiam o pescoço na direção dele. Toda aquela cena era extremamente pouco natural. — São muitas pessoas. Vocês provavelmente estão sem comida agora ou ficarão até a noite. Não é necessário tanta gente. Eu digo para libertarem as mulheres, os funcionários, os doentes, qualquer um de que você não precise. Vamos começar assim.

— E em troca? — perguntou o General.

— Em troca, comida suficiente para o restante, travesseiros, cobertores, cigarros. Do que vocês precisam?

— Temos exigências.

Messner concordou com a cabeça. Ele estava sério, mas enfadado, como se essa fosse uma conversa que tivesse dez vezes antes do café da manhã, como se cada festa de aniversário terminasse dessa complexa maneira.

— É claro que vocês têm, e tenho certeza de que elas serão ouvidas. O que estou dizendo é que isso — ele esticou os braços para frente para se certificar de que se referia às pessoas no chão — é insustentável para todos. Libertem os extras agora, aqueles de que vocês não precisam, e isso será visto como um gesto de boa vontade. Vocês se estabelecem como pessoas razoáveis.

— Quem disse que somos razoáveis? — perguntou o General Benjamin a Gen, que fez a tradução.

— Vocês estão com a propriedade sob controle há doze horas e ninguém está morto. Ninguém está morto, não é mesmo? — perguntou Messner a Gen. Gen balançou a cabeça uma vez e traduziu a primeira parte do que ele havia falado. — Isso faz de vocês pessoas razoáveis, a meu ver.

— Diga a eles para nos mandarem o Presidente Masuda. Nós viemos aqui pelo Presidente e por ele deixaremos todos irem embora. — Ele gesticulou expansivamente pela sala. — Olhe para todas essas pessoas! Nem sei quantas

são. Duzentas? Mais? Diga para mim se um homem em troca de duzentas pessoas não é razoável.

— Eles não vão entregar o Presidente — argumentou Messner.

— Viemos por causa dele.

Messner suspirou e concordou seriamente.

— Bem, eu vim aqui de férias. Parece que ninguém vai conseguir o que quer.

Durante todo o tempo, Ruben Iglesias ficou parado ao lado de Gen, escutando passivamente a conversa como se não tivesse qualquer interesse no resultado. Ele era a autoridade política de mais alto nível no recinto; mesmo assim, ninguém tinha expectativas de que ele fosse nem um líder nem um valioso refém, o substituto mais próximo do Presidente. Pergunte ao cidadão comum neste lindo país tão privado de comunicação de massa quem é o vice-presidente e provavelmente ele vai dar de ombros e virar as costas. Vice-presidentes eram meros cartões de visita, aqueles que eram enviados no lugar daqueles que se queria de verdade. Eles eram substituíveis, cambiáveis. Nunca uma guerra fora travada ou ganha pelas palavras inspiradoras de um vice-presidente, e ninguém entendia isso mais claramente do que o Vice-Presidente do país anfitrião.

— Desistam dele — disse Ruben calmamente aos Generais. — Esse homem está certo. Masuda nunca entraria aqui. — Engraçado, mas naquele momento ele estava pensando no *entrar aqui*, com o aqui sendo esta casa, sua casa. Masuda sempre havia excluído Iglesias. Ele não conhecia seus filhos. Nunca chamara a esposa de Ruben para dançar em jantares oficiais. Uma coisa era querer um homem comum em sua chapa; outra completamente diferente era querê-lo em sua mesa de jantar. — Eu sei como essas coisas funcionam. Entreguem as mulheres, os extras, e isso lhes transmitirá a mensagem de que vocês são pessoas com quem se pode trabalhar.

Quando o First Federal Bank foi tomado dois anos antes, eles não entregaram nada, nem um único cliente ou caixa. Eles enforcaram o gerente do banco na porta da frente para que a mídia o fotografasse. Todos se lembravam de como havia terminado: cada terrorista levando um tiro contra as paredes de mármore. O que Ruben queria lhes dizer é que essas coisas nunca funcionam. Nenhuma exigência era cumprida ou honestamente cumprida. Ninguém saía com o dinheiro e um bando de companheiros libertados de uma prisão de segurança máxima. A pergunta era apenas quanto tempo levaria para esgotá-los e quantas pessoas seriam mortas no processo.

O General Benjamin levantou um dedo e cutucou o guardanapo encharcado de sangue que o Vice-Presidente segurava no rosto. Ruben aguentou aquilo razoavelmente bem.

— Nós perguntamos a sua opinião?

— É a minha casa — disse ele, sentindo-se ligeiramente nauseado por uma

onda de dor.

— Volte para o chão.

Ruben queria se deitar; então, virou-se sem discutir. Ele se sentiu quase triste quando Messner pegou seu braço e o parou.

— Alguém precisa suturar esse corte — constatou Messner. — Vou chamar um médico.

— Nada de médicos, nada de sutura — disse o General Alfredo. — O rosto dele nunca foi bonito.

— Vocês não podem deixá-lo sangrar desse jeito.

O General deu de ombros.

— Eu posso.

O Vice-Presidente ficou ouvindo. Ele não podia advogar em causa própria. E, na verdade, pensar em uma agulha agora que a dor estava tão intensa, assim como a dor de cabeça e a pressão quente por trás dos olhos, bem, ele não tinha certeza de que não torcia para os terroristas ganharem essa discussão específica.

— Nada vai ter seguimento se esse homem sangrar até morrer. — A voz de Messner era calma para contrabalançar a seriedade da declaração.

Até morrer?, pensou o Vice-Presidente.

O General Hector, que não havia contribuído muito até então, mandou a governanta subir e pegar a caixa de costura. Ele bateu palmas duas vezes, como um professor chamando a atenção dos alunos, e ela se levantou, tropeçando, já que o pé esquerdo estava dormente. Assim que a mulher saiu, o filho do Vice-Presidente, Marco, um menino de quatro anos, chorou de aflição, pois acreditava que a garota contratada era sua própria mãe.

— Ajeite isso — ordenou o General Hector, sério.

Ruben Iglesias virou o rosto inchado para Joachim Messner. Uma caixa de costura não era o que ele tinha em mente. Ele não era um botão descosturado, uma bainha precisando ser ajustada. Eles não estavam na selva, e ele não era um homem primitivo. Duas vezes na vida ele havia levado pontos antes, e os procedimentos tinham sido realizados no hospital, com cuidado e instrumentos esterilizados dispostos em bandejas prateadas.

— Há algum médico aqui? — perguntou Messner a Gen.

Gen não sabia, mas mandou a pergunta pela sala em uma língua após a outra.

— Devemos ter convidado pelo menos um médico — disse Ruben Iglesias, embora, com a pressão crescendo na cabeça, ele não conseguisse se lembrar de nada.

A governanta, Esmeralda, desceu as escadas com uma caixa quadrada de vime embaixo do braço. Ela não se destacaria entre tantas mulheres vestidas com roupas de festa. Era uma garota do interior, de uniforme, saia e blusa pretas, colarinho e punhos brancos, com uma trança longa e escura, da grossura do pulso

de uma criança, deslizando pelas costas a cada passo dado. No entanto, agora todos os olhares no salão se dirigiam a ela, à maneira como se mexia parecendo tão à vontade, como parecia estar completamente confortável, como se esse fosse qualquer outro dia na sua vida e ela tivesse tempo de terminar algum concerto. Os olhos da moça eram espertos, e ela mantinha o queixo erguido. De repente, todo o salão a achou linda, e a sua luz fez brilhar a escadaria de mármore por onde ela andava. Gen repetiu o chamado, médico, médico, enquanto o Vice-Presidente se sentiu impelido a dizer o nome da garota:

— Esmeralda.

Ninguém no chão levantou a mão, e a conclusão foi de que não havia médicos presentes. Mas não era verdade. O Dr. Gomez estava deitado lá atrás, quase na sala de jantar, e sua esposa usava dois dedos com as unhas pintadas de vermelho para cutucar fortemente suas costelas. Ele havia deixado de praticar a medicina anos antes para se tornar administrador de hospital. Quando foi a última vez que costurara um homem? Quando exercia a medicina, era pneumologista. Certamente não tinha usado uma agulha na pele desde a residência. Ele, provavelmente, não era mais qualificado para fazer um trabalho decente do que sua mulher, que pelo menos bordava o tempo todo. Sem dar um único ponto, ele viu como tudo se desenrolaria: haveria uma infecção, certamente; não trariam os antibióticos necessários; mais tarde, o machucado precisaria ser aberto, drenado e suturado de novo. Bem no rosto do Vice-Presidente. Ele estremeceu ao pensar nisso. Não daria certo. As pessoas poriam a culpa nele. Haveria publicidade depois. Um médico, o chefe de um hospital, talvez matando um homem, muito embora ninguém pudesse dizer que havia sido sua culpa. Ele sentiu as mãos tremendo. Ele estava apenas deitado ali e ainda assim suas mãos tremiam contra o peito. Que mãos eram essas que suturariam o rosto de um homem, que deixariam uma cicatriz pela qual os dois se tornariam conhecidos? E depois havia essa garota descendo as escadas com a cesta, ela própria parecendo tanto com a esperança. Era um anjo! Ele nunca havia conseguido encontrar garotas que aparentassem tanta inteligência para trabalhar no hospital, garotas bonitas que pudessem manter seus uniformes limpos.

— Apresente-se! — falou a esposa, sibilando. — Ou eu mesma vou levantar seu braço.

O médico fechou os olhos e balançou delicadamente a cabeça de um lado para o outro, de uma maneira que não atraísse atenção alguma para si mesmo. O que quer que tivesse de acontecer, aconteceria. Os pontos nem salvariam o homem nem o matariam. Essa carta já havia sido jogada, e não havia nada a se fazer além de esperar e ver o resultado.

Esmeralda entregou a cesta a Joachim Messner, mas não se afastou. Em vez disso, levantou a tampa, que era forrada com um tecido almofadado com estampa de rosas, pegou uma agulha do porta alfinetes em formato de tomate,

desenrolou uma linha preta de um carretel e enfiou na agulha. Cortou a linha com os dentes e deu um pequeno nó na ponta. Todos os homens, até os Generais, a observaram como se ela estivesse fazendo algo milagroso, algo muito além de linhas e agulhas que eles próprios nunca conseguiriam. Então ela enfiou a mão no bolso da saia e pegou uma garrafa de álcool 70, onde mergulhou a agulha, e depois a balançou para cima e para baixo diversas vezes. Esterilização. E aqui ela era uma simples garota do interior. Ninguém poderia ter pensado melhor. Ela puxou a agulha segurando apenas o nó na linha e a estendeu a Joachim Messner.

— Ah — disse ele, pegando o nó entre o indicador e o polegar.

Houve alguma discussão. Primeiro, pensaram que os dois poderiam se levantar, depois pareceu melhor que o Vice-Presidente se sentasse e depois viram que seria ainda melhor que ele se deitasse perto de uma mesa com abajur, onde haveria uma luz mais forte. Os dois homens estavam protelando, um mais temeroso do que o outro. Messner esfregou as mãos com álcool três vezes. Iglesias estava pensando que preferiria ser atingido pela arma de novo. Ele se deitou no tapete, longe da mulher e dos filhos, e Messner se inclinou sobre ele, bloqueando a luz, inclinando-se para trás e virando a cabeça do Vice-Presidente para um lado e para o outro. O Vice-Presidente tentou se obrigar a pensar em algo prazeroso e então pensou em Esmeralda. Foi realmente admirável como ela conseguia lidar bem com os problemas. Talvez sua esposa tivesse ensinado isso a ela, o conceito de bactérias, a necessidade de manter as coisas limpas. Como ele tinha sorte de contar com uma garota assim para cuidar de seus filhos. O sangue não jorrava mais, mas continuava a vazar, e Messner parou de tentar estancá-lo com o guardanapo. Considerando as circunstâncias, as mensagens em volume alto entrando pelas janelas, o constante ligar e desligar das sirenes, os convidados estirados no chão, os terroristas sonolentos com suas armas e facas, você pensaria que ninguém se importaria com o que pudesse acontecer ao rosto de Ruben Iglesias, mas, mesmo assim, as pessoas entortavam os pescoços para cima, como tartarugas, com o intuito de ver o que viria depois, de ver a agulha ser enfiada para dar o primeiro ponto.

— Cinco minutos é o que vocês têm — anunciou o General Alfredo.

Joachim Messner pinçou a pele com a mão esquerda e, com a direita, enfiou a agulha. Pensando que um movimento rápido seria mais gentil, julgou mal a espessura do material e levou a agulha com força até o osso. Ambos os homens soltaram um barulho menor do que um grito, forte porém baixo, e Messner arrancou a agulha de novo com algum esforço, deixando-os exatamente onde haviam começado. Exceto que agora no pequeno orifício aparecia uma gota de sangue.

Ninguém havia perguntado por ela, mas lá estava Esmeralda limpando as mãos. Ela trazia no rosto uma expressão que o Vice-Presidente já a vira usar com as crianças. Elas haviam tentado fazer algo e não tinha dado certo, e ela

deixara as coisas irem longe demais. Esmeralda apanhou a agulha e a linha das mãos de Joachim Messner e a mergulhou novamente no álcool. Foi com grande alívio que ele se afastou. Ele não se importava com as intenções ou as qualificações dela, apenas a observou se inclinar ao lado do abajur.

Ruben Iglesias pensou que o rosto dela era meigo da maneira beatífica dos santos, embora ela não estivesse exatamente sorrindo. Ele estava agradecido por causa de seus sérios olhos castanhos, que agora se encontravam a apenas centímetros dos seus. Ele não fechou os olhos, por mais tentador que fosse. Ele sabia que nunca mais veria tamanha concentração e compaixão focalizando seu próprio rosto, mesmo se sobrevivesse a essa provação e vivesse até os cem anos. Quando a agulha veio em sua direção, ele ficou imóvel e respirou no cabelo dela, que cheirava a grama. Ele realmente se sentiu como um botão que se havia despregado, um par de calças infantis abertas no colo caloroso da moça, enquanto ela cerzia à noite. Não era tão ruim. Ele era apenas mais uma coisa para Esmeralda ajeitar, algo mais que precisava de reparo. Doía, a pequena agulha. Ele não gostou de vê-la passar rente a seus olhos. Não gostava do pequeno puxão no final de cada ponto que o fazia sentir-se uma truta, fígado. Mas estava agradecido por estar tão perto dessa garota que via todos os dias. Lá estava ela, no gramado, com seus filhos, sentada em um lençol sob uma árvore, servindo-lhes chá em xícaras lascadas, Marco no seu colo, e as meninas, Rosa e Imelda, segurando bonecas. Lá estava ela indo para o corredor, boa noite, boa noite, diz ela, chega de água, vá dormir, feche os olhos, boa noite. Ela estava silenciosa, por estar concentrada e, ainda assim, só pensar na voz dela o fazia relaxar. E, apesar de doer, ele sabia que ficaria com pena quando acabasse, quando o quadril dela não estivesse mais pressionado contra a cintura dele. Então ela terminou e deu mais um nó. Como um beijo, ela se curvou sobre ele e mordeu a linha, seus lábios não tendo escolha senão roçar na sutura que suas mãos haviam feito. Ele ouvia o rápido corte dos dentes dela, a desconexão daquilo que os estava unindo. Então ela sentou-se ereta novamente e correu a mão pelo topo da cabeça dele, um presente pelo que ele sofrera. Linda Esmeralda.

— Muito corajoso — disse ela.

Todo mundo que estava perto o suficiente para vê-los sorriu e suspirou. Ela havia feito um trabalho impecável, deixando um limpo traçado de pontos pretos na lateral da cabeça dele. Era o que se esperaria de uma garota que havia sido criada para costurar. Marco pulou de novo nos braços de Esmeralda quando ela se juntou às crianças. Ele pressionou a cabeça contra os seios dela e suspirou. O Vice-Presidente, ao contrário, permanecia imóvel; a dor e o prazer estavam colidindo e ele se deixou levar pelo momento. Fechou os olhos como se tivessem lhe dado uma anestesia de verdade.

— Vocês dois — disse o General a Messner e Gen. — Vão se deitar. Vamos

discutir isso. — Ele usou a arma para apontar para o chão, em um lugar não tão perto.

Messner não tentou retomar as negociações.

— Eu não me deitarei — anunciou, mas sua voz estava tão cansada que se poderia pensar que ele iria gostar de se deitar. — Vou esperar lá fora. Entro de novo em uma hora. — Assim, fez um aceno cortês de cabeça para Gen e simplesmente abriu a porta e saiu. Gen imaginou se deveria fazer o mesmo, explicar que estaria esperando lá fora. Mas Gen sabia que não era Messner. Não sabia precisar exatamente por que, mas era como se não houvesse motivo para atirar em Messner. Ele parecia alguém que levava um tiro todos os dias e simplesmente estava cansado daquilo. Gen, por outro lado, sua mente ainda cheia com os pontos, estava se sentindo decididamente mortal. Mortal e leal, e voltou ao seu lugar ao lado do Sr. Hosokawa.

— O que eles disseram? — sussurrou o Sr. Hosokawa.

— Acho que vão deixar as mulheres saírem. Ainda não está decidido, mas eles parecem querer isso. Dizem que somos muitos. — De cada lado dele havia uma pessoa, algumas não mais longe do que seis centímetros. Ele se sentiu como se estivesse pegando a linha Yamanote na estação de Tóquio às oito da manhã. Estendeu o braço e afrouxou a gravata.

O Sr. Hosokawa fechou os olhos e sentiu uma sensação de calma se espalhar por ele como se fosse um cobertor macio.

— Ótimo — disse. Roxane Coss seria libertada, a tempo de cantar na Argentina. Em alguns dias, o terror desta ocasião a teria deixado. Ela acompanharia, em segurança, o destino dos outros reféns, pela leitura dos jornais. Ela contaria a história em coquetéis, e as pessoas ficariam impressionadas. Mas as pessoas sempre ficavam impressionadas. Em Buenos Aires, ela cantaria Gilda na primeira semana. Parecia a ele uma coincidência perfeita. Ela cantando Gilda e ele ainda um garoto com o pai em Tóquio. Ele a observa da galeria, de tão distante, e ainda assim a voz dela é tão clara e delicada como se ele estivesse perto o bastante para tocá-la. Seus gestos arrojados, sua maquiagem de palco, tudo nela é perfeito a distância. Ela canta com o pai, Rigoletto. Ela diz ao pai que o ama, enquanto, nas tribunas altas, o menino Katsumi Hosokawa pega a mão do próprio pai. A ópera emerge das tapeçarias e das taças parcialmente vazias de Pisco Sour no salão, se afasta da festa de aniversário e dos projetos de fábricas. Ergue-se e vira-se, por cima do país anfitrião, até aterrisar delicadamente no palco, onde se torna inteira — bonita e distante. Toda a orquestra a apoia agora, alcança as vozes, eleva a vozes. A linda voz de Roxane Coss está cantando Gilda para o jovem Katsumi Hosokawa. A voz dela vibrando pelos minúsculos ossos do jovem, bem dentro do ouvido dele. A voz permanece dentro dele, transforma-se nele. Ela está cantando especialmente para ele e para mil outras pessoas. Ele é anônimo, igual, amado.

Deitados no chão em cantos opostos do salão estavam dois padres da Igreja Católica Apostólica Romana. Monsenhor Rolland se encontrava atrás do sofá na frente do qual se localizavam os Thibault, tendo pensado que seria melhor ficar longe das janelas no caso de haver troca de tiros. Como líder do seu povo, ele tinha a responsabilidade de se proteger. Os padres católicos eram frequentemente alvos em rebeliões políticas, era só olhar nos jornais. Suas vestimentas estavam úmidas de suor. A morte era um mistério sagrado. Somente Deus deveria decidir a hora em que ela chegaria. Mas havia razões vitais para ele viver. Pensava-se que o Monsenhor tinha praticamente garantido o lugar de bispo se e quando o atual ocupante do posto, o ancião Bispo Romero, completasse seu cargo até a morte. Era o Monsenhor Rolland, afinal, que desempenhava as funções e negociava as transações que delineavam um caminho mais amplo para a Igreja. Nada no mundo era absolutamente certo, nem mesmo o catolicismo nessas selvas tomadas pela pobreza. Reparem só na onda exorbitante de mórmons, com seu dinheiro e seus missionários. A provocação de mandar missionários para um país católico! Como se eles fossem selvagens prontos para se converterem. Deitado com sua cabeça em uma pequena almofada do sofá que ele conseguira discretamente furtar a caminho do chão, seus quadris ainda lhe doíam e ele pensou no longo banho quente que tomaria quando tudo acabasse, e que depois ficaria pelo menos três dias em sua cama macia. Claro, existia uma maneira positiva de ver as coisas: supondo que não houvesse uma loucura desmedida e que ele fosse libertado na primeira leva de convidados, o sequestro poderia ser apenas aquilo que selaria o destino do Monsenhor. A publicidade de ser sequestrado poderia transformar em mártir sagrado até mesmo um homem que escapasse ileso.

E esse seria exatamente o caso, se não fosse por um jovem padre que estava deitado no frio chão de mármore no corredor da frente. O Monsenhor Rolland havia conhecido o Padre Arguedas, e estava presente quando ele recebera as ordens sagradas dois anos antes, mas não se lembrava de nada disso. Este país não sofria com a falta de jovens querendo se candidatar para o sacerdócio. Com o cabelo escuro e curto e as camisas pretas formais, esses padres eram tão indistinguíveis um do outro quanto as crianças nas suas roupas brancas de primeira comunhão. O Monsenhor não fazia ideia de que o Padre Arguedas estava na sala e não pusera os olhos nele nem uma única vez no decorrer da noite. E por que um jovem padre fora convidado para uma festa na casa do Vice-Presidente?

O Padre Arguedas tinha vinte e seis anos e servia como assistente em uma paróquia do outro lado da capital, acendendo velas, distribuindo a comunhão e executando tarefas não mais complexas do que as de um coroinha bem-

estabelecido. Nos poucos momentos do dia que não eram devotados a amar Deus por meio de orações e servir o rebanho por meio de ações, ele ia à biblioteca da universidade e escutava ópera. Ele ficava no subsolo, se sentava protegido por uma velha baia de madeira, e escutava gravações através de enormes fones de ouvido, que eram muito apertados e faziam sua cabeça doer. A universidade não era muito abastada e a ópera não era uma prioridade nos gastos; então a coleção ainda era de pesados discos de vinil e não de CDs. Embora houvesse algumas peças de que ele gostava mais do que outras, Padre Arguedas ouvia tudo sem discriminação, desde *Die Zauberflöte* até *Trouble in Tahiti*. Ele fechava os olhos e silenciosamente cantarolava as palavras que não entendia. No início, ele amaldiçoara os que vieram antes dele, os que deixaram marcas de dedos nos discos, os arranharam ou, ainda pior, simplesmente levaram um disco, de modo que não havia o terceiro ato de *Lulu*. Depois, ele se lembrava de que era um padre e se ajoelhava no chão de cimento do subsolo da biblioteca.

Muito frequentemente, nesses momentos de audição, ele sentira sua alma se encher com uma espécie de êxtase, um sentimento que não conseguia nomear mas que era perturbado por... desejo? Amor? Quando iniciou seus estudos no seminário, havia incutido na mente a ideia de desistir da ópera, assim como outros jovens se conformavam que teriam de desistir das mulheres. Ele pensava que devia haver algo de trevas em tal paixão, especialmente em se tratando de um padre. Em uma certa quarta-feira à tarde, na falta de algum pecado real ou interessante para confessar, ele ofereceu o imaginado pecado da ópera como seu grande sacrifício a Cristo.

— Verdi ou Wagner? — perguntou a voz do outro lado da tela.

— Ambos — respondeu o Padre Arguedas, mas quando se recompôs da surpresa da pergunta, mudou a resposta. — Verdi.

— Você é jovem — replicou a voz. — Volte e me diga de novo daqui a vinte anos, se Deus permitir que eu ainda esteja aqui.

O jovem padre se esforçou para reconhecer a voz. Certamente ele conhecia todos os padres da Igreja de São Pedro.

— Não é pecado?

— Arte não é pecado. Nem sempre é boa. Mas não é pecado. — A voz pausou por um minuto, e o Padre Arguedas deslizou um dedo na faixa preta do colarinho, tentando mover um tanto de ar quente para dentro da camisa. — Em todo caso, alguns dos libretos... Bem, tente se concentrar na música. A música é a verdade da ópera.

O Padre Arguedas acatou sua breve e superficial penitência e disse cada oração três vezes como uma oferta de alegria. Ele não tinha que abrir mão do seu amor. Na verdade, depois disso, mudou completamente de ideia e decidiu que tanta beleza devia ter a ver com Deus. A música era um louvor, disso ele tinha certeza, e, se as palavras muito frequentemente focalizavam os pecados dos

homens, bem, o próprio Jesus não explorou exatamente esse assunto? Quando ele sofria com algum sentimento de desconforto questionável, simplesmente retificava a situação não lendo os libretos. Ele estudara latim no seminário, mas se recusava a fazer a conexão com o italiano. Tchaikovsky era especialmente bom nesses casos, já que ele não entendia nada de russo. Infelizmente, havia horas em que a luxúria vinha pela música e não pelas palavras. Não ter qualquer conhecimento de francês não deixava um padre a salvo de *Carmen*. *Carmen* o fez sonhar. Na maioria dos casos, entretanto, ele conseguia fingir que todos os homens e mulheres de todas as óperas cantavam com tamanha graça e esplendor porque falavam sobre o amor por Deus em seus corações.

Uma vez liberado por seu confessor, o Padre Arguedas não tentou mais esconder seu amor pela música. Ninguém parecia se importar com seus interesses de uma maneira ou de outra, contanto que não o tirasse das tarefas da vida. Talvez não se tratasse de um país particularmente moderno ou de uma religião moderna, mas estes eram tempos modernos. Os paroquianos tinham afeto pelo jovem padre, o vigor incansável com o qual ele lustrava os bancos da igreja, a maneira como se ajoelhava em frente às velas por uma hora toda manhã antes de a primeira missa começar. Dentre as pessoas que percebiam seu bom trabalho estava uma mulher chamada Ana Loya, a prima favorita da esposa do Vice-Presidente. Ela também se interessava por música e era generosa em emprestar discos ao Padre Arguedas. Quando ouviu um rumor de que Roxane Coss estava vindo se apresentar em uma festa, Ana telefonou à prima para perguntar se um certo padre poderia comparecer. Não precisava convidá-lo para o jantar, claro, ele poderia esperar na cozinha durante a refeição. Ele poderia esperar na cozinha enquanto Roxane Coss cantasse, se fosse o caso, mas, se ele pudesse estar na casa, mesmo que fosse no jardim, ela ficaria muito agradecida. O Padre Arguedas uma vez confidenciara a Ana, depois de um ensaio particularmente medíocre do coral da igreja, que nunca ouvira uma ópera sendo cantada ao vivo. O grande amor de sua vida, depois de Deus, vivia somente em um disco de vinil preto. Ana tinha perdido um filho, mais de vinte anos antes. O garoto tinha três anos quando se afogou em um fosso de irrigação. Ela tinha vários outros filhos, amava-os muito e não falava naquele que perdeu. Na verdade, a única vez em que tinha pensado naquela criança recentemente fora ao ver o Padre Arguedas. Ela repetiu a pergunta à prima no telefone: “Será que o Padre Arguedas poderia ir ouvir a soprano?”

* * *

Era diferente de uma maneira que ele nunca poderia imaginar, como se a voz fosse algo que pudesse ser visto. Certamente podia ser sentida, mesmo de onde

ele estava, no fundo da sala. Fazia-o tremer por dentro das dobras da batina, roçava a pele do seu rosto. Ele nunca havia pensado, nem uma vez, que tal mulher existisse, uma mulher que estivesse tão perto de Deus que a própria voz divina emanasse dela. Como ela deve ter ido profundamente dentro de si mesma para conseguir aquela voz. Era como se a voz viesse do centro da terra e, usando de puro empenho e força de vontade, ela a atraísse para cima, fazendo-a passar pelos detritos e pelas rochas e atravessar as tábuas do assoalho da casa, fazendo-a subir pelos seus pés, apoderando-se dela, sendo aquecida por ela, até se elevar e sair pelo lírio branco da sua garganta em direção a Deus no céu. Era um milagre e ele chorou pela dádiva de testemunhar aquilo.

Até agora, depois de mais de doze horas passadas no chão da entrada de mármore, o frio tendo permeado o interior dos seus ossos, a voz de Roxane Coss fazia círculos largos e rasantes dentro de sua cabeça. Se não houvessem mandado que ele se deitasse, ele talvez tivesse perguntado se poderia fazê-lo. Ele precisava de todo esse tempo para descansar, e melhor que fosse no chão de mármore. O chão o mantinha com a mente diretamente em Deus. Se estivesse esticado em um tapete macio, poderia ter perdido seu autocontrole por completo. Ele estava contente por haver passado a noite no mar de megafones e sirenes porque o mantivera acordado e pensando, contente (e por isso ele pedia perdão) de ter perdido a missa e a comunhão da manhã, porque assim podia ficar ali mais tempo. Quanto mais tempo ficasse onde estava, mais tempo aquele momento duraria, como se a voz dela ainda ecoasse contra as paredes revestidas de papel. Ela ainda estava lá, afinal de contas, deitada em algum lugar que ele não podia ver, mas não tão terrivelmente longe. Ele orou para que ela tivesse tido uma noite confortável, para que alguém tivesse pensado em lhe oferecer um dos sofás.

Além de sua preocupação com Roxane Coss, o Padre Arguedas estava preocupado com os jovens bandidos. Muitos deles estavam em pé, recostados contra as paredes, os pés afastados, apoiando-se em seus rifles como se estes fossem bengalas. Então suas cabeças podiam pender para trás e eles dormiriam por dez segundos antes de seus joelhos se dobrarem e eles caírem sobre as armas. O Padre Arguedas frequentemente ia com a polícia coletar corpos de suicidas, e muitas vezes eles pareciam ter ficado exatamente nessa posição, os dedos dos pés pressionando o gatilho.

— Filho — sussurrou ele para um dos garotos que estavam vigiando as pessoas no corredor de entrada, a maior parte dele com garçons e cozinheiros deitados no chão duro, pessoas da hierarquia mais baixa. Sendo ele próprio jovem, muitas vezes se sentia desconfortável em chamar um paroquiano de “filho”, mas esse garoto, ele sentia, era dele. Era parecido com seus primos. Parecia com cada garoto que corria da igreja assim que tivesse tomado a comunhão, a hóstia ainda branca e redonda na língua. — Venha cá.

O garoto piscou em direção ao teto como se estivesse ouvindo a voz em seu sono. Ele fingiu não notar o padre.

— Filho — repetiu o Padre Arguedas —, venha cá.

Agora o garoto olhou para baixo e seu rosto revelou sua perplexidade. Como alguém poderia não responder a um padre? Como era possível não ir se fosse chamado?

— Padre? — sussurrou ele.

— Venha cá. — O padre fez o movimento com a boca e deu um tapinha no chão, nada maior do que um pequeno movimento agitando os dedos ao seu lado. Não havia muita gente no chão de mármore. Ao contrário do acarpetado salão, existia muito lugar para se esticar aqui e, quando alguém estivera apoiado sobre um rifle por toda uma noite, uma grande extensão de chão de mármore parecia tão convidativa quanto uma cama de penas.

O garoto olhou nervosamente para o canto onde os Generais confabulavam.

— Não tenho permissão — disse ele, mal emitindo som. Ele era índio, esse garoto. Falava a língua do norte que a avó do Padre Arguedas falava com sua mãe e suas tias.

— Eu digo que tem permissão — rebateu ele, sem autoridade, mas com compaixão.

O garoto considerou isso por um momento e então virou a cabeça para cima como se estivesse estudando o friso intricado que rodeava o teto. Seus olhos se encheram de lágrimas e ele teve que piscar loucamente para segurá-las. Ele estava acordado há muito tempo e as pontas dos seus dedos tremiam em volta do frio cano da sua arma. Ele não conseguia mais dizer exatamente onde seus dedos acabavam e o metal verde-azulado começava.

O Padre Arguedas suspirou e deixou para lá por ora. Ele abordaria o garoto mais tarde apenas para informá-lo de que havia um lugar para descansar e perdão para qualquer pecado.

* * *

A multidão no chão pulsava de necessidades. Alguns precisavam ir ao banheiro de novo. Havia murmúrios sobre medicamentos. As pessoas queriam se levantar, comer, tomar um gole de água para limpar o gosto das bocas. A insônia os encorajava, mas também havia isso: quase dezoito horas haviam se passado e não houvera um único morto. Os reféns começaram a acreditar que não seriam assassinados. Se o que uma pessoa quer é sua vida, ela tende a ficar quieta acima de qualquer outra coisa que queira. Uma vez que a vida começa a parecer segura, ela se sente livre para reclamar.

Victor Fyodorov, um moscovita, finalmente se entregou e acendeu um

cigarro, mesmo que todos os isqueiros e fósforos devessem ter sido entregues. Ele soprou a fumaça em direção ao teto. Ele tinha quarenta e sete anos e fumava regularmente desde os doze, mesmo nas épocas difíceis, mesmo quando era preciso decidir entre cigarros e comida.

O General Benjamin estalou os dedos e um dos subordinados correu para tomar o cigarro de Fyodorov, mas Fyodorov somente inalou. Ele era um homem grande, mesmo deitado, mesmo sem armas a não ser o próprio cigarro. Parecia alguém que venceria a luta.

— Tente — desafiou o soldado em russo.

O garoto, não tendo ideia do que havia sido dito, estava incerto de como proceder. Ele tentou manter a mão estável quando sacou a arma e a apontou para Fyodorov com pouco entusiasmo.

— Só faltava essa! — disse Yegor Ledbed, outro russo e amigo de Fyodorov. — Vocês vão atirar nas pessoas por fumar!

Que sonho era aquele cigarro! Como era delicioso fumar quando não se fumava há um dia. Então dava para perceber o sabor, o sombreado azul da fumaça. Podia-se relaxar na prazerosa sensação de cabeça fresca que lembrava a mocidade. Quase dava vontade de parar de fumar, só para ter o prazer de começar de novo. Fyodorov estava prestes a queimar os dedos. Que pena... Ele se sentou, surpreendendo o garoto armado com seu tamanho, e esmagou o cigarro contra a sola do sapato.

Para grande prazer do Vice-Presidente, Fyodorov guardou a guimba no bolso do smoking, e o garoto guardou a arma desajeitadamente de volta no cós da calça e retirou-se de maneira furtiva.

— Não vou aguentar mais isso por nem um minuto! — gritou uma mulher, mas, quando olharam em volta, ninguém pôde ter certeza de quem fora.

Duas horas depois de Joachim Messner ter partido, o General Benjamin convocou o Vice-Presidente a se levantar do chão e o fez abrir a porta e acenar para Messner entrar.

Seria possível que Messner tivesse passado todo esse tempo esperando do lado de fora? Suas faces delicadas pareciam ainda mais queimadas do que antes.

— Está tudo bem? — perguntou Messner ao Vice-Presidente em espanhol, como se ele tivesse passado as últimas duas horas parado no sol treinando suas habilidades linguísticas.

— Pouquíssimas mudanças — respondeu o Vice-Presidente em inglês, tentando ser atencioso. Ele ainda se sentia um pouco como o anfitrião.

— Seu rosto... não está mal. Ela fez um trabalho muito bom com a... — ele lutou pela palavra — ...costura — disse finalmente.

O Vice-Presidente levou os dedos ao rosto, mas Messner segurou sua mão.

— Não toque nisso. — Ele olhou em volta da sala. — O japonês, ele ainda está aqui?

— Aonde ele iria? — perguntou Ruben.

Messner olhou em volta para os corpos a seus pés, todos eles quentes e respirando regularmente. Realmente, ele já vira cenas piores.

— Vou chamar o tradutor — anunciou o Vice-Presidente aos Generais, que olhavam para longe como se não tivessem percebido que Messner chegara. Finalmente um deles levantou os olhos e fez um tipo de gesto com as sobranceiras, rápido, de lado, que Ruben Iglesias interpretou como tudo bem, vá em frente.

Ele não chamou Gen, mas andou o longo caminho em volta do salão até chegar nele. Era tanto uma oportunidade para esticar as pernas quanto para fazer um inventário dos seus convidados. A maioria das pessoas reagiu com algo entre um estremecimento e um sorriso ao vê-lo. Sem a aplicação de gelo, a lateral do seu rosto estava inchando horrivelmente. Os pontos já estavam se esticando para cumprir a tarefa de manter as partes do rosto no lugar. Gelo. Não era penicilina o que ele queria. Havia muito gelo na casa. Havia dois freezers, um ao lado da geladeira na cozinha e outro no porão, somente para armazenagem. Também havia uma máquina na cozinha que ficava separada e não fazia nada além de colocar gelo para fora o dia todo em um recipiente de plástico. E, ainda assim, ele sabia que não era o favorito desses Generais e pedir um cubo de gelo podia significar comprometer o outro olho. Como seria bom apenas ficar parado com o rosto descansando de leve contra o metal branco e gelado da porta do freezer. Ele nem precisava do gelo, só isso seria suficiente.

— Monsenhor — disse ele, pisando em volta do Monsenhor Rolland no chão. — Eu sinto muito. O senhor está confortável? Está? Bom, bom.

Era uma linda casa, um lindo tapete onde os hóspedes estavam reunidos. Quem diria que um dia ele moraria em uma casa assim, com dois freezers e uma máquina exclusivamente para fazer gelo? Tinha sido uma sorte espetacular. O pai dele carregava bagagens em carrinhos, primeiro para os trens e depois para os aviões. A mãe criara oito filhos, vendeu hortaliças, trabalhou com costura. Quantas vezes essa história foi contada? Ruben Iglesias subindo na vida. O primeiro na família a terminar o ensino médio! Trabalhou como porteiro para entrar para a universidade. Trabalhou como porteiro e como escrevente de juiz para poder cursar a faculdade de direito. Depois disso, teve uma carreira bem-sucedida como advogado, os passos corretos na instável escada da política. Essa história o tornou atraente como companheiro de chapa quanto a sua baixa estatura. Nunca mencionaram como ele havia se casado bem, com a filha de um sócio sênior que engravidara durante uma festa de Natal, ou como as ambições da esposa e dos pais dela lhe deram um empurrãozinho. Essa era uma história decididamente menos interessante.

Um homem deitado perto da cadeira com o encosto de tapeçaria fez uma pergunta em uma língua que Ruben acreditava ser alemão. O Vice-Presidente

disse que não sabia.

Gen, o intérprete, se encontrava muito perto do Sr. Hosokawa. Ele sussurrou algo no ouvido do Sr. Hosokawa, e o homem mais velho fechou os olhos e fez que sim com a cabeça de maneira quase imperceptível. Ruben esquecera por completo do Sr. Hosokawa. Feliz aniversário, senhor, ele pensou consigo mesmo. Não acredito que haverá construções de fábricas este ano. Não muito longe deles estava Roxane Coss e o músico que a tinha acompanhado. Ela parecia, se isso era possível, ainda melhor do que na noite anterior. Seu cabelo estava solto e sua pele brilhava como se ela estivesse esperando essa oportunidade para descansar.

— Como está? — Ela formulou as palavras em inglês sem emitir som e tocou com a mão a própria face para indicar a preocupação com o ferimento dele. Talvez fosse o fato de que ele não comera nada, talvez fosse exaustão ou perda de sangue ou o início da infecção, mas naquele momento ele teve certeza de que desmaiaria. A maneira como ela tocara o próprio rosto, porque não podia se levantar e colocar a mão no rosto dele, a imagem dela se levantando e tocando o rosto dele; aquilo o fez afundar no chão, equilibrando-se sobre os dedos dos pés, colocando as mãos diante de si. Pendeu a cabeça para a frente até que a sensação tivesse passado. Devagar, levantou os olhos em direção aos dela, que agora pareciam em pânico.

— Estou bem — sussurrou. Nesse momento, ele notou o músico, que francamente não parecia nem um pouco bem. A impressão era que, se Roxane Coss podia estender sua compaixão a ele, ela deveria dar uma olhada no homem deitado a seu lado. Sua palidez tinha um tom decididamente cinzento e, embora seus olhos ainda estivessem abertos e seu peito se movesse de maneira superficial, ele estava imóvel de um jeito que o Vice-Presidente não considerou nada boa. — E ele? — disse suavemente, e apontou para o músico.

Ela olhou para o corpo ao seu lado, como se estivesse percebendo-o pela primeira vez.

— Ele disse que está gripado. Acho que está nervoso.

Falando com o mais baixo sussurro, o som da voz dela era penetrante, mesmo que ele não tivesse certeza exata do que ela estava falando.

— Tradutor! — gritou o General Alfredo.

Ruben teve a intenção de se levantar e estender a mão para Gen, mas Gen, mais jovem, ficou de pé mais rápido e se inclinou para ajudar o Vice-Presidente. Ele pegou o braço de Ruben, como se o Vice-Presidente tivesse ficado subitamente cego, e o guiou para a frente, atravessando o salão. Como é rápida a afeição que se cria de uma pessoa a outra em circunstâncias como essas... que conclusões audaciosas um homem poderia tirar! Roxane Coss era então a mulher que ele sempre amara; Gen Watanabe era seu filho; sua casa não era mais sua; sua vida, como a conhecia, sua vida política, estava morta. Ruben Iglesias se perguntou se todos os reféns, em todo o mundo, se sentiam mais ou menos da

mesma maneira.

— Gen — disse Messner, e balançou a mão sombriamente, como se oferecesse condolências. — O Vice-Presidente deveria tomar algum remédio — disse em francês para que Gen traduzisse.

— Estamos desperdiçando muito tempo com as necessidades de um homem tolo — rebateu o General Benjamin.

— Gelo? — Ruben ofereceu a si mesmo, como se de repente sua mente estivesse repleta dos prazeres do gelo, da neve no topo dos Andes, daquelas doces patinadoras olímpicas na televisão, jovens garotas vestindo lenços de gaze transparente em volta da cintura de boneca. Ele estava queimando vivo agora e as lâminas prateadas dos patins levantando arcos de lascas branco-azuladas. Ele queria ser enterrado no gelo.

— Ishmael — disse o General impacientemente para um dos rapazes. — Vá até a cozinha. Dê a ele uma toalha e gelo.

Ishmael, um dos jovens encostados na parede, um rapaz pequeno com os piores sapatos, parecia satisfeito. Talvez estivesse orgulhoso de ter sido escolhido para a tarefa, talvez quisesse ajudar o Vice-Presidente, talvez quisesse comer algo na cozinha, onde certamente estavam esperando bandejas com sobras de biscoitos e canapés derretidos.

— Ninguém dá gelo ao meu povo quando ele precisa de gelo — falou o General Alfredo em tom amargo.

— Certamente — concordou Messner, mais ou menos escutando a tradução de Gen. — Vocês decidiram a respeito de alguma concessão?

— Vamos deixar que vocês levem as mulheres — respondeu o General Alfredo. — Não temos interesse em machucar as mulheres. Os trabalhadores podem ir, os padres, quem estiver doente. Então, vamos repassar a lista de quem ficou. Talvez mais alguns possam ir depois. Em troca, queremos suprimentos. — Ele sacou um pedaço de papel cuidadosamente dobrado do bolso da frente e o segurou entre os três dedos que lhe restavam na mão esquerda. — Essas são as coisas de que vamos precisar. A segunda página é para ser lida pela imprensa. Nossas exigências. — Alfredo tinha tanta certeza de que o plano deles se sairia melhor do que isso! Tinha sido seu primo, afinal, que certa vez trabalhara no sistema de ar-condicionado da casa e conseguira roubar uma cópia das plantas.

Messner pegou os papéis e os examinou cuidadosamente por um minuto, e então pediu a Gen para lê-los. Gen ficou surpreso ao notar que suas mãos estavam tremendo. Ele não conseguia se lembrar de qualquer outra ocasião em que aquilo que ele traduzia o afetava de verdade.

— Em nome do povo, La Familia de Martin Suarez capturou...

Messner levantou a mão para Gen parar.

— La Familia de Martin Suarez?

O General aquiesceu.

— Não La Dirección Auténtica? — Messner manteve a voz baixa.

— Você disse que éramos homens *razoáveis* — disse o General Alfredo, a voz inflada com o insulto. — O que está pensando? Acha que La Dirección Auténtica estaria falando com você? Acha que estariam deixando as mulheres saírem? Eu conheço a LDA. Na LDA, os que não são úteis são baleados. Em quem nós atiramos? Estamos tentando fazer algo pelo povo, você consegue entender isso? — Ele deu um passo em direção a Messner, que sabia o que isso significava, mas Gen se colocou calmamente entre eles.

— Estamos tentando fazer algo pelo povo — disse Gen, mantendo o tom cauteloso e lento. A segunda parte da frase, “você pode entender isso?”, era irrelevante, então ele deixou de lado.

Messner se desculpou pelo erro. Um erro sincero. Eles não eram a LDA. Ele teve que se concentrar para impedir que os cantos da boca se curvassem para cima.

— Quanto tempo até que o primeiro grupo possa ser libertado?

O General Alfredo não podia falar com ele. Ele rangia dentes. Até o General Hector, que tinha pouco a dizer, cuspiu no tapete Savonnière. Ishmael voltou com duas toalhinhas cheias de cubos de gelo, um sinal da grande abundância encontrada na cozinha. O General Benjamin arrancou um dos sacos da mão dele, jogando-o no tapete, onde os cubos transparentes pularam e quicaram. Quem estava perto o suficiente apanhou as pedras extras e as deslizou para dentro da boca. Ishmael, agora assustado, rapidamente deu o saco remanescente ao Vice-Presidente, com um discreto gesto de cabeça. Ruben retribuiu o aceno, pensando que era melhor não chamar mais atenção para si do que o absolutamente necessário, já que estava claro que faltava pouco para provocar outra coronhada no lado da cabeça. Ele encostou o gelo no rosto e estremeceu com a dor e o prazer absolutamente profundos do frio.

O General Benjamin limpou a garganta e se recompôs.

— Vamos dividir os grupos agora — disse ele. Primeiro falou com sua tropa. — Fiquem alerta. Em posição de guarda. — Os garotos contra a parede esticaram as pernas e levantaram as armas para o peito. — Todos de pé — ordenou.

— Peço a atenção de todos — disse Gen em japonês. — Agora é hora de se levantarem.

Se os terroristas se importavam com que os reféns falavam, abriam uma exceção a Gen. Ele repetiu a frase em tantas línguas quanto conseguiu pensar. Ele falou em línguas que sabia que não precisavam ser incluídas, como servo-croata e cantonês, apenas porque era reconfortante falar e ninguém tentou interrompê-lo. “Levantem-se” não é uma mensagem que precise de tradução em primeiro lugar. As pessoas são carneirinhos para algumas coisas. Quando algumas começarem a se levantar, o restante irá copiar.

Os refêns estavam tensos e desajeitados. Algumas pessoas tentavam calçar de volta os sapatos e outras sequer se lembravam deles. Alguns pisavam de leve em um pé só, tentando lutar contra a dormência. Estavam nervosos. Por mais que tivessem pensado que o que mais queriam era se levantar, agora que estavam em pé, se sentiam inseguros. Parecia que aquelas transições seriam ruins e não boas, e que ficar em pé aumentaria o indício de que seriam baleados.

— As mulheres devem ficar do lado direito do salão e os homens, do esquerdo.

Gen repetiu mecanicamente a frase nas diferentes línguas sem ter uma ideia clara de que países estavam representados ou de quem precisava de um intérprete. Sua voz soava monótona e tranquilizadora, como os anúncios ouvidos em estações de trem e aeroportos.

Mas os homens e as mulheres não se separaram rapidamente. Pelo contrário: eles se agarraram uns aos outros, os braços envolvendo os pescoços. Casais que não se agarravam assim há anos, que talvez jamais tivessem se portado desse modo em público, se abraçaram muito forte. Era como uma festa que simplesmente tinha durado tempo demais. A música havia parado, a dança havia parado e os casais ainda estavam enlaçados, esperando. O único casal que não parecia combinar era composto por Roxane Coss e o pianista. Ela ficava tão pequena nos braços dele que quase parecia uma criança. Ela não dava a impressão de querer ser abraçada por ele, mas, olhando mais de perto, na verdade ela é que o estava escorando. Ele se dobrou por cima dela, e a careta no rosto dela era a de uma mulher incapacitada para o peso que lhe fora imputado. O Sr. Hosokawa, reconhecendo sua aflição (porque ele estivera olhando, não tendo ninguém para abraçar, já que a esposa estava segura em casa em Tóquio), pegou o músico nos braços, colocando o homem muito maior do que ele em volta dos ombros como um casaco. O Sr. Hosokawa cambaleou um pouco, mas não era nada se comparado ao alívio que percorreu o rosto dela.

— Obrigada — disse ela.

— Obrigado — repetiu ele.

— Você vai tomar conta dele? — Nesse ponto, o músico levantou a cabeça e voltou a sustentar um pouco do peso com os próprios pés.

— Obrigado — repetiu o Sr. Hosokawa ternamente.

Outros homens, homens sozinhos, principalmente os garçons, que queriam ter tirado aquele gringo moribundo dos ombros dela, se moveram para ajudar o Sr. Hosokawa, e juntos se arrastaram para o lado esquerdo do salão com o homem cheirando a azedo, a cabeça loura balançando como se tivesse quebrado o pescoço. O Sr. Hosokawa se virou para olhá-la, tão pesaroso por pensar que ela ficaria sozinha. Ele deve ter pensado que ela o observava, mas na verdade ela olhava o seu colega músico, que estava caído nos braços do Sr. Hosokawa. Uma vez que ele se distanciou dela, era bem mais fácil ver como ele parecia doente.

Agora, em face de tantas despedidas apaixonadas, passou pela cabeça do Sr. Hosokawa que nunca nem tinha considerado trazer a mulher para este país. Ele não disse a ela que havia sido convidada. Ele disse que iria comparecer a uma reunião de negócios, não a uma festa de aniversário em sua homenagem. O acordo tácito entre os dois era que a Sra. Hosokawa sempre ficaria em casa com as filhas. Eles não viajavam juntos. Agora ele podia ver como essa decisão fora inteligente. Ele poupava a esposa de passar por esse desconforto ou de sofrer algum mal. Ele a havia protegido. Mas, ainda assim, não conseguia evitar se perguntar como seria se os dois estivessem juntos agora. Eles teriam sentido tanta tristeza quando mandaram os casais se afastarem?

Pelo que pareceu ser um longo tempo, mas poderia ter sido nem um minuto inteiro, Edith e Simon Thibault nada disseram um ao outro. Então ela o beijou, e ele disse:

— Gosto de pensar em você lá fora.

Ele poderia não ter falado nada, não faria diferença. Ele estava pensando naqueles primeiros vinte anos do casamento, anos em que ele a amou sem que percebesse isso exatamente. Agora seria sua punição, por todo o tempo desperdiçado. Sua querida Edith. Ela tirou a echarpe leve de seda que estava usando. Ele havia se esquecido de pedir. Era de um azul maravilhoso, o azul usado nos pratos de jantar dos reis e no peito dos pássaros exatamente desta floresta abençoada por Deus. Ela amassou a echarpe até virar uma bola surpreendentemente pequena e a pressionou dentro das mãos dele, que estavam abertas esperando.

— Não faça nenhuma estupidez — pediu ela e, porque era a última coisa que ela pedia, ele jurou que não faria.

Na maior parte dos casos, a separação dos refêns foi civilizada. Nenhum casal precisou ser separado por uma arma. Quando perceberam que o tempo juntos realmente havia acabado, os homens e as mulheres se separaram, como se uma coreografia de dança fosse começar e logo eles fossem se juntar, se separar e trocar de lugar, passando os parceiros adiante para recebê-los de volta nos braços.

Messner tirou uma pilha de cartões de visita da carteira e entregou um a cada general, um a Gen e um, atenciosamente, ao Vice-Presidente; deixou o restante em um prato na mesa de centro.

— Aí tem o número do meu telefone celular — disse. — É só meu. Se quiserem falar comigo, liguem para esse número. Eles deixaram as linhas de telefone da casa abertas, por enquanto.

Cada um deles olhou para os cartões com perplexidade. Era como se ele estivesse chamando-os para almoçar, como se não entendesse a gravidade da situação.

— Vocês podem precisar de alguma coisa — disse Messner. — Podem

querer conversar com alguém lá fora.

Gen se curvou ligeiramente. Ele deveria ter se curvado até a cintura para Messner, a fim de mostrar respeito por ele ter entrado neste lugar, por arriscar a vida por eles, mas sabia que ninguém entenderia. Então o Sr. Hosokawa se aproximou, pegou um cartão do prato, apertou a mão de Messner e curvou-se profundamente, o rosto voltado para o chão.

Depois disso, os Generais Benjamin, Alfredo e Hector se encaminharam até o grupo dos homens e retiraram o pessoal de serviço: garçons, cozinheiros e faxineiros, e os colocaram junto das mulheres. Era sua intenção final livrar os trabalhadores por meio da revolução e eles não os manteriam reféns. Perguntaram se alguém estava muito doente e fizeram Gen repetir a pergunta diversas vezes. Alguém poderia pensar que cada membro do grupo fingiria um problema cardíaco, mas a multidão ficou notavelmente quieta. Vários homens idosos se arrastaram para a frente, um italiano bonito mostrou uma pulseira de identificação médica e voltou aos braços da mulher. Apenas um homem mentiu, e sua mentira não foi descoberta: o Dr. Gomez explicou que seus rins haviam falhado anos antes e ele já estava atrasado para a hemodiálise. Sua esposa se virou para o outro lado, envergonhada. O mais doente entre eles, o músico, parecia confuso demais para fazer o pedido por conta própria e então foi colocado em uma cadeira ao lado onde eles certamente não o esqueceriam. Os padres também estavam na lista dos que seriam libertados. O Monsenhor Rolland fez o sinal da cruz sobre os que permaneceram, um gesto amável, e se afastou, mas o Padre Arguedas, que realmente não tinha tarefas urgentes para cumprir, pediu permissão para ficar.

— Ficar? — perguntou o General Alfredo.

— Vocês vão precisar de um padre — explicou.

Alfredo sorriu de leve, e esse foi seu primeiro sorriso.

— Realmente, você vai querer ir embora.

— Se as pessoas estiverem aqui no domingo, vocês vão precisar de alguém para rezar a missa.

— Vamos rezar sozinhos.

— Com todo o respeito, senhor — disse o padre, os olhos voltados para baixo. — Eu vou ficar.

E assim o assunto foi encerrado. O Monsenhor Rolland nada podia fazer, além de assistir impotente à cena. Ele já estava ao lado das mulheres e a vergonha por esse fato o encheu de uma raiva assassina. Ele poderia ter esganado o jovem padre até a morte com uma única mão, mas era tarde demais. Ele já tinha sido salvo.

O Vice-Presidente deveria ter recebido atendimento médico, mas não ousou pedir. Em vez disso, passando mal de febre e segurando um pacote de gelo derretido no rosto, mandaram-no sair pela porta e passar pelo pesado portão para

anunciar a libertação à imprensa. Ele mal teve um segundo com a esposa, uma mulher decente que fez do trabalho da sua vida o bem-estar da carreira dele e nunca disse uma palavra enquanto o via jogar o trabalho dela fora. Ele não teve um minuto com suas duas filhas, Imelda e Rosa, que haviam se comportado tão bem, deitadas o dia inteiro ao lado deles, envolvidas em um complexo jogo com os dedos que ele não conseguiu reconhecer. Ele não disse nada a Esmeralda porque não havia palavras para lhe agradecer. Ele estava preocupado com ela. Se ele fosse morto, eles a manteriam? Esperava que sim. Ela possuía uma postura formidável e era paciente com as crianças. Ela lhes havia ensinado a desenhar figuras de animais em pequenas pedras e criar mundos elaborados com elas. Havia várias delas lá em cima. Mais cedo ou mais tarde ele seria capaz de sair e procurar por elas. Sua esposa agarrou o filho até ele chorar por causa da pressão das suas mãos. Ela tinha medo de que tentassem levá-lo para o lado dos homens, mas Ruben afagou seus dedos e a acalmou.

— Ninguém vai segurar a criança — disse. Ele beijou Marco na cabeça, beijou seu cabelo sedoso, que cheirava a menino. Então foi até a porta.

Ele era um homem melhor para a função do que o Presidente Masuda. O Presidente não conseguia falar nada que não estivesse escrito. Não era um homem burro, mas lhe faltava espontaneidade. Além disso, possuía um temperamento forte e um orgulho falso e não aguentaria receber ordens que o mandassem do chão para a porta e vice-versa. Ele diria algo de improviso e levaria um tiro, o que eventualmente faria com que todos também fossem baleados. Pela primeira vez, ele pensou que foi melhor que Masuda tivesse ficado em casa para assistir à sua novela porque Ruben poderia atuar como um subordinado, como um assistente e, agindo assim, poderia salvar a vida de sua mulher, das crianças, da bela governanta e da famosa Roxane Coss. O trabalho em particular que lhe foi dado desta vez era realmente mais condizente com os talentos de um Vice-Presidente. Messner saiu e se juntou a ele nos degraus da frente. O dia tinha ficado nublado, mas era maravilhoso respirar aquele ar. As pessoas no final do caminho abaixaram as armas e as mulheres saíram, os vestidos brilhando na luz do final de tarde. Se não fosse pela polícia e os fotógrafos, uma pessoa que passasse poderia pensar que se tratava de uma festa na qual todos os casais tinham brigado e as mulheres resolveram sair mais cedo e sozinhas. Elas estavam chorando e seus penteados caíam em nós embaraçados. Suas maquiagens estavam borradas e seguravam as saias. A maioria carregava os sapatos ou os havia deixado para trás, e as meias se rasgavam nas pedras chatas de xisto do caminho da frente da casa, embora nenhuma delas prestasse atenção a isso. Podiam estar vindo de um navio naufragando, de um edifício em chamas... Quanto mais se afastavam da casa, mais choravam. Os poucos homens, os empregados, os enfermos, saíram atrás delas, parecendo desamparados em face de tanta tristeza pela qual não eram responsáveis.

Um esclarecimento: todas as mulheres foram libertadas com exceção de uma.

Ela estava em algum lugar no meio da fila. Como as outras mulheres, ela não olhava para fora, na direção da porta aberta, mas para trás, na direção do salão e do chão onde dormira como se não tivesse sido apenas uma noite, mas vários anos. Ela olhava para trás, para os homens que não saíam da casa, sendo que, na verdade, não conhecia qualquer um deles. A não ser pelo cavalheiro japonês, em cuja homenagem a festa havia sido planejada, e certamente não o *conhecia*, mas ele tinha sido solícito em ajudá-la com o pianista e, devido a isso, procurou por ele e sorriu. Os homens, agrupados no extremo do salão, alternavam o pé de apoio, todos nervosos e com olhares tristes. O Sr. Hosokawa retribuiu o sorriso, um reconhecimento breve e digno, e inclinou a cabeça. Exceto pelo Sr. Hosokawa, os homens não estavam pensando em Roxane Coss. Eles haviam se esquecido dela e dos impressionantes agudos de suas árias. Observavam suas esposas desaparecerem na tarde iluminada, sabendo que havia uma possibilidade de que não fossem se ver novamente. O amor que sentiam subiu até suas gargantas e bloqueou a passagem de ar. Lá se foram Edith Thibault, a mulher do Vice-Presidente, a bela Esmeralda.

Roxane Coss estava bem próxima da porta, talvez a uma distância de umas seis mulheres, quando o General Hector deu um passo à frente e segurou-lhe o braço. Não foi um gesto particularmente agressivo. Ele poderia estar apenas tentando acompanhá-la até algum lugar, talvez ele quisesse que ela fosse para a frente da fila.

— *Espere* — disse e apontou para a parede, na qual ela deveria ficar encostada, próxima a uma grande pintura de Matisse que representava peras e pêssegos em uma tigela. Era um dos dois únicos quadros de Matisse do país, e tinha sido emprestado pelo museu de arte para a festa. Roxane, confusa, nesse momento olhou para o intérprete.

— *Espere* — Gen traduziu, falando com uma voz suave, tentando fazer a palavra soar da forma mais agradável possível. Dizer “espere”, afinal de contas, não significava que ela nunca mais sairia, apenas que sua saída sofreria um atraso.

Ela absorveu a palavra, refletiu sobre ela por um momento. Ainda duvidou do seu significado mesmo quando a ouviu em inglês. Quando criança, tinha esperado. Tinha esperado na fila da escola, esperado pelos testes. Mas a verdade é que há vários anos absolutamente ninguém pedia que ela esperasse. Os outros é que a esperavam. E não o contrário. E tudo isso, a festa de aniversário, o país

ridículo, as armas, o perigo, a *espera* envolvida, tudo parecia uma grande chacota. Ela puxou o braço para trás com força e o baque fez com que os óculos do general deslizassem do nariz dele.

— Olhe — disse ela para o General Hector, sem querer mais tolerar as mãos dele em sua pele. — Agora basta. — Gen abriu a boca para traduzir, mas, pensando melhor, se conteve. Além do mais, ela não tinha acabado de falar. — Eu vim aqui para fazer um trabalho, cantar em uma festa, e cumpri minha parte. Disseram que eu deveria deitar no chão com todas essas pessoas que você tem alguma razão para manter aqui, e eu fiz isso. Mas agora chega. — Ela apontou para a cadeira onde o pianista estava encurvado. — Ele está doente. Tenho que ficar com ele. — Ainda que essas últimas palavras tenham parecido o mais frágil de seus argumentos. Curvado para a frente, os braços pendurados aos lados como bandeiras em um dia especialmente sem vento, o músico parecia mais morto do que doente. Ele sequer levantou a cabeça quando ela falou. A fila parou de andar, mesmo as mulheres que estavam livres para sair pararam a fim de observá-la, a despeito do fato de terem ou não ideia do que ela estava dizendo. Foi nesse instante de incerteza, a pausa inevitável que antecede a tradução, que Roxane Coss viu o momento propício para sair. Fez um gesto evidente em direção à porta da frente, que estava aberta, aguardando. O General Hector se aproximou para agarrá-la e, não conseguindo pegar o braço, agarrou-a firmemente pelo cabelo. Tal cabelo tornava qualquer mulher um alvo fácil. Era como estar pregada a diversas cordas finas.

Três coisas aconteceram quase simultaneamente: primeiro, Roxane Coss, soprano lírico, soltou um som agudo e cristalino provocado pelo que pareceu uma combinação de surpresa e dor, uma vez que o puxão fez com que seu pescoço recuasse para trás subitamente; segundo, todos os convidados da festa (exceto o pianista que a acompanhara) deram um passo para a frente, tornando evidente que havia chegado o momento da insurreição; terceiro, todos os terroristas, cujas idades variavam entre quatorze e quarenta e um anos, engataram as armas que carregavam, e o alto clique metálico imobilizou a todos, como se fosse um filme montado em um só quadro. E então todo o salão pôs-se à espera, como se o tempo tivesse parado, até que Roxane Coss, sem qualquer outro gesto além de alisar o vestido e tocar o cabelo, virou-se e colocou-se ao lado de uma pintura que, falando francamente, tratava-se de um trabalho menos importante do pintor.

Depois disso, os Generais começaram a discutir calmamente entre si, e até os soldados rasos, os pequenos bandoleiros, se inclinaram, tentando escutar a conversa. As vozes formavam um burburinho ininteligível. Ouviu-se a palavra *mulher*, assim como *nunca* e *acordo*. E então um deles disse com uma voz baixa e confusa:

— Ela podia cantar.

As cabeças dos Generais estavam juntas e, por isso, não havia como dizer

quem dissera a frase. Poderia ter sido qualquer um deles, qualquer um de nós.

Havia motivos piores para se manter uma pessoa refém. Você mantém uma pessoa sempre por aquilo que ela vale para você, por aquilo pelo qual ela pode ser trocada, dinheiro ou liberdade, ou alguém que você queira mais. Qualquer indivíduo pode ser um tipo de moeda de troca quando você descobre uma maneira de mantê-lo. Portanto, manter uma pessoa para cantar, porque aquilo que se deseja é a voz dela — não era a mesma coisa? Os terroristas, não tendo tido oportunidade de conseguir o que planejavam e desejavam durante o ataque, decidiram ficar com outra coisa como compensação, algo que jamais em suas vidas souberam que queriam até que se acocoraram na abertura baixa e escura dos dutos de ar-condicionado: ópera. Decidiram manter exatamente aquilo pelo qual o Sr. Hosokawa vivia.

Roxane aguardava sozinha contra a parede, perto das frutas caídas e brilhantes, e chorou de frustração. Os Generais começaram a elevar as vozes enquanto o restante das mulheres e os empregados seguiam em fila indiana. Os homens observavam com o semblante carregado e os jovens terroristas mantinham as armas para o ar. O pianista, que dormira durante alguns instantes na cadeira, recobrou-se o suficiente para se levantar e caminhou para fora do salão auxiliado pelos ajudantes de cozinha, sem nunca imaginar que sua companheira estava agora atrás dele.

— Assim está melhor — disse o General Benjamin, fazendo um enorme círculo sobre o chão que anteriormente estivera coberto de reféns. — Agora se pode respirar.

Do lado de dentro, podiam ouvir a recepção com aplausos e comemorações para os reféns que não valiam a pena serem mantidos. O espoucar reluzente dos flashes das câmeras se destacavam no outro lado do muro dos jardins. No meio da confusão, o pianista entrou novamente pela porta da frente, que ninguém tinha se dado o trabalho de trancar. Ele a escancarou com tanta força que a porta bateu contra a parede, a maçaneta deixando uma marca na madeira. Eles o teriam matado, mas o reconheceram.

— Roxane Coss não está lá fora — disse em sueco. A voz saía difícil, as consoantes meio presas entre os dentes. — Ela não está lá fora!

A fala do pianista estava tão indistinta que mesmo Gen levou um minuto para reconhecer a língua. Seus conhecimentos de sueco vinham basicamente a partir dos filmes de Bergman. Ele havia aprendido quando estava na universidade, juntando os sons com as legendas dos filmes. Em sueco, ele só conseguia conversar sobre assuntos sombrios.

— Ela está aqui — disse Gen.

A saúde do músico pareceu melhorar repentinamente devido à raiva, e por um instante o sangue voltou a colorir suas faces cinzentas.

— Todas as mulheres foram libertadas! — Ele balançou as mãos no ar

como se estivesse espantando os corvos de uma plantação de milho, os lábios cada vez mais azuis logo ficaram brilhantes com a espuma de sua saliva. Gen repetiu a informação em espanhol.

— Christopf, aqui — disse Roxane e deu um aceno breve, como se os dois tivessem ficado afastados por poucos minutos em uma festa.

— Fiquem comigo no lugar dela — urrou o pianista, os joelhos oscilando perigosamente a ponto de se curvar novamente. Era uma oferta deliciosamente cavalheiresca, embora cada um no salão soubesse que ninguém o queria e que todos a queriam.

— Ponham esse homem lá fora — disse o General Alfredo.

Dois dos garotos deram um passo à frente, mas o pianista, que ninguém pensou que fosse escapar no seu estado de rápida e misteriosa deterioração, passou velozmente por eles e se sentou com força no chão ao lado de Roxane Coss. Um dos garotos apontou a arma para o centro de sua grande cabeça loura.

— Não acerte nela por acidente — ordenou o General Alfredo.

— O que ele está dizendo? — Roxane Coss gemeu.

Relutante, Gen traduziu.

Por acidente. Era assim que as pessoas levavam tiro nessas situações. Sem intenção, só uma bala alguns centímetros fora do lugar. Roxane Coss prendeu a respiração e amaldiçoou cada pessoa do salão. Morrer porque um terrorista sem habilidade tinha uma pontaria fraca não era exatamente a maneira como ela queria ir embora. A respiração do pianista estava anormalmente rápida e fraca. Ele fechou os olhos e pousou a cabeça contra a perna dela. Seu último ataque de paixão fora demais para ele. Quase imediatamente ele adormeceu.

— Pelo amor de Deus — disse o General Benjamin, cometendo um de seus maiores erros em um sequestro que tinha se constituído em uma sequência de erros —, deixe que ele fique aqui.

Logo que as palavras foram pronunciadas, o pianista caiu para a frente e vomitou uma espuma de tom amarelo-pálido. Roxane estava tentando esticar as pernas dele novamente, dessa vez sem ajuda de ninguém.

— Pelo menos arraste o rapaz para fora — disse ela com raiva. — Não vê que tem alguma coisa errada com ele? — Todo mundo podia ver que havia algo muito, muito errado com ele. A pele estava úmida e fria, da cor da carne de um peixe estragado.

Gen apresentou o pedido, mas foi ignorado.

— Sem o presidente, uma cantora de ópera — disse o General Benjamin. — É uma troca ruim, se você quer saber.

— Ela vale mais com o pianista — argumentou o General Alfredo.

— Você não vai conseguir sequer um dólar por ele.

— Vamos ficar com a cantora — disse calmamente o General Hector, e o assunto terminou ali. Mesmo que Hector fosse provavelmente o que falava

menos, todos os soldados o temiam muito. Até os outros dois Generais agiam com cautela diante dele.

Todos os refêns, incluindo Gen, se encontravam do lado oposto de onde Roxane Coss e o músico estavam encostados contra a parede. O Padre Arguedas fez uma oração em silêncio e depois se encaminhou para ajudá-la. Quando o General Benjamin lhe ordenou que retornasse para o seu lado do salão, ele sorriu e anuiu com a cabeça, como se o General estivesse fazendo uma piada curta e, dessa forma, não cometendo um pecado. O padre estava impressionado com o ritmo do próprio coração, com o medo que lhe perpassava as pernas e as tornava mais fracas. Não era o medo de levar um tiro, evidentemente, pois ele não acreditava que lhe fossem dar um tiro, e, se o fizessem, então paciência. O medo vinha do aroma dos pequeninos lírios em forma de sino e do brilho quente e amarelo do cabelo dela. Desde os quatorze anos, no ano em que ele oferecera o coração para Cristo e colocara todas essas preocupações atrás de si, tais coisas não o tocavam. E por que será que ele sentia, no meio de tanto medo e confusão, no perigo mortal para tantas vidas, uma sensação irrestrita e leviana de boa sorte? Que extraordinária boa sorte! Ser amigo de Ana Loya, prima da mulher do Vice-Presidente, que fizera esse pedido tão extravagante em favor dele, pedido esse que fora amavelmente concedido de forma que ele pudesse estar nos fundos do salão para ouvir, pela primeira vez na vida, música de ópera ao vivo — e cantada por Roxane Coss, considerada por quase todos como a maior soprano da época. Para começar, que a cantora viesse a um país como este já teria sido suficiente. A honra que ele teria sentido, ao deitar em seu catre no porão da residência paroquial, só em saber que ela estaria por uma noite na mesma cidade em que ele vivia já teria sido uma dádiva milagrosa. Mas que ele tivesse tido a oportunidade de vê-la e depois, por destino (que pode muito bem pressagiar coisas terríveis, mas que ainda assim era, como sempre é o destino, a *vontade de Deus*, o Seu desejo), que ele estivesse aqui agora, se aproximando para ajudá-la com a arrumação desajeitada dos delgados membros do músico que a acompanhava, se aproximando o suficiente para sentir o odor dos lírios e ver sua pele branca desaparecendo na gola do vestido cor de pistache... Ele percebeu que alguns grampos permaneciam pregados na coroa da cabeça dela, impedindo que o cabelo lhe caísse sobre os olhos. Que dádiva! Ele não conseguia pensar de forma diferente. Já que ele acreditava que uma voz como a dela se originava de Deus, se sentia agora próximo do amor de Deus. E o batimento em seu peito, o tremor em suas mãos, tudo se encaixava. Como seu coração não estaria tão repleto de amor estando tão perto de Deus?

Ela sorriu para ele, um sorriso amável porém apropriado para as atuais circunstâncias.

— Sabe por que eles me mantêm aqui? — sussurrou ela.

Ao ouvir o som da voz da moça, ele sentiu sua primeira onda de decepção.

Não por causa dela, nunca, mas por ele. Inglês. Todo mundo dizia que era importante aprender inglês. O que os turistas diziam? “*Have a nice way?*” Porém, e se essa resposta fosse inadequada? E se fosse magoá-la de alguma forma? Ele poderia estar pedindo algo, filme para a máquina, informações de localização ou mesmo *dinheiro*. Ele rezou. Finalmente, com ar triste, disse a única palavra sobre a qual não tinha dúvidas:

— Inglês.

— Ah — ela reagiu, aquiescendo solidariamente e voltando a atenção para o trabalho que tinha a fazer.

Quando os dois acomodaram o pianista de maneira que ele ao menos parecia confortável, o Padre Arguedas pegou o próprio lenço e limpou o vômito do rosto do músico. Ele não iria fingir ter conhecimento médico, mas tinha passado um bom tempo visitando os doentes, e o sacramento que ministrara com mais frequência fora o viático. Devido a essas duas experiências, ele diria que este homem, que havia tocado piano tão maravilhosamente, parecia mais próximo do viático do que muitos outros casos de doentes.

— Católico? — perguntou o padre a Roxane Coss, tocando o peito do músico.

Ela não fazia ideia se o homem que a acompanhava ao piano tinha alguma relação com Deus, muito menos por que igreja tal possível relação pudesse se dar. Ela encolheu os ombros. Pelo menos, ela podia se comunicar assim com o padre.

— Católica? — perguntou ele, só por curiosidade, e apontou polidamente para ela.

— Eu? — perguntou ela, tocando a frente do vestido. — Sou. — E depois confirmou com a cabeça. — *Sí, católica*. — Duas simples palavras, mas ela ficou orgulhosa de responder em espanhol.

Ele sorriu com a resposta. Quanto ao pianista, se estava morrendo, se era católico — tais dúvidas iriam continuar como dois grandes “ses”. Porém, no que tange aos assuntos relativos ao descanso eterno das almas, era melhor pecar pelo excesso. Se, erroneamente, ele ministrasse a extrema-unção para um judeu que depois se recuperaria, que mal teria ele feito senão tomar um pouco do tempo dele, e, além do mais, era o tempo de um refém político inconsciente. Ele bateu de leve na mão de Roxane. Parecia a mão de uma criança! Tão pálida, tão macia, arredondada em cima. Em um dedo, ela usava uma pedra verde-escura do tamanho de um ovo de codorna rodeada de uma flamejante fileira de brilhantes. Normalmente, quando ele via mulheres usarem anéis como aquele, desejava que elas os dessem como doações para os pobres, mas hoje ficou imaginando o prazer de deslizar delicadamente o anel para aquele dedo. Esse pensamento não era apropriado, ele podia perceber isso, e sentiu um suor nervoso surgir na testa. E ele não tinha mais o lenço. Pediu licença para se afastar e falar com os Generais.

— Aquele homem ali — disse o Padre Arguedas, baixando a voz —, acredito que esteja morrendo.

— Ele não está morrendo — retrucou o General Alfredo. — Está tentando tirar a mulher daqui. Está fingindo que vai morrer.

— Acho que não. A pulsação, a cor da pele. — Ele olhou para trás, por cima do ombro, para além do grande piano e dos imensos ramos de lírios e rosas arrumados para a decoração de uma festa que já tinha acabado havia muito tempo, para o local onde o pianista jazia na beira do tapete, como uma mancha de algo que tivesse sido derramado. — Certas coisas não se pode fingir.

— Ele preferiu ficar. Nós o colocamos porta afora e ele voltou. Essas ações não são típicas de um homem que está morrendo. — O General Alfredo virou o rosto para o outro lado. Ele esfregou a mão. Já fazia dez anos que aqueles dedos tinham ido embora e ainda doíam.

— Volte para o lugar onde mandaram você ficar — ordenou o General Benjamin ao padre. Ele estava aproveitando uma pausa de falso alívio, ao ver metade das pessoas fora dali, como se metade dos seus problemas estivessem solucionados. Ele sabia ser uma sensação falsa, mas queria algum tempo tranquilo para aproveitá-la. O salão parecia bem amplo.

— Eu gostaria de pegar óleo na cozinha para ministrar a extrema-unção.

— Nada de cozinha — disse o General Benjamin, balançando a cabeça. E acendeu um cigarro, como para mostrar o quanto era rude na frente do jovem padre. Ele queria que o padre e o pianista tivessem deixado a casa quando tiveram a oportunidade. As pessoas não deviam ter permissão de decidir se queriam permanecer reféns. Ele tinha muito pouca experiência em ser maleducado com padres e precisou do cigarro como apoio. Sacudiu o fósforo e jogou-o no tapete. Ele queria soprar a fumaça para a frente, mas não conseguiu.

— Posso fazer sem o óleo — disse o Padre Arguedas.

— Nada de extrema-unção — rebateu o General Alfredo. — Ele não está morrendo.

— Eu só estava pedindo o óleo — disse o padre respeitosamente. — Eu não estava falando sobre a unção dos enfermos.

Todos os Generais queriam interrompê-lo, bater nele, mandar um dos soldados obrigá-lo a marchar de volta para a fila com uma arma nas costas, mas nenhum deles se sentiu capaz de fazer isso. Tal reação se devia ao poder da Igreja ou ao poder da cantora de ópera se inclinando sobre o homem que eles acreditavam ser amante dela. O Padre Arguedas retornou para perto de Roxane Coss e do pianista. Ela havia desabotoado o primeiro botão da camisa do colega e estava ouvindo seu peito. O cabelo da cantora se espalhava sobre o pescoço e os ombros dele de uma maneira que o teria perturbado incomensuravelmente, se ele estivesse consciente, mas ela não conseguiu acordá-lo. Nem o religioso. O Padre Arguedas se ajoelhou ao lado dele e começou a rezar a extrema-unção.

Talvez o sacramento parecesse mais grandioso quando havia os paramentos e as vestimentas, quando havia óleo com o qual se trabalhar, quando havia a beleza das velas, mas uma oração simples muitas vezes parecia estar mais próxima de Deus. Ele tinha esperanças de que o pianista fosse católico. Ele tinha esperanças de que a alma dele seguisse rapidamente para os braços abertos de Cristo.

— Deus, Pai de misericórdia, que, através da morte e ressurreição do Seu Filho, Se reconciliou com o mundo e enviou o Espírito Santo entre nós para o perdão de nossos pecados; através do ministério da Igreja, possa Deus conceder-lhe perdão e paz. — O Padre Arguedas sentiu uma onda de ternura por esse homem, uma ligação de amor quase asfixiante. Ele havia tocado para ela. Dia após dia, ele havia ouvido a voz dela, que o havia moldado.

— Eu o absolvo de seus pecados — sussurrou ele, com total sinceridade, no ouvido branco como giz. E, verdadeiramente, ele perdoou o pianista por tudo o que ele pudesse ter feito — ...em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

— Unção dos enfermos? — perguntou Roxane Coss, tomando a mão fria e mole que havia trabalhado para acompanhá-la, tanto e tão incansavelmente. Ela não conhecia a língua, mas os rituais do catolicismo eram reconhecíveis em qualquer lugar. Não se tratava de um bom sinal.

— Pelos sagrados mistérios de nossa redenção, possa o Deus todo-poderoso livrá-lo de todos os castigos nesta vida e na vida por vir. Possa Ele abrir-lhe os portões do paraíso e recebê-lo na alegria da vida eterna.

Roxane Coss parecia tonta, como se o hipnotizador tivesse balançado o relógio, mas ainda não tivesse estalado os dedos.

— Era um pianista muito bom — comentou ela, que queria se juntar às orações, mas sinceramente não se lembrava das palavras. Então acrescentou: — Era exigente.

— Vamos pedir ao Senhor para receber nosso irmão com Seu amor misericordioso e conceder-lhe alívio através deste óleo sagrado. — O Padre Arguedas lambeu o polegar, porque precisava de algo molhado e não conseguiu pensar em outra opção. Marcou a testa do pianista dizendo:

— Por meio deste óleo sagrado, possa o Senhor, em Seu amor e bondade, ajudá-lo a com a graça do Espírito Santo.

Roxane podia ver as freiras ao redor dela enquanto memorizava as orações. Podia ver os terços feitos de madeira escura pendurados no cinto, podia sentir o aroma de café na respiração delas e um leve odor de transpiração no tecido de suas túnicas, Irmã Joan, Irmã Mary Joseph e Irmã Serena. Ela conseguia se lembrar de cada uma delas, mas nem uma única palavra de oração.

— Às vezes, nós pedíamos sanduíches e café depois de um ensaio — contou, embora o religioso não pudesse entendê-la e o músico não mais ouvisse a sua voz. — Então conversávamos um pouco. — Ele havia contado sobre a sua infância. Será que ele era sueco ou norueguês? Ele contava como fazia frio no

inverno, mas que ele nunca tinha notado, já que crescera ali. A mãe não deixava que ele jogasse qualquer jogo com bola porque se preocupava muito com as mãos dele. Não depois de todo o dinheiro que ela havia despendido em aulas de piano.

O Padre Arguedas ungiu as mãos do pianista dizendo:

— Possa o Senhor que o liberta dos pecados salvá-lo e elevá-lo aos céus.

Roxane pegou uma mecha do cabelo fino e louro do pianista e a manteve entre os dedos. Parecia de um anêmico. Parecia pertencer a alguém que não estivesse mais neste mundo. A verdade é que ela tinha odiado um pouco o pianista. Eles trabalharam juntos cordialmente durante meses. Ele era um bom músico. Tocava com paixão, mas nunca tentou ofuscá-la. Era quieto e reservado e ela apreciava essas características. Ela não tentou fazer com que se abrisse mais. Nunca pensou nele o suficiente para imaginar se deveria fazer isso. Então, decidiu-se que ele a acompanharia nesta viagem. Assim que o avião levantou voo, o pianista pegou a mão dela e lhe contou que carregava um peso impossível de amor. Ela não sabia? Todos aqueles dias perto dela, ouvindo-a cantar. Ele se inclinou sobre o assento dela e tentou pressionar a orelha contra o seu peito, mas ela o empurrou. Foi assim em cada minuto do voo de dezoito horas. Foi assim na limusine que os levou até o hotel. Ele suplicou e chorou como uma criança. Catalogou cada traje que ela havia vestido em cada ensaio. Do lado de fora da janela do automóvel, uma impenetrável muralha de folhas e trepadeiras passava com velocidade. Para onde ela estava indo? Ele deslizou um dedo para tocar a saia dela, e ela o repeliu com as costas da mão.

Roxane baixou a cabeça e fechou os olhos, apertando as mãos juntas que ainda seguravam uma mecha do cabelo dele.

— Uma oração pode ser apenas algo agradável — a Irmã Joan havia dito. A Irmã Joan era a sua favorita, jovem e quase bonita. Ela sempre tinha chocolate em sua mesa. — Nem sempre são as coisas que você quer. Podem ser as coisas que você aprecia. — A Irmã Joan frequentemente pedia para Roxane cantar para as crianças da congregação, cantar “Oh, Maria, Te Coroamos com Flores”, mesmo no auge do inverno em Chicago.

— Ele sempre gostava de ouvir sobre Chicago; eu cresci em Chicago — ela sussurrou. — Ele queria saber como era crescer perto de um teatro de ópera. Dizia que agora que estava na Itália nunca mais sairia de lá. E dizia que não conseguiria mais suportar os gélidos invernos do norte.

O Padre Arguedas elevou o olhar para ela, desesperado por entender o que ela estava dizendo. Seria uma confissão, uma oração?

— Talvez tenha sido algo que ele comeu — disse ela. — Pode ser que ele fosse alérgico a algum alimento. Talvez já estivesse doente antes de chegar aqui. — Certamente não era o homem que ela havia conhecido.

Os três ficaram quietos por um instante, o pianista com os olhos fechados, a

cantora de ópera e o padre com as cabeças abaixadas, mirando aqueles olhos fechados. Então, algo ocorreu a Roxane Coss e, sem hesitar, ela procurou nos bolsos dele e tirou a carteira, o lenço e um pacote de pastilhas de hortelã. Examinou a carteira rapidamente. O passaporte estava lá: Suécia. Enfiou as mãos no fundo dos bolsos das calças dele e nesse momento o Padre Arguedas parou a oração para observá-la. Lá, ela encontrou uma agulha hipodérmica, usada e tampada, e um pequeno frasco com uma rolha de borracha, vazia, a não ser por uma ou duas gotas de líquido no fundo. Insulina. Um frasco de insulina vazio. Eles voltariam para o hotel por volta da meia-noite, pelo menos era o prometido. Não havia motivo para trazer mais de uma dose. Ela se levantou com dificuldades, com a prova nas palmas das mãos. O Padre Arguedas levantou a cabeça enquanto ela corria até os Generais.

— Diabético! — gritou ela, uma palavra que devia ser mais ou menos a mesma em qualquer idioma. Os termos médicos têm suas origens do latim; assim, todos deviam entender. Ela virou a cabeça para a parede de homens, onde todos a observavam, como se esta fosse outra noite na ópera e o espetáculo de hoje fosse a morte trágica do músico acompanhador, *Il Pianoforte Triste*.

— Diabético — disse ela a Gen.

Gen, que queria dar ao padre uma oportunidade de agir, aproximou-se e explicou o que os Generais, sem o benefício da tradução, devem ter entendido: o homem estava em coma diabético, o que significava que em algum lugar lá fora estava o medicamento que poderia salvá-lo se ainda estivesse vivo. Eles foram até lá para verificar, o General Benjamin jogando o cigarro na lareira de mármore, que era grande o suficiente para abrigar três crianças grandes. Na realidade, depois que a lareira teve as cinzas retiradas e foi limpa e esfregada, os três filhos do Vice-Presidente tinham entrado lá juntos, fingindo que haviam sido cozinhados por uma bruxa. O Padre Arguedas terminou a oração formal e agora simplesmente estava ajoelhado ao lado do pianista, as mãos juntas, a cabeça inclinada, orando em silêncio que o homem encontrasse consolo e alegria no amor eterno de Deus, agora que estava morto.

Quando o padre abriu os olhos, viu que ele e o pianista não estavam mais sozinhos. O Padre Arguedas sorriu delicadamente para as pessoas ao redor.

— Quem pode nos separar do amor de Cristo? — disse ele a pretexto de explicação.

* * *

Quando Roxane Coss mergulhou no chão foi uma visão linda, o chiffon verde de seu vestido ondulando como se fosse uma cobertura de folhas frescas de primavera sendo levadas pelo vento de abril. Ela tomou entre as suas a mão de

alguém cuja mãe tão bem cuidara, a mão que ela vira tocar os *lieder* de Schumann hora após hora sem se cansar. A mão já estava fria, e as cores de sua face, que não pareciam as adequadas há horas, rapidamente se transformavam em uns tons muito sem propósito, amarelo em volta dos olhos, cor de lavanda pálido tingindo pouco a pouco a pele perto dos lábios. A gravata dele já não estava lá, assim como as presilhas da sua camisa, mas ele ainda usava o fraque preto e o colete branco. Ele ainda estava vestido com as roupas do recital. Nunca, nem por um minuto, ela pensou que se tratava de um homem mau. E ele fora um pianista brilhante. É só que ele não deveria ter esperado até que estivessem presos em um avião para contar o que sentia por ela, e, agora que estava morto, ela nem tinha como usar isso contra ele.

* * *

Todos os homens tinham deixado a parede em que estavam e vindo até o outro lado do salão, onde se encontravam agora mais ou menos ombro a ombro com o grupo de terroristas. Todos eles tinham guardado rancor em relação ao pianista, tinham pensado que era sortudo demais por tocar piano tão bem, tinham pensado que fora atrevido demais, na maneira como a protegera dos outros homens. No entanto, ao vê-lo morto, lamentaram perdê-lo. Afinal de contas, ele morreu por ela. Mesmo do outro lado do salão, em línguas que talvez não compreendessem muito bem, podiam perceber claramente o que estava se passando. Ele nunca contara a ela que era diabético. Preferira ficar com ela a pedir pela insulina que poderia salvar-lhe a vida. O pobre músico acompanhador, um amigo. Era um deles também.

— Agora um homem está morto! — disse o General Benjamin, jogando as mãos para o ar. A sua própria doença flamejava com tal pensamento e a dor parecia agulhas quentes costurando as terminações nervosas de seu rosto.

— Ele não é a primeira pessoa que morre no mundo — respondeu friamente o General Alfredo. Ele mesmo quase tinha morrido mais vezes do que conseguia se lembrar: uma bala no estômago, que quase acabara com ele! Dois dedos alvejados nem seis meses depois disso, e no ano passado uma bala que passara rente ao seu pescoço.

— Não estamos aqui para matar essa gente. Estamos aqui para capturar o Presidente e ir embora.

— Não há Presidente — lembrou Alfredo a ele.

O General Hector, que não confiava em ninguém, abaixou-se e pressionou os próprios dedos delgados contra a jugular do morto.

— Talvez possamos dar um tiro nele e jogar o corpo lá fora. Para que saibam com quem estão lidando.

O Padre Arguedas, que continuava rezando, olhou para cima e encarou os Generais intencionalmente. A ideia de darem um tiro no amigo recém-morto fez com que os refêns que falavam espanhol retrocedessem. Aqueles que não souberam antes que Roxane Coss não falava espanhol agora tinham certeza disso porque ela permaneceu na mesma posição, a cabeça nas mãos, a saia aberta em torno de si, enquanto os Generais falavam em profanação.

Um alemão chamado Lothar Falken, que entendia espanhol apenas o suficiente para ter uma vaga ideia do que estava ocorrendo, aproximou-se furtivamente de Gen e pediu que ele traduzisse.

— Diga para eles que não vai funcionar — disse ele. — A ferida não vai sangrar. Você pode dar um tiro bem no meio da cabeça dele agora e logo vão acabar descobrindo que afinal ele não morreu de um ferimento à bala. — Lothar era vice-presidente da Hoechst, uma empresa farmacêutica, e tinha sido um importante pesquisador em biologia muitos anos antes. Ele estava se sentindo especialmente mal em relação àquela morte, já que a insulina era um dos produtos vendidos pela empresa. Na verdade, a companhia era a principal fabricante alemã do hormônio. Tinham dela em todos os cantos do escritório, amostras grátis de todo tipo de insulina só esperando para serem doadas, frigoríficos repletos de incontáveis frascos de vidros tilintantes prontos para serem usados. Ele viera à festa porque pensara que, se a Nansei estava considerando montar uma fábrica de eletrônicos naquele país, ele também poderia considerar a instalação de uma unidade ali. Agora estava encarando um homem que morrera por falta de insulina. Ele não podia salvar a vida do homem, mas pelo menos podia poupá-lo da indignidade de morrer novamente.

Gen repassou a informação, tentando escolher as palavras que tornassem tudo ainda mais repulsivo, uma vez que ele também não queria ver o pobre pianista levar um tiro.

O General Hector pegou a arma e encarou pensativamente a cena.

— Isso é ridículo — disse.

Neste instante, Roxane Coss olhou para cima.

— Ele vai atirar em quem? — perguntou a Gen.

— Em ninguém — assegurou Gen.

Ela passou os dedos em uma linha reta por baixo dos olhos.

— Bom, ele não está se preparando para limpar a arma. Vão começar a matar a todos nós? — A voz dela soava cansada, pragmática, como se ela dissesse que tinha uma agenda a cumprir e precisava saber como seriam os eventos.

— Você podia contar a verdade a ela — cochichou o Vice-Presidente em espanhol para Gen. — Se existe alguém que possa interromper isso aqui, acho que deve ser ela.

Não podia ser responsabilidade de Gen decidir o que era melhor para ela, o

que dizer e o que ocultar. Ele não a conhecia. Não sabia como ela iria reagir. Porém, nesse momento, ela agarrou o calcanhar dele, da mesma forma como uma pessoa que estivesse de pé agarraria o pulso de alguém durante uma discussão. Ele olhou para baixo, para aquela mão famosa tocando a perna da sua calça, e ficou confuso.

— Inglês — disse ela.

— Eles estão pensando em dar um tiro nele — confessou Gen.

— Ele está morto — argumentou ela, no caso de eles não terem percebido.

— Como você diz morto em espanhol? *Morto*.

— *Difunto* — disse Gen.

— *Difunto!* — A voz dela agora estava deslizante para os registros mais agudos. Ela se colocou de pé. Em algum momento, tinha cometido o erro de tirar os sapatos e, em um salão cheio de homens, essa mulher baixa parecia especialmente baixa. Até mesmo o Vice-Presidente era mais alto que ela alguns centímetros. No entanto, quando jogou os ombros para trás e levantou a cabeça, era como se ela estivesse querendo crescer, como se, após anos aparecendo lá longe em um palco, tivesse aprendido como projetar não apenas a voz, mas também o corpo, e a cólera que se apoderou dela a elevava até que parecesse se erguer sobre eles.

— Entendam o seguinte — disse ela aos Generais. — Qualquer bala que perfurar aquele homem vai passar primeiro por mim. — Ela estava se sentindo muito mal por causa da sua história com o pianista. Ela havia pedido ao comissário de bordo que lhe encontrasse outro lugar, mas o voo estava cheio. Ela fora bem cruel com ele no avião como forma de tentar mantê-lo quieto.

Apontou o dedo para Gen, que, relutantemente, traduziu o que ela dissera.

Os homens que os cercavam como se formassem uma plateia aprovaram o gesto. Tanto amor! Ele havia morrido por ela, ela morreria por ele!

— Vocês capturaram uma mulher, uma americana, e a única pessoa de quem todos no mundo já ouviram falar antes, e, se vocês me matarem, não se iludam, vocês terão que... você está pegando tudo? — perguntou ela para o intérprete. — A verdadeira ira do Senhor vai recair sobre vocês e seu povo.

Mesmo tendo Gen traduzido, uma simples tradução palavra por palavra, todas as pessoas no recinto compreenderam o que ela estava dizendo, sem necessidade do intérprete, da mesma forma como elas teriam compreendido se ela cantasse Puccini em italiano.

— Tirem aquele homem daqui. Arrastem o corpo dele para a escada da entrada, se vocês precisarem, mas deixem que o pessoal lá de fora envie o pianista para casa sem um arranhão. — Um ligeiro suor surgiu na testa de Roxane Coss, fazendo-a brilhar como Joana d'Arc diante da fogueira. Quando ela terminou seu discurso, inspirou profundamente, enchendo por completo os sólidos pulmões, e voltou a sentar-se. Mantendo as costas viradas para os Generais,

inclinou-se para pousar a cabeça contra o peito do pianista. Deitada no tórax imóvel, conseguiu recompor-se. Ela ficou surpresa por achar o corpo dele reconfortante e pensou se era porque podia gostar dele agora que estava morto. Quando se sentiu dona de si novamente, ela o beijou para reforçar esse ponto. Os lábios dele estavam frouxos e frios sobre a resistência firme dos dentes.

De algum lugar do meio do grupo, o Sr. Hosokawa deu um passo à frente, meteu a mão no bolso e lhe estendeu um lenço, limpo e passado. Era estranho, pensou ele, estar reduzido a tão pouco, ter tão pouco a oferecer... e, no entanto, ela o apanhou como se o lenço dele fosse a coisa que ela mais almejasse e o comprimiu sob os olhos.

— Todos de volta aos lugares — ordenou o General Benjamin, sem querer presenciar outra troca comovente. Ele se afastou e foi se sentar em uma das grandes poltronas *bergère* perto da lareira e acendeu um cigarro. Não havia nada a fazer. Ele não podia dar um golpe nela, como gostaria; certamente haveria uma revolta no salão e ele não estava certo se os membros mais jovens do seu exército não acabariam por atirar para defendê-la. O que ele não compreendia era por que sentia pesar pela morte do pianista. Alfredo tinha razão: ele não era a primeira pessoa a morrer. Muitas vezes parecia que metade das pessoas que ele conhecia tinha morrido. O problema era que as pessoas que ele conhecia tinham sido mortas, assassinadas de uma série de maneiras que o impediam de dormir à noite, e esse homem, o músico que acompanhava a cantora, tinha simplesmente morrido. De alguma forma, essas duas situações pareciam não ser a mesma coisa. Ele pensou no irmão na prisão, o irmão mais morto do que vivo sentado dia após dia em um buraco frio e escuro. Ficou imaginando se o irmão conseguiria aguentar um pouco mais, um dia ou dois talvez, até que suas exigências fossem cumpridas e ele pudesse ser solto. A morte do músico o tinha deixado preocupado. As pessoas simplesmente podiam morrer se ninguém chegasse a acudi-las a tempo. Ele olhou por cima do cigarro.

— Saíam daqui — disse para o grupo de pessoas e todos obedeceram. Até Roxane se levantou e largou o corpo, como lhe tinham ordenado. Ela parecia cansada agora. Ele mandou que os soldados retomassem as posições. Os reféns tinham que voltar a seus lugares e esperar.

Alfredo foi até o telefone e o tirou do gancho relutante, como se não estivesse totalmente certo sobre o que poderia fazer. A luta armada não deveria incluir celulares, o que fazia tudo parecer menos sério. Ele pegou um cartão de um dos muitos bolsos da calça militar e ligou para o número de Messner. Disse que havia um doente, não, um morto, e que eles precisavam negociar a retirada do corpo.

Sem o pianista, tudo estava diferente. Talvez se pudesse pensar na frase assim: *Sem os cento e dezessete refêns extras, tudo estava diferente* ou *Agora que os terroristas tinham dito que não estavam lá para matá-los, tudo parecia diferente*. Mas essas afirmações não expressavam a verdade. Era a perda do pianista que eles sentiam; mesmo todos os homens que tinham acabado de mandar suas mulheres e amadas para fora e as viram sair no completo esplendor de seus vestidos de festa, mesmo esses estavam pensando no homem morto. Não sabiam nada dele. Muitos supuseram que era americano. E ali estavam eles, produzindo insulina sem parar e sem problemas, enquanto um outro homem morreria por falta dela só para ficar com a mulher amada. Cada um dos homens se perguntou se teria feito o mesmo e cada um deles chegou à conclusão de que não. O pianista incorporava uma certa irresponsabilidade do amor que eles não tinham desde a juventude. O que eles não entendiam era por que Roxane Coss, que agora estava no canto de um dos enormes sofás, chorando silenciosamente sobre o lenço do Sr. Hosokawa, nunca estivera apaixonada pelo músico que a acompanhara, o qual ela mal conhecera exceto pela ligação profissional, e que, quando ele tentara expressar seus sentimentos para ela, tudo acabara por se transformar em um desastroso erro. O tipo de amor que oferece a própria vida de maneira tão fácil, tão absurda, é sempre o amor não correspondido. Simon Thibault nunca faria um gesto ridículo como aquele e morreria por Edith. Pelo contrário, ele se valeria de qualquer recurso covardemente acessível para assegurar que fossem passar suas vidas juntos. Porém, sem todos os fatos relevantes, ninguém compreendia o que acontecera, e tudo o que eles podiam pensar era que o músico fora um homem melhor e mais corajoso, que ele amara mais completamente do que eles próprios seriam capazes.

Agora tudo em volta estava descuidado. Os enormes arranjos de flores que enfeitavam o salão já estavam murchando, com uma pequena linha castanha nas bordas das rosas brancas. As taças semicheias de champanhe que descansavam em cima das mesas ao lado dos sofás e aparadores estavam quentes e sem bolhas. Os jovens soldados se encontravam tão exaustos que alguns tinham adormecido de encontro à parede e deslizado até o chão sem chegarem a acordar. Os refêns permaneceram no salão, sussurrando ocasionalmente, mas quietos a maior parte do tempo. Eles se enroscaram em fofas cadeiras estofadas e dormiram. Não testaram a paciência dos guardas. Pegaram almofadas do sofá e se esticaram no chão de uma forma que lembrava a noite anterior, mas que era muito mais confortável. Sabiam que tinham que ficar no salão, permanecer quietos o máximo possível, evitar gestos repentinos. Ninguém pensou em fugir pela janela do banheiro quando se encontravam sem vigilância nos lavatórios, talvez como uma forma de acordo de cavalheiros. Um certo respeito forçado fora exibido em relação ao corpo do pianista, o pianista *deles*, e agora eles tinham que tentar viver de acordo com os padrões que ele estabelecera.

Quando Messner retornou, perguntou primeiro por Roxane Coss. Os lábios do negociador pareciam mais finos agora, mais severos, e ele, sem querer ser atencioso, falava alemão. Gen deu um pulo da cadeira onde estivera sentado e foi para perto deles para traduzir o que estava sendo dito. Os Generais apontaram para a mulher no sofá, com o rosto ainda comprimido contra o lenço.

— E ela vai sair agora — disse Messner, afirmativamente.

— O Presidente está vindo? — perguntou o General Alfredo.

— É claro que você espera que ela volte para casa com o corpo. — Não era o Messner que eles tinham conhecido antes. A visão de uma sala cheia de reféns forçados a deitar no chão, o Vice-Presidente ferido, os garotos com as armas, tudo isso só lhe cansara, mas agora ele estava zangado. Zangado e contando apenas com a proteção de um sinal de mais vermelho afixado ao braço contra uma sala repleta de armas.

Sua raiva parecia inspirar uma paciência extraordinária nos Generais.

— Os mortos — explicou Hector — não se importam com a pessoa que os acompanha.

— Você disse *todas* as mulheres.

— Nós entramos pelos dutos do ar-condicionado — disse o General Benjamin e depois acrescentou uma frase descritiva: — Como toupeiras.

— Preciso saber se posso confiar em vocês — disse Messner. Gen gostaria de conseguir arremedar o peso da voz do outro, a maneira como ele lançava cada palavra como uma baqueta suave contra um tambor. — Se você me faz uma afirmação, posso acreditar em você?

— Nós libertamos os empregados, os doentes e todas as mulheres exceto uma. Talvez exista alguma coisa sobre essa mulher que interessa a você. Talvez se fosse outra mulher, você não tivesse tanto interesse.

— Posso acreditar em você?

O General Benjamin pensou por um momento. Ele levantou a mão como se fosse dar um tapinha na face, mas interrompeu o gesto.

— Não estamos do mesmo lado.

— Os suíços nunca tomam partido de um lado — retrucou Messner. — Estamos sempre e apenas do lado dos suíços.

Nenhum dos Generais tinha mais o que dizer para Messner, que não precisava de confirmação para ver que o pianista deitado a seus pés estava de fato morto. O padre havia coberto o cadáver com uma toalha de mesa, e a toalha não se mexia. Messner saiu pela porta sem se preocupar em mostrar gentileza e voltou uma hora depois com um ajudante. Eles trouxeram uma maca com rodinhas, do tipo que é usada em ambulâncias, carregada de caixas e sacos, e, depois de descarregá-los, Messner e o ajudante baixaram a maca e tentaram

levantar o grande corpo do morto. No final, tiveram que ser auxiliados por diversos dos terroristas mais jovens. A morte tornara o corpo denso, como se cada recital que tivesse realizado e o treino infundável de cada dia estivessem voltando agora nos seus momentos finais e se contrabalançassem, atravessando o peito do músico como barras de chumbo. Quando o corpo estava acomodado e amarrado na maca, com as finas mãos balançando por baixo da barra rendada da toalha de mesa, eles o levaram embora. Roxane Coss virou a cabeça como se estudasse as almofadas do sofá. O Sr. Hosokawa ficou imaginando se ela estaria pensando em Brunilda, se estaria desejando um cavalo que a levasse para a fogueira atrás do corpo do amado.

— Não creio que eles deversem trazer a comida assim — comentou o Vice-Presidente para um estranho sentado ao lado dele, embora ele estivesse com fome e curioso sobre o que havia nos sacos. — Acho que deveriam ter feito duas viagens, em respeito ao morto.

A luz do final da tarde começara a surgir através das altas janelas do salão, deixando grandes marcas douradas no chão. Era uma sala linda, pensou Ruben, uma linda hora do dia para estar naquela sala. Era muito raro que ele estivesse em casa antes de escurecer e muitas vezes ele nem voltava para casa, por estar representando o Presidente em uma ou outra viagem. O gelo na toalha que usava já estava quase todo derretido e a manga de sua camisa engomada se encontrava ensopada no local onde a água vinha gotejando constantemente braço abaixo. Ainda assim, a toalha molhada e fresca produzia uma sensação agradável na face inchada. Ele ficou imaginando onde a mulher e os filhos dormiriam esta noite — se o Presidente e a esposa os convidariam para passar a noite em sua própria residência como uma maneira de conseguir boa publicidade, ou se eles iriam para um quarto de hotel vigiado. Ele esperava que ela fosse para a casa da prima Ana. Esta poderia consolá-la, pelo menos ela faria graça para as crianças e ouviria as meninas contarem sobre o sequestro. Eles teriam que providenciar camas extras e dormir em sofás-camas, mas isso não constituiria um problema. Seria melhor do que o frio quarto de visitas da casa dos Masuda, onde certamente Esmeralda seria obrigada a dormir no quarto dos criados.

* * *

No outro lado do salão, Gen e o Sr. Hosokawa se acomodaram perto de uma longa fileira de janelas, longe de seus compatriotas. Compartilhavam de um complexo protocolo de polidez em que outros homens só se aproximariam se fossem convidados. Mesmo nessas circunstâncias fora do comum, a ordem social se mantinha. E o Sr. Hosokawa não estava muito disposto a ter companhia.

— Ele a acompanhava muito bem — disse a Gen. — E já ouvi muitos

músicos acompanhando cantores. — De todos os homens na sala, o Sr. Hosokawa era o único que continuava a usar paletó e gravata. De uma maneira notável e improvável, o seu terno não tinha ficado amarrutado.

— O senhor quer que eu diga isso para ela?

— O quê?

— Sobre o pianista — respondeu Gen.

O Sr. Hosokawa olhou para Roxane Coss, cujo rosto ainda se escondia por trás da cortina do próprio cabelo. Apesar de haver outros homens sentados no mesmo sofá, ela estava obviamente sozinha. O padre se encontrava próximo, mas não com ela. Os olhos dele estavam fechados e os lábios compunham breves e silenciosas orações.

— Ah, tenho certeza de que ela sabe — disse o Sr. Hosokawa. — Tenho certeza de que todo mundo disse isso para ela — acrescentou, com certa dúvida.

Gen não insistiu. Era melhor esperar. Não era seu papel aconselhar o Sr. Hosokawa. Ele sabia que o segredo estava em esperar e deixar que o chefe chegasse às próprias conclusões.

— Se não parecer que vai perturbar a Srta. Coss — disse o Sr. Hosokawa —, talvez você pudesse apresentar os meus pêsames. E dizer que eu achava o pianista um homem talentoso e corajoso.

Ele fitou Gen diretamente nos olhos, algo pouco comum entre os dois.

— E se eu for responsável pela morte dele? — continuou.

— Como isso seria possível?

— Era meu aniversário. Eles vieram por minha causa.

— Eles vieram para trabalhar — disse Gen. — Eles não conheciam o senhor.

No dia seguinte ao seu quinquagésimo terceiro aniversário, o Sr. Hosokawa de súbito parecia velho. Ele havia cometido um erro ao aceitar aquele presente, e agora essa decisão parecia estar lhe tomando alguns anos de vida.

— Diga para ela assim mesmo. Diga que estou especialmente pesaroso.

Gen aquiesceu, levantou-se e atravessou o salão. Era uma sala enorme. Mesmo sem contar o vestibulo grandioso de um lado e a sala de jantar do outro, o salão era extremamente amplo, com três áreas de sofás e cadeiras, salas de estar dentro de uma sala de estar maior. Os móveis haviam sido afastados por causa do recital, e depois foram pouco a pouco arrastados de volta para formar configurações que não se combinavam, à medida que os convidados que ainda permaneciam na casa tentavam conseguir algum conforto. Se houvesse um balcão de recepção, o local pareceria muito com o saguão de um hotel. Se houvesse um pianista, pensou Gen, e depois parou. Roxane Coss estava sozinha, mas um dos terroristas se postava atrás dela, não muito distante, com um rifle próximo ao peito. Gen já tinha visto esse garoto antes. Era o mesmo que segurara a mão de Roxane Coss quando todos estavam deitados no chão na primeira vez.

Por que ele se lembrava deste exatamente, se todos os outros pareciam ter as mesmas feições? Era algo no rosto dele, que era delicado, até inteligente, e o fazia distinguir-se dos outros. Gen se sentiu desconfortável por ter reparado nesse detalhe. Foi então que o rapaz levantou os olhos do chão e reparou que Gen o fitava. Eles se encararam por um instante e depois ambos desviaram os olhares rapidamente. Gen percebeu uma sensação estranha dentro de si. E isso tornou mais simples falar com Roxane Coss, que não o assustava como o tal garoto.

— Perdoe-me — dirigiu-se à cantora. Balançou a cabeça para tirar o rapaz da mente. Nunca na vida Gen teria se aproximado dela por livre e espontânea vontade. Nunca teria encontrado a coragem de exprimir as próprias condolências e remorso, da mesma forma como o Sr. Hosokawa não teria tido a coragem de falar com ela, mesmo que falasse um inglês perfeito. No entanto, juntos, eles se movimentavam no mundo com bastante facilidade, duas pequenas metades de coragem construindo um corajoso inteiro.

— Gen — disse ela, e sorriu tristemente, os olhos ainda vermelhos e úmidos. Ela pegou a mão dele. De todas as pessoas presentes, ele era o único cujo nome ela tinha certeza, e por isso tinha prazer de dizê-lo em voz alta. — Gen, obrigada por antes, por interromper o que eles iam fazer.

— Não interrompi ninguém. — Ele balançou a cabeça em negativa. Estava surpreso de ouvir o próprio nome dito alto, saindo da boca da cantora. Surpreso com a forma como ele soou. Surpreso com o toque da mão dela.

— Bom, tudo teria sido inútil se você não estivesse ali para traduzir o que eu estava dizendo. Eu seria apenas mais uma mulher gritando.

— A senhora deixou as coisas muito claras.

— E pensar que eles queriam dar um tiro nele. — Ela retirou a mão.

— Estou contente — começou Gen, mas depois parou, tentando pensar em algo que poderia tê-lo deixado contente. — Estou contente que o seu amigo tenha conseguido alguma paz. Tenho certeza de que vão mandar o corpo para casa agora.

— Claro — disse ela.

Tanto Gen quanto Roxane imaginaram o pianista voltando para casa, como se estivesse em um assento na janela do avião, observando as nuvens que se aglomeravam por cima do país anfitrião.

— O meu chefe, o Sr. Hosokawa, me pediu para lhe transmitir os pêsames. Ele pediu que eu lhe dissesse que o músico que a acompanhou era muito talentoso. Ficamos muito honrados em ouvi-lo tocar.

Ela aquiesceu.

— Ele tem razão, sabe? — disse ela. — Christopf era muito bom. Não acredito que as pessoas prestem atenção nos músicos acompanhantes com muita frequência. Foi gentil da parte dele fazer esse comentário. Do seu chefe. — Ela levantou a mão aberta para Gen. — Ele me deu este lenço. — Era como uma

pequena bandeira branca amarrotada em cima da palma da mão. — Acho que o deixei em estado deplorável. Não creio que ele vá querer o lenço de volta agora.

— Certamente ele gostaria que a senhora ficasse com o lenço.

— Como é mesmo o nome dele?

— Ho-so-kawa.

— Hosokawa — repetiu ela, balançando a cabeça afirmativamente. — Era o dia de seu aniversário.

— É verdade. Ele também está se sentindo muito mal por causa disso. Ele tem um grande senso de responsabilidade.

— Por ser o aniversário dele?

— Porque a senhora e o seu amigo vieram dar um recital para ele. Ele sente que a senhora ficou presa aqui por culpa dele, e que talvez seu amigo... — Gen parou novamente. Não havia por que ser tão explícito. A essa curta distância, o rosto dela parecia bem jovem, como o rosto de uma menina, os olhos transparentes e o cabelo comprido. Ele sabia, porém, que ela devia ter uns trinta e tantos anos, pelo menos mais dez que ele.

— Diga ao Sr. Hosokawa, em meu nome... — começou ela, e parou para prender um pouco do cabelo que lhe cobria o rosto. — Que droga! Como se eu estivesse tão ocupada que não pudesse dar o recado eu mesma. Ele não fala inglês? Bem, você pode traduzir. Você é o único daqui que tem um trabalho agora. Existe alguma língua que você não fala?

Gen sorriu só de pensar em tal coisa, a infundável lista de línguas que ele não falava.

— Não falo uma palavra da maioria das línguas que existem — respondeu.

Ele se levantou e Roxane Coss colocou a mão no braço dele para atravessarem o salão, como se pudesse desfalecer. Era uma possibilidade. Seu dia tinha sido terrível. Em todos os cantos do salão os homens levantaram a cabeça e pararam suas conversas no meio para os observarem passar, o jovem e alto intérprete japonês navegando pela amplidão do salão de braços dados com a soprano. Como era estranho e adorável ver a mão dela pousada no punho da camisa dele, os dedos pálidos quase lhe tocando o pulso.

* * *

Quando o Sr. Hosokawa, que estava tentando olhar para o outro lado, percebeu que Gen trazia Roxane Coss para perto dele, sentiu um rubor profundo vindo desde o colarinho da camisa e se colocou de pé para esperá-la.

— Sr. Hosokawa — Roxane disse e levantou a mão para cumprimentá-lo.

— Srta. Coss — respondeu ele e se curvou.

Roxane pegou uma cadeira e o Sr. Hosokawa pegou a outra. Gen puxou uma

terceira cadeira, menor, e esperou.

— Gen me disse que o senhor se sente responsável por isso tudo, de certa maneira — disse ela.

O Sr. Hosokawa anuiu. Ele falava com ela com toda sinceridade, o tipo de sinceridade que existe entre duas pessoas que se conhecem há uma vida inteira. Mas o que era uma vida inteira? Aquela tarde? Aquela noite? Os sequestradores tinham zerado os relógios e ninguém sabia mais coisa alguma sobre o tempo. É melhor neste momento ser inadequado e sincero, já que o peso da culpa parecia uma corda apertando ao redor do pescoço. Ele lhe disse que havia recusado vários convites para visitar aquele país, mas concordara em vir quando dissessem que ela estaria lá. Ele lhe disse que nunca tivera nenhum plano de ajudar o país. Disse que era um grande admirador do trabalho dela e enumerou as cidades em que fora assisti-la. Ele lhe disse que devia ser, até certo ponto, responsável pela morte do músico que a acompanhava.

— Não — disse ela. — Não. Canto em tantos lugares. É raro que eu possa cantar em uma festa particular como essa. Para falar a verdade, a maioria das pessoas não tem dinheiro para bancar isso, mas não é a primeira vez que faço. Não vim aqui para o aniversário do senhor. Com todo respeito, eu nem me lembrava de quem era o aniversariante. Além disso, pelo que pude entender, essa gente não quer o senhor, eles querem o Presidente.

— Mas fui eu que dei início a tudo isso — disse o Sr. Hosokawa.

— Ou será que fui eu? — rebateu a cantora. — Pensei em recusar. Recusei várias vezes até que me ofereceram mais dinheiro. — Ela se inclinou para a frente e, quando fez isso, Gen e o Sr. Hosokawa também baixaram as cabeças. — Não me entenda mal, sou muito capaz de pôr a culpa em alguém. E se existe um evento em que se possa culpar alguém, este aqui é forte candidato. Mas não acho que a culpa seja sua.

Os membros do LFDMS poderiam ter aberto todas as portas naquele momento, ter baixado as armas e mandado todos saírem que o Sr. Hosokawa não teria experimentado maior sensação de alívio do que agora, sabendo que Roxane Coss o perdoava.

Diversos soldados rasos passaram carregando os sacos que Messner trouxera na maca do pianista e distribuíram sanduíches e refrigerantes em lata, fatias embaladas de bolo de chocolate e água mineral. Pelo menos a comida parecia ser farta e, quando eles tiravam apenas um sanduíche, o garoto balançava o saco, indicando sem palavras que eles deveriam pegar mais. Ou talvez isso acontecesse simplesmente porque eles estavam acomodados perto de Roxane Coss.

— Parece que vou ficar para o jantar — disse ela, desembrulhando o papel branco como se fosse um presente. Dentro das grossas fatias de pão havia um pedaço de carne vermelho-alaranjada com molho ou suculentos pimentões. O

suco pingava em cima do papel que ela espalhou no colo. Os dois homens esperaram que ela comesse, mas não tiveram que esperar por muito tempo. Ela comeu como se morresse de fome. — Sei de algumas pessoas que adorariam tirar uma foto agora — disse ela, levantando o sanduíche. — Sou muito seletiva no que concerne à minha alimentação.

— Nós abrimos exceções em circunstâncias extraordinárias — disse o Sr. Hosokawa, e Gen traduziu. Ele estava satisfeito de vê-la comer, satisfeito de perceber que seu pesar não a tinha subjugado de uma forma que poria a sua saúde em risco.

Para Gen, a fatia oleosa de carne (de que animal seria?) dentro do pão tingido pelo molho fez com que ele parasse e pensasse qual seria o tamanho exato de sua fome. Ele estava faminto. Virou a cabeça para longe de Roxane Coss e do Sr. Hosokawa, com medo de que a gordura alaranjada lhe grudasse nos lábios. Porém, antes que tivesse acabado de comer metade do sanduíche, aproximou-se um dos garotos usando boné de beisebol verde. Estava começando a ser mais fácil distinguir esses rapazes. Este, especificamente, tinha prendido um *button* com a foto de Che Guevara no boné; outro usava uma faca no peito; um outro tinha um escapulário barato do Sagrado Coração preso no pescoço com um cordão. Alguns deles eram muito grandes, outros, bem pequenos; alguns tinham um punhado de pelos de barba despontando no queixo, outros tinham acne. O garoto que Gen percebera com Roxane possuía um rosto delicado como uma Madona. O que tinha acabado de se aproximar dele disse a Gen, em um espanhol tão rudimentar que era difícil de entender, que os Generais queriam vê-lo.

— Perdão — disse em inglês e japonês, emburalhando o que havia sobrado da refeição e o colocando discretamente por baixo de uma cadeira, na esperança de que ainda estivesse ali quando retornasse. Ele queria comer, especialmente, o bolo.

* * *

O General Hector fazia anotações em um bloco amarelo com um lápis. Ele era extremamente meticuloso em relação ao que escrevia.

— Seu nome? — O General Alfredo perguntou a um homem sentado em uma otomana vermelha perto da lareira.

— Oscar Mendoza. — O homem pegou o lenço do bolso e limpou a boca. Ele estava acabando de devorar um pedaço de bolo.

— Identificação?

O Sr. Mendoza abriu a carteira, tirou uma carteira de habilitação, um cartão de crédito, fotos das cinco filhas. O General Hector copiou a informação e escreveu o endereço dele. O General Benjamin pegou as fotos e as examinou.

— Ocupação? — perguntou.

— Empreiteiro. — O Sr. Mendoza não gostou de que eles tivessem seu endereço. Ele morava a apenas oito quilômetros dali. Planejava entrar na licitação para construir a fábrica que lhe disseram que o Sr. Hosokawa abriria no país. Em vez disso, dormira no chão, dissera adeus à esposa e sua escadinha de filhas por um tempo que ninguém sabia quanto seria, e tivera que considerar a possibilidade de levar um tiro.

— Saúde?

O Sr. Mendoza deu de ombros.

— Bastante boa, acho. Eu estou aqui.

— Mas sabe algo mais? — O General Benjamin perguntou, tentando se lembrar do tom assumido por um médico que procurara, na cidade, alguns anos antes, para se consultar sobre o herpes-zóster. — Tem algum problema físico?

O Sr. Mendoza lançou um olhar como se lhe tivessem perguntado sobre o funcionamento interno do seu relógio de pulso.

— Não sei de nada.

Gen se aproximou, ficou atrás deles e esperou enquanto faziam mais algumas perguntas, que só poderiam ser consideradas notáveis devido às respostas inúteis que produziam. Eles estavam tentando se ver livres de mais reféns e discernir quem mais poderia estar morrendo. A morte do pianista os tinha deixado nervosos. A multidão do lado de fora, que se aquietara por um tempo, começara a berrar novamente logo que viram o corpo enfiado em uma toalha de mesa branca.

— *As-sas-si-nos! As-sas-si-nos!* — gritavam.

Vinda da rua, ouvia-se uma constante quantidade de exigências e mensagens transmitida através de megafones. O telefone tocava e tocava com possíveis negociadores. Em pouco tempo, todos os terroristas teriam que dormir. Os Generais batiam boca em uma linguagem codificada que Gen não conseguia acompanhar. O General Hector parou a discussão quando tirou a pistola e deu um tiro no relógio em cima da lareira. Havia gente demais para vigiar, mesmo com metade dos reféns libertados. Eles se dirigiam para perto de cada homem, fazendo perguntas e anotando os nomes e as respostas. Gen entrava em ação quando alguém não sabia espanhol. De qualquer maneira, eles colocavam suas esperanças nas mãos dos estrangeiros — governos estrangeiros desejosos de pagar resgates estrangeiros. Os Generais estavam precisando repensar sua missão fracassada. Se não conseguiram capturar o Presidente, então ainda deveria haver algo ali para servir de compensação. Eles planejavam falar com cada refém, avaliá-los e classificá-los de modo a saber quem poderia ser mais útil para trocar pela libertação dos companheiros que estavam em prisões nas regiões de alta altitude, ou para conseguir dinheiro para a causa. O processo de pesquisa, porém, carecia de ciência. Quando questionados, os convidados

diminuía a própria importância.

— Não, eu não administro a empresa, não exatamente.

— Sou apenas um membro de um conselho composto por muitas pessoas.

— Este posto diplomático não é o que aparenta. Foi meu cunhado que me colocou aqui.

Ninguém queria realmente mentir, mas todos puxavam para baixo os limites da verdade. O fato de os terroristas tomarem notas deixava os reféns nervosos.

— Toda esta informação vai ser checada pelo nosso pessoal lá fora — dizia Alfredo repetidamente, e Gen traduzia para francês e alemão, grego e português, prestando atenção para sempre dizer o pessoal *deles* lá fora. Algo que um intérprete nunca deveria fazer.

No meio de uma entrevista com um dinamarquês que se pensava ser um potencial financiador do inexistente projeto Nansei, o General Benjamin, com a parte superior de sua face direita em brasas, virou-se para Gen.

— Como é que você ficou tão inteligente? — perguntou em tom acusatório, como se houvesse um esconderijo de inteligência oculto em algum lugar na casa que Gen reservava só para si.

Gen se sentia cansado, e não inteligente. Ele estava com fome. O sono lhe fazia sonhar com cantigas de ninar. Desejava comer o que restara do sanduíche.

— Senhor? — disse ele. Reparou no Sr. Hosokawa e em Roxane Coss sentados juntos em silêncio, incapazes de se comunicar porque o intérprete estava ocupado com os terroristas, andando de um canto a outro.

— Onde você aprendeu a falar tantas línguas?

Gen não tinha qualquer interesse em contar a própria história. Será que seu sanduíche ainda estava debaixo da cadeira? E o bolo? Ele ficou imaginando se iriam classificá-lo como um dos possíveis reféns a libertar e sentiu uma triste resignação por ter consciência de que eles não fariam isso.

— Universidade — disse simplesmente e virou os olhos de novo para o homem que estavam interrogando.

Quando fizeram a lista dos que iriam ficar e dos que seriam soltos, Gen deveria ser o primeiro da segunda lista. Ele não valia dinheiro, não tinha qualquer influência. Era um empregado, um trabalhador, da mesma forma que as pessoas que tinham cortado as cebolas para o jantar. Contudo, quando as listas foram repassadas, seu nome não apareceu em nenhuma delas. De algum modo, ele estava inteiramente fora do pensamento dos terroristas. Não que ele tivesse que ir com o Sr. Hosokawa. Ele teria escolhido ficar, como o jovem padre, mas todo mundo gosta de ter a opção. Logo que as entrevistas terminaram e as decisões definitivas foram tomadas, já era final da tarde. As luzes estavam acesas no salão. Gen ficou com a tarefa de copiar as listas. Ele enfim tinha se tornado o secretário do evento todo.

No final, contando o intérprete (ele acrescentara o próprio nome), decidiu-

se que seriam mantidos trinta e nove reféns. O número total acabou em quarenta, porque o Padre Arguedas novamente se recusou a sair. Com quinze soldados e três generais, eles ficaram com uma proporção de mais ou menos dois reféns por soldado, o que consideraram razoável. Levando em conta que o plano original previa que dezoito terroristas capturassem um presidente, o novo cálculo significava o máximo com que eles podiam lidar nas circunstâncias. O que eles queriam mesmo, o que teria sido melhor, era segurar a liberação dos extras, mantê-los todos por mais uma semana e então deixá-los sair a conta-gotas, alguns aqui, outros ali, à proporção que suas exigências fossem cumpridas. No entanto, os terroristas estavam cansados. Os reféns tinham necessidades e queixas. Assim, puseram na balança o fardo de um cômodo cheio de crianças irrequietas, todas precisando que lhes mandassem calar a boca, todas precisando ser cuidadas e entretidas. Eles não queriam essa gente por perto.

O Vice-Presidente não conseguia se controlar. Ele recolheu os copos e os colocou em uma grande bandeja de prata, que sabia que a empregada mantinha em um armário da sala de jantar. Quando foi até a cozinha, foi seguido, mas não interrompido, e descansou um minuto com a face apoiada contra a porta do refrigerador. Voltou com um saco de lixo verde-escuro e começou a catar as embalagens dos sanduíches. Os papéis de embrulho não tinham sinais de crostas de pão, apenas pequenas manchas do gorduroso molho laranja. Todos estavam com fome. Apanhou as latas de refrigerantes das mesas e tapetes, mesmo que as mesas e os tapetes tecnicamente não pertencessem a ele. Tinha sido feliz nesta casa. Sempre era um lugar tão radiante, quando voltava para casa, as crianças rindo, correndo pelos corredores com os amigos, as bonitas empregadas índias que enceravam os pisos com as mãos, de joelhos, apesar de haver uma enceradeira elétrica na despensa de vassouras, o aroma do perfume da mulher, sentada na penteadeira escovando o cabelo. Era o seu lar. Ele tinha que fazer um esforço para colocá-lo em ordem novamente, de forma a manter as coisas suportáveis.

— Está confortável? — perguntava ele aos convidados enquanto recolhia migalhas de pão com as mãos. — Está aguentando bem? — Ele queria esconder os sapatos das pessoas por baixo dos sofás. Queria arrastar a cadeira de seda azul para o outro lado do salão, onde ela costumava ficar, mas o decoro lhe proibia.

Dirigiu-se novamente à cozinha para procurar um pano molhado, na esperança de limpar uma mancha, provavelmente de suco de uva, do tapete Savonnière. No outro lado do salão, percebeu a presença da cantora de ópera com o japonês que aniversariara no dia anterior. Engraçado, mas com sua dor de cabeça não conseguia se lembrar do nome de nenhum dos dois. Eles estavam inclinados próximos e, de vez em quando, ela ria e ele aquiescia com ar alegre. Não fora o marido dela que tinha acabado de morrer? O japonês cantarolava algo, ela ouvia e fazia um gesto afirmativo com a cabeça e então, com uma voz

tranquila, cantava a melodia. Que som doce. Com a balbúrdia de mensagens sendo gritadas pela janela, era difícil perceber o que ela estava cantando. Só conseguia escutar as notas, a límpida ressonância da voz dela. Ele se lembrou de sua infância, quando corria ladeira abaixo perto de um convento e ouvia, só por um instante, as freiras cantando, e como era melhor assim, passar por ali em velocidade em vez de parar, esperar e escutar. Correndo, a música voava até ele, tornava-se o vento que empurrava seu cabelo e seus pés no solo. Ouvir a cantora agora, suavemente, enquanto esfregava o tapete, lhe trazia a mesma sensação. Era como escutar um pássaro responder ao chamado de outro quando só se consegue ouvir a resposta e não o melancólico canto original.

* * *

Quando foi chamado de volta, Messner veio rapidamente. Ruben Iglesias, Vice-Presidente, responsável pela casa, foi enviado para abrir a porta. O pobre Messner parecia exausto, mais bronzado à medida que o dia corria. Quanto duravam esses dias? Fora hoje que o pianista morrerá? Fora só ontem à noite que as roupas estavam novas e todos tinham comido pequenas costeletas e ouvido uma ária de Dvořák? Ou Dvořák tinha sido algo que haviam bebido após o jantar? Fora recentemente que o salão estivera cheio de mulheres e dos delicados chiffons de seus vestidos, de suas joias, de suas presilhas adornadas e de suas minúsculas carteiras de noite de cetim e em formato de peônias? Fora apenas ontem que a casa tinha recebido uma limpeza geral, inclusive as esquadrias e vidraças das janelas, e as cortinas leves e os cortinados pesados tinham sido lavados e pendurados novamente, tudo em imaculada ordem porque o Presidente e o famoso Sr. Hosokawa, que talvez instalasse uma fábrica no país, viriam para jantar? Foi então que um pensamento atravessou a mente do Vice-Presidente pela primeira vez: por que Masuda tinha pedido a ele para organizar a festa? Se esse aniversário era tão importante, por que não acontecera no palácio presidencial? Por que, se não pelo fato de que ele sabia o tempo todo que não tinha intenção alguma de comparecer?

— Acho que o senhor está pegando uma infecção — disse Messner, tocando a testa quente de Ruben com a ponta dos dedos pálidos. Abriu a tampa do celular e, combinando inglês e espanhol, fez um pedido de antibiótico. — Não sei o tipo. O tipo que se usa para uma pessoa que levou um soco na cara. O senhor tem... — Ele se virou para Gen e pediu que traduzisse uma palavra.

— *Alergia.*

— Amendoim — confirmou Ruben com a cabeça.

— Sobre o que ele está falando ao telefone? — perguntou o General Benjamin para Gen.

Gen lhe informou que era sobre medicamentos para o Vice-Presidente.

— Sem medicamentos. Não dei autorização para remédio algum — disse o General Alfredo. O que o Vice-Presidente sabia de infecção? Agora, a bala que ele levava no estômago... aquilo, sim, era uma infecção de verdade.

— Certamente, nada de insulina — retrucou Messner, fechando o celular.

Alfredo não deu sinais de ouvi-lo. Ele estava remexendo em alguns papéis.

— Aqui estão as listas. Estes são os que nós vamos manter aqui. Esses outros, vamos deixar sair. — Colocou as folhas do bloco amarelo sobre a mesa em frente a Messner. — Estas são as exigências. Foram atualizadas. Ninguém mais vai ser libertado enquanto as exigências não forem integralmente cumpridas. Nós estamos sendo, como você diz, muito razoáveis. Agora chegou a hora de o governo ser razoável.

— Vou transmitir a mensagem — prometeu Messner, dobrando as folhas e guardando-as dentro do bolso.

— Fomos muito cuidadosos com relação a problemas de saúde — disse Alfredo.

Gen, que subitamente sentiu-se cansado, levantou a mão por um momento para interromper o diálogo, tentando se lembrar da palavra em inglês para *concienzudo*. De repente, veio-lhe à mente.

— Todos os que precisam de cuidados médicos vão ser libertados.

— Inclusive ele? — Messner apontou com a cabeça o Vice-Presidente, que, perdido no complexo mundo de sua própria febre, não estava prestando atenção na conversa.

— Ele, nós mantemos — respondeu o General Alfredo rapidamente. — Não conseguimos o Presidente. Temos que ter alguma coisa.

* * *

Havia outra lista além daquela com As Exigências (dinheiro, presos libertados, um avião, transporte até o avião etc.). Tratava-se da lista que atrasava tudo, a lista de Necessidades Breves e Imediatas. Os detalhes não eram interessantes, certos itens tinham que entrar antes que o excesso de refêns pudesse sair: travesseiros (58), cobertores (58), escovas de dente (58), frutas (mangas, bananas), cigarros (20 maços com filtro, 20 maços sem filtro), pacotes de balas (todos os tipos, menos alcaçuz), barras de chocolate, pacotes de manteiga, jornais, uma almofada térmica elétrica... a lista não acabava mais. Do lado de dentro, eles imaginavam as pessoas do lado de fora sendo enviadas para uma grande gincana, tentando voltar com aquilo que era pedido no meio da noite. As pessoas iriam bater nas vitrines, acordando os lojistas que seriam obrigados a acender as luzes brilhantes. Ninguém queria esperar até de manhã e arriscar a

possibilidade de alguém mudar de ideia.

Quando os convidados restantes foram reunidos na sala de jantar para ouvir a lista de quem ficava e de quem saía, houve uma enorme excitação. Era uma dança das cadeiras, um jogo em que as pessoas eram recompensadas ou castigadas ao acaso e todos estavam felizes em testar a própria sorte. Mesmo aqueles, como o Sr. Hosokawa e Simon Thibault, que deviam saber que não tinham chance de ir para casa, se alinharam com o restante dos reféns, os corações aos pulos. Todos os homens pensaram que Roxane Coss certamente sairia, pois a ideia de manter uma mulher seria incômoda e constrangedora. Eles sentiriam falta dela, eles já sentiam a falta dela, mas todo mundo queria vê-la sair dali.

Eles chamaram os nomes e lhes mandaram ir para a direita ou para a esquerda e, embora não adiantassem que lado seria liberado, logo ficou evidente. Quase se podia afirmar quem ficaria ao se estabelecer como critério o corte do smoking. Uma grande muralha de escuridão agora se abatia sobre aqueles que racionalmente assumiam seu destino e seu destino os afastava da sorte e da alegria dos outros. Em um lado, os homens considerados menos importantes voltariam para suas mulheres, dormiriam nos lençóis conhecidos de suas camas, seriam recebidos por filhos e cães, a afeição úmida e despreocupada de seu amor incondicional. Porém, trinta e nove homens e uma mulher, no outro lado, estavam começando a compreender que haviam sido sugados, que esta era a casa onde passariam a morar, que tinham sido sequestrados.

O Padre Arguedas explicou a Gen, que explicou ao Sr. Hosokawa, que aquilo que eles admiravam nas muitas horas que passavam encarando a janela era chamado de *garúa*. Mais do que uma névoa e menos do que um chuvisco, a *garúa* caía densa e cinzenta sobre a cidade na qual eles agora eram forçados a permanecer. Não que pudessem ver a cidade; eles não conseguiam ver paisagem alguma. Eles bem poderiam estar em Londres ou Paris, em Nova York ou Tóquio. Poderiam estar olhando para um campo de gramíneas de pequenas flores azuis ou um engarrafamento de veículos. Eles simplesmente não tinham o que ver. Nem mesmo uma pista para se definir a cultura e a cor locais. Poderiam estar em qualquer lugar onde o clima costumasse ficar ruim por muito tempo. De tempos em tempos, explodiam instruções do outro lado do muro, mas até isso parecia ter diminuído, como se as vozes nem sempre pudessem permear a neblina. A *garúa* constituía uma presença irregular e carregada de abril a novembro, e o Padre Arguedas dizia estar confiante, já que outubro estava quase no final, de que o sol não tardaria a voltar. O jovem padre sorriu para eles. Era um homem quase bonito até sorrir, mas o sorriso era excessivamente grande e os dentes se viravam e se cruzavam em ângulos estranhos, fazendo com que sua aparência subitamente parecesse a de um louco. Apesar das circunstâncias do confinamento deles, o Padre Arguedas continuava otimista e sempre encontrava motivos para sorrir. Ele não parecia um refém, mas alguém contratado para fazer os reféns se sentirem melhor. E era um trabalho que realizava com notável dedicação. Ele abriu os braços e colocou uma das mãos no ombro do Sr. Hosokawa e a outra no de Gen. Depois, inclinou ligeiramente a cabeça para baixo e fechou os olhos. Devia estar rezando, mas, se foi isso, ele não forçou os outros a se juntarem a ele.

— Tenham confiança — repetiu, antes de prosseguir em sua tarefa de confortar os outros.

— Um bom rapaz — o Sr. Hosokawa disse; Gen aquiesceu, e ambos voltaram a olhar para fora da janela. O padre não precisava se preocupar com o que eles pensavam sobre o clima. Não tinham qualquer problema em relação ao clima. A *garúa* fazia sentido, ao passo que uma claridade atmosférica não faria sentido algum naquelas circunstâncias. Agora, quando alguém olhava para fora da janela, era impossível ver mais longe do que o muro que separava o jardim da rua. Era difícil distinguir os contornos das árvores, diferenciar uma árvore de um arbusto. A *garúa* fazia com que a luz do dia parecesse o crepúsculo, da mesma maneira que os holofotes que haviam sido colocados do outro lado do

muro quase transformavam a noite em dia, o tipo de dia elétrico, falso, de um estádio de beisebol em noite de jogo. Em resumo, quando alguém olhava para fora da janela durante a *garúa* só via mesmo a *garúa*, não dia ou noite, estação ou lugar. O dia não mais progredia na sua forma linear e normal, mas, em vez disso, cada hora voltava para o começo, cada momento era vivido de novo e de novo. O tempo, da maneira como todos o compreendiam, tinha acabado.

Então, retornar à história uma semana depois da festa de aniversário do Sr. Hosokawa parece um ponto de recomeço tão bom quanto qualquer outro. A primeira semana foi mesmo apenas para detalhes, o tédio de se aprender a viver uma nova vida. As coisas eram muito rígidas no início. As armas ficavam apontadas, as ordens eram dadas e obedecidas, as pessoas dormiam em filas no tapete do salão e pediam permissão para os assuntos mais pessoais. E então, muito devagar, tais detalhes começaram a se dissolver. As pessoas se levantavam por conta própria. Escovavam os dentes sem pedir, mantinham uma conversa que não era interrompida. Finalmente, passaram a ir à cozinha para prepararem um sanduíche quando estavam com fome, usando as costas das colheres para espalhar a manteiga no pão porque todas as facas haviam sido confiscadas. Os Generais tinham uma afeição particular por Joachim Messner (mesmo que não a demonstrassem) e insistiam que ele não só estava encarregado das negociações como era o responsável por trazer todos os suprimentos para a casa, arrastar cada caixa sozinho através do portão e pelo corredor sem fim. Então era Messner, as férias interrompidas já há muito tempo, quem trazia o pão e a manteiga até a porta.

Em termos do tempo decorrido, parecia que o ponteiro dos minutos mal se movia e, ainda assim, era notável tudo o que eles haviam conseguido — será que só se passara uma semana? Ir de uma fase em que as armas eram cutucadas nas costas dos reféns para uma em que a maioria das armas ficava trancada em um armário de vassouras deveria ter levado não menos do que um ano, mas os sequestradores já sabiam que os reféns não tramariam uma rebelião e, em troca, os reféns sabiam, ou tinham quase certeza, que não levariam um tiro dos terroristas. Claro que ainda havia guardas. Dois garotos patrulhavam do lado de fora no jardim e três outros circulavam nos cômodos da casa, as armas apontadas como bengalas de cegos. Os Generais continuavam a dar-lhes ordens. Um dos garotos, de tempos em tempos, dava um leve empurrão em um dos reféns com a boca da arma e mandava que ele fosse para o outro lado da sala sem qualquer razão a não ser o prazer de vê-lo se mover. À noite havia sentinelas, mas, por volta de meia-noite, eles já estavam adormecidos. Não acordavam quando as armas lhes deslizavam dos dedos e se estatelavam no chão.

Para os hóspedes da festa de aniversário do Sr. Hosokawa, a maioria dos dias era passado andando de janela em janela, às vezes jogando baralho ou folheando

uma revista, como se o mundo se houvesse tornado uma grande estação ferroviária na qual tudo estava adiado até segunda ordem. Era essa ausência de tempo que confundia a todos. O General Benjamin encontrara um giz de cera grosso, que pertencia a Marco, o filho mais novo do Vice-Presidente, e todo dia fazia um largo risco azul na parede da sala de jantar, seis riscos na vertical e depois um atravessado para indicar que uma semana havia se passado. Ele imaginava o irmão, Luis, no confinamento da solitária, forçado a fazer riscos no tijolo com a ponta do dedo a fim de se lembrar dos dias. Obviamente, em uma casa havia maneiras mais tradicionais de se contar o tempo. Havia diversos calendários, uma agenda e o planejador de tarefas na cozinha perto do telefone, e muitos dos homens presentes usavam relógios que, além da hora, marcavam a data. E, se todos esses métodos falhassem, eles ainda podiam facilmente ligar o rádio ou a televisão e ouvir a data anunciada enquanto assistiam às notícias sobre si próprios. Mesmo assim, o General Benjamin preferia a antiquada maneira de calcular a progressão dos dias. Ele apontava o giz de cera com uma faca de esfolar e adicionava outro risco à sua coleção na parede. Aquilo provocava uma profunda irritação em Ruben Iglesias. Ele puniria seus filhos com rigor se tivessem uma atitude tão bárbara.

Para falar a verdade, todos os homens na casa, sem exceção, em nada estavam familiarizados com o conceito de tempo livre. Os que eram muito ricos ficavam nos escritórios até tarde da noite. Sentavam-se nos bancos de trás dos carros e ditavam cartas enquanto os motoristas os levavam para casa. Os que eram jovens e muito pobres trabalhavam por tanto tempo quanto aqueles ricos, embora em um tipo de trabalho diferente. Havia lenha para ser cortada ou batatas para serem colhidas. Havia manobras para serem treinadas com as armas — como correr com elas, escondê-las. Agora uma preguiça enorme, e inteiramente desconhecida, se abatera sobre eles, e ficavam ali sentados, encarando-se uns aos outros, os dedos batucando incessantemente nos braços das cadeiras.

Contudo, nesse vasto oceano de tempo, o Sr. Hosokawa não parecia estar alarmado com qualquer preocupação a respeito da Nansei. Enquanto observava o clima, nunca pensava se o seu sequestro havia afetado os preços das ações. Ele não se importava com quem estaria tomando as suas decisões, quem estaria sentado a sua mesa. A empresa que havia sido sua vida, seu filho, fora descartada de maneira tão desinteressada como uma moeda que cai de repente. Ele tirou um pequeno caderno de espiral do bolso do paletó do smoking e, após perguntar a ortografia correta a Gen, adicionou a palavra *gariá* à lista. O incentivo era a chave. Por mais vezes que houvesse escutado, no Japão, as fitas para aprender italiano, o Sr. Hosokawa não conseguia se lembrar de nada do que estava lá. Logo depois que ouvia aquelas lindas palavras, *dimora*, *patrono*, elas desapareciam imediatamente de sua memória. Porém, após somente uma semana de cativo,

olhe todas as palavras em espanhol que ele havia aprendido! *Ahora; sentarse; ponerse de pie; sueño; e requetebueno*, que era “muito bom”, mas sempre falado com certa aspereza e condescendência que dizia ao ouvinte não que ele havia feito um bom trabalho, mas que ele era estúpido demais para merecer altas expectativas. E não era só a língua que deveria ser ultrapassada. Havia também todos os nomes para aprender, os dos reféns e os dos sequestradores quando se conseguia que um deles dissesse como se chamava. As pessoas eram de tantos países diferentes que não havia truques fáceis para memorizá-los, nenhum artifício que auxiliasse algum tipo associação. O salão estava repleto de homens que ele não conhecia e deveria conhecer, embora todos sorrissem e fizessem gestos com a cabeça uns para os outros. Ele teria que se esforçar mais para se apresentar. Na Nansei, havia feito questão de aprender os nomes do maior número de funcionários possível. Ele se lembrava dos nomes dos homens com quem fizera negócios e os de suas mulheres, por quem perguntava depois, mas nunca chegava a conhecê-los.

O Sr. Hosokawa não tivera uma vida estática. Enquanto construía sua empresa, ele aprendia. Mas essa era uma maneira de aprender diferente da que ele conhecia. Era um tipo de aprendizado atribuído às crianças. Posso me sentar? Posso me levantar? Obrigado. Por favor. Qual é a palavra para maçã, para pão? E ele se lembrava do que lhe disseram porque, ao contrário das fitas italianas, neste caso a lembrança era tudo. Ele podia ver agora até que ponto ele confiara em Gen no passado, o quanto confiava nele agora, ainda que, nesse momento, frequentemente tivesse que esperar com suas perguntas enquanto Gen traduzia algo para os Generais. Dois dias antes, o Vice-Presidente Iglesias dera, muito gentilmente, ao Sr. Hosokawa o caderno e uma caneta que ficavam em uma gaveta na cozinha.

— Tome — disse ele. — Considere como um presente de aniversário atrasado. — No caderno, o Sr. Hosokawa reproduziu o alfabeto, fez com que Gen escrevesse os números de um a dez e, todos os dias, planejava adicionar mais palavras em espanhol. Ele as escrevia repetidamente, mantendo a letra bem pequena porque, embora tivesse papel em quantidade agora, lhe ocorreu que haveria um momento em que teria que ser cuidadoso com tais coisas. Quando foi a última vez que ele próprio anotara alguma coisa? Seus pensamentos eram sempre digitados, gravados e transmitidos. Foi nessa simples repetição, na redescoberta da própria caligrafia, que o Sr. Hosokawa encontrou um certo conforto. Ele começou a considerar o italiano de novo e pensou que poderia pedir para Gen incluir, todos os dias, apenas uma ou duas palavras dessa língua também. Havia dois italianos no grupo e, quando os ouvia falar, ele se pegava esforçando-se para entender, como se estivesse escutando uma ligação telefônica de má qualidade. O italiano era um idioma próximo do coração dele. E o inglês. Ele apreciaria ser capaz de conversar com a Srta. Coss.

Ele se sentou e deu um tapinha com a ponta do lápis no caderno. Ambicioso demais. Se ele se dedicasse a palavras em excesso, acabaria ficando sem nenhuma. Dez palavras em espanhol por dia, dez substantivos realmente aprendidos e então um verbo, inteiramente conjugado, provavelmente era o máximo que conseguiria realmente se lembrar de cada palavra e levá-las de um dia para o outro.

Garía. Frequentemente, quando o Sr. Hosokawa se sentava ao lado da janela, meditava nas pessoas do lado de fora do muro, a polícia e os militares que se encontravam, a esta altura, mais propensos a usarem o telefone do que o megafone. Será que eles estavam molhados o tempo todo? Será que eles se sentavam dentro dos carros bebendo café? Os Generais se sentavam nos carros, ele imaginava, enquanto os garotos com as armas, os soldados rasos, ficavam em pé de guarda, a chuva gelada descendo livremente por suas nuças.

Aqueles soldados, eles não eram diferentes das crianças que patrulhavam o salão da propriedade da vice-presidência, embora talvez houvesse uma idade mínima exigida nas forças armadas. Qual a idade desses garotos exatamente? Quando os que pareciam mais velhos se posicionavam sob a luz brilhante de uma lâmpada, ficava claro que não eram mais velhos, apenas maiores. Eles saltitavam pelo salão esbarrando nas coisas, desacostumados com uma amplidão que só recentemente haviam conhecido. Pelo menos os garotos tinham pomo de Adão e alguma pelugem nova misturada a espinhas raivosas. Aqueles que eram realmente os mais novos eram aterrorizantes em sua juventude. Seu cabelo tinha o peso e o brilho do cabelo infantil. Tinham a pele macia e os ombros estreitos como os de uma criança. Esticavam as pequenas mãos em volta dos cabos dos rifles e tentavam manter o rosto inexpressivo. Os reféns encaravam os terroristas e, quanto mais olhavam, mais jovens os terroristas ficavam. Seriam esses seres os mesmos homens que invadiram a festa, os mesmos animais saqueadores? Agora adormeciam no chão como massas inertes, as bocas abertas, os braços torcidos. Dormiam como adolescentes. Dormiam com um tipo de concentração firme da qual todos os adultos da sala já haviam se esquecido há décadas. Alguns gostavam de ser soldados. Eles continuavam com as armas. Ameaçavam os adultos com um empurrão ocasional e um olhar fixo de ódio. Nesses momentos, parecia que crianças armadas eram uma raça muito mais perigosa do que adultos armados. Eram instáveis, irracionais, ansiosas por um confronto. Os outros passavam o tempo observando os detalhes da casa. Eles saltavam nas camas e experimentavam as roupas dos armários. Davam descarga nos vasos sanitários repetidas vezes pelo prazer de ver a água rodopiando. No início, havia a regra de que não podiam se dirigir aos prisioneiros, mas até isso estava se afrouxando em alguns casos. Agora, às vezes, eles falavam com os prisioneiros, especialmente quando os Generais estavam ocupados confabulando. “De onde você é?” era a pergunta preferida, embora as respostas raramente fossem

registradas. Um certo dia, Ruben Iglesias foi a seu escritório e voltou com um grande atlas para que os interrogados pudessem mostrar nos mapas. Como isso não pareceu tornar as coisas mais claras, ele mandou um guarda ao quarto do filho para trazer um globo que ficava em um suporte, um bonito planeta azul e verde que rodava facilmente em torno do próprio eixo.

— Paris — disse Simon Thibault, apontando sua cidade. — França.

Lothar Falken mostrou-lhes a Alemanha, e Rasmus Nilson colocou o dedo na Dinamarca. Akira Yamamoto, que não estava interessado em brincar, virou de costas, e então Gen lhes mostrou o Japão. Roxane Coss cobriu os Estados Unidos inteiros com a palma da mão e depois colocou uma unha no pontinho que representava Chicago. Os garotos levaram o globo para o próximo grupo de pessoas, que, mesmo sem entender a pergunta, conheciam o jogo.

— Aqui é a Rússia — diziam eles.

— Aqui é a Itália.

— Aqui é a Argentina.

— Aqui é a Grécia.

— De onde você é? — perguntou o garoto Ishmael ao Vice-Presidente. Ele pensava no Vice-Presidente como seu próprio refém porque fora ele quem lhe trouxera gelo da cozinha para o machucado, no início do sequestro. Ele ainda trazia gelo para Ruben, ocasionalmente três ou quatro vezes por dia, sem que nunca lhe fosse pedido. Dava alívio ao Vice-Presidente, já que sua face infeccionara e continuava inchada.

— Daqui — disse o Vice-Presidente, apontando para o chão.

— Mostre para mim. — Ishmael segurou o globo.

— Daqui. — Ruben pisou com o pé no carpete. — Esta é a minha casa. Eu moro nesta cidade. Sou do mesmo país que você.

Ishmael levantou os olhos para o amigo. Tinha sido mais fácil fazer os russos brincarem.

— Mostre.

Então Ruben se sentou no chão com o garoto e identificou no globo o país anfitrião, que no caso era chato e cor-de-rosa.

— Nós moramos aqui.

Ishmael era o menor de todos eles, tão garoto, com dentes brancos de garoto. Ruben queria puxar a criança para seu colo, mantê-lo ali.

— Você vive aqui.

— Não, não só eu — disse Ruben. Onde estavam seus próprios filhos? Estariam dormindo agora? — Nós dois.

Ishmael suspirou e se levantou do chão, desapontado com a cabeça dura do conterrâneo.

— Você não sabe brincar — constatou ele.

— Eu não sei brincar — repetiu Ruben, olhando para as condições

deploráveis das botas do garoto. A qualquer minuto, a sola direita cairia integralmente. — Agora me escute. Vá lá em cima no maior quarto e abra todas as portas até encontrar um armário cheio de vestidos de mulher. Nesse armário, há centenas de pares de sapatos e, se você procurar, vai achar alguns tênis que possivelmente cabem em você. Talvez até botas.

— Não posso usar sapato de mulher.

Ruben balançou a cabeça.

— Os tênis e as botas não são de mulher. Nós apenas os guardamos lá. Eu sei, não faz sentido, mas confie em mim.

* * *

— É ridículo sentarmos aqui desse jeito — disse Franz von Schuller. Gen repetiu em francês, para Simon Thibault e Jacques Maitessier, e depois em japonês, para o Sr. Hosokawa. Havia ainda mais dois alemães lá. O grupo estava perto da lareira, bebendo suco de toranja. Uma delícia, o suco de toranja. Melhor do que um bom uísque escocês. A acidez em suas línguas fazia com que se sentissem vivos. Hoje era a primeira vez que ofereciam suco de toranja.

— Essas pessoas são amadoras. Tanto as daqui de dentro, quanto as de lá de fora.

— E o que você sugere? — quis saber Simon Thibault. Ele usava a enorme echarpe azul da mulher enrolada no pescoço e caindo pelas costas, e a presença do acessório deixava as pessoas menos inclinadas a ouvirem sua opinião sobre assuntos sérios.

Pietro Genovese passou e pediu a Gen para traduzir a conversa para ele também. Ele sabia bastante francês, mas não alemão.

— Bem, as armas não estão exatamente *escondidas* de nós — disse von Schuller, baixando a voz, embora ninguém parecesse ser capaz de entender alemão. Os outros esperaram pela tradução de Gen.

— Então nós saímos atirando para escapar. Como na televisão — Pietro Genovese disse. — Isso é suco de toranja? — Parecia entediado com a conversa, embora tivesse acabado de chegar. Seu negócio era construir aeroportos. Quando a indústria de um país cresce, também crescem seus aeroportos.

Gen levantou a mão.

— Um momento, por favor. — Ele ainda estava traduzindo do alemão para o japonês.

— Íamos precisar de uma dúzia de intérpretes e árbitros das Nações Unidas antes que pudéssemos decidir atacar um único adolescente com uma faca — constatou Jacques Maitessier, mais para si mesmo do que para qualquer pessoa, e ele sabia do que estava falando, já tendo ocupado o cargo de embaixador da

França para as Nações Unidas.

— Eu não estou dizendo que todos precisariam concordar — rebateu von Schuller.

— Você tentaria por conta própria?

— Cavalheiros, paciência, por favor. — Gen estava tentando traduzir tudo para o japonês. Essa era sua primeira responsabilidade. Ele não trabalhava para a conveniência geral das pessoas, embora todos parecessem frequentemente se esquecer disso. Ele trabalhava para o Sr. Hosokawa.

Conversas em mais de duas línguas soavam estranhas e não confiáveis, como falar com a boca cheia de algodão e novocaina. Ninguém conseguia segurar os pensamentos e esperar pela sua vez. Não eram homens acostumados a esperar ou a falar objetivamente. Eles preferiam expor e falar com veemência quando necessário. Pietro Genovese foi ver se havia mais suco na cozinha. Simon Thibault afagou a echarpe com a palma da mão e perguntou a Jacques Maitessier se ele estaria interessado em jogar cartas.

— Minha mulher me mataria se eu me envolvesse em um ataque desses — disse Thibault em francês.

Os três alemães falavam rapidamente uns com os outros, e Gen não fazia o menor esforço para escutar.

— Eu nunca me canso de observar o tempo — disse o Sr. Hosokawa a Gen enquanto eles andavam de volta para perto da janela. Os dois ficaram lado a lado por um momento, limpando todos aqueles idiomas da cabeça.

— O senhor pensa em se rebelar em algum momento? — perguntou Gen. Ele percebeu as duas figuras refletidas na janela. Eles estavam parados bem perto do vidro. Dois japoneses, ambos usando óculos, um mais alto e vinte e cinco anos mais jovem; mas nesta sala, onde as pessoas tinham tão pouco em comum, Gen pôde ver pela primeira vez como eles eram parecidos.

O Sr. Hosokawa manteve os olhos no reflexo dos dois, ou talvez estivesse olhando a *garúa*.

— Alguma rebelião vai acabar acontecendo — respondeu ele. — E então não vai haver nada que possamos fazer para parar. — Sua voz ficou pesada com esse pensamento.

* * *

Os soldados passavam a maior parte dos dias explorando a casa, comendo pistaches que encontravam na despensa, cheirando o hidratante para mãos com aroma de lavanda que acharam no banheiro. A casa oferecia um sem-fim de curiosidades: closets do tamanho de algumas casas que eles haviam visto, quartos onde ninguém dormia, armários que continham nada além de rolos de fitas e

papéis coloridos. Um dos cômodos preferidos era o escritório do Vice-Presidente, que ficava no final de um longo corredor. Atrás das pesadas cortinas, as janelas paravam na altura de dois bancos almofadados, o tipo de lugar onde uma pessoa podia colocar as pernas para cima e olhar o jardim por horas. O escritório tinha dois sofás e duas cadeiras de couro e todos os livros eram encadernados em couro. Até os apetrechos da mesa, o porta-lápis e as extremidades do papel mata-borrão eram de couro. O quarto tinha o cheiro familiar e reconfortante de vacas paradas no sol quente.

Havia uma televisão nesse quarto. Alguns deles já haviam visto uma televisão antes, uma caixa de madeira com um pedaço abaulado de vidro que refletia a sua imagem de maneiras esquisitas. Elas estavam sempre, sempre quebradas. Essa era a natureza das televisões. Havia conversas, grandes histórias sobre o que uma televisão fizera em tempos passados, mas ninguém acreditava porque ninguém havia testemunhado. Um dos garotos, Cesar, colocou o rosto perto da tela, puxou os lábios para trás enfiando um dedo de cada lado da boca e se divertiu com a imagem refletida. Os outros ficaram olhando. Ele revirou os olhos e balançou a língua. Depois tirou os dedos da boca, cruzou as mãos sobre o peito e começou a fazer uma mímica que lembrava Roxane Coss cantando naquela primeira noite em que tinham esperado nos dutos do ar-condicionado. Ele não reproduziu exatamente a letra, mas pronunciou sons parecidos e no tom certo. Não estava exatamente zombando, estava cantando e, para falar a verdade, cantando muito bem. Quando não conseguiu se lembrar do que vinha depois, parou repentinamente e se curvou até a cintura. Depois se virou e recomeçou a fazer caretas na frente do aparelho.

Foi Simon Thibault que ligou a televisão. Não o fez por qualquer motivo específico. Ele entrou no quarto porque ouviu a cantoria. Pensou que alguém estava tocando um disco antigo estranho e lindo e ficou curioso. Então viu o garoto dando o espetáculo, um garoto até certo ponto divertido, e pensou que seria muito engraçado ver aparecer uma figura de repente no lugar onde o rosto dele estivera. Simon pegou o controle remoto, que estava no braço de uma confortável cadeira de couro, e apertou o botão de ligar.

Eles gritaram. Uivaram como cachorros. Berraram os nomes dos compatriotas, “Gilbert! Francisco! Jesus!”, em um tom de voz que indicava incêndio, assassinato, a chegada da polícia. O tumulto levou ao grande barulho produzido pelas travas de segurança das armas sendo removidas e ao aparecimento célere dos outros soldados e dos três Generais, que jogaram Simon Thibault contra a parede e cortaram seu lábio.

“Nada de bobagem”, havia dito Edith, os lábios suavemente tocando suas orelhas. Mas em que consistia a bobagem? Em ligar a televisão?

Um dos garotos que entraram correndo, um garoto grande chamado Gilbert, colocou o cano redondo do rifle na garganta de Thibault, pressionando a echarpe

azul de seda na pele suave acima da traqueia. Ele o prendeu lá como uma borboleta espetada em um quadro de cortiça.

— Televisão — disse Thibault com grande dificuldade.

De fato, no escritório lotado a atenção se voltara para longe de Simon Thibault. Tão rápido quanto ele havia se tornado uma ameaça, uma estrela, eles tiraram as armas da sua direção, deixando-o escorregar parede abaixo, curvando-se trêmulo de medo. Estavam todos olhando para o aparelho de televisão agora. Uma mulher bonita com cabelo escuro segurava peças de roupa sujas com as duas mãos, mostrando-as para a câmera, balançando a cabeça com uma ligeira repugnância antes de enfiá-las na máquina de lavar roupas. Seu batom era vermelho intenso e as paredes atrás dela, de um amarelo vívido.

— Este é um desafio real — anunciou ela em espanhol. Gilbert se acorcorou para assistir.

Simon Thibault tossiu e esfregou a garganta.

Os Generais estavam no escritório agora. Certamente eles já haviam visto uma televisão antes, mesmo que não vissem um aparelho desde que tinham voltado a viver na floresta. Era uma televisão muito boa, a cores e com a tela de vinte e oito polegadas. O controle remoto havia caído no chão e o General Alfredo o pegou e começou a apertar os botões para fazê-los mudar o canal; jogo de futebol; um homem de paletó e gravata lendo sentado a uma mesa; uma garota de calças prateadas cantando; uma dúzia de filhotes de cachorro em um cesto. Havia uma explosão vigorosa de excitação, um *ah* coletivo, a cada nova imagem.

Simon Thibault saiu do cômodo sem ser notado. A cantoria de Cesar nem passou mais por sua cabeça.

Na maioria dos dias, os reféns ansiavam pelo término daquilo tudo. Eles ansiavam por seus países, suas mulheres, sua privacidade. Outros dias, honestamente, eles só queriam ficar longe de todas aquelas crianças, de seu mau humor e de sua sonolência, dos seus jogos de perseguição e de suas vontades. Quantos anos eles teriam? Quando indagados, ou eles mentiam e diziam vinte e cinco ou encolhiam os ombros, como se não tivessem a menor ideia do que significava aquela pergunta. O Sr. Hosokawa sabia que não tinha muita capacidade para julgar a idade de uma criança. No Japão, ele frequentemente via pessoas jovens que não pareciam ter mais do que dez anos por trás de volantes de carros. Suas próprias filhas constantemente o apresentavam com impossibilidades matemáticas em relação à idade, um minuto correndo pela casa usando pijamas cobertos com figuras de Hello Kitty, e no minuto seguinte avisando que os namorados iriam buscá-las às sete horas. Ele pensava que as filhas nem tinham idade para namorar, mas claramente, pelos padrões deste país, elas tinham idade suficiente para fazer parte de uma organização terrorista. Ele tentou imaginar as filhas, os arcos de cabelo de plástico com margaridas e as

meias brancas curtas, furando a moldura da porta com a ponta afiada de uma faca.

O Sr. Hosokawa não conseguia imaginar as filhas em nenhuma outra cena que não fosse enroladas na cama da mãe, chorando pelo retorno dele enquanto assistiam às notícias. E, ainda assim, para a genuína surpresa de todos, dois dos soldados jovens se revelaram mulheres. Uma foi revelada de forma bem simples: em algum momento por volta do décimo segundo dia, ela tirou o boné para coçar a cabeça e uma trança caiu. Ela não se incomodou em colocá-la no lugar quando acabou de coçar. Não parecia perceber que o fato de ser uma garota pudesse ser um segredo. Seu nome era Beatriz. Respondia alegremente a qualquer um que perguntasse. Ela não fora abençoada com um rosto bonito ou maneiras delicadas e havia passado muito bem por garoto. Segurava a arma tão pronta para atirar quanto qualquer um dos rapazes, e seus olhos pareciam insensíveis mesmo quando não havia mais necessidade. E ainda assim, apesar de ser exatamente como tantas outras moças, os reféns a observavam como se ela fosse algo impossível e raro, uma mariposa luna iluminando uma extensão de neve. Como poderia haver uma garota entre eles? Como nenhum deles notara? A outra não foi tão difícil de perceber. A lógica dizia que, se havia uma garota, então poderia facilmente existir mais de uma, e todos olharam imediatamente para o garoto silencioso que nunca respondia às perguntas e parecia, desde o começo, diferente sob todos os aspectos, bonito demais, nervoso demais. Seu cabelo caía na testa e fazia seu rosto parecer um coração perfeito. Sua boca era redonda e suave. Seus olhos ficavam entreabertos, como se os pesados cílios fossem uma carga muito pesada de se sustentar. Seu cheiro era diferente do dos outros garotos, um odor doce, quente, e seu pescoço era longo e macio. Era ele que parecia tão particularmente apaixonado por Roxane Coss e dormia no chão do corredor do lado de fora do quarto dela à noite, usando o corpo para impedir que qualquer corrente de ar entrasse por baixo da porta. Gen olhou para aquele soldado, alguém que o tinha feito se sentir tão desconfortável, e a ansiedade que levava no peito rolou para fora dele como uma onda longa e baixa.

— Beatriz — disse Simon Thibault —, aquela garota lá. É sua irmã?

Beatriz bufou e balançou a cabeça.

— Carmen? Minha irmã? Você deve estar louco.

Ao som do seu nome, Carmen olhou do outro lado do cômodo. Beatriz estava falando seu nome. Não existia segredo algum no mundo. Carmen jogou no chão a revista que estava folheando. (Era uma revista italiana, com uma quantidade abundante de fotos brilhantes de estrelas de cinema e da realeza. O texto sem dúvida continha informações importantes sobre suas vidas mais privadas que ela era incapaz de ler. Foi achada na gaveta da mesa de cabeceira do lado da cama onde a mulher do Vice-Presidente dormia.) Carmen levou seu revólver para a cozinha e fechou a porta; ninguém a seguiu, uma adolescente

visivelmente aborrecida com uma arma. Não havia para onde ir e todos supuseram que alguma hora ela sairia por conta própria. Eles queriam olhar para ela de novo, vê-la sem o boné, ter tempo para contemplá-la como garota, mas estavam dispostos a esperar. Se esse era o drama da tarde, um dos terroristas se sentindo refém por algumas horas, então o suspense era melhor do que observar fixamente a garota.

— Eu devia ter percebido que era uma garota — disse Ruben a Oscar Mendoza, o empreiteiro que morava a poucos quilômetros de distância.

Oscar encolheu os ombros.

— Eu tenho cinco filhas em casa. Nunca reparei que havia uma garota nesta sala. — Ele parou para reconsiderar seu comentário e então se inclinou na direção do Vice-Presidente. — Eu vi só uma garota nesta sala, sabe? Uma mulher, na verdade. Só pode haver uma mulher nesta sala. — Ele inclinou a cabeça significativamente para o lado mais distante do salão, onde estava Roxane Coss.

Ruben aquiesceu.

— Claro — respondeu ele. — Claro.

— Estou pensando que nunca vai haver uma oportunidade melhor do que essa para dizer a ela que eu a amo. — Oscar esfregou a mão no queixo. — Não quero dizer necessariamente agora. Não precisa ser hoje, embora possa ser hoje. Os dias andam tão longos que a hora do jantar talvez seja exatamente a hora certa. Você nunca sabe até acontecer, entende? Até você estar exatamente naquele lugar. — Ele era um homem grande, com mais de um metro e oitenta, e de ombros largos. Ele se mantivera forte porque, embora fosse um empreiteiro, não deixava de fazer o trabalho árduo e carregar tábuas ou aplicar gesso no teto. Desse modo, permanecia um bom exemplo para os homens que trabalhavam para ele. Oscar Mendoza teve que se inclinar para a frente de modo a poder falar bem baixo no ouvido do Vice-Presidente. — Mas vou fazer isso enquanto estivermos aqui. Anote minhas palavras.

Ruben aquiesceu. Roxane Coss havia se livrado do vestido de noite dias atrás e agora vestia folgadas calças castanho-claras que pertenciam à mulher do Vice-Presidente, assim como o cardigã favorito dela, uma suéter azul-marinho de lã de alpaca bebê extremamente delicada que o marido lhe comprara no segundo aniversário de casamento. Um dia ele havia pedido que um guarda o acompanhasse ao andar de cima. Ele próprio entrou no closet e desceu com a suéter para a soprano.

— A senhora está com frio? — ele havia perguntado, e então colocou a suéter delicadamente em torno dos ombros dela. Seria uma traição, oferecer tão rapidamente a suéter que a esposa tanto amava? A roupa fundia as duas mulheres para ele de uma maneira que era extremamente prazerosa: sua linda convidada usando as roupas de sua mulher, de quem ele sentia tanta falta, os vestígios do

perfume da esposa prolongando-se nas nervuras da suéter de modo que, quando passava por Roxane, pudesse sentir o cheiro de ambas as mulheres. Como se isso já não bastasse, Roxane estava usando um par de chinelos familiares, que pertenciam à governanta, Esmeralda, porque os sapatos da esposa dele eram muito pequenos. Como foi prazeroso colocar a cabeça dentro do armário mínimo e meticuloso de Esmeralda!

— Você vai lhe contar sobre o seu amor por ela? — perguntou o empreiteiro. — É a sua casa. Eu certamente aceitaria adiar, já que você tem o direito de se manifestar antes.

Ruben considerou o convite atencioso do convidado.

— É uma possibilidade. — Ele estava tentando não encarar Roxane. E fracassava nisso. Ele se imaginava pegando a mão dela, sugerindo que pudesse mostrar-lhe as estrelas, da ampla varanda de pedras que circundava a parte de trás da casa; isto é, ele mostraria se tivessem permissão para ir lá fora. Ele era o Vice-Presidente, afinal de contas, isso deveria impressioná-la. Pelo menos ela não era uma mulher alta. Era uma fada, uma Vênus de bolso. Ele estava agradecido por isso. — Talvez não seja apropriado, dada a minha posição aqui.

— O que é apropriado? — perguntou Oscar. Sua voz era leve e despreocupada. — Certamente vão nos matar no final. Ou bem os que estão lá fora ou bem os que estão aqui dentro. O tiroteio vai começar. Vai haver um erro terrível, pode se fiar nisso. Os do lado de fora não podem deixar parecer que não fomos maltratados. Vai ser importante para eles que todo mundo aqui acabe morto. Pense no povo, nas massas. Você não pode deixar que eles tenham uma ideia errada. Você é o homem do governo. Você conhece mais esses temas do que eu.

— Acontece.

— Então qual é o sentido de não contar a ela? Eu, por exemplo, quero estar ciente de que nos meus últimos dias fiz algum esforço. Vou falar com o japonês, o tradutor. Quando for a hora certa, quando eu souber exatamente o que quero dizer. Não se pode abordar uma mulher como aquela de qualquer maneira.

Ruben gostava do empreiteiro. Embora não se conhecessem antes, o fato de que ambos viviam na mesma cidade os fez sentirem-se como vizinhos, depois velhos amigos, então como irmãos.

— O que você sabe de mulheres como aquela?

Oscar riu disfarçadamente e colocou a mão no ombro do irmão.

— Pequeno Vice-Presidente — disse ele. — Tem tantas coisas que eu sei. — Ele estava se gabando, mas, neste lugar, esse tipo de atitude parecia apropriada. Apesar de ele haver perdido toda a liberdade à qual estava acostumado, um novo e menor pacote de liberdades começou a fazer crescer uma luz dentro dele: a liberdade de pensar obsessivamente, o direito de recordar em detalhes. Longe da mulher e das cinco filhas, ele não era contradito ou corrigido e, sem esse peso,

ele se descobriu capaz de sonhar sem constante revisão. Ele havia vivido como um bom pai, mas agora Oscar Mendoza viu sua vida de novo como um garoto. Uma filha era uma batalha entre pais e rapazes, na qual os pais lutavam corajosamente e sempre perdiam. Ele sabia que, uma a uma, perderia cada filha, fosse honrosamente, em uma cerimônia de casamento, ou realisticamente, em um carro estacionado em frente ao oceano bem depois de anoitecer. Em seu tempo, o próprio Oscar havia feito muitas garotas se esquecerem dos seus melhores instintos e sua boa educação, mordiscando-lhes na base da nuca, delicada e persistentemente, onde o couro cabeludo desenvolve-se em cachos. As garotas eram como filhotes de gatos: se você as pegasse de jeito na nuca, elas se entregavam facilmente. Então ele sussurrava suas sugestões, todas as coisas que podiam fazer juntos, as maravilhosas explorações obscuras das quais ele seria o guia. Sua voz viajava como uma droga gotejando dentro dos canais espiralados do ouvido até que elas tivessem se esquecido de tudo, até que tivessem se esquecido de seus próprios nomes, até que se virassem e se oferecessem para ele, os corpos doces e macios como marzipã.

Oscar estremeceu com esses pensamentos. Enquanto estava pronto para desempenhar novamente o papel de jovem, podia ver as filas de rapazes se formando em volta da sua casa, rapazes prontos para abrandar a terrível tristeza de suas filhas agora que seu pai fora feito refém. *Pilar, como isso deve ser horrível para você. Isabelle, você não pode se fechar. Teresa, seu pai não ia querer ver tanto sofrimento. Olhe para isso, eu trouxe flores (ou um pássaro, ou um novelo de lã, ou lápis de cor.* NÃO FAZIA DIFERENÇA). Será que sua mulher teria o bom senso de trancar a porta? Ela nunca tinha bom senso suficiente para crer que os rapazes tinham a intenção de fazer algum mal. Ela acreditava nas mentiras deles agora da mesma forma como acreditara nele tempos antes, quando ela era uma garota e ele fora acudi-la porque seu pai morria de câncer.

O que ele estava pensando, indo atrás de uma cantora de ópera? E afinal quem eram aquelas duas garotas, Beatriz e Carmen? O que elas estavam fazendo aqui? Quem eram seus pais? Provavelmente, estavam armados em alguma revolução no interior. O que essas garotas podiam fazer para manter os garotos afastados sem os pais para protegê-las? Em todos os cantos desta casa, havia rapazes, aqueles rapazes horríveis, grosseiros, com o cabelo ensebado e unhas roidas, ansiando por tocar em um seio.

— Você parece mal — comentou o Vice-Presidente. — Toda essa conversa sobre o amor não combina com você.

— Quando vamos sair daqui? — questionou Oscar. Ele se sentou no sofá e deixou a cabeça cair por cima dos joelhos, como se estivesse tonto.

— Sair daqui? Foi você que disse que iam levar um tiro.

— Mudei de ideia. Ninguém vai me matar. Eu talvez mate alguém, mas

ninguém vai me matar.

Ruben sentou-se do lado dele e inclinou a face boa contra os ombros largos do amigo.

— Não vou reclamar das suas incoerências. Gosto mais dessa conversa, de todo modo. Vamos supor que sairemos vivos daqui. — Ele sentou-se ereto novamente. — Aqui, espere aqui. Vou até a cozinha pegar um pouco de gelo para você. Não pode imaginar como o gelo nos faz bem.

* * *

— Você toca piano? — perguntou Roxane Coss a Gen.

Ele não a tinha visto se aproximar. Estava de costas para o salão, observando a *garça* da *bay window*. Ele estava aprendendo a relaxar enquanto a observava, a não fixar os olhos. Estava começando a acreditar que podia ver coisas. O Sr. Hosokawa olhou para Gen com expectativa, claramente ansioso para saber o que ela estava falando, e, por um minuto, Gen ficou confuso se deveria responder ou traduzir primeiro, já que a pergunta havia sido dirigida a ele próprio. Ele traduziu e então disse que não para ela, ele sentia muito em dizer que não tocava.

— Pensei que você talvez tocasse — disse ela. — Você parece saber fazer tantas coisas... — Ela olhou para o acompanhante dele. — E o Sr. Hosokawa?

O Sr. Hosokawa balançou a cabeça com tristeza. Até o aprisionamento deles, ele pensara na própria vida em termos de realizações e sucesso. Agora lhe parecia uma longa lista de fracassos: ele não falava inglês, italiano nem espanhol. Não tocava piano. Nunca nem havia tentado tocar piano. Nem ele nem Gen tinham tido uma aula sequer.

Roxane Coss olhou em volta do salão, como se estivesse procurando o pianista, mas ele já estava meio mundo distante, o tumulto agora coberto por uma geada precoce na Suécia.

— Eu fico repetindo para mim mesma que isso vai acabar logo, que estou apenas de férias do trabalho. — Ela olhou para Gen. — Não que eu ache que isso sejam férias.

— Claro.

— Estamos neste lugar miserável há quase duas semanas. Nunca fiquei uma semana sem cantar, a não ser que estivesse doente. Vou ter que começar a treinar logo. — Ela se inclinou na direção dos dois, e eles se inclinaram na direção dela por reflexo. — Eu realmente não quero cantar aqui. Não quero dar essa satisfação a eles. Vocês acham que vale a pena esperar mais alguns dias? Será que vão nos libertar logo? — Ela olhou para o salão de novo, verificando se havia algum par de mãos particularmente elegantes cruzadas sobre algum colo.

— Certamente alguém aqui deve tocar — disse Gen, sem querer se referir à

outra questão.

— O piano é muito bom. Sei tocar um pouco, mas não para me acompanhar. Tenho minhas dúvidas se eles iriam lá fora e sequestrariam um novo pianista que pudesse me acompanhar. — Então ela falou diretamente ao Sr. Hosokawa. — Não sei o que fazer comigo mesma quando não estou cantando. Não tenho talento para férias.

— Eu me sinto da mesma maneira — disse ele, a voz ficando mais fraca a cada palavra —, quando não posso escutar ópera.

Roxane sorriu. Um homem tão digno. Nos outros, ela podia ver um olhar de medo, uma ocasional pincelada de pânico. Não que houvesse algo de errado com o pânico dadas as circunstâncias; ela mesma tinha chorado até dormir na maioria das noites. Mas aquilo não parecia tocar o Sr. Hosokawa, ou ele conseguia não demonstrar. E, quando ela ficava ao lado dele, de alguma maneira não sentia pânico, embora não conseguisse explicar por quê. Quando próxima a ele, parecia que ela estava saindo de perto de uma luz desagradável e entrando em algum lugar calmo e escuro, como se estivesse se envolvendo no veludo pesado das cortinas de um palco onde ninguém pudesse vê-la.

— O senhor devia me ajudar a encontrar um pianista — disse ela ao Sr. Hosokawa — e os problemas de nós dois estariam resolvidos.

Toda a maquiagem dela se tinha ido agora. No primeiros dias, ela se preocupava em ir ao banheiro e colocar batom do tubo que carregava na carteira de festa. Mas agora seu cabelo estava preso em um elástico apertado, e ela usava roupas de outra pessoa que não caíam exatamente bem nela. O Sr. Hosokawa achava que a cada dia ela estava mais bonita. Ele quisera tantas vezes pedir a ela que cantasse! Jamais faria isso, porém, já que, afinal de contas, cantar na festa dele fora o evento que lhe trouxera todo aquele problema. Ele não conseguia chamá-la para jogar cartas ou perguntar o que ela achava da *garúa*. Ele não a perseguia de maneira alguma e, consequentemente, Gen também não. Na verdade, ambos haviam percebido que todos os homens (com exceção do padre, a quem ela não podia entender), na ânsia de falar com ela, haviam decidido deixá-la sozinha, como se por uma espécie de respeito. Logo, ela se sentava sozinha, hora após hora. Às vezes chorava e outras vezes folheava livros ou tirava sonecas no sofá. Era um prazer vê-la dormir. Roxane era a única refém a ter o privilégio de um quarto e seu próprio guarda, que dormia do lado de fora da porta, embora não se soubesse inteiramente se aquilo servia para mantê-la dentro do quarto ou manter as outras pessoas fora. Agora que sabiam que o guarda era Carmen, imaginavam se ela estava apenas tentando manter-se segura ficando perto de uma pessoa tão importante.

— Talvez o Vice-Presidente toque — sugeriu o Sr. Hosokawa. — Ele tem um belo piano aqui.

Gen foi procurar o Vice-Presidente, que estava dormindo em uma cadeira,

a face boa pressionada contra o ombro, a face ruim voltada para cima, vermelha e azulada e ainda cheia dos pontos de Esmeralda. A pele estava crescendo em volta deles. De algum modo, eles precisavam sair.

— Senhor? — sussurrou Gen.

— Hum? — disse Ruben, os olhos fechados.

— O senhor toca piano?

— Piano?

— O que está na sala. O senhor sabe tocar?

— Eles trouxeram para a festa — respondeu Ruben, tentando não acordar completamente. Ele estivera sonhando com Esmeralda debruçada sobre a pia, descascando uma batata. — Havia um piano aqui antes, mas levaram embora porque não era suficientemente bom. Era bom, claro, minha filha aprende nele, mas não bom o suficiente para o recital — disse ele, a voz muito sonolenta. — Aquele piano não é meu. Eu não tenho piano algum, na realidade.

— Mas o senhor sabe tocar?

— Piano? — Ruben finalmente olhou para ele e então endireitou o pescoço.

— Sim.

— Não — afirmou ele e sorriu. — Não é uma pena?

Gen assentiu.

— O senhor deveria tirar esse pontos, eu acho.

Ruben tocou o rosto.

— Você acha que já estão cicatrizados?

— Eu diria que sim.

Ruben sorriu como se notar que a pele voltava a crescer representasse algum tipo de realização pessoal. Ele saiu para procurar Ishmael e pedir para ele trazer o estojo de manicure do banheiro de cima. Tinha esperança de que o alicate de cutículas não houvesse sido confiscado como arma.

Gen saiu por conta própria para tentar achar um novo pianista para acompanhar a cantora. Não era uma questão que exigisse muita habilidade linguística, já que a palavra piano era mais ou menos a mesma em várias línguas. Claro que Roxane Coss poderia ter tentado ela própria encontrar um pianista, comunicando-se por meio de gestos, mas ela ficou com o Sr. Hosokawa, e juntos encaramaram o nada que a janela lhes oferecia.

— Os senhores tocam piano? — Gen perguntou, começando pelos russos, que estavam fumando na sala de jantar. Eles o olharam de soslaio através da fumaça azul e então balançaram as cabeças.

— Meu Deus — disse Victor Fyodorov, cobrindo o coração com as mãos. — O que eu daria para saber tocar! Diga à Cruz Vermelha para trazer um professor e eu aprendo por causa dela. — Os outros dois russos riram e jogaram suas cartas.

— Piano? — perguntou Gen ao próximo grupo. Ele percorreu a casa,

perguntando a todos os convidados, pulando os sequestradores, assumindo que aulas de piano fossem uma impossibilidade na selva. Gen imaginou lagartos nos pedais, a umidade deformando o teclado, trepadeiras persistentes se enroscando nos pesados pés de madeira. Um espanhol, Manuel Flores; um francês, Étienne Boyer; e um argentino, Alejandro Ribas, disseram que sabiam tocar um pouco, mas não conseguiam ler partituras. Andreas Epictetus disse que tocara bastante bem na juventude, mas não dedilhava um piano há anos.

— Minha mãe me obrigava a praticar diariamente — contou ele. — No dia em que saí de casa, fiz uma pilha com todas as partituras na parte de trás da casa e ateei fogo, bem na frente dela. Nunca mais pus um dedo em um piano desde então. — O restante disse que não, não tocava. As pessoas começaram a contar histórias sobre algumas poucas aulas ou sobre as aulas dos filhos. As vozes se sobressaíam umas às outras e, de cada canto da sala, vinha a palavra *piano*, *piano*, *piano*. Parecia a Gen (e ele se incluía nessa avaliação) que nunca houvera um grupo de homens tão sem cultura feitos reféns. O que eles estavam fazendo esses anos todos em que ninguém se preocupou em aprender um instrumento tão importante? Todos desejavam saber tocar, se não antes, certamente agora. Ser capaz de tocar para Roxane Coss.

Então Tetsuya Kato, o vice-presidente da Nansei, que Gen conhecia há anos, sorriu e caminhou até o Steinway sem falar uma palavra. Ele era um homem magro, com cinquenta e poucos anos e cabelo grisalho, que, se Gen bem se lembrava, raramente falava. Tinha a reputação de ser muito bom com números. As mangas da camisa do seu smoking estavam enroladas acima dos cotovelos e já estava sem o paletó há muito tempo, mas ele se sentou no banco com grande formalidade. Os que estavam no salão o observaram quando ele levantou a tampa do teclado e correu as mãos levemente sobre as teclas, acariciando-as. Alguns dos outros reféns ainda comentavam sobre o piano — era possível ouvir as vozes dos russos vindo da sala de jantar. Então, sem requerer a atenção de ninguém, Tetsuya Kato começou a tocar. Ele iniciou com uma peça de Chopin, o *Noturno em mi bemol maior Opus 9 nº 2*. Era a peça que mais ouvia em sua cabeça desde que chegara a este país, a que tocava silenciosamente na borda da mesa de jantar quando ninguém estava olhando. Em casa, ele olhava a partitura e virava as páginas. Agora ele estava certo de saber a música inteira. Ele podia ver as notas na frente dele e as seguia com uma fidelidade infalível. Em seu coração, nunca se sentira tão perto de Chopin, que ele amava como a um pai. Como seus dedos pareciam estranhos após duas semanas sem tocar... como se sua pele agora fosse inteiramente nova. Ele ouvia o suave estalar das unhas sobre as teclas, unhas que não eram aparadas há duas semanas. Os martelos cobertos de feltro tocaram nas cordas, suavemente a princípio, e a música, até para quem nunca havia ouvido aquela peça antes, soava como uma lembrança. De todos os cantos da casa, tanto terroristas quanto reféns se viraram, escutaram e sentiram

um grande relaxamento no peito. Havia uma espécie de delicadeza nas mãos de Tetsuya Kato, como se elas estivessem simplesmente descansando em um lugar do teclado e depois em outro. Então, subitamente, a mão direita estendeu as notas como se estivessem na água, um som tão leve e agudo que provocava uma tentação de procurar por sinos debaixo da tampa. Kato fechou os olhos para conseguir imaginar que estava em casa, tocando em seu próprio piano. Sua mulher estaria dormindo. Seus filhos, dois rapazes solteiros e ainda morando com os pais, estariam dormindo. Para eles, as notas de Kato tocando se tornaram como o ar, do qual dependiam e do qual haviam parado de se dar conta há muito tempo. Tocando nesse grande piano agora, Kato podia imaginá-los dormindo e colocou essa sensação no noturno, as respirações estáveis dos filhos, a mulher apertando o travesseiro com uma das mãos. Toda a ternura que ele sentia por eles foi para as teclas. Ele as tocou como se tentasse não acordá-los. Era o amor e a solidão que cada um sentia, dos quais ninguém falava. Será que o músico que acompanhava Roxane Coss tocava tão bem assim? Era impossível de lembrar, seu talento deveria ser invisível, para exaltar a soprano, mas agora as pessoas no salão da mansão da vice-presidência ouviam Kato famintos, e nada em suas vidas havia sido alimentado tão bem.

A maioria dos homens ali não o conhecia. A maioria deles não tinha nem uma lembrança distinta de havê-lo notado até esse ponto; então, parecia que ele viera do mundo lá fora simplesmente para tocar para eles. Nenhum dos homens que de fato o conheciam sabia que ele tocava, que ele havia dado seguimento às aulas e praticado por uma hora toda manhã antes de pegar o trem para o trabalho. Era importante para Kato ter outra vida, uma vida secreta. Agora esse segredo não lhe pareceu nem um pouco importante.

Eles estavam todos perto do piano, Roxane Coss, o Sr. Hosokawa, Gen, Simon Thibault, o Padre Arguedas, o Vice-Presidente, Oscar Mendoza, o pequeno Ishmael, Beatriz e Carmen, que deixou a arma na cozinha e veio ficar com as outras pessoas. Todos os russos se encontravam ali, assim como os alemães que haviam falado de rebelião e os italianos, que estavam chorando, além dos dois gregos, que eram mais velhos do que o restante. Os garotos estavam lá, Paco e Ranato, Humberto e Bernardo, além de todos os outros, a massa desajeitada e ameaçadora de carne de menino que parecia se amaciar a cada nota. Mesmo os Generais vieram. Cada um dos presentes acabou por se aproximar, até que houvesse cinquenta e oito pessoas na sala, e, quando terminou, Tetsuya Kato inclinou a cabeça para a frente enquanto os outros aplaudiam. Se não houvesse aparecido a necessidade de um pianista, poucas eram as chances de Kato sentar-se aquela tarde para tocar, embora ele houvesse olhado o piano do mesmo modo que os outros homens olhavam a porta. Ele não escolheria chamar atenção para si próprio e, sem seu recital, a história talvez o ignorasse por completo. Mas havia uma necessidade, um pedido específico, e

então ele foi em frente.

— Bom, bom — disse o General Benjamin, sentindo-se bem de pensar que o acompanhador que havia sido perdido agora fora substituído.

— Muito bem tocado — comentou o Sr. Hosokawa, orgulhoso de que fosse um homem da Nansei a se oferecer para aquela tarefa. Ele conhecia Kato há vinte anos. Conhecia sua esposa e sabia o nome de seus filhos. Como era possível não saber que ele tocava piano?

Por um momento, o salão ficou muito quieto, e então Carmen, que havia virado uma menina há tão pouco tempo para eles, disse alguma coisa em uma língua que nem Gen estava certo qual era.

— Bis — disse o padre a ela.

— Bis — repetiu Carmen.

Kato saudou Carmen com a cabeça, e ela sorriu. Quem poderia tê-la confundido com um daqueles garotos? Mesmo sob o boné, ela era absolutamente encantadora. Ela sabia que as pessoas estavam olhando para ela e fechou os olhos, incapaz de voltar para a cozinha da maneira que queria, incapaz de deixar a curva convidativa da lateral do piano. Quando ele tocou, ela pôde sentir as vibrações das cordas enquanto inclinava o quadril contra a madeira. Ninguém nunca a saudara com a cabeça antes. Ninguém ouvira um pedido seu. Certamente, ninguém nunca tocara uma peça de música tão bela para ela antes.

Kato tocou outra e então mais outra até que todos no salão houvessem esquecido que queriam muito estar em algum outro lugar. Quando finalmente terminou, e não podia mais atender ao pedido de outro bis porque suas mãos estavam trêmulas de exaustão, Roxane Coss apertou sua mão e o saudou com a cabeça, o que estabeleceu um pacto de que no futuro ela cantaria e ele tocaria.

Gen era um homem ocupado. Ele era requisitado pelo Sr. Hosokawa, que queria mais dez palavras e as respectivas pronúncias para adicionar a seu livro. Ele era requisitado pelos outros refêns, que queriam saber como se falava “Já acabou de ler o jornal?” em grego, alemão ou francês, e depois era requisitado para ler o jornal para os que não sabiam espanhol. Ele era requisitado por Messner todos os dias, para traduzir as negociações. E, acima de tudo, era requisitado pelos Generais, que convenientemente tinham confundido sua função com a de secretário do Sr. Hosokawa, em vez de intérprete. E se apropriaram de seus serviços. Gostaram da ideia de ter um secretário e logo começaram a acordar Gen no meio da noite, mandando-o se sentar com um lápis e um bloco enquanto ditavam sua mais recente lista de exigências para o governo. O que exatamente eles queriam era algo que parecia a Gen não ter tomado forma ainda. Se o plano era sequestrar o Presidente a fim de derrubar o governo, não haviam se preocupado em pensar muito além disso. Agora falavam em generalidades sobre dinheiro para os pobres. Citavam o nome de cada pessoa que já tinham conhecido alguma vez na vida e que estava na cadeia agora, o que parecia a Gen ser uma lista inesgotável. Tarde da noite, em delírios de poder e generosidade, eles demandavam que todos os presos fossem libertados. Iam além dos prisioneiros políticos. Lembravam-se dos ladrões de carros que conheceram na juventude, os assaltantes insignificantes, os homens que roubaram galinhas, um punhado de traficantes de drogas que não eram inteiramente maus quando você os conhecia melhor.

— Não se esqueça deste aqui — disse Alfredo e deu uma cutucada irritante no ombro de Gen. — Você não tem ideia de como esse homem sofreu. — Eles admiravam a caligrafia de Gen e, quando encontraram uma máquina de escrever no quarto da filha mais velha do Vice-Presidente, ficaram muito impressionados com sua habilidade em datilografar. Às vezes, no meio da transcrição, Hector dizia “em inglês!” e então Alfredo, “em português!”. Como era espantoso olhar por sobre o ombro de Gen, enquanto ele datilograva em diferentes línguas! Era como ter um brinquedo incrivelmente fascinante. Às vezes, quando estava muito tarde, Gen batia tudo em sueco sem o auxílio do trem, como uma tentativa de se divertir, mas não se divertia mais. Pelo que Gen podia perceber, só havia dois refêns que não eram fabulosamente ricos e poderosos: ele e o padre, e os dois eram os únicos ali a quem mandavam trabalhar. Claro, o Vice-Presidente trabalhava, mas não porque alguém lhe pedisse. Ela parecia pensar que o conforto de seus convidados ainda era sua

responsabilidade. Estava sempre servindo sanduíches e recolhendo copos. Lavava a louça e varria, e duas vezes por dia esfregava o chão dos banheiros. Com um pano de prato amarrado em volta da cintura, parecia um cativante recepcionista de hotel. Ele perguntava se alguém queria chá. Perguntava se seria muito incômodo se aspirasse embaixo da cadeira onde alguém estava sentado. Todos gostavam muito de Ruben. Todos haviam se esquecido completamente de que ele era o Vice-Presidente do país.

Ruben Iglesias entregou uma mensagem para Gen enquanto este esperava que os Generais decidissem o que queriam dizer em seguida: precisavam dele no piano. Roxane Coss e Kato tinham muito o que combinar. Será que os Generais poderiam dispensar Gen neste momento específico? Todos queriam manter a soprano feliz e possivelmente desejavam ouvi-la cantar novamente; então, consentiram em deixar Gen ir. Gen se sentia como um estudante mandado para fora da sala. Ele se lembrava do belo estojo de lápis que tinha, o bloco de papel, a sorte de ter uma carteira perto da janela simplesmente pela ordem em que seu nome ficava na chamada. Era um bom aluno e, mesmo assim, se lembrava a cada momento como desejava desesperadamente sair da sala. Ruben Iglesias pegou seu braço.

— Suponho que os problemas do mundo tenham que esperar — sussurrou ele e então riu de uma maneira que ninguém conseguiria ouvi-lo.

O Sr. Hosokawa ficou ao piano com Kato e Roxane. Era um prazer ouvi-los conversar sobre ópera, com tradução para o japonês, ouvir a conversa de Roxane Coss em japonês. Era diferente ouvir o que ela dizia para ele do que o que ela dizia quando falava com outra pessoa, quando conversava com alguém sobre música. Havia um certo tipo de conhecimento que se adquiria ao se ouvir a conversa dos outros. Muito do que se aprendia era captado acidentalmente, apenas metade de frases entreouvadas quando se passava por uma porta. Desde que eles haviam sido feitos reféns, o Sr. Hosokawa sentia a frustração de um surdo. Mesmo que estudasse espanhol com afinco, só ocasionalmente reconhecia uma palavra das que ouvia. Por toda a sua vida, ele havia desejado mais tempo para escutar e, quando finalmente teve esse tempo, não havia o que se escutar, apenas o burburinho de vozes que ele não entendia, os gritos ocasionais da polícia por trás do muro. O Vice-Presidente tinha um aparelho estéreo, mas parecia que ele só gostava de música local. Todos os seus CDs eram de bandas tocando gaitas em tom agudo ou baterias cruas. A música dava dor de cabeça no Sr. Hosokawa. Os Generais, entretanto, a achavam inspiradora e não faziam pedidos de novos CDs.

Mas agora o Sr. Hosokawa puxara a cadeira para o piano e escutava. Todos ficaram no salão, tanto os reféns quanto os terroristas, na esperança de que Kato pudesse ser persuadido a tocar novamente ou, melhor ainda, de que Roxane Coss pudesse cantar. Carmen parecia especialmente interessada em observar Roxane.

Ela se considerava sua guarda-costas, como se fosse uma responsabilidade pessoal. Ela ficava parada no canto e encarava o grupo com uma concentração inabalável. Beatriz mastigou a ponta da trança por um tempo, conversando com os garotos de sua idade. Quando parecia que não haveria música alguma em um futuro próximo, ela e alguns de seu grupo escapuliram para assistir à televisão.

Apenas o Sr. Hosokawa e Gen foram convidados a se sentarem com os músicos principais.

— Gosto de praticar escalas logo de manhã cedo — comentou Roxane. — Depois do café da manhã. Vou trabalhar algumas músicas, Bellini, Tosti, Schubert. Se você sabe tocar Chopin, pode tocar esses também. — Roxane passou os dedos pelas teclas, colocando as mãos no lugar da abertura de “Die Forelle”, de Schubert.

— Se conseguirmos trazer as partituras — disse Kato.

— Se conseguimos trazer o jantar, conseguiremos trazer partituras de música. Vou pedir para meu agente juntar tudo em uma caixa e mandar para cá. Alguém pode trazer por avião. Diga o que o senhor quer. — Roxane olhou em volta procurando um pedaço de papel, e o Sr. Hosokawa estava atento, de forma que pegou o caderno e a caneta de dentro do bolso interno do paletó. Ele o abriu em uma página em branco na parte de trás e o entregou a ela.

— Ah, Sr. Hosokawa — disse Roxane. — O catifeiro seria bem pior sem o senhor.

— Certamente a senhora já recebeu presentes melhores do que um bloco de papel e uma caneta — respondeu o Sr. Hosokawa.

— A qualidade do presente depende da sinceridade de quem dá. Também ajuda se o presente for algo que a pessoa que o recebe realmente quer. Até agora o senhor me deu seu lenço, seu caderno e sua caneta. Todos os três, coisas que eu queria.

— O pouco que tenho aqui é seu — disse ele, com uma sinceridade que não casava com a leveza dela. — A senhora pode ficar com meus sapatos. Meu relógio.

— O senhor precisa guardar algo para o futuro, para que possa me surpreender. — Roxane rasgou uma página de papel e devolveu o caderno. — Continue com seus estudos. Se ficarmos aqui por um tempo considerável, não precisaremos mais de Gen.

Gen traduziu e então acrescentou:

— Saírei por conta própria dos negócios.

— Você sempre pode ir para a selva com eles — afirmou Roxane, olhando por cima dos ombros para os Generais, que tinham como passatempo observá-la. — Parece que eles querem lhe dar um trabalho.

— Eu nunca abriria mão dele — disse o Sr. Hosokawa.

— Às vezes — respondeu Roxane, tocando o pulso do Sr. Hosokawa por

apenas um segundo —, essas situações estão fora de nosso controle.

O Sr. Hosokawa sorriu para ela. Ele estava vacilante devido à naturalidade do discurso entre eles, o desembaraço repentino com o qual passavam o tempo. Imagine se não fosse o Kato a tocar o piano! Podia ser um dos gregos ou um russo. Então ele ficaria de fora novamente, ouvindo o inglês sendo traduzido para grego e o grego para inglês, sabendo que Gen, intérprete *dele*, não teria tempo para repetir cada frase em japonês. Kato disse que queria alguma coisa de Fauré, se não fosse dar muito trabalho, e Roxane riu e disse que nada daria tanto trabalho assim. O maravilhoso Kato! Ele mal parecia notá-la. Ele não conseguia tirar os olhos do piano. Sempre fora um trabalhador incansável e agora era o herói do dia. Teria um bom aumento quando tudo isso acabasse.

Messner veio, como de costume, às onze horas da manhã. Dois dos jovens soldados o revistaram na porta. Eles o fizeram tirar os sapatos e os vasculharam, procurando pequenas armas. Fizeram a revista nas pernas de Messner e apalparam embaixo dos seus braços. Era um costume ridículo, que havia aumentado não por alguma suspeita, mas por causa de um potencial enfado. Os Generais lutavam para manter os soldados com a mente focada na batalha. Cada vez mais os adolescentes se espreguiçavam no sofá de couro do gabinete do Vice-Presidente e assistiam à televisão. Eles tomavam longos banhos e aparavam os cabelos uns dos outros com um par de elegantes tesouras prateadas que haviam achado na mesa. E então os Generais dobraram a vigilância noturna e as tarefas militares. Eles faziam os soldados patrulharem a casa em pares e mandavam mais dois para fora a fim de caminharem pelas extremidades do jardim na chuva garoenta. Quando saíam, levavam os rifles carregados e os seguravam para cima, como se estivessem procurando atirar em um coelho.

Messner se submeteu a esse exercício com paciência. Ele abriu sua maleta e tirou os sapatos. Manteve os braços esticados dos dois lados e afastou os pés calçados só com meias o suficiente para que as pequenas mãos estranhas pudessem fazer uma inspeção por seu corpo, como achassem melhor. Uma vez, um deles fez cócegas nas suas costelas e Messner abaixou o braço rispidamente. “¡Basta!”, disse. Ele nunca havia visto um grupo de terroristas tão amador. Era um mistério total e absoluto para ele como haviam conseguido tomar a casa.

O General Benjamin deu um tapa em Ranato, o garoto que havia feito cócegas em Messner, e tirou sua arma. Tudo o que ele desejava era manter uma aparência de disciplina militar.

— Ninguém ordenou isso — disse rispidamente.

Messner sentou-se em uma cadeira e recolocou os sapatos. Ele estava irritado com todos eles. A esta altura, se tudo tivesse corrido como esperado, essa viagem deveria ter sido esquecida, as fotos estariam reveladas, compartilhadas e colocadas em um álbum. Ele deveria estar no seu apartamento excessivamente caro em Genebra, com a linda vista e a mobília dinamarquesa moderna que

havia escolhido com tanto cuidado. Ele deveria estar pegando um pacote de correspondência das mãos de sua secretária pela manhã. Em vez disso, ele ia trabalhar, inquirindo como o grupo estava indo. Praticava seu espanhol e, mesmo mantendo Gen por perto, tanto por segurança quanto por um respaldo para seu vocabulário, era capaz de conduzir grande parte da conversa informal por conta própria.

— Estamos ficando cansados disso — disse o General e passou as mãos pela parte de trás da cabeça. — Queremos saber por que seu pessoal não consegue achar uma solução. Será que nós temos que começar a matar os reféns para chamar sua atenção?

— Bem, para começar, eles não são o *meu* pessoal. — Messner apertou o cadarço do sapato. — Nem é a *minha* atenção que você devia tentar chamar. Não mate ninguém por minha causa. Você tem minha atenção integral. Era para eu ter voltado para casa há uma semana.

— Todos nós deveríamos ter ido para casa há uma semana. — O General Benjamin suspirou. — Mas temos que ver nossos irmãos serem soltos. — Para o General Benjamin, claro, isso significava tanto seus companheiros em termos filosóficos quanto o seu irmão de sangue, Luis, que havia cometido o crime de distribuir panfletos para um protesto político e agora estava enterrado vivo em uma prisão de alta altitude. Antes da prisão do irmão, Benjamin não era um general. Era professor do ensino fundamental. Vivía no sul do país perto do mar. Nunca havia tido um momento de problema com os nervos.

— Essa é a questão — constatou Messner, olhando para o salão, fazendo um rápido inventário de todos os presentes.

— E tem algum progresso?

— Nada que eu tenha ouvido hoje. — Ele apanhou a maleta e tirou um monte de papéis. — Isso é para vocês. As exigências deles. Se tem alguma coisa que vocês queiram que eu peça...

— Señorita Coss — disse o General Benjamin, apontando o dedo na direção dela. — Tem uma coisa que ela quer.

— Ah, sim.

— Tem sempre alguma coisa para a Señorita Coss — afirmou o General. — Sequestrar mulheres é completamente diferente de sequestrar homens. Eu não tinha pensado nisso antes. Para o nosso povo, liberdade. Para ela, algo mais, vestidos, possivelmente.

— Vou ver o que posso fazer — respondeu Messner e balançou a cabeça, mas não se levantou para sair imediatamente. — Tem algo que eu possa trazer para você? — Ele não indicava nada diretamente, mas estava perguntando sobre o herpes-zóster, que a cada dia parecia aumentar sua rede vermelha e violenta um milímetro a mais pelo rosto do General e logo estaria mergulhando seus dedos na água gelada do olho esquerdo.

— Não, não preciso de nada.

Messner aquiesceu e pediu licença. Ele preferia Benjamin aos outros dois. Ele o achava um homem razoável, possivelmente até inteligente. Mesmo assim, ele se esforçava com vigor para se prevenir contra qualquer sentimento de real afeição por ele, por qualquer um deles, sequestradores ou reféns. A afeição frequentemente impedia que se fizesse um trabalho eficiente. Além disso, Messner sabia como essas histórias em geral terminavam. Parecia ser melhor evitar muito envolvimento pessoal.

No entanto, nenhuma regra sensata se aplicava a Roxane Coss. Na maioria dos dias, havia algo que ela queria e, enquanto os Generais não davam a mínima para os pedidos dos outros reféns, eram rápidos em querer satisfazer os dela. Todas as vezes em que ela pedia algo, Messner sentia seu coração bater ligeiramente mais rápido, como se fosse ele o que ela quisesse ver. Um dia era fio dental, outro dia um cachecol, depois pastilhas de ervas para a garganta que Messner ficou orgulhoso de descobrir que vinham da Suíça. Os outros reféns adquiriram o hábito de pedir a Roxane caso houvesse algo de que necessitassem. Quando requisitava meias masculinas ou revistas de iatismo, ela nem piscava.

— Você soube das boas notícias? — perguntou Roxane.

— Agora vocês têm boas notícias? — Messner tentou ser racional. Ele tentava entender o que ela tinha de especial. Como estava de pé perto dela, podia ver o lugar onde seu cabelo se repartia. Afinal, ela era como todos os outros, não era? Exceto, talvez, pela cor dos olhos.

— O Sr. Kato toca piano.

À menção do seu nome, Kato se levantou do banquinho do piano e fez uma reverência a Messner. Eles não haviam sido apresentados antes. Todos os reféns admiravam Messner profundamente, tanto pelo seu comportamento calmo quanto por sua habilidade aparentemente mágica de entrar e sair pela porta da frente quando desejasse.

— Pelo menos vou poder ensaiar de novo — disse Roxane. — Se tivermos a oportunidade de sair daqui, ainda quero ser capaz de cantar.

Messner disse que esperava ter uma oportunidade de ouvir os ensaios. Por um mínimo, inquietante momento, Messner sentiu algo que não era diferente de ciúmes. Os reféns estavam lá o tempo todo; então, se ela desejasse cantar logo de manhã cedo ou no meio da noite, eles poderiam ouvi-la. Ele havia comprado um aparelho de CD portátil e o máximo de gravações dela que conseguira encontrar. À noite, ele se deitava no quarto do hotel de duas estrelas pago pela Cruz Vermelha Internacional e a ouvia cantar *Norma* e *La Sonnambula*. Ficava deitado sozinho na sua cama desconfortável olhando as teias de aranha no teto, já os reféns ficavam todos no grande salão da propriedade a vice-presidência enquanto ela cantava “Casta Diva”.

Basta, Messner disse para si mesmo.

— Eu sempre fiz ensaios fechados — disse Roxane. — Não creio que qualquer pessoa seja obrigada a ouvir meus erros. Mas duvido que haja muito sentido em tentar fazer isso aqui. Eu talvez consiga fazer com que todos vão para o sótão.

— Eles vão poder ouvir do sótão.

— Vou mandá-los colocarem todos algodão no ouvido. — Roxane riu, e Messner ficou tocado. Tudo na casa parecia mais tolerável desde que esse novo músico havia se apresentado para acompanhá-la.

— Então o que eu posso fazer pela senhora?

Se Gen havia se transformado em um secretário, então Messner era um mensageiro. Na Suíça, ele era membro de um clube de arbitragem de elite. Um homem de quarenta e dois anos que havia tido uma carreira muito bem-sucedida na Cruz Vermelha. Ele não empacotava uma caixa de suprimentos alimentícios ou cobertores para um cenário de enchente há quase vinte anos. Agora estava percorrendo a cidade atrás de chocolate com aroma de laranja e ligando para um amigo em Paris para pedir-lhe que enviasse um creme caro para os olhos que vinha acondicionado em um pequeno tubo preto.

— Eu preciso de música — disse ela, e entregou a lista. — Ligue para meu agente e diga a ele para mandar esta noite. Diga para ele próprio pegar um avião para cá se achar que vai dar algum problema. Eu quero isso amanhã.

— Talvez a senhora precise ser um pouco mais razoável sobre o prazo. — Messner disse. — Já anoiteceu na Itália.

Messner e Roxane conversavam em inglês, com Gen discretamente traduzindo a conversa particular para o japonês. O Padre Arguedas se aproximou do piano, sem querer interferir, mas desejando muito saber o que estava sendo dito.

— Gen — sussurrou. — Do que ela precisa?

Gen respondeu em inglês e depois, dando-se conta de que o padre era um local, em espanhol:

— *Partitura*.

— Messner sabe com quem falar? Sabe aonde ir?

Gen gostava do padre e não se importava de ser incomodado, mas o Sr. Hosokawa e Kato claramente tinham a intenção de acompanhar o que estava sendo dito e ele estava ficando atrás na conversa que era conduzida em inglês.

— Eles vão entrar em contato com pessoas na Itália. — Gen virou as costas para o Padre Arguedas e voltou com o trabalho de antes.

O padre agarrou a manga de Gen. Gen levantou a mão para pedir que ele esperasse.

— Mas eu sei onde tem música — insistiu o padre. — Fica a pouco mais de três quilômetros daqui. Eu conheço um homem, um diácono na nossa paróquia, que é professor de música. Ele me empresta discos. Ele tem toda a música de

que você precisar. — Sua voz estava ficando alta. O Padre Arguedas, que havia devotado a vida a trabalhar para o bem, estava quase histérico para conseguir alguma oportunidade de praticar o bem. Ele ajudava Ruben a lavar as roupas e, de manhã, dobrava todos os cobertores e os empilhava com os travesseiros em cuidadosas fileiras contra a parede. No entanto, ele esperava dar assistência e orientação de uma natureza mais profunda. Ele não conseguia evitar, mas sentia que ficava no limite entre incomodar as pessoas em vez de confortá-las, quando tudo o que queria, a única coisa que lhe importava, era ser útil.

— O que ele está dizendo? — perguntou Roxane.

— O que o senhor está dizendo? — perguntou Gen ao padre.

— A música está aqui. Você pode ligar. Manuel pode trazer aqui, qualquer coisa de que precise. Se for algo que ele não tenha, e não consigo imaginar isso, ele vai achar. Tudo o que precisa dizer é que é para a Señorita Coss. Você nem precisaria dizer isso. Ele é um homem cristão. Se você disser que precisa por qualquer razão eu garanto que ele vai ajudar. — Os olhos dela se iluminaram de tanta agitação. As mãos dele saltavam na frente do peito, como se ele estivesse tentando oferecer o próprio coração.

— Ele teria Bellini? — perguntou Roxane depois de escutar a tradução. — Eu preciso de música para cantar. Preciso de partituras inteiras de ópera, Rossini, Verdi, Mozart. — Ela se inclinou em direção ao padre e perguntou pelo impossível. — Offenbach.

— Offenbach! *Les Contes d'Hoffmann*! — A pronúncia em francês do padre era distinguível e até boa. Ele apenas havia visto aquilo escrito no disco.

— Ele teria isso? — perguntou ela a Gen.

Gen repetiu a pergunta e o padre respondeu:

— Eu vi essas partituras. Ligue para ele, seu nome é Manuel. Eu ficaria muito feliz de fazer a ligação, se me permitissem.

Como o General Benjamin estava trancado em um quarto no andar de cima, segurando um saco de água quente no rosto inflamado e não podia ser interrompido, Messner fez o pedido aos Generais Hector e Alfredo, que o concederam com indiferença enfadada.

— Para a Señorita Coss — explicou Messner.

O General Hector aquiesceu e o dispensou sem nem levantar o olhar. Quando Messner estava quase fora da sala, o General Alfredo latiu:

— Apenas uma ligação! — O General pensava que eles não haviam demonstrado a autoridade apropriada ao ter concordado tão rapidamente. Logo estavam no gabinete, assistindo à novela preferida do Presidente. A heroína, Maria, dizia agora ao amante que não o amava mais, na esperança de que ele saísse da cidade desesperado e assim ficasse protegido do próprio irmão, que, apaixonado por Maria, o procurava para matá-lo. Messner ficou na entrada por um momento para assistir à garota chorando na televisão. A tristeza da heroína

era tão convincente que era difícil para ele ir embora.

— Ligue para o Manuel — disse, voltando-se para o salão. Ruben foi para a cozinha e retornou com o catálogo telefônico, e Messner entregou ao padre seu telefone celular e lhe mostrou como ligar.

Ao terceiro toque, alguém atendeu.

— Alô!

— Manuel? — disse o padre. — Manuel, alô? — Ele sentiu a voz falhar de emoção. Alguém do lado de fora da casa! Era como ver um fantasma da sua vida anterior, uma sombra prateada andando pelo corredor em direção ao altar. Manuel. Ele estava em cativeiro há pouco menos de duas semanas, mas, quando ouviu aquela voz, o padre sentiu como se tivesse estado morto para o mundo.

— Quem é? — A voz estava desconfiada.

— É seu amigo, o Padre Arguedas. — Os olhos do padre se encheram de lágrimas, e ele levantou a mão para pedir licença para o grupo e se refugiou em um canto, dentro das dobras lustrosas das cortinas.

Houve um longo silêncio do outro lado.

— Isso é uma brincadeira?

— Manuel, não! Sou eu que estou ligando.

— Padre?

— Estou em... — disse ele, mas a fôz falhou — Eu fui detido.

— Nós sabemos de tudo, padre, você está bem? Eles estão tratando você bem? Eles deixam fazer ligações?

— Estou bem. Estou ótimo. A ligação, não, é uma circunstância especial.

— Rezamos a missa todo dia por você. — Agora era a voz do seu amigo que estava falhando. — Eu só vim em casa para almoçar. Eu tinha acabado de pisar em casa. Se tivesse me ligado cinco minutos antes, eu não estaria aqui. Você está seguro? Nós temos ouvido coisas terríveis.

— Vocês rezam a missa por mim? — O Padre Arguedas enrolou a mão em volta das cortinas pesadas e descansou o rosto contra o tecido macio. Pelo que sabia, ele só havia sido mencionado na missa, junto com vinte e três outras pessoas, no domingo antes de firmar seus votos, e apenas naquela ocasião. Pensar em todas aquelas pessoas, as pessoas por quem ele rezava, rezando por ele... Pensar que Deus ouvia o seu nome sendo dito por tantas vozes... — Devem rezar por todos nós aqui, tanto os reféns quanto os sequestradores.

— Rezamos — afirmou Manuel. — Mas a missa é oferecida em seu nome.

— Não posso acreditar — sussurrou o padre.

— Ele tem as partituras? — perguntou Roxane, e então Gen fez a pergunta ao padre.

O Padre Arguedas se recompôs.

— Manuel. — Ele tossiu para tentar limpar a emoção da voz. — Estou ligando para pedir um favor.

— Qualquer coisa, meu amigo. Eles querem dinheiro?

O padre sorriu ao pensar que, com todos esses homens ricos ao seu redor, ele pediria dinheiro a um professor de música.

— Nada disso. Preciso de partituras. Tem uma cantora aqui...

— Roxane Coss.

— Você sabe de tudo — disse ele, se confortando com a preocupação do amigo. — Ela precisa de música para praticar.

— Eu ouvi que o músico que a acompanhava morreu. Assassinado pelos terroristas. Ouvi que cortaram as mãos dele.

O Padre Arguedas ficou chocado. O que mais as pessoas diziam deles, agora que não estavam mais lá?

— Não foi nada disso. Ele morreu sozinho. O homem era diabético. — Ele deveria defender as pessoas que os mantinham presos? Certamente, eles não deveriam ser acusados falsamente de cortar as mãos do pianista. — Não é tão ruim aqui. Eu não me importo, na verdade. Achamos outro pianista. Alguém que está aqui e toca muito bem, eu acho — ele disse, a voz virando um sussurro. — Talvez até melhor do que o primeiro. A Señorita Coss tem pedidos muito abrangentes, partituras de ópera, músicas de Bellini, Chopin para o pianista. Eu tenho uma lista.

— Tudo de que ela precisa certamente eu tenho — disse Manuel com confiança.

O padre pôde ouvir o amigo buscando um papel, uma caneta.

— Eu disse isso a ela.

— Você falou de mim a Roxane Coss?

— Claro. É por isso que estou ligando.

— Ela ouviu meu nome?

— Ela quer cantar com as suas partituras — disse o padre.

— Mesmo quando você está trancado, você consegue fazer o bem. — Manuel suspirou. — Que honra para mim. Vou pegá-las agora. Vou deixar de almoçar para providenciar isso.

Os dois homens conferiram a lista, e então o Padre Arguedas checkou de novo com Gen. Quando tudo estava resolvido, o padre pediu ao amigo para esperar na linha. Ele hesitou e então estendeu o telefone a Roxane.

— Peça a ela para dizer alguma coisa — ele disse a Gen.

— O quê?

— Qualquer coisa. Não importa. Peça a ela para dizer os nomes das óperas. Ela faria isso?

Gen fez o pedido, e Roxane Coss pegou o pequeno telefone da mão do padre e segurou no ouvido.

— *Hello?* — disse ela.

— *Hello?* — Manuel imitou em inglês.

Ela olhou para o padre e sorriu. Ela o fitava diretamente nos olhos dele enquanto falava os nomes no telefone.

— *La Bohème* — ela disse. — *Così fan tutti*.

— Meu Deus... — sussurrou Manuel.

— *La Gioconda, I Capuleti e i Montecchi, Madama Butterfly*.

Era como se uma luz branca tivesse preenchido o peito do padre, um tipo quente de luminosidade que fez seus olhos se encherem de lágrimas e seu coração palpar como um homem desesperado batendo na porta da igreja à noite. Se ele tivesse conseguido levantar as mãos para tocá-la, não tinha certeza se teria forças para parar. Mas não importava. Ele estava paralisado pela voz dela, a música da fala, o ritmo cantado dos nomes que passaram de seus lábios para o telefone, e depois para o ouvido de Manuel a cerca de três quilômetros de distância. O padre soube, então, com certeza, que ele sobreviveria a isso. Que chegaria um dia em que se sentaria à mesa da cozinha de Manuel, no pequeno apartamento amontado de música, e eles recontariam o prazer deste exato momento sem qualquer constrangimento. Ele tinha que viver, nem que fosse só para tomar essa xícara de café com o amigo. E, enquanto eles estivessem se recordando, tentando colocar em ordem os nomes que ela listara, o Padre Arguedas saberia que tinha sido o mais sortudo dos dois, já que foi para ele que ela olhou enquanto falava.

* * *

— Dê o telefone para mim — pediu Simon Thibault a Messner quando eles acabaram.

— Ele permitiu apenas um telefonema.

— Não dou a mínima para o que ele disse. Passe o maldito telefone.

— Simon.

— Eles estão assistindo à *televisão*. Dê para mim este celular. — Os terroristas haviam removido todos os fios dos telefones.

Messner suspirou e lhe entregou o celular.

— Um minuto.

— Eu prometo — disse Simon. Ele já estava discando o número. Houve cinco toques e então a secretária eletrônica atendeu à chamada. Era sua própria voz, falando, primeiro em espanhol e depois novamente em francês, que eles haviam saído, dizendo que retornariam a chamada. Por que não foi Edith que gravara a mensagem? No que ele estava pensando? Ele colocou a mão sobre os olhos e começou a chorar. O som da própria voz era quase intolerável para ele. Quando parou, houve um sinal longo, melancólico.

— *Je t'adore* — disse ele. — *Je t'aime. Je t'adore*.

Todos estavam se dispersando agora, retornando às suas cadeiras para tirar uma soneca ou jogar paciência. Depois que Roxane saiu e Kato voltou para a carta que estava escrevendo para os filhos (ele tinha tanta coisa para lhes contar agora!), Gen percebeu que Carmen ainda estava no mesmo lugar, do outro lado do salão, e que ela não estava mais fitando a cantora ou o pianista. Ela olhava olhando para ele. Gen sentiu o mesmo aperto que sentira quando ela tinha olhado para ele antes. Aquele rosto, que parecera bonito, o que representava uma desvantagem quando ela se fazia passar por garoto, não piscava ou se movia, nem mesmo parecia respirar. Carmen não estava usando o boné. Seus olhos eram grandes e escuros, e estavam congelados em Gen, como se, desviando o olhar, ela fosse admitir que o estivera encarando antes.

Gen, com todo o seu talento em relação às línguas, frequentemente não sabia o que dizer quando deixado à mercê de suas próprias palavras. Se o Sr. Hosokawa ainda estivesse sentado ali perto, ele teria dito a Gen “Vá e veja o que aquela garota quer”, e Gen iria e perguntaria sem hesitação. Já lhe tinha ocorrido antes que ele era como a alma de uma máquina e só era capaz de se mover quando outra pessoa girava a chave. Ele era muito bom no trabalho e era muito bom em ficar sozinho. Sentado sozinho em seu apartamento com livros e fitas, ele escolhia as línguas da maneira como os homens escolhem as mulheres, com uma conversa sedutora e, mais tarde, paixão. Ele espalhava livros no chão e os pegava aleatoriamente. Lia Czeslaw Milosz em polonês, Flaubert em francês, Tchekhov em russo, Nabokov em inglês, Mann em alemão; depois, trocava tudo: Milosz em francês, Flaubert em russo, Mann em inglês. Era como um jogo, um notável truque executado somente para si mesmo, no qual a troca constante mantinha sua mente afiada. Porém, não se tratava da mesma coisa, conseguir se aproximar de uma pessoa que estava olhando para você insistentemente do outro lado da sala. Talvez os Generais estivessem certos sobre ele, afinal.

Carmen usava um cinto largo de couro na cintura estreita e, do lado direito, ela havia enfiado uma pistola. Sua farda verde não estava tão suja quanto as de seus compatriotas, e o rasgo no joelho das calças havia sido cuidadosamente cerzido com a mesma agulha que Esmeralda usara para costurar o rosto do Vice-Presidente. Esmeralda deixara o carretel com a agulha espetada na mesa lateral quando terminou o trabalho e Carmen secretamente os deslizara para o bolso na primeira oportunidade. Ela estava querendo falar com o intérprete desde que percebera que tipo de trabalho ele fazia, mas não conseguia encontrar uma maneira de se dirigir a ele sem deixar transparecer que ela era uma garota. Então, Beatriz deu um jeito naquilo, e agora não era segredo nenhum, não havia razão para esperar, exceto pelo fato de que ela parecia estar presa contra a parede. Ele a havia visto. Estava olhando para ela agora, e isso parecia o máximo

até onde as coisas podiam progredir. Ela não conseguia ir embora e encontrava-se igualmente incapaz de andar na direção dele. Ela poderia viver a vida naquele exato ponto. Tentou se lembrar de sua agressividade, de todas as coisas que os Generais haviam ensinado no treinamento, mas uma coisa era fazer o que você precisa para o bem das pessoas e outra, bem diferente, era pedir algo para si mesma. Ela não tinha prática alguma sobre como pedir as coisas.

— Caro Gen — disse Messner, dando um tapa com a mão no ombro do intérprete. — Nunca o vi sentado sozinho. Você deve sentir às vezes que todo mundo tem algo para dizer e ninguém sabe como.

— Às vezes — disse Gen de forma ausente. Ele sentia que, se soprasse na direção dela, ela seria levantada pela corrente de ar e simplesmente voaria como uma pena.

— Nós somos as mucamas das circunstâncias, você e eu. — Messner se comunicava com Gen em francês, a língua que falava em casa na Suíça. — O que seria o equivalente masculino para mucama?

— *Esclave* — respondeu Gen.

— Sim, escravo, com certeza, mas não soa tão bem. Acho que vou ficar com mucama. Não me importo. — Messner se sentou ao lado de Gen no banco do piano e deixou os olhos seguirem o curso do olhar fixo de Gen. — Meu Deus — disse ele com a voz baixa. — Não é uma garota ali?

Gen confirmou.

— De onde ela veio? Não vi nenhuma garota antes. Não me diga que eles encontraram uma maneira de fazer com que mais gente da tropa entrasse aqui.

— Ela já estava aqui — disse Gen. — Duas garotas. Nós apenas não tínhamos notado. Aquela é Carmen. Beatriz, a outra, está assistindo à televisão.

— Não tínhamos notado?

— Aparentemente, não — respondeu Gen, quase com certeza de que já tinha notado.

— Eu estive agora no escritório.

— Então novamente deixou de reparar em Beatriz.

— Beatriz. E essa é Carmen. Bem — disse Messner, levantando-se —, então há algo de errado com todos nós. Seja meu tradutor. Quero falar com ela.

— Seu espanhol é ótimo.

— Meu espanhol é titubeante, e eu conjugo os verbos incorretamente. Levante-se. Olhe para ela, Gen. Ela está encarando você. — Era verdade. Carmen ficou tão amedrontada quando notou que Messner tinha a intenção de se aproximar dela que até perdeu a habilidade de piscar. Agora ela olhava fixamente, da mesma maneira como uma figura de um quadro encara o espectador. Ela rezou para que Santa Rosa de Lima lhe concedesse o mais raro dos dons: ficar invisível. — Ou ela foi designada a vigiar você sob pena de morte ou ela quer dizer alguma coisa.

Gen se levantou. Ele era um intérprete. Ele iria e traduziria a conversa de Messner. Ainda assim, sentiu um tremor peculiar no peito, uma sensação que não era totalmente diferente de uma coceira, mas se localizava logo abaixo das costelas.

— Algo tão extraordinário e ninguém mencionou — disse Messner.

— Estávamos todos pensando no novo pianista — afirmou Gen, os joelhos ficando mais moles a cada passo. Fêmur, rótula, tíbia. — Já tínhamos nos esquecido das garotas.

— Suponho que tenha sido terrivelmente machista da minha parte presumir que todos os terroristas fossem homens. É um mundo moderno, afinal de contas. Dá para imaginar que uma menina possa crescer e se tornar uma terrorista tão facilmente quanto um menino.

— Eu não consigo imaginar isso — respondeu Gen.

Quando eles estavam a três passos de distância, Carmen encontrou forças para colocar a mão direita na arma, o que imediatamente os impediu de chegar mais perto.

— Você quer atirar em nós? — disse Messner em francês, uma simples frase que ele não conseguia dizer em espanhol porque não sabia a palavra para *atirar*, uma palavra que ele imaginava que deveria aprender. Gen traduziu, e sua voz soou insegura. Carmen, os olhos arregalados, a testa úmida, não disse nada.

— Temos certeza de que ela fala espanhol? Temos certeza de que ela fala? — perguntou Messner a Gen.

Gen perguntou se ela falava espanhol.

— *Poquito* — sussurrou ela.

— Não atire — pediu Messner com uma expressão leve e apontou para a arma.

Carmen afastou a mão e cruzou os braços na frente do peito.

— Não vou atirar — respondeu ela.

— Quantos anos você tem?

Ela disse que tinha dezessete, e eles concordaram que ela devia estar falando a verdade.

— Qual é sua língua materna? — perguntou Messner a ela.

Gen perguntou que língua ela falava em casa.

— Quíchua — disse ela. — Todos falamos quíchua, mas sabemos espanhol. — E então, na sua primeira tentativa de expressar o que queria, disse:

— Eu deveria falar espanhol melhor. — As palavras saíram lentamente com uma voz baixa, áspera.

— Seu espanhol é bom — disse Gen.

A expressão em seu rosto mudou com o elogio. Ninguém podia esticar tanto a verdade a ponto de chamar aquilo de sorriso, mas suas sobrancelhas arquearam e seu rosto se virou na direção deles cerca de um centímetro como se

tivesse sido desenhado pela luz do sol.

— Estou tentando aprender mais.

— Como uma garota como você acabou amarrada a um bando desse tipo? — quis saber Messner. Gen achou a pergunta direta demais, mas Messner sabia espanhol o suficiente para interrompê-lo se ele a modificasse por completo.

— Eu trabalho para libertar o povo — respondeu ela.

Messner coçou a nuca.

— É sempre “Libertar o povo”. Nunca sei exatamente a que povo eles se referem ou do que eles querem libertá-lo. Certamente conheço os problemas, mas “Libertar o povo” é tão vago! É mais fácil negociar com assaltantes de banco, na verdade. Eles só querem dinheiro. Eles querem pegar o dinheiro e se libertarem, e o povo que se dane. É bem mais direto, você não acha?

— Está perguntando para mim ou para ela?

Messner olhou para Carmen e pediu desculpas em espanhol.

— Foi grosseiro da minha parte — disse ele a Gen e, depois, dirigiu-se a Carmen:

— Meu espanhol é muito fraco — disse Messner a Carmen —, mas também estou tentando melhorar.

— *Sí* — respondeu ela. Ela não deveria estar falando com eles daquela maneira. Os Generais poderiam entrar. Qualquer um poderia vê-la. Ela estava muito exposta.

— Você está sendo bem tratada? Sua saúde está boa?

— *Sí* — repetiu, embora não estivesse segura por que ele fizesse aquela pergunta.

— Realmente, é uma moça adorável — disse Messner a Gen em francês. — Tem um rosto marcante. O formato é um coração quase perfeito. Mas não traduza isso. Ela parece do tipo que iria morrer de vergonha. — E então se virou para Carmen. — Se você precisar de alguma coisa, peça para um de nós.

— *Sí* — respondeu, mal conseguindo fazer o som sair com a forma da palavra.

— Não se vê muitos terroristas tímidos — comentou Messner em francês. Os três ficaram parados ali, como se fosse um momento penoso em uma festa longa e tediosa.

— Você gostou da música... — disse Gen.

— Muito bonita — sussurrou ela.

— Era Chopin.

— Kato tocou Chopin? — perguntou Messner. — Os noturnos? Lamento ter perdido.

— Chopin tocou — disse Carmen.

— Não — Gen disse. — O homem que tocou foi o Señor Kato. A música que ele tocou foi escrita pelo Señor Chopin.

— Muito linda — disse ela outra vez e, de repente, seus olhos se encheram de lágrimas, e ela entreabriu ligeiramente os lábios não para falar, mas para respirar.

— Qual é o problema? — perguntou Messner. Ele ia tocar no ombro dela, mas refreou sua ação. O rapaz grande chamado Gilbert chamou-a do outro lado do salão. Ao ouvir seu nome, Carmen pareceu ter restaurado a capacidade de se movimentar. Ela rapidamente esfregou os olhos e andou em volta dos dois homens sem muito mais do que um balançar. Eles se viraram e a olharam saindo bruscamente pelo grande espaço do salão e desaparecendo no corredor com o rapaz.

— Talvez ela tenha se comovido com a música — constatou Messner.

Gen ficou parado, olhando o lugar vazio onde ela estivera.

— Deve ser duro para uma garota — disse ele. — Tudo isso.

E, quando Messner começou a dizer que era duro para todos eles, ele compreendeu ao que Gen estava se referindo e, francamente, concordou.

* * *

Sempre que Messner saía, havia uma tristeza prolongada na casa que podia durar horas. Ficava muito silencioso do lado de dentro, e ninguém escutava as mensagens enfadonhas que a polícia continuava irradiando do outro lado do muro. *Vocês não têm chance, Entreguem-se, Não vamos negociar.* Era um som contínuo e monótono até que as palavras simplesmente perdiam o valor e viravam um zumbido maçante, o som zangado de vespas explorando o ninho. Eles imaginavam o que os prisioneiros sentiam quando o horário de visitação terminava e não havia nada mais a fazer além de se sentar na cela e se perguntar se já estaria escuro lá fora. Eles ainda estavam afundados naquela fase de depressão durante a tarde, pensando sobre todos os parentes mais velhos que nunca visitavam, quando Messner bateu novamente. Simon Thibault levantou o rosto da echarpe azul que estava pendurada em seu pescoço, e o General Benjamin mandou o Vice-Presidente abrir a porta. Ruben levou um momento para desamarrar o pano de prato da cintura. O pessoal com as armas o pressionou para que se apressasse. Era Messner, eles sabiam. Não havia outra pessoa que batesse àquela porta senão Messner.

— Que surpresa agradável — disse o Vice-Presidente.

Messner estava parado nos degraus da frente, lutando para carregar uma caixa pesada nos braços.

Os Generais pensaram que essa quebra de protocolo indicava uma trégua, uma oportunidade de acabar com todo este evento. Eles tinham uma ponta de esperança e uma ponta de desesperança. Quando viram que era somente outra

entrega, sentiram um aperto de desapontamento. Eles não queriam nada daquilo.

— Não é a hora dele — comentou o General Alfredo com Gen. — Ele sabe a que horas tem permissão para vir. — O General Alfredo havia caído no sono em sua cadeira. Ele vinha sofrendo de uma terrível insônia desde que chegaram à propriedade do Vice-Presidente, e todos os que o acordavam da soneca que ele conseguia tirar viveriam para se arrepender. Ele sempre sonhava com balas passando de raspão por suas orelhas. Quando acordava, a camiseta estava encharcada, o coração disparado, e ele sempre ficava mais exausto do que antes de ir dormir.

— Parece que são circunstâncias especiais — disse Messner. — A música chegou.

— Estamos no exército — comentou Alfredo rispidamente. — Não em um conservatório. Venha na sua hora amanhã, e então discutiremos se será permitida a música.

Roxane Coss perguntou a Gen se eram as partituras que haviam pedido e, quando ele confirmou, ela ficou de pé. O padre também se aproximou da porta.

— São do Manuel?

— Ele está ali do outro lado do muro — contou Messner. — Ele mandou isso tudo para vocês.

O Padre Arguedas pressionou as mãos dobradas nos lábios. *Deus todo-poderoso e misericordioso, sempre e em todos os lugares Lhe daremos graças e louvor.*

— Vocês dois, sentem-se — ordenou o General Alfredo.

— Vou colocar isso do lado de dentro da porta — disse Messner e começou a se abaixar. Era surpreendente como aquela música podia pesar tanto.

— Não — rebateu Alfredo. Ele estava com dor de cabeça. Estava cansado demais de ficar cedendo. Devia haver alguma ordem neste negócio, algum respeito pela autoridade. Não era ele o homem com a arma? Isso não contava para nada? Se ele disse que a caixa não podia entrar, então a caixa não podia entrar. O General Benjamin sussurrou algo no ouvido de Alfredo, mas este simplesmente repetiu:

— Não.

Roxane puxou o braço de Gen.

— Aquilo não é meu? Diga a eles.

Gen perguntou se a caixa pertencia à Srta. Coss.

— Nada *pertence* à Senhora Coss! Ela é uma prisioneira como todos vocês. Aqui não é a casa dela. Ela não recebe serviços expressos e exclusivos dos correios. Ela não recebe encomendas. — O tom da voz de Alfredo fez todos os terroristas de baixo escalão ficarem eretos e parecerem ameaçadores; para muitos deles, bastava colocar as mãos nas armas.

Messner suspirou e passou o peso para o outro braço.

— Então eu volto amanhã. — Ele falou em inglês para Roxane e deixou Gen traduzir para os Generais.

Ele ainda não tinha saído, mal começara a se afastar da casa, quando Roxane Coss fechou os olhos e abriu a boca. Em retrospecto, era uma ação arriscada, tanto da perspectiva do General Alfredo, que poderia ver aquilo como um ato de rebelião, quanto do cuidado do instrumento de sua voz. Ela não cantava há duas semanas, não tinha passado uma única escala para aquecer a voz. Roxane Coss, usando as calças folgadas da Sra. Iglesias e uma camisa branca de colarinho pertencente ao Vice-Presidente, parou no meio do amplo salão e começou a cantar “O Mio Babbino Caro” de *Gianni Schicchi*, de Puccini. Era para haver uma orquestra por trás dela, mas ninguém notou a ausência. Ninguém poderia dizer que sua voz soava melhor com uma orquestra ou que era melhor quando a sala estava imaculadamente limpa e iluminada com velas. Eles não notaram que não houvesse flores ou champanhe; na verdade, agora sabiam que flores e champanhe eram desnecessários. Será que ela não estivera realmente praticando esse tempo todo? O som não seria mais belo se sua voz estivesse ágil e aquecida. Os olhos dos presentes se anuviaram de lágrimas por tantas razões que seria impossível listar todas. Eles choraram pela beleza da música, certamente, mas também pelo fracasso de seus planos. Eles ficaram pensando na última vez em que a haviam ouvido cantar e almejavam as mulheres que tinham estado a seu lado então. Todo o amor e o desejo que um corpo pode conter giraram em não mais do que dois minutos e meio de música e, no momento em que ela atingiu as notas mais altas, pareceu que tudo o que lhes havia sido dado em suas vidas e tudo o que eles haviam perdido estavam juntos, e o peso foi quase impossível de suportar. Quando ela terminou, as pessoas ao redor ficaram imóveis em um silêncio trêmulo e atordoado. Messner se apoiou na parede como se estivesse preso. Ele não fora convidado para a festa. Ao contrário dos outros, ele nunca a ouvira cantar antes.

Roxane respirou fundo e levantou os ombros.

— Diga a ele — disse ela a Gen — que é o seguinte: ou ele me dá a caixa agora mesmo ou não ouvirá outra nota vinda de mim ou do piano por todo o tempo que durar este experimento social fracassado.

— Verdade? — perguntou Gen.

— Eu não blefo — garantiu a soprano.

Gen, então, repassou a mensagem, e todos os olhares se voltaram para o General Alfredo. Ele apertou a parte superior do nariz tentando acabar com a dor de cabeça, mas não funcionou. A música o havia confundido ao ponto da insensatez. Ele não conseguia se ater às próprias convicções. Agora estava pensando na irmã, que morrera de escarlatina quando ele era apenas um garoto. Aqueles reféns eram como crianças terríveis, sempre querendo mais para si mesmas. Eles não sabiam nada do que significava sofrer. Ele ficaria contente de

sair da casa naquele momento e aceitar qualquer que fosse o destino que estivesse esperando por ele do outro lado do muro, a vida inteira na prisão ou uma bala na cabeça. Com tão pouco sono, ele não estava em condições de tomar decisões. Todas as conclusões possíveis pareciam loucura. Alfredo se virou e deixou o salão, andando pelo longo corredor até o escritório do Vice-Presidente. Depois de um tempo, as vozes fracas da televisão puderam ser ouvidas e o General Benjamin disse a Messner para entrar e rispidamente instruiu os soldados a verificarem a totalidade do conteúdo da caixa para constatar se havia qualquer coisa que não fosse relacionada a música. Ele tentou fazer com que soasse como uma decisão sua, como se fosse o único no comando, mas até ele próprio podia ver que isso não era mais verdade.

Os soldados tiraram a caixa de Messner e a esvaziaram no chão. Havia partituras soltas e livros encadernados, centenas de páginas cobertas com o alfabeto musical. Eles as examinaram cuidadosamente e as separaram, balançando os punhados como se pudesse haver dinheiro entre as páginas.

— Maravilha — disse Messner. — Eu observei os policiais fazerem a inspeção lá fora e agora temos que passar por tudo isso de novo.

Kato se ajoelhou ao lado dos garotos. Quando eles acabavam de checar uma folha de papel, Kato a pegava. Cuidadosamente, ele separou Rossini de Verdi, colocou Chopin com Chopin. Às vezes, ele parava e lia uma página como se fosse uma carta para casa, a cabeça balançando em uma batida ritmada. Quando achava algo especialmente interessante, levava a Roxane e lhe entregava, inclinando o corpo até a cintura em cumprimento. Ele não pediu a Gen para traduzir. Tudo o que ela precisava estava lá.

— Manuel enviou lembranças — disse Messner ao Padre Arguedas. — Ele disse que, se houver algo mais de que precise, ele pode conseguir para você.

O padre sabia que cometera o pecado do orgulho e ainda assim estava muito feliz por poder ter um papel tão importante na chegada da música. Ele ainda estava zozinho demais por causa do som da voz de Roxane para se expressar apropriadamente. Olhou para ver se as janelas estavam abertas. Ele esperava que Manuel pudesse ter ouvido uma linha, uma nota, da calçada onde estava aguardando. Que bênção ele próprio havia recebido no cativeiro. Os mistérios do amor de Cristo nunca haviam estado tão perto dele, nem mesmo quando ele rezava a missa ou recebia a comunhão, nem mesmo no dia em que fizera seus votos. Ele percebia agora que estava apenas começando a ver a extensão total do destino que tinha a seguir, andar cegamente entre destinos que não podia entender. No destino, havia um prêmio; ao voltar o coração para Cristo, havia uma magnificência que estava além da descrição. No momento em que se pensa que tudo está perdido, olhe o que se ganha!

Roxane Coss não cantou novamente naquele dia. Sua voz já havia sido forçada demais. Agora ela se contentava em olhar as partituras, sentada no pequeno sofá perto da janela com o Sr. Hosokawa. Quando um deles tinha algo para dizer, eles chamavam Gen, mas o surpreendente era como precisavam dele tão raramente. O Sr. Hosokawa era um conforto para ela. Na ausência da linguagem, ela acreditava que ele concordava inteiramente com ela. Ela cantorolava em tom bem baixo uma parte das partituras, para que ele soubesse o que ela estava folheando, e depois ambos olhavam as páginas juntos. O Sr. Hosokawa não sabia ler partitura, mas aceitava esse fato. Ele não falava a língua do libreto, da cantora ou do anfitrião. Ele estava começando a se sentir mais à vontade com tudo o que havia perdido, tudo que não sabia. No lugar disso, ficava impressionado com o que tinha: a oportunidade de estar sentado ao lado desta mulher, à luz do crepúsculo, enquanto ela lia. A mão de Roxane roçava na dele quando ela colocava as folhas no sofá entre os dois, e depois ela ficava repousada em cima da mão dele enquanto a cantora continuava a ler.

Após um tempo, Kato se aproximou. Ele fez uma pequena reverência para Roxane e, em seguida, para o Sr. Hosokawa.

— O senhor acha que seria um problema se eu tocasse agora? — perguntou Kato ao patrão.

— Acho que seria ótimo — respondeu o Sr. Hosokawa.

— O senhor acha que não perturbaria a leitura dela?

Roxane observava enquanto o Sr. Hosokawa fingia tocar o piano e então fez um sinal afirmativo para Kato.

— Sim — disse ela, concordando com a cabeça. Ela estendeu a mão pedindo a partitura que Kato carregava.

Kato lhe entregou.

— Satie — disse ele.

— Satie. — Ela sorriu e novamente fez que sim com a cabeça. Kato foi até o piano e começou a tocar. Não foi absolutamente como da última vez em que tocara, quando ninguém podia imaginar que tal talento estivera no salão entre eles sem que ninguém soubesse. Tampouco era como ouvir Roxane cantando, o que dava a todos a sensação de que o coração parava de bater e tinha que esperar ela acabar de cantar para voltar ao normal. Satie era apenas música. Eles podiam apreciar-lhe a beleza sem ficarem paralisados. Os homens conseguiam ler seus livros ou olhar pela janela enquanto Kato tocava. Roxane continuava folheando as partituras, embora de vez em quando parasse e fechasse os olhos. Apenas o Sr. Hosokawa e o padre entendiam completamente a importância daquilo. Cada nota era distinta. Era a medida do tempo que havia se perdido para eles. Era a interpretação de suas vidas no momento em que estavam vivendo agora.

Havia outra pessoa que entendia a música, mas ela não era uma refém. Parada no corredor, olhando para o canto do salão, estava Carmen; e Carmen, embora não soubesse as palavras para expressar o que sentia, entendia tudo perfeitamente. Esta era a época mais feliz da sua vida e tudo por causa da música. Quando era criança, sonhando em seu colchão de palha à noite, nunca imaginara que vivenciaria prazeres como esse. Ninguém de sua família, que fora deixada para trás nas montanhas, poderia entender que existia uma casa feita de tijolos e janelas de vidros herméticos, onde nunca estava excessivamente quente nem excessivamente frio. Ela nunca conseguiria imaginar que, em algum lugar do mundo, existia uma ampla extensão de tapete bordado com a figura de uma campina de flores, ou que os tetos vinham ornados de ouro, ou que poderiam existir mulheres de mármore branco que ficavam nas laterais de uma lareira sustentando, com as cabeças, a prateleira superior. E isso seria suficiente, a música, as pinturas e o jardim que ela patrulhava com seu rifle, mas havia ainda a comida, que vinha todos os dias, tanta comida que sempre se desperdiçava uma parte dela, por mais que eles tentassem comer tudo. Havia banheiras muito brancas com um suprimento inesgotável de água quente saindo das torneiras curvas prateadas. Havia pilhas de toalhas brancas macias, de travesseiros e de cobertores decorados de cetim, e tanto espaço interno que se podia passear por ali sem que ninguém soubesse onde você estava. Sim, os Generais queriam algo melhor para o povo, mas eles não eram o povo? Seria a pior coisa do mundo se nada acontecesse, se todos ficassem juntos nesta casa generosa? Carmen rezava forte. Ela rezava quando estava perto do padre na esperança de que isso trouxesse a seu pedido uma credibilidade extra. O que ela pedia em oração não era nada de mais. Ela rezava para que Deus olhasse por eles, visse a beleza de sua existência e os deixasse em paz.

* * *

Era a noite de vigília de Carmen. Havia uma longa espera até todos irem dormir. Alguns liam com lanternas, outros se mexiam e se espreguiçavam no grande salão onde estavam deitados juntos. Eram como crianças — levantavam muito para pegar água e ir ao banheiro. Porém, logo que a multidão ficou imóvel, ela se deslocou lentamente entre seus corpos e foi até onde estava Gen. Ele se encontrava em seu lugar de costume, de costas no chão, perto do sofá onde o patrão dormia. Gen tirara os óculos e, dormindo, os segurava levemente em uma das mãos. Ele tinha um rosto agradável, que guardava um assombro de conhecimento. Ela percebia os olhos dele se movendo rapidamente de um lado para o outro, por baixo da pele fina e macia das pálpebras, mas, se ele estava sonhando, todo o restante se encontrava imóvel. A respiração dele estava calma e

regular. Carmen desejou poder ver dentro da mente dele. Ela imaginou se estaria abarrotada de palavras, compartimentos de idiomas cuidadosamente arrumados um em cima do outro. O cérebro dela, em comparação, seria um armário vazio. Ele poderia recusar o pedido dela — e o que ela perderia com isso? Ela não teria nada a menos do que tinha agora. Tudo o que precisava fazer era pedir. Tudo o que precisava fazer era dizer as palavras, mas, ainda assim, pensar nisso fazia sua garganta se fechar inteiramente. Que experiência tinha ela com a música no piano e as pinturas da Madona? Que experiência tinha ela em pedir algo? Carmen prendeu a respiração e se esticou no chão ao lado de Gen. Ela fora silenciosa como a luz nas folhas das árvores. Ela se deitou de lado e colocou a boca perto do seu ouvido adormecido. Ela não tinha talento para pedir, mas era um gênio em ficar silenciosa. Quando praticavam os exercícios na floresta, era Carmen que podia correr mais de um quilômetro sem quebrar um graveto. Era Carmen que podia andar bem atrás de você e dar um tapinha nas suas costas sem emitir um ruído. Ela fora a primeira a ser mandada para soltar os forros dos dutos do ar-condicionado porque ninguém a notaria. Ninguém ouviria nada. Ela fez uma oração a Santa Rosa de Lima. Rogou por coragem. Depois de tantas orações oferecidas pelo dom do silêncio, ela agora rezava pelo dom do som.

— Gen — sussurrou.

Gen estava sonhando que andava numa praia na Grécia olhando para a água. Em algum lugar atrás dele, nas dunas, alguém chamava seu nome.

O coração dela batia acelerado. O fluxo de sangue provocou-lhe um zumbido nos ouvidos. Quando se esforçou para escutar, foi a voz da santa que ela ouviu.

— É agora ou nunca — disse Santa Rosa a ela. — Estou com você apenas neste instante.

— Gen.

Agora a voz que o chamava estava indo embora, e Gen saiu da praia para segui-la, e seguiu a voz no sono até acordar. Era sempre confuso acordar na casa do Vice-Presidente. Que quarto de hotel era este? Por que ele estava deitado no chão? Então ele se lembrou e abriu os olhos de uma vez, achando que o Sr. Hosokawa precisava dele. Olhou para o sofá, mas então sentiu a mão em seu ombro. Quando virou a cabeça, o lindo garoto estava lá. Não o garoto. Carmen. O nariz dela estava quase tocando o seu. Ele ficou surpreso, mas não assustado. Que estranho que ela estivesse deitada, foi tudo o que pensou.

O exército havia recentemente desistido dos holofotes que iluminaram por tanto tempo do lado de fora das janelas, e agora a noite parecia novamente noite.

— Carmen? — disse ele. Messner devia ver o rosto dela assim, à luz da lua. Ele estivera tão certo sobre o rosto dela, aquele rosto em formato de coração.

— Bem baixo — disse ela dentro do ouvido dele. — Escute. — Mas onde estavam as palavras? Ela se sentia tão grata por estar deitada. A rapidez de seu

coração batendo era insuportável. Será que ele conseguia vê-la assim no escuro, tremendo? Será que ele conseguia sentir a vibração dela no chão de madeira? Será que ele conseguia ouvir a pele dela roçando as próprias roupas?

— Feche os olhos — disse Santa Rosa a ela. — Faça uma oração para mim.

De uma vez, surgiu ar suficiente para encher seus pulmões.

— Você me ensina a ler — pediu ela rapidamente. — Você me ensina a escrever em espanhol?

Gen a fitou. Os olhos dela estavam fechados. Era como se ele é que tivesse vindo se deitar ao lado dela, e não o contrário. Os cílios de Carmen eram pesados e escuros em contraste com o rosado de seu rosto. Será que ela estava dormindo? Será que ela falava dormindo? Ele poderia tê-la beijado sem se mover um centímetro, e logo afastou esse pensamento da cabeça.

— Você quer ler em espanhol — repetiu Gen, a voz tão baixa quando a dela.

Céus, ela pensou. Ele sabe falar baixo. Ele sabe, como eu, falar sem emitir um som. Ela respirou e então piscou os olhos escuros e os abriu.

— E em inglês — sussurrou ela e então sorriu. Não conseguiu se conter. Ela fora capaz de pedir a ele tudo o que queria.

A tímida Carmen, sempre hesitante, quem diria que ela podia sorrir? Mas, diante daquele sorriso, ele lhe teria prometido qualquer coisa. Ele mal estava acordado. Ou talvez ele não estivesse mesmo acordado. Será que ele a queria e não sabia? Será que ele a queria tanto a ponto de sonhar em vê-la deitada a seu lado? As coisas que nossa mente esconde de nós, Gen pensou. Os segredos que escondemos até de nós mesmos.

— Sim — disse ele. — Inglês.

Ela se sentiu temerária e corajosa, tão grande era sua alegria. Ela colocou a mão sobre os olhos dele. Gentilmente, esfregou os olhos dele para que se fechassem de novo. Sua mão era fria e macia. Tinha cheiro de metal.

— Volte a dormir — pediu ela. — Volte a dormir.

Anos mais tarde, quando esse período de captura fosse lembrado, as pessoas que realmente estavam lá o definiriam como tendo duas fases: antes da caixa e depois da caixa.

Antes da caixa, os terroristas controlavam a casa do Vice-Presidente. Os reféns, mesmo quando não eram diretamente ameaçados, ponderavam sobre a inevitabilidade de sua própria morte. Mesmo que, em um golpe de sorte, ninguém os alvejasse em pleno sono, agora compreendiam exatamente o que estava em jogo, fosse antes ou depois de sua libertação. Cada um deles — um por um — morreria. É óbvio que sempre souberam disso, mas agora a morte vinha e se sentava em seus peitos toda noite, fria e faminta, perscrutando seus olhos. O mundo era um lugar perigoso; as noções de segurança pessoal eram historinhas narradas para as crianças na hora de dormir. Bastava virar a esquina errada e tudo estaria terminado. Pensavam na morte sem sentido do primeiro pianista. Sentiam falta dele, mas vejam como havia sido substituído de forma tão simples e tão brilhante. Sentiam falta das filhas e das esposas. Estavam vivos nesta casa, mas que diferença fazia? A morte estava constantemente aspirando o ar do fundo de seus pulmões. Ela os deixava fracos e abatidos. Poderosos executivos de empresas desmoronavam em cadeiras próximas à janela, com os olhos fixados em lugar nenhum, diplomatas folheavam revistas sem sequer notar as fotos. Alguns dias, mal tinham forças para virar as páginas.

Depois que Messner trouxe a caixa para a casa, entretanto, tudo mudou. Os terroristas ainda continuavam a bloquear as portas e a portar armas, mas agora Roxane Coss estava no comando. A manhã dela começava às seis horas, porque acordava quando a luz atravessava sua janela e, uma vez acordada, queria trabalhar. Tomava banho e comia duas torradas e uma xícara de chá que Carmen preparava para ela, trazidos em uma bandeja de madeira amarela que o Vice-Presidente tinha separado para esse propósito. Agora que Roxane sabia que Carmen era uma moça, ela a deixava se sentar em sua cama e beber de sua xícara. Ela gostava de trançar o cabelo de Carmen, que era tão negro e brilhante quanto um poço de petróleo. Certas manhãs, o peso do cabelo de Carmen entre seus dedos era a única coisa que parecia fazer algum sentido. Confortava-lhe fingir que tinha ficado detida para trançar o cabelo dessa jovem. Ela era a Susanna de Mozart. Carmen era a Condessa Rosina. O cabelo ficava enrolado como pesadas fitas negras, arrumado à perfeição. Não havia nada que pudessem dizer uma à outra. Quando Roxane terminava, Carmen trocava de lugar e se postava atrás dela, escovando o cabelo de Roxane até ficar brilhoso e em seguida

o penteava em tranças idênticas às suas. Dessa forma, apenas nesse breve espaço de tempo em que estavam juntas pelas manhãs, eram como irmãs, amigas, iguais. Ficavam felizes quando estavam apenas as duas sozinhas. Nunca pensavam em Beatriz, que jogava dados contra a porta da despensa com os rapazes. Às sete horas, Kato esperava por Roxane no piano, dedilhando em silêncio o teclado de um lado para o outro. Ela havia aprendido a dizer “bom dia” em japonês, *Ohayo Gozaimasu*, e Kato sabia um punhado de frases que incluíam *good morning, thank you e bye-bye*. Era essa a extensão das habilidades de cada um deles na língua do outro; por isso, davam “bom dia” várias vezes quando era hora de parar para um intervalo ou quando se cruzavam nos corredores antes de dormir. Conversavam entre si manuseando e mostrando-se partituras. Embora a relação entre os dois não significasse absolutamente uma democracia, Kato, que lia a música enviada pelo amigo do padre ao se deitar à noite na pilha de casacos que lhe servia de cama, às vezes escolhia as peças que queria ouvir ou as peças que achava adequadas para a voz de Roxane. Fazia isso ainda que achasse de extrema arrogância apontar sugestões, mas o que importava? Ele era vice-presidente de uma gigantesca empresa, um homem dos números subitamente alçado a pianista que acompanhava a cantora. Ele não era ele mesmo. Ele não era ninguém que tivesse sequer imaginado.

Às sete e quinze começavam as escalas. Na primeira manhã, ainda havia gente dormindo. Pietro Genovese dormia embaixo do piano e, quando os primeiros acordes soaram, ele achou que estivesse ouvindo os sinos da Basílica de São Pedro. Nada disso importava. Agora era hora de trabalhar. Chorar no sofá e olhar a esmo pela janela já tinham tomado muito tempo. Agora havia a música e um pianista para acompanhar. Roxane Coss arriscara a voz em *Gianni Schicchi* e descobriu que sua voz continuava intacta.

— Estamos apodrecendo — dissera ela para o Sr. Hosokawa no dia anterior, por meio de Gen. — Todos nós. Já me cansei disso. Se alguém vai me dar um tiro, então que seja quando eu estiver cantando.

Dessa forma, o Sr. Hosokawa viu que ela estaria a salvo, uma vez que ninguém atiraria nela quando estivesse cantando. Por extensão, estavam todos salvos, e então eles se pressionavam contra o piano para ouvi-la cantar.

— Para trás — pedia Roxane, e os enxotava com as mãos. — Vou precisar de ar.

A primeira peça que ela cantou naquela manhã foi a ária de *Rusalka*, que lembrava ser o pedido do Sr. Hosokawa em sua festa de aniversário, antes que ela o conhecesse, antes que ela conhecesse algo daquilo. Como ela gostava daquela história, o espírito da água que deseja ser uma mulher para poder envolver o amante em braços reais em vez de em frias ondas. Ela cantava essa ária em quase todos os seus recitais, embora nunca o tivesse feito com tanta compaixão e compreensão como imprimiu naquela manhã. O Sr. Hosokawa percebeu a

diferença na voz dela e ficou com os olhos marejados.

— Ela canta em tcheco como se tivesse nascido sabendo a língua — sussurrou para Gen.

Gen aquiesceu. Ele nunca refutaria a beleza daquele canto, a qualidade líquida e quente da voz dela, que tão bem combinava com a propriedade aquosa da *Rusalka*. Contudo, não havia por que dizer ao Sr. Hosokawa que a mulher não sabia uma palavra de tcheco. Ela cantava com paixão em cada sílaba, mas elas na verdade não se combinavam para formar palavras reconhecíveis do idioma. Era absolutamente óbvio que ela havia memorizado as palavras foneticamente e que cantava seu amor por Dvořák e seu amor pela história traduzida; porém, o idioma tcheco propriamente dito era um estranho que lhe passara sem um momento sequer de reconhecimento. Não que isso fosse um crime, é claro. Quem saberia disso a não ser ele? Não havia tcheco algum entre os reféns.

Roxane Coss cantava rigorosamente três horas pela manhã e às vezes tornava a cantar no final da tarde, antes do jantar, caso sentisse a voz forte, e durante esse tempo não passava pela cabeça de ninguém um único pensamento que fosse sobre morte. Meditavam sobre o canto e sobre a música, o límpido esplendor de seu registro mais alto. Em pouco tempo, os dias ficaram divididos em três estados: a ansiedade por ouvi-la cantar, o prazer de ouvi-la cantar e a reflexão sobre o que ela cantara.

Se o poder tinha se transferido, os Generais não pareciam se importar. A total desesperança da missão lhes parecia menos opressiva agora e muitas vezes eles iam dormir à noite quase em paz. O General Benjamin continuava a marcar os dias na parede da sala de jantar. Tinham mais tempo para se concentrar nas negociações. Entre ele mesmos, conversavam como se o canto fizesse parte do plano. Acalmava os reféns. Dava foco para os soldados. Também exercia o notável efeito de abrandar a algazarra do lado de fora dos muros da casa. Eles só podiam supor que, com as janelas abertas, quem estivesse lá fora conseguisse ouvi-la, pois a constante gritaria de mensagens transmitidas por megafones parava no minuto em que a cantora abria a boca. Após alguns dias, o megafone nem voltou mais. Eles imaginavam a rua do lado de fora. Estava abarrotada de gente, ninguém comendo salgadinhos ou tossindo, todos se esforçando para escutar a voz que só tinham ouvido em discos e em sonhos. Os Generais tinham conseguido um recital diário, ou pelo menos começaram a acreditar nisso. Um presente para as pessoas, uma diversão para os militares. Afinal de contas, o sequestro da cantora tinha sua razão de ser.

— Vamos fazer com que ela cante mais — disse o General Hector na suíte de hóspedes do andar de baixo, que eles tinham elegido como escritório. Estava esticado sobre a cama com dossel, as botas descansando em cima da manta acolchoada bordada cor de marfim. Benjamin e Alfredo se acomodavam em cadeiras cobertas com enormes peônias cor-de-rosa. — Não há motivo para ela

não cantar mais algumas horas por dia. E vamos organizar os horários a fim de manter os outros fora de estado de alerta.

— Vamos dizer a ela o que cantar também — sugeriu Alfredo. — Ela devia cantar em espanhol. Tudo em italiano, isso não está combinando com a nossa luta. Além do mais, é bem possível que ela mande mensagens enquanto canta.

O General Benjamin, porém, apesar de participar ocasionalmente dessas conversas vãs e ilusórias, sabia que tinham que agradecer por qualquer coisa que recebessem de Roxane Coss.

— Acho que não devíamos pedir nada — disse ele.

— Não vamos pedir — emendou Hector, virando-se para afofar o travesseiro embaixo da cabeça. — Vamos mandar. — Seu tom de voz era neutro e frio.

O General Benjamin esperou por um instante. Ela estava cantando neste momento, e ele deixou o som daquela voz inundá-lo enquanto pensava em uma maneira de explicar melhor. Não era óbvio? Queria dizer isso aos companheiros. Vocês não estão ouvindo?

— Acho que a música é diferente. É nisso que acredito. Nós já organizamos tudo da melhor maneira possível, mas, se forcarmos alguma coisa... — Benjamin encolheu os ombros. Levantou a mão para tocar o rosto e então achou as palavras. — Podemos ficar sem nada.

— Se colocarmos um revólver na cabeça dela, ela vai cantar o dia inteiro.

— Tente primeiro com um passarinho — disse o General Benjamin para Alfredo calmamente. — Como a nossa cantora, os passarinhos não têm capacidade de entender autoridade. O passarinho não sabe o suficiente para ter medo, e a pessoa que está com o revólver vai acabar parecendo um lunático.

* * *

Quando Roxane Coss terminou de cantar, o próprio Sr. Hosokawa foi apanhar um copo de água para ela — fresca, sem gelo, como ela gostava. Há pouco tempo, Ruben Iglesias tinha lavado o chão da cozinha, usando as próprias mãos para esfregar uma cera rígida, de forma que o cômodo inteiro brilhava como a luz refletida sobre a superfície calma de um lago. Será que o Sr. Hosokawa poderia dizer, ao apanhar o jarro com a água que ele havia fervido e resfriado justamente para esse propósito, que esta era a época mais feliz de sua vida? Certamente não seria o caso. Ele estava sendo mantido contra a vontade em um país que não conhecia e todo dia se pegava olhando o cano da arma de algum garoto. Sua alimentação consistia apenas de sanduíche de carne e refrigerante, dormia em um salão com mais de cinquenta homens e, embora houvesse alguns privilégios irregulares no uso da máquina de lavar roupa, estava pensando em

perguntar ao Vice-Presidente se ele poderia gentilmente ceder-lhe um segundo par de roupas de baixo. Se era assim, por que então essa repentina sensação de leveza, essa grande afeição por todo mundo? Ele olhou para fora da enorme janela acima da pia, fitando o tempo feio e nublado. Sua família não fora pobre, mas lutara muito; a mãe morrera quando ele tinha dez anos; o pai se manteve, enfraquecido, até seguir a esposa quando ele tinha dezenove; as duas irmãs desapareceram nas vidas distantes dos próprios casamentos. Não, a família não tinha sido uma fonte de grande felicidade. Os primeiros anos em que estivera montando a Nansei representavam um furacão em sua memória, um vento extremamente forte e dominador que sugava tudo em volta. Muitas noites dormia com a cabeça em cima da mesa de trabalho, perdia feriados, aniversários, estações inteiras no ano. A partir de seu incansável trabalho, surgira uma grande indústria e muito ganho pessoal — mas felicidade? Era uma palavra que o teria deixado intrigado, incapaz de entender sua importância ainda que seu significado fosse evidente.

E então restava sua própria família, a esposa e as duas filhas. Elas eram a questão. Se ele não conseguia se sentir feliz com elas, então a culpa era exclusivamente dele. A esposa era filha do amigo de um tio. O pai já tinha passado da época de casamentos arranjados e, ainda assim, encontraram-lhe uma esposa porque ele não tinha tempo para procurar. O casal se sentava na sala de estar dos pais dela, enquanto se cortejavam, comendo balas, falando pouco. Ele ficava por demais cansado na época, sempre trabalhando, e às vezes até se esquecia de que tinha uma esposa. Chegava em casa às quatro da manhã e se surpreendia em vê-la na cama, o longo cabelo escuro resvalando para o travesseiro dele. Então esta é a minha esposa, ele pensava consigo mesmo e adormecia ao lado dela. Não que as coisas tivessem permanecido assim. Eles acabaram dependendo um do outro. Eram uma família. Ela era uma excelente esposa, uma excelente mãe, e certamente ele a amara à sua própria maneira — mas felicidade? Não era o sentimento que lhe vinha à mente quando se lembrava da mulher. Mesmo que pudesse imaginá-la esperando que ele chegasse do trabalho, um drinque servido, a correspondência aberta e classificada, não era felicidade para cada um deles que ele visualizava, mas uma espécie de eficiência que fez suas vidas passarem sem atropelos. Ela era uma mulher respeitável, uma esposa cumpridora dos deveres. Ele a vira ler romances de mistério, embora nunca tenha comentado sobre eles. Ela escrevia lindos cartões. Era um conforto para as filhas. Ficou pensando de repente se realmente a conhecia. Ficou pensando se algum dia a fizera feliz. A felicidade dele era algo mantido à parte, quando ele chegava em casa depois de jantares de negócios e tinha tempo para despender com o seu aparelho de som estéreo. A felicidade, se ele tinha razão em usar a palavra, era algo que até aquele momento ele só experimentara na música. Ainda a estava experimentando na música. A

diferença era que agora a música era uma pessoa. Ela se sentava ao lado dele, no sofá, lendo. Ela pedia que ele sentasse a seu lado no piano. Vez ou outra, ela pegava a mão dele, um gesto tão surpreendente e maravilhoso que quase lhe tirava o fôlego. Ela perguntava se ele gostava de alguma peça. Ela perguntava o que ele gostaria de ouvi-la cantar. Eram coisas que ele nunca teria imaginado: o calor de uma pessoa e a música juntos. Sim, a voz dela, acima de tudo a voz dela. Mas havia também as suas mãos delicadas a considerar, as brilhantes madeixas de seu cabelo deslizando pelos ombros, a pele macia e pálida do pescoço. Havia seu enorme poder. Será que ele já conhecera um homem de negócios que despertasse tal respeito? Mais do que tudo, havia o grande mistério de por que ela escolhera sentar-se ao lado dele. Será que era possível que tal felicidade sempre tivesse existido no mundo, e ele nunca tinha ouvido falar dela, nem uma vez?

O Sr. Hosokawa se recuperou. Ele encheu o copo. Quando retornou, Roxane estava sentada ao piano com Gen.

— Deixei a senhora esperando muito tempo — disse.

Ela apanhou o copo e ouviu a tradução.

— É porque a água está perfeita — disse ela. — A perfeição demanda mais tempo.

Gen fazia o intercâmbio entre as sentenças dos dois como um caixa de banco empilhando notas de dinheiro de um lado para o outro sobre um balcão de mármore liso. Ele ouvia apenas pela metade o que estavam dizendo. Ainda estava tentado juntar as peças de sua noite anterior. Não fora um sonho. Ele não tinha esse tipo de sonho. A garota que ele observara, Carmen, tinha-lhe feito uma pergunta e ele concordara; mas onde estaria ela agora? Ele não a tinha visto durante toda a manhã. Havia tentado olhar discretamente pelos outros cômodos, mas os rapazes com as armas insistiam em empurrá-lo de volta para o salão. Às vezes, eles não pareciam se importar com os reféns andando de um lado para o outro, mas em outros dias, pareciam pensar que o maior prazer de suas vidas era empurrar as pessoas, cutucando-as com uma arma. Quando e onde ele deveria encontrá-la? Ele não perguntara nada. Apesar das instruções claras, ele não conseguia pregar os olhos após ela deixá-lo na noite anterior. Ele não conseguia parar de pensar em como uma garota como aquela tinha se infiltrado nos dutos de ar-condicionado com os criminosos. Mas o que é que ele sabia? Talvez ela já tivesse matado alguém antes. Talvez ela roubasse bancos ou jogasse coquetéis Molotov através das janelas de embaixadas. Talvez Messner tivesse razão: estes eram tempos modernos.

Beatriz se aproximou e deu dois tapas fortes no ombro de Gen, interrompendo tanto a conversa entre o Sr. Hosokawa e Roxane quanto seus próprios devaneios.

— Já está na hora da Maria? — perguntou ela, não querendo se atrasar para a novela. Logo que falou, enfiou a ponta molhada da trança novamente na boca e

recomeçou a importante atividade de chupar o cabelo. Gen imaginou um tumor de cabelos emaranhados crescendo no estômago da garota.

— Quinze minutos — disse, verificando as horas. Como tantos outros assuntos, o início da novela se tornara uma responsabilidade dele.

— Quero que me diga quando for a hora.

— Ela perguntou sobre o programa de que ela gosta? — indagou Roxane.

Gen assentiu e depois disse para Beatriz em espanhol:

— Vou mostrar para você no relógio.

— Não me importo com o relógio — retrucou Beatriz.

— Você me pergunta todo dia. Você me pergunta cinco vezes por dia.

— Pergunto para outras pessoas também — disse rispidamente. — Não é só para você. — Seus olhos pequenos tinham se arregalado, intrigada que estava se havia sido ofendida ou não.

Gen tirou o relógio.

— Coloque no pulso.

— Você vai dar o relógio para ela? — perguntou o Sr. Hosokawa.

— Por quê? — disse Beatriz desconfiada.

— Vou ficar melhor sem ele — disse Gen em japonês. Depois virou-se para Beatriz:

— É um presente.

Ela gostava da ideia de presentes, embora pessoalmente não tivesse quase experiência no assunto. Na novela, o namorado de Maria lhe dera um presente, um medalhão em formato de coração com a fotografia dele dentro. Ele colocou em volta do pescoço dela antes que ela o mandasse embora. Porém, logo que se afastou, ela levou o medalhão aos lábios e desatou a chorar sem parar. Um presente parecia um gesto maravilhoso. Beatriz estendeu o pulso e Gen colocou o relógio ali.

— Olhe o ponteiro grande — disse ele, batendo no visor com a unha. — Quando chegar até o número doze, em cima, então está na hora.

Ela examinou o relógio de perto. Era realmente bonito, o vidro redondo, a pulseira de couro marrom macio, o ponteiro que não era mais espesso do que um fio de cabelo e se arrastava lenta e constantemente pelo mostrador. No que tange a presentes em geral, Beatriz achava que esse era o melhor deles, melhor ainda do que o medalhão porque o relógio efetivamente servia para alguma coisa.

— Este aqui? — perguntou ela, apontando um dos três ponteiros. Três ponteiros, que esquisito.

— O ponteiro grande, dos minutos, no doze, e o pequeno, das horas, no número um. É bem fácil.

No entanto, não era tão fácil assim, e Beatriz tinha medo de esquecer. Ela tinha medo de ler errado e, por causa disso, perder a novela. Ela tinha medo de interpretar errado e ter que perguntar de novo, caso em que Gen certamente riria

dela. Era melhor quando ele simplesmente lhe informava a hora. Era tarefa dele. Ela tinha muito trabalho para fazer, e todos os refêns eram preguiçosos.

— Não quero isso — disse, tentando abrir a pulseira.

— Qual o problema? — perguntou o Sr. Hosokawa. — Ela não gostou?

— Ela acha complicado demais.

— Bobagem. — O Sr. Hosokawa colocou a mão sobre o pulso de Beatriz para fazê-la parar. — Preste atenção. É muito simples. — Ele levantou o braço e mostrou o próprio relógio, um reluzente círculo de ouro rosado, deslumbrante em comparação ao de Gen. — Dois ponteiros — continuou, pegando ambas as mãos da garota. — Como suas duas mãos. Muito simples. — Gen traduziu.

— Três ponteiros — retrucou Beatriz, mostrando o único ponteiro que parecia se mover.

— Esse é o dos segundos. Sessenta segundos em um minuto; um minuto, uma volta completa, e o ponteiro grande anda para a frente mais um minuto. — O Sr. Hosokawa explicou a noção de tempo, segundos, minutos e horas. Ele não conseguia se lembrar quando fora a última vez que olhara o relógio para ver as horas.

Beatriz anuiu. Passou o dedo em torno do visor do relógio de Gen.

— Está quase na hora — disse.

— Faltam sete minutos — confirmou Gen.

— Vou para lá esperar. — Ela pensou em agradecer a ele, mas não tinha certeza se devia fazer isso. Ela poderia simplesmente ter tomado o relógio dele. Ela poderia ter exigido.

— Carmen assiste à novela? — perguntou Gen.

— Às vezes — respondeu Beatriz. — Mas depois se esquece. Ela não gosta tanto quanto eu. Hoje ela tem uma tarefa do lado de fora. Então, não vai assistir, só se olhar pela janela. Quando tenho que ficar lá fora, eu consigo ver pela janela.

Gen deu uma espiada para as altas janelas francesas que ficavam no fundo do salão e davam para o jardim. Não havia ninguém lá. Apenas a *garúa* e as flores que começavam a brotar nos canteiros.

Beatriz sabia o que Gen estava procurando e ficou com raiva. Ela gostava um pouco de Gen, e ele devia gostar dela também porque tinha lhe dado um presente.

— Espere sua vez — disse magoada. — Os rapazes estão todos esperando em janelas diferentes. Todos a estão procurando, também. Talvez você devesse ir lá ficar com eles. — Obviamente não era verdade. Não se permitiam namoros nas fileiras dos soldados, e essa regra jamais era quebrada.

— Ela me fez uma pergunta — começou Gen, mas a voz dele não soou natural e ele preferiu se calar. Afinal, ele não tinha que explicar nada a Beatriz.

— Vou dizer para ela que você me deu seu relógio. — Olhou para o pulso.

— Faltam quatro minutos.

— Você devia se apressar — disse Gen. — Vai perder seu lugar no sofá.

Beatriz se afastou, mas sem pressa alguma. Caminhou como uma garota que sabia exatamente quanto tempo tinha.

— O que ela disse? — perguntou o Sr. Hosokawa a Gen. — Ela ficou feliz com o relógio?

Gen traduziu a pergunta para o inglês, por causa de Roxane, e depois respondeu aos dois que não havia como saber se a menina tinha ficado feliz ou não.

— Acho que você foi esperto de dar o relógio para ela — disse Roxane. — É menos provável que alguém atire em uma pessoa que lhe ofereceu um presente tão bonito.

Mas quem poderia dizer o que faria com que uma pessoa não atirasse?

— O senhor me dá licença?

O Sr. Hosokawa deixou Gen se afastar. Antes ele queria que Gen ficasse perto o tempo todo no caso de pensar em algo para dizer, mas agora estava aprendendo a se sentir de certa maneira confortável no silêncio. Roxane colocou as mãos no piano e puxou os acordes iniciais de “Clair de Lune”. Em seguida, pegou a mão do Sr. Hosokawa e teclou as notas novamente, de forma lenta, bonita e triste. Ele a acompanhou repetidas vezes até conseguir tocar sozinho bastante razoavelmente.

Gen se aproximou da janela e observou. A chuva fina tinha cessado, mas o ar ainda estava pesado e cinzento, como se fosse o entardecer. Gen olhou o relógio, sabendo que era cedo demais para aquela escuridão, e lembrou-se de que não tinha mais relógio. Por que ele estava esperando por ela? Por que queria ensiná-la a ler? Ele já tinha muitas tarefas para precisar assumir mais essa. Todo mundo no salão tinha um pensamento que precisava ser traduzido. Ele ficou contente de se encontrar sozinho por um minuto, um minuto para olhar para fora. Ele não precisava de mais uma tarefa.

— Estou observando através da janela há horas — disse um homem em russo. — Nada vem daí, nunca. Pode ter certeza.

— Às vezes, basta olhar — respondeu Gen, mantendo a visão direcionada para a frente. Ele quase não tinha a oportunidade de falar russo. Era uma língua que usava para ler Pushkin e Turgenev. Soava bem sua própria voz lidando com tantas consoantes palatalizadas, mesmo consciente de que seu sotaque era sofrível. Ele deveria praticar mais. Deste ângulo, aquela era uma oportunidade: tantos falantes nativos reunidos em um só lugar. Victor Fyodorov era um homem alto, com mãos grandes e tronco robusto. Os três russos, Fyodorov, Ledbed e Berezovsky, ficavam quase sempre juntos, jogando cartas e fumando de uma reserva aparentemente inesgotável de cigarros, cuja fonte ninguém sabia exatamente onde ficava. Enquanto os franceses conseguiam arriscar algumas

palavras de espanhol e os italianos se lembravam um pouco do francês que tinham aprendido no colégio, os russos, assim como os japoneses, eram uma ilha no que concernia a idiomas. Mesmo as frases mais simples só produziam expressões vazias.

— Você fica sempre tão ocupado — disse Fyodorov. — Às vezes, até sinto inveja. Nós observamos você ir para baixo e para cima, para baixo e para cima, todo mundo precisando de sua atenção. Sem dúvida você nos inveja por não fazermos nada. Você gostaria de mais tempo sozinho, não é? Tempo para olhar pela janela? — O russo parecia dizer que queria se desculpar por incomodar, por produzir outra frase que precisaria ser traduzida e que não pediria para traduzir nada a não ser que fosse importante.

Gen sorriu. Fyodorov tinha aberto mão do prazer de se barbear e, em pouco mais de duas semanas, deixara crescer uma barba impressionante. Quando afinal eles saíssem deste lugar, ele estaria parecido com Tolstoi.

— Tenho muito tempo, mesmo quando estou ocupado. O senhor sabe por experiência própria que estes são os dias mais longos da história. Olhe, abdiquei do meu relógio. Achei que era melhor não saber mais as horas.

— Admiro isso — disse o russo, fitando o pulso livre de Gen. Ele bateu de leve na pele do outro, com seu dedo robusto. — Mostra bastante reflexão.

— Então, não pense que o senhor está tomando meu tempo.

Em um gesto de solidariedade, Fyodorov tirou o próprio relógio do pulso e o guardou no bolso. Esfregou a enorme mão para desfrutar de uma nova sensação de liberdade.

— Agora podemos conversar. Agora que nos vemos livres do tempo.

— Com toda certeza — disse Gen, mas, logo que acabou de proferir as palavras, duas figuras passaram perto do muro do jardim carregando armas. Seus casacos e bonés estavam molhados por causa da chuva que caía antes, e ambos mantinham as cabeças voltadas para baixo, ao invés de olharem em volta da maneira como Gen teria imaginado que devesse ser uma tarefa de vigilância. Era difícil dizer qual dos dois era Carmen. De longe, na chuva, ela virara um garoto novamente. Ele tinha a esperança de que ela levantasse os olhos e o visse, de que ela pudesse pensar que ele estava espreitando para vê-la, embora reconhecesse a idiotice de tal pensamento. Ainda assim, ele queria vê-la e se sentiu um pouco melhor, supondo logo que fosse ela e não algum outro adolescente zangado.

Fyodorov observou Gen e observou as duas figuras do lado de fora até elas se afastarem.

— Você os está vigiando — disse em voz baixa. — Pensamento esperto. Eu fiquei cansado. No início, eu ficava reparando neles, mas eles estavam em todos os lugares. Como coelhos. Acho que entram mais alguns durante a noite.

Gen queria apontar e dizer “Aquele é a Carmen”, mas não saberia como

explicar isso e preferiu fazer apenas um gesto de assentimento.

— Não vamos desperdiçar nosso tempo com eles. Sei de melhores maneiras de passar o tempo. Você fuma? — perguntou, apresentando um pequeno maço de cigarros franceses. — Não? E se importa?

Nem bem ele tinha acendido o fósforo quando o Vice-Presidente chegou carregando uma bandeja, que pousou sobre uma mesinha na frente deles.

— Gen — disse, balançando a cabeça educadamente. — Victor. — Ele se inclinou para os dois, um cumprimento que havia adquirido com os japoneses, e depois seguiu adiante, sem querer interromper a conversa que não entenderia.

— Um homem admirável, o Ruben Iglesias. Quase me faz ter vontade de ser cidadão neste país miserável só para votar nele para Presidente. — Fyodorov trouxe o cigarro e expeliu a fumaça lentamente. Ele estava tentando encontrar a maneira certa de iniciar uma solicitação. — Você pode imaginar, nós temos pensado um bocado sobre ópera.

— É claro — disse Gen.

— Quem diria que a vida traria tantas surpresas? Achei que já estaríamos mortos a esta altura; ou então suplicando o tempo todo por nossas vidas. Ao contrário, estou aqui refletindo sobre ópera.

— Ninguém poderia prever isto. — Gen se inclinou para a frente imperceptivelmente, para ver se conseguia avistar Carmen antes que ela saísse completamente de seu campo de visão, mas já era tarde.

— Sempre tive muito interesse por música. Na Rússia, a ópera é muito importante. Você sabe disso. Quase algo sagrado.

— Posso imaginar. — Agora ele queria ter o relógio de volta. Se tivesse, seria capaz de calcular o tempo em que ela passava, ver quanto minutos levava para ela passar pela janela novamente. Ela poderia se tornar uma espécie de relógio. Ele pensou em pedir a Fyodorov, mas era evidente que Fyodorov estava matutando sobre outros assuntos.

— A ópera chegou tarde na Rússia. Na Itália, a língua se prestava a esse tipo de canto, mas demorou mais no nosso caso. Você sabe, o russo é uma língua complicada. Atualmente temos excelentes cantores. Não posso reclamar do talento de nosso país, mas pelo que sei existe apenas uma pessoa verdadeiramente genial. Há muitos cantores soberbos, vozes brilhantes, mas apenas uma genial. Ela nunca esteve na Rússia, que eu saiba. Você não diria que são notavelmente baixas as chances de alguém ficar encarcerado em uma casa com um verdadeiro gênio?

— Concordo — disse Gen.

— Então, o fato de eu me ver aqui junto a ela e ser incapaz de trocar algumas palavras é, bem, de se lamentar. Não, para falar a verdade, é frustrante. E se formos libertados amanhã? Rezo para isso todo dia, mas, ainda assim, acho que diria para mim mesmo para o resto da vida: você nunca falou com ela? Ela

estava logo aqui, na mesma sala que você, e você nem tentou encontrar uma maneira de dizer alguma coisa? Como eu poderia viver com tamanho arrependimento? Acho que não me importaria tanto antes que ela voltasse a cantar. Estava absorto nos meus próprios pensamentos, nas circunstâncias que vivemos, mas agora, com a música chegando com tanta regularidade, tudo mudou. Você também não acha isso?

E Gen foi obrigado a concordar. Ele não tinha pensado sobre o assunto exatamente nos mesmos termos antes, mas era verdade. Havia uma diferença.

— E quais seriam as chances, já que sou um refém em um país que não conheço com uma mulher que admiro tanto, de que houvesse também conosco um homem como você, que tem bom coração e fala tanto a minha língua quanto a dela? Diga-me, quais seriam as chances? Uma em milhões, eu diria! É por isso, obviamente, que venho falar com você. Estou interessado em contratar seus serviços de tradução.

— Não é preciso nada formal assim — disse Gen. — Fico feliz em falar com a Srta. Coss. Podemos ir agora. Eu digo para ela o que o senhor quiser falar.

O enorme russo empalideceu e tragou o cigarro nervosamente três vezes. Os pulmões do homem eram tão robustos que o pequeno cigarro chegou ao fim só com o seu súbito ataque de atenção.

— Não precisamos correr, meu amigo.

— A não ser que sejamos libertados amanhã.

Ele aquiesceu e sorriu.

— Você não me deixa escapar. — Ele mostrou a guimba do cigarro para Gen. — Você está pensando... Você está me dizendo que chegou a hora de me declarar.

Gen achou que não tinha compreendido bem o significado do verbo *declarar*. Poderia ter outros sentidos. Ele sabia falar russo, mas não entendia certas nuances do idioma.

— A única coisa que estou dizendo é que a Srta. Coss está bem ali, se o senhor quiser falar com ela.

— Vamos deixar para amanhã, está bem? Vou falar com ela pela manhã — espalmou a mão no ombro de Gen —, no caso de termos sorte. Amanhã de manhã está bem para você?

— Não vou a lugar algum.

— Depois que ela cantar — completou Fyodorov. — Mas sem correrias.

Gen lhe afirmou que achava a ideia razoável.

— Ótimo, ótimo. Isso vai me dar tempo para organizar meus pensamentos. Vou ficar acordado a noite toda. Você é muito bom. Você fala russo muito bem.

— Obrigado — disse Gen. Ele tinha a esperança de conversar um pouco sobre Pushkin. Ele gostaria de saber alguns detalhes sobre *Eugene Onegin* e *A Dama de Espadas*, mas Fyodorov se afastou, cambaleando para seu canto como

um lutador pronto para o segundo assalto. Os dois outros russos esperavam por ele, fumando.

* * *

De pé na cozinha, o Vice-Presidente observava uma caixa de legumes, abóboras maduras e berinjelas roxas, tomates e cebolas brancas. Ele tomou isso como um mau presságio, sinal de que as pessoas que circundavam a casa estavam começando a ficar cansadas do sequestro. Quanto tempo essas crises costumavam durar? Seis horas? Dois dias? Depois desse tempo, jogavam gás lacrimogênio e todo mundo se rendia. No entanto, de alguma forma estes terroristas de segunda categoria tinham impedido qualquer tentativa de resgate. Talvez fosse porque havia reféns demais. Ou talvez fosse o muro ao redor da casa da vice-presidência, ou o temor de acidentalmente matar Roxane Coss. Fosse qual fosse o motivo, a situação deles já se arrastava para além de sua segunda semana. Era perfeitamente lógico que não estivessem mais nas primeiras páginas dos jornais e que já tivessem caído para a segunda ou mesmo a terceira matéria do noticiário noturno. As pessoas continuavam vivendo suas vidas. Um medida mais prática estava sendo tomada, como evidenciavam os alimentos na frente dele. O Vice-Presidente imaginava seu grupo como os sobreviventes de um naufrágio que, sem nada poderem fazer, observavam o último helicóptero de busca e resgate voar para o norte, em direção ao continente. A prova estava na comida. No início, tudo vinha já preparado, sanduíches ou arroz e frango desfiado. Depois os alimentos começaram a vir de forma a precisarem ser combinados, pão, carne e queijo embalados em bandejas separadas. Mas isso aqui — isso era algo completamente diferente. Quinze frangos crus, rosados e resfriados, os estômagos das aves sujando o balcão com gordura, caixas de legumes, sacos de feijão cru e latas de óleo. Certamente havia comida suficiente para todos, os frangos pareciam de bom tamanho, mas a pergunta importante a fazer era: como efetivar a transformação? Como tudo isso podia se transformar em jantar? Ruben achava que era de sua responsabilidade responder à pergunta, mas ele não sabia nada da própria cozinha. Não sabia onde ficava o escorredor. Não sabia diferenciar manjerona de tomilho. Ficou pensando se a mulher saberia algo sobre isso. A verdade é que há muito tempo ambos tinham alguém que lhes fizesse os serviços de casa. Ele percebera isso nessas semanas, enquanto varria o chão e dobrava as roupas de cama. Talvez ele tivesse sido útil para a sociedade, mas, no que se referia a questões de afazeres domésticos, ele tinha se tornado um tipo de cachorrinho de colo. Quando era criança, não recebera qualquer tipo de treinamento doméstico. Nunca tinham lhe pedido para colocar a mesa ou

descascar uma cenoura. As irmãs dele faziam sua cama e dobravam suas roupas. Foi necessário uma situação de cativo para que fosse obrigado a descobrir como funcionavam a máquina de lavar roupa e a secadora da própria casa. Todos os dias havia uma lista interminável de tarefas que precisavam ser executadas. Se ele trabalhasse sem parar desde o momento em que acordasse pela manhã até o momento em que caísse exausto em sua pilha de cobertores, não conseguiria manter a casa nos padrões em que estava acostumado a vê-la. Como a casa estivera cheia de vida há tão pouco tempo! Nem dava para dizer quantas moças iam e vinham, limpando e polindo, passando camisas e lenços, limpando as teias de aranhas mais imperceptíveis dos cantos do teto. Lustravam as tiras de metal na base da porta da frente. Mantinham a copa abastecida de bolos e de beterraba em conserva. Deixavam um levíssimo aroma de talco perfumado (que a esposa dava para cada uma das moças que trabalhavam na casa todos os anos, no dia do aniversário, um enorme pote redondo com uma esponja macia em cima) sempre que passavam por um cômodo. Assim, tudo cheirava a um ramo de jacinto salpicado de talco. Absolutamente nada na casa exigia a atenção dele, nenhum objeto pedia sua intervenção. Mesmo seus filhos tomavam banho, eram arrumados e colocados na cama por delicadas mãos contratadas. Era perfeito, tudo inteiramente perfeito, sempre.

E os seus convidados! Quem eram esses homens que nunca levavam os pratos para a pia? Pelo menos no caso dos terroristas ele podia perdoar. Eram quase todos crianças; além disso, foram criados na selva (e pensou na própria mãe, que brigava quando ele se esquecia de fechar a porta da frente: “Vou mandar você viver na selva, onde não vai ser incomodado com certas coisas, como portas!”). Os reféns estavam acostumados com criados e secretárias e, embora tivessem empregadas e cozinheiras, provavelmente nunca as viam. Não só tinham pessoas para cuidar da casa, como elas o faziam de uma maneira tão eficiente e silenciosa que nunca precisavam encontrá-las.

É óbvio que Ruben poderia deixar tudo como estava. Afinal de contas, a casa não era dele. Ele poderia ter deixado os tapetes se desfazerem em poças de refrigerantes derramados e passar ao largo da sujeira que se juntava ao redor das latas de lixo abarrotadas. Porém, em primeiro lugar, ele era o anfitrião. Tinha um senso de responsabilidade que o levava a querer manter alguma semelhança com uma festa que ainda estava acontecendo. Entretanto, o que ele descobriu rapidamente é que gostava daquilo. Não apenas gostava, mas descobriu, com toda a sua modéstia, que tinha aptidão para a tarefa. Quando se ajoelhava e encerava o chão, o piso efetivamente brilhava em resposta às suas atenções. De todos os afazeres domésticos que precisavam ser feitos, o seu favorito era passar roupa. Ficava surpreso de ver que não haviam levado o ferro de passar roupa embora; se empunhado de forma adequada, tinha certeza de que seria uma arma mortal, tão pesado e tão incrivelmente quente. Enquanto passava

as camisas de homens que ficavam esperando com os peitos nus, pensava no estrago que podia causar. Certamente não conseguiria dar conta de todos (ele imaginava se um ferro seria capaz de desviar as balas de um revólver), mas poderia derrubar dois ou três antes de ser alvejado. Com um ferro de passar, Ruben poderia lutar, e só esse pensamento já o fazia se sentir menos passivo, mais másculo. Ele embicava a ponta prateada dentro de um bolso e depois deslizava-o por uma manga. Produzia nuvens de vapor que faziam o suor escorrer. Logo percebeu que o colarinho era a chave de uma tarefa bem-feita.

Passar roupa era uma coisa. Passar roupa estava dentro de suas possibilidades. Porém, quanto a preparar uma refeição, ele se sentia perdido e naquele momento se encontrava imóvel, olhando fixamente para todos aqueles alimentos crus à sua frente. Decidiu colocar os frangos na geladeira. É melhor evitar deixar a carne no calor — pelo menos disso ele tinha certeza. Em seguida, saiu para procurar ajuda.

— Gen — chamou. — Gen, preciso falar com a Señorita Coss.

— O senhor também? — indagou Gen.

— Eu também — respondeu o Vice-Presidente. — Por que, tenho que entrar na fila? Pegar uma senha?

Gen balançou a cabeça, e juntos se encaminharam até Roxane.

— Gen — disse ela e estendeu as mãos como se não os visse há dias. — Sr. Vice-Presidente. — Ela tinha mudado desde que as partituras chegaram, ou tinha voltado a ser o que era antes. Agora, ela voltara a parecer a famosa cantora soprano que havia sido contratada para uma festa, por uma quantia exorbitante, para cantar seis árias. Novamente irradiava uma espécie de brilho, que pertence apenas aos muito famosos. Ruben sempre se sentia ligeiramente fraco quando ficava tão perto dela como agora. Ela usava roupas da esposa dele: uma suéter e, em volta do pescoço, uma echarpe de seda preta com pássaros de cores vivas. (Como sua esposa adorava essa echarpe, que tinha vindo de Paris. Ela não costumava usá-la mais do que uma ou duas vezes por ano e a mantinha cuidadosamente guardada na embalagem original. Com que rapidez Ruben tinha oferecido tal tesouro para Roxane!) Ele se sentiu impelido pela súbita necessidade de contar-lhe como se sentia a respeito dela. O quanto a sua música significava para ele. Controlou-se trazendo à mente a imagem daqueles frangos crus.

— Por favor, me perdoe — começou o Vice-Presidente, a voz embargada de emoção. — A senhora já faz tanto por nós. Seus ensaios têm sido uma dádiva, embora eu não entenda como a senhora possa chamá-los de ensaio. Significa que ainda poderia aperfeiçoar o seu canto. — Tocou os olhos com os dedos e balançou a cabeça. Estava cansado. — Mas não foi por isso que vim falar com a senhora. Pergunto se posso incomodá-la pedindo um favor.

— Há alguma peça que o senhor gostaria de me ouvir cantar? — Roxane

dedilhou as pontas da echarpe.

— Isso eu nunca poderia saber. Qualquer música que a senhora escolha passa a ser a minha preferida.

— Muito comovente — disse Gen para ele em espanhol.

Ruben lhe lançou um olhar que deixava claro que não tinha qualquer interesse em comentários.

— Preciso de uns conselhos na cozinha. Uma ajuda. Não me entenda mal, eu nunca pediria à senhora para fazer o trabalho, mas, se a senhora pudesse me dar uma orientação, por mínima que seja, sobre como preparar nosso jantar, eu ficaria realmente agradecido.

Roxane olhou para Gen e piscou.

— Você entendeu mal.

— Acho que não.

— Tente de novo.

Para os linguistas, o espanhol era o mesmo que o jogo de amarelinha para triatletas. Se ele conseguia lidar com russo e grego, muito provavelmente não deixaria de entender uma frase em espanhol. Uma frase acerca da preparação de comida, e não acerca do estado da alma humana. Afinal de contas, espanhol era o idioma que ele vinha traduzindo sem parar todos os dias. Era o que mais se aproximava de uma língua comum.

— O senhor pode repetir? — disse Gen para Ruben.

— Diga-lhe que gostaria de alguma ajuda para preparar o jantar.

— Cozinhar? — perguntou Roxane.

Ruben pensou sobre isso por um momento, supondo que não estava pedindo ajuda para servir o jantar ou comê-lo, então cozinhar o jantar era o significado que sobrava. — Cozinhar.

— Por que ele pensa que eu sei cozinhar? — perguntou ela a Gen.

Ruben, que falava mal inglês, mas entendia um pouco, assinalou que ela era mulher.

— As duas moças, só posso imaginar que elas não saibam nada além de pratos nativos que podem não ser do gosto de todo mundo — disse Iglesias, por meio de Gen.

— É algum tipo de opinião tipicamente latina, não acha? — disse ela para Gen. — Nem posso ficar ofendida. É importante ter sempre em mente as diferenças culturais. — Sorriu para Ruben, um sorriso amigável, mas que não passava qualquer outra informação.

— Acho que é uma atitude sábia. — disse Gen e depois se virou para Ruben. — Ela não sabe cozinhar.

— Ela deve saber alguma coisa — rebateu Ruben.

Gen balançou a cabeça.

— Acho que não sabe nada.

— Ela não nasceu cantando ópera — comentou o Vice-Presidente. — Ela foi criança. — Mesmo a mulher dele, que vinha de uma família rica, que fora uma menina mimada com todos os luxos disponíveis, tinha aprendido a cozinhar.

— Possivelmente, mas imagino que alguém cozinhava para ela.

Roxane, que estava agora fora da conversa, se recostou contra as almofadas de seda dourada do sofá, levantou as mãos e encolheu os ombros. Era um gesto encantador. Mãos tão macias nunca haviam lavado um prato ou debulhado uma vagem.

— Diga para ele que a cicatriz parece estar muito melhor — pediu ela a Gen. — Gostaria de dizer algo agradável. Graças a Deus aquela garota que trabalha aqui ainda estava na casa quando isso aconteceu. Do contrário, ele teria me pedido para costurar o rosto dele também.

— Devo dizer a ele que a senhora não costura? — perguntou Gen.

— É melhor que ele saiba desde já. — A cantora sorriu novamente e acenou a mão para o Vice-Presidente, como gesto de despedida.

— Você sabe cozinhar? — perguntou Ruben a Gen.

Gen ignorou a pergunta.

— Ouvi falar que Simon Thibault reclama um bocado da comida. Ele fala como se entendesse do assunto. De qualquer maneira, ele é francês. Os franceses entendem de comida.

— Dois minutos atrás eu diria a mesma coisa sobre as mulheres — disse Ruben.

Simon Thibault, porém, mostrou-se uma aposta melhor. O rosto dele se iluminou quando soube dos frangos crus.

— E legumes? — disse. — Graças a Deus, algo que ainda não foi arruinado.

— Eis o seu homem — disse Gen.

Juntos, os três foram até a cozinha, desviando-se do labirinto de homens e garotos vagueando pelo salão. Thibault ocupou-se imediatamente dos legumes. Tirou uma berinjela da caixa e virou-a nas mãos. Ele quase podia ver o próprio reflexo na superfície lustrosa do legume. Encostou o nariz na casca roxa e escura. Não tinha o odor muito pronunciado. Mesmo assim, havia algo de misterioso e terroso, algo vivo que lhe fazia ter vontade de dar uma mordida.

— É um boa cozinha — disse. — Vamos ver as panelas.

Assim, Ruben abriu as gavetas e os armários, e Simon Thibault começou seu inventário sistemático, batedores de clara e tigelas para misturar e bater, espremedores de limão, papel-manteiga, panela de banho-maria. Todas as panelas imagináveis em todos os tamanhos imagináveis, até uma que pesava, vazia, quase quinze quilos e poderia esconder uma criança de dois anos de compleição pequena. Era uma cozinha acostumada a festas para quinhentos convidados. Uma cozinha preparada para alimentar multidões.

— Onde estão as facas? — perguntou Thibault.

— As facas estão nos cinturões dos bandidos — respondeu o Vice-Presidente. — Eles planejam nos retalhar com o cutelo de carne ou nos serrar até a morte com a faca de pão.

Thibault tamborilou sobre o balcão de aço. Tinha uma aparência bonita, mas em casa, em Paris, ele e Edith preferiram mármore. Que maravilhosa massa se podia fazer em cima do mármore!

— Não é uma má ideia — disse —, nada má. Acho que eles não vão querer nos dar as facas. Gen, vá dizer aos Generais que vamos ter que cozinhar nossa comida ou comer frango cru... Não que eles evitem frango cru. Diga-lhes que sabemos que estamos moralmente desqualificados para usar as facas e que precisamos de alguns guardas, dois ou três, para cortar e picar. Peça que eles mandem as garotas e talvez aquele menino bem pequeno.

— Ishmael — disse Ruben.

— Aquele é um menino que sabe assumir responsabilidades — disse Thibault.

* * *

Os guardas tinham trocado de turno, ou ao menos ele tinha visto dois ou mais jovens soldados colocarem os bonés e se dirigirem para o lado de fora, mas Gen não viu Carmen. Se ela tivesse entrado, estaria em alguma parte da casa aonde os reféns não podiam ir. Discretamente, procurou-a por todos os lugares nos quais tinha permissão de ir, em vão.

— General Benjamin — disse, ao encontrar o General na sala de jantar retalhando o jornal com uma tesoura. Ele cortava os artigos que lhes diziam respeito, como se conseguisse, editando o jornal, manter os reféns sem notícias. A televisão ficava ligada o tempo todo, mas os cativos sempre tinham que se retirar na hora do noticiário. Ainda assim, ouviam alguns trechos a partir do saguão. — Houve uma mudança em relação à comida, senhor. — Mesmo sendo Thibault o diplomata, Gen acreditava ter provavelmente uma chance maior de conseguir o que queriam. Era uma diferença na natureza de ambos. Os franceses não tinham muita experiência em adotar um comportamento que mostrasse deferência.

— Qual é a mudança? — O General não levantou os olhos.

— Não está pronta, senhor. Mandaram caixas de legumes, alguns frangos. — Pelo menos os frangos estavam depenados. Pelo menos estavam mortos. Provavelmente era só uma questão de tempo antes que o jantar entrasse na casa caminhando sobre os próprios pés, e que o leite se mostrasse ainda quente e comprimido dentro de uma cabra.

— Então cozinhem. — Fez um corte reto no meio da terceira página.

— O Vice-Presidente e o Embaixador Thibault estão planejando isso, mas precisam solicitar algumas facas.

— Nada de facas — disse o General com indiferença.

Gen esperou por um momento. O General Benjamin amassou os artigos que tinha recortado e jogou-os em uma pilha de pequeninas bolas de papel.

— Infelizmente, temos um problema. Não sei quase nada sobre cozinha, mas entendo que as facas são indispensáveis para a preparação da comida.

— Nada de facas.

— Talvez então as facas possam vir com pessoas. Se o senhor pudesse requisitar alguns soldados para cortar, então haveria o controle das facas. É muita comida. Somos cinquenta e oito pessoas, afinal.

O General Benjamin suspirou.

— Sei quantas pessoas estão na casa. Espero não ter que ouvir isso vindo de você. — Alisou o jornal recortado e dobrou-o novamente. — Diga-me uma coisa, Gen. Você joga xadrez?

— Xadrez, senhor. Sei jogar, mas não posso dizer que eu jogue bem.

O General juntou as pontas dos dedos e pressionou os indicadores unidos contra os lábios.

— Vou mandar as moças ajudarem vocês na cozinha — disse. O herpes-zóster estava começando a se aproximar do olho. Estava claro, mesmo nesse estágio inicial, que os resultados seriam desastrosos.

— Se pudéssemos ter mais um. Talvez Ishmael. É um bom menino.

— Duas pessoas são suficientes.

— O Sr. Hosokawa joga xadrez — disse Gen. Ele não deveria oferecer seu patrão para quaisquer serviços em troca de um garoto a mais para picar alimentos, mas a verdade é que o Sr. Hosokawa jogava xadrez brilhantemente. Ele sempre pedia a Gen para jogar com ele em voos longos e sempre ficava decepcionado porque Gen não conseguia durar mais do que vinte movimentos. Ele achou que talvez o Sr. Hosokawa apreciasse jogar tanto quanto o General Benjamin.

Benjamin olhou para cima, a face vermelha e inchada revelando satisfação.

— Encontrei um tabuleiro no quarto do garoto. É bom saber que iam ensinar um jogo como xadrez para um menino tão pequeno. Considero um instrumento excepcional para moldar o caráter. Ensinei todos os meus filhos a jogarem xadrez.

Isso era algo que Gen nunca tinha considerado, que o General Benjamin tivesse filhos, que tivesse um lar, uma esposa ou algum tipo de existência fora do grupo onde estava. Gen nunca tinha parado para pensar sobre onde eles moravam, mas será que era em uma tenda fincada em algum lugar da selva, com redes balançando entre os rígidos galhos das árvores? Ou constituiria um trabalho regular, esse de ser revolucionário? Será que ele beijava a mulher ao se

despedir de manhã, deixando-a sentada de robe bebendo chá de coca? Será que ele voltava para casa à noite e arrumava o tabuleiro de xadrez enquanto esticava as pernas e fumava um cigarro?

— Eu gostaria de jogar melhor — disse Gen.

— Bem, talvez eu possa ensinar alguma coisa. Não consigo imaginar o que eu poderia ensinar para você. — O General Benjamin, de todos os soldados, era o que tinha maior respeito com relação às habilidades linguísticas de Gen. Ele imaginava que, já que ele falava russo, inglês e francês, provavelmente podia fazer qualquer coisa.

— Eu gostaria — disse Gen.

Benjamin anuiu.

— Por favor, peça ao Sr. Hosokawa que venha quando for conveniente para ele. Não vamos precisar de tradução. Aqui, escreva as palavras *xegue* e *xegue-mate* em japonês. Talvez eu me dê o trabalho de aprender essas palavras se ele vier jogar. — O General Benjamin pegou uma das folhas amarrotadas e alisou-a novamente. Deu um lápis para Gen e, acima da manchete, o intérprete escreveu as duas palavras. A manchete que ele viu dizia “Pouca esperança”.

— Vou mandar ajuda para preparar o jantar — disse o General. — Elas vão diretamente para lá.

Gen inclinou a cabeça. Talvez mostrasse mais respeito do que era merecido, mas ninguém estava lá para reparar.

* * *

Pareceria que todas as suas escolhas tinham sido subtraídas, presos em uma casa com um adolescente armado e carrancudo recostado contra cada porta. Sem liberdade, sem confiança, sem nem mesmo a liberdade ou a confiança para ter em mãos uma faca para cortar frangos. As coisas mais simples em que acreditavam, que tinham o direito de abrir uma porta, que eram livres para irem para fora, não eram mais verdadeiras. No entanto, algo era verdadeiro: Gen não foi direto falar com o Sr. Hosokawa. Gen não foi até ele para falar do jogo de xadrez. Se esperasse até a noite, que diferença faria? O Sr. Hosokawa nunca saberia que ele atrasara a informação. Não havia ninguém que falasse tanto japonês como espanhol para contar a ele. No outro lado do salão, o Sr. Hosokawa estava sentado junto a Roxane Coss no banco de piano feito de pau-rosa. Deixe-o ali. Ele estava feliz de ficar com a cantora. Ela estava ensinando alguma coisa no piano, as mãos dela, e depois as dele, dedilhando as teclas. As notas firmes e repetitivas criavam uma música ambiente. Ainda era cedo demais para afirmar com certeza, mas ele parecia ser mais promissor em aprender música do que em aprender espanhol. Deixe-o ali por enquanto. Mesmo a distância, Gen podia

ver a maneira como ela se inclinava em direção a ele quando alcançava as notas mais baixas. O Sr. Hosokawa estava feliz, Gen não precisava ver o rosto dele para perceber. Ele sabia que o patrão era inteligente, focado, sensato e, embora Gen nunca tivesse pensado nele como um homem infeliz, tampouco pensara que tivesse algum prazer especial na vida. Então por que perturbar o seu momento de prazer? Gen podia decidir por si mesmo, e então o Sr. Hosokawa podia continuar com sua prática e Gen podia voltar para a cozinha, onde o Vice-Presidente Iglesias e o Embaixador Thibault estavam conversando sobre molhos.

Vou mandar as moças ajudarem vocês na cozinha, foi o que o General Benjamin dissera.

As palavras se repetiam na cabeça de Gen como o refrão de “Clair de Lune”. Ele foi até a cozinha e, quando empurrou a porta vaivém, levantou ambas as mãos, um vencedor após nocautear o adversário sem esforço.

— Ah, vejam isso! — exclamou o Vice-Presidente. — O garoto genial retorna triunfante.

— Estamos desperdiçando um talento com facas e ajudas domésticas — Thibault disse no bom espanhol que havia adquirido quando pensou que seria o embaixador da França na Espanha. — Devíamos mandar esse rapaz para a Irlanda do Norte. Ou para a Faixa de Gaza.

— Devíamos dar para ele o posto de Messner. Então, talvez nós já estivéssemos fora daqui.

— Foram apenas algumas facas — disse Gen humildemente.

— Você chegou a falar com Benjamin? — perguntou Ruben.

— É claro que ele falou com Benjamin. — Thibault estava folheando um livro de receitas de uma pilha à sua frente. Pelo movimento rápido de seu dedo para frente e para trás nas linhas, ele parecia fazer uma leitura dinâmica. — Ele conseguiu, não foi? Você sabe que Alfredo e Hector teriam insistido em frango cru. É bom para tornar os homens mais duros. O que nosso bom camarada disse?

— Disse que ia mandar as garotas. Negou-se a liberar Ishmael, mas eu não ficaria surpreso se ele voltasse atrás. — Gen pegou uma cenoura da caixa e a lavou na pia.

— A mim eles deram uma coronhada no rosto — disse o Vice-Presidente em voz baixa. — A você, uma equipe.

— O que acham de um simples *coq au vin*? — perguntou Thibault.

— Eles confiscaram todo o *vin* — lembrou Ruben. — Bom, nós sempre podemos enviar Gen para outra solicitação. Provavelmente está trancado por aqui, a não ser que tenham bebido tudo.

— Nada de *vin* — arrematou Simon Thibault tristemente, como se o vinho fosse algo perigoso, como se fosse uma faca. Que dificuldade! Em Paris, as pessoas podiam ser descuidadas, podiam se dar o luxo de deixar algum produto faltar completamente porque tudo o que você queria estava a meio quarteirão de

distância, uma caixa, uma garrafa, uma taça. Uma taça de Borgonha no outono em uma mesa nos fundos da Brasserie Lipp, com uma luz quente e amarelada, refletindo a balaustrada dourada em volta do bar. Edith vestindo uma suéter azul-marinho, o cabelo preso, enrolado em um nó displicente, as mãos pálidas segurando o bojo da taça. Como ele conseguia ver tudo claramente, a luz, a suéter, o vermelho intenso do vinho entre os dedos de Edith. Quando se mudaram para o Coração das Trevas, eles providenciaram a remessa do vinho, duas dúzias de caixas por vez, bebida suficiente para saciar uma cidade inteira durante uma seca. Thibault tentou transformar um simples porão sujo e úmido em uma adega. O vinho francês era o alicerce da diplomacia de seu país. Ele o liberava como se fosse balas de hortelã. Os convidados ficavam até mais tarde em suas festas. Eles levavam um tempo enorme no caminho até o portão e davam boa-noite, boa-noite, mas parecia que não queriam ir embora nunca. Edith finalmente entrava e lhes trazia uma garrafa de vinho, uma para cada pessoa, insistindo contra as mãos resistentes. Então, eles se espalhavam pelas trevas, cada um em direção ao próprio carro com motorista, segurando o prêmio.

— Este é o meu sangue. — Thibault levantava a taça para a mulher quando os convidados finalmente já tinham se retirado. — Que será derramado por vós. — Juntos eles voltavam para a sala de estar, recolhendo os guardanapos amassados, os pratos empilhados. Já tinham liberado a empregada há muito tempo. Esse era o ato de intimidade entre eles, uma pura expressão de amor. Estavam sozinhos novamente. Estavam colocando a casa em ordem.

— Não há algum tipo de *coq sans vin*? — Ruben se inclinou para olhar o livro. Todos esses livros de sua casa que ele nunca vira antes! Ficou pensando se pertenciam a ele ou àquela casa.

Thibault empurrou a echarpe de Edith sobre o ombro. Falou algo sobre assar e virou a cabeça para ler. Nem bem tinha começado quando a porta se abriu novamente e entraram três pessoas: Beatriz, a mais alta, a bonita Carmen e finalmente Ishmael. Cada um com duas ou três facas.

— Você pediu que viéssemos, não foi? — disse Beatriz para Gen. — Eu não tinha nenhuma obrigação agora. Eu ia ver televisão.

Gen olhou o relógio da parede.

— Já passou da hora da novela — disse, tentando manter os olhos nela.

— Tem outras coisas passando — rebateu ela. — Vários programas. “Mande as garotas fazerem.” É sempre assim.

— Eles não mandaram só as garotas — disse Ishmael em defesa própria.

— Praticamente — disse Beatriz.

Ishmael ficou ruborizado e virou o cabo de madeira da faca entre as mãos.

— O General disse que nós tínhamos que vir e ajudar com o jantar — disse Carmen. Ela falou com o Vice-Presidente. Não voltou os olhos para Gen, que não olhou para ela... então por que parecia que eles estavam se encarando?

— Agradecemos muito — disse Simon Thibault. — Não sabemos nada sobre como usar facas. Se nos confiassem algo tão perigoso, haveria um banho de sangue em questão de minutos. Não que nós sejamos assassinos, longe disso. Íamos cortar nossos próprios dedos e sangrar até a morte bem aqui no chão.

— Pare — disse Ishmael rindo. Recentemente tinham feito nele um dos cortes de cabelo amadores que estavam se tornando comuns. Onde antes havia pesados cachos encaracolados agora existia um retalhado irregular. Em algumas partes, seus fios estavam eriçados como grama; em outras, cuidadosamente nivelados. Em poucos lugares não havia cabelo algum, e pequenas manchas do couro cabeludo rosado brilhavam como a pele de um rato recém-nascido. Disseram-lhe que ele pareceria mais velho, mas na verdade dava apenas a impressão de estar doente.

— Alguém de vocês sabe cozinhar? — perguntou Ruben.

— Um pouco — respondeu Carmen, examinando a posição de seus pés no piso quadriculado preto e branco.

— É claro que sabemos cozinhar — disparou Beatriz. — Quem você pensa que cozinha para nós?

— Seus pais. É uma possibilidade — disse o Vice-Presidente.

— Somos adultas. Cuidamos de nós mesmas. Não temos pais tomando conta, como se fôssemos crianças. — Beatriz estava apenas irritada por não estar assistindo à televisão. Ela tinha cumprido com todas as obrigações, afinal de contas, tinha vigiado a parte superior da casa e ficado de sentinela por duas horas na janela. Tinha limpado as armas dos Generais e a sua própria, além de ter colocado óleo em todas as armas. Não era justo ser chamada para trabalhar na cozinha. Havia um programa maravilhoso que passava no final da tarde, uma garota usando uma roupa coberta de estrelas e uma saia rodada que cantava canções de vaqueiro e dançava com botas de salto alto.

Ishmael suspirou e pousou suas três facas no balcão em frente a ele. Seus pais estavam mortos. Uma noite o pai tinha sido retirado de casa por um grupo de homens e nunca mais fora visto. A mãe sucumbira a uma simples gripe onze meses atrás. Ishmael tinha quase quinze anos, mesmo que seu corpo não desse indícios de sustentar esse fato. Ele não era uma criança, se o critério para ser criança era ter a mãe ou o pai para preparar o jantar.

— Então você conhece cebola — disse Thibault, levantando uma cebola.

— Melhor do que você — retrucou Beatriz.

— Ótimo, pegue aquela faca perigosa e pique algumas cebolas. — Thibault passou as tábuas de cortar e as tigelas. Por que as tábuas de cortar não eram consideradas armas? Segure as duas pontas firmemente nas mãos e está claro que essas grandes placas de madeira têm o tamanho certo para atingir uma pessoa na parte posterior da cabeça. E por que não as tigelas? Os pesados potes de cerâmica em tons pastel de verde pareciam inofensivos enquanto continham

bananas, mas, uma vez quebrados, seriam muito diferentes de uma faca? Será que não seria fácil enfiar um caco de cerâmica no meio do coração de uma pessoa? Thibault pediu a Carmen para picar o alho e fatiar os pimentões. Indicou uma berinjela para Ishmael.

— Descascada, picada e sem sementes.

A faca de Ishmael era longa e pesada. Qual deles manejava uma faca de legumes para se defender? Quem tinha ficado com a faca de toranja? Quando o garoto tentou retirar a casca, acabou atingindo a carne amarela e esponjosa em vários centímetros. Thibault o observou por um momento e então agarrou as mãos dele.

— Não é assim — disse. — Não vai sobrar nada para comer. Aqui, deixe que eu mostro.

Ishmael parou, examinou o trabalho que havia feito e então entregou o legume picotado e a faca. A faca com a lâmina na direção de Thibault. O que ele sabia de etiqueta de cozinha? Thibault pegou tanto a berinjela quanto a faca, uma em cada mão. Com destreza e rapidez, começou a descascar a berinjela.

— Largue isso! — gritou Beatriz. Ao gritar, deixou cair a própria faca, a lâmina escorregadia por causa das cebolas, uma chuva de cebolas picadas espalhadas pelo chão como neve molhada e espessa. Puxou o revólver da cintura e mirou o Embaixador.

— Meu Deus! — exclamou Ruben.

Thibault não compreendeu o que tinha feito. Primeiro pensou que ela estivesse brava porque ele corrigira o garoto sobre a forma correta de descascar o legume. Pensou que o problema fosse a berinjela e, por isso, abaixou-a antes e, depois, a faca.

— Fale baixo — disse Carmen a Beatriz em quíchua. — Você vai nos colocar em apuros.

— Ele pegou a faca.

Thibault levantou as mãos vazias, com as palmas macias na direção do revólver.

— Eu dei a faca para ele — disse Ishmael. — Fui eu que dei.

— Ele só ia descascar a berinjela — explicou Gen. Não conseguia reconhecer uma palavra da língua em que eles se comunicavam.

— Não é para ele pegar uma faca — disse Beatriz em espanhol. — O General nos avisou. Será que ninguém escuta? — Ela mantinha as sobrancelhas cerradas viradas para baixo, o revólver ainda a postos. Seus olhos começaram a lacrimejar por causa das cebolas que estava cortando e logo as lágrimas desceram, um fato que todo mundo entendeu da maneira errada.

— E que tal assim? — Thibault começou a falar baixo, com as mãos para cima. — Todos vocês podem ficar longe de mim e posso mostrar a Ishmael como descascar uma berinjela. Você continua com o revólver apontado para

mim e, se achar que estou fazendo alguma gracinha, atira em mim. Pode atirar em Gen também, se eu fizer alguma coisa errada.

Carmen baixou a própria faca.

— Eu não acho... — começou Gen, mas ninguém estava prestando atenção nele. Ele sentiu o cano estreito e frio contra o peito, como se o caroço de uma cereja tivesse escorregado para o seu coração. Ele não queria ser alvejado e não queria que o oferecessem como alvo.

— Posso atirar em você? — perguntou Beatriz. Não cabia a ele dar permissão, não é? De qualquer forma, não era intenção dela atirar em ninguém.

— Vá em frente — disse Ishmael, pegando a própria arma e apontando para o Embaixador. Ele tentava manter o rosto sério, mas não conseguia. — Vou atirar em você, também, se for preciso. Mostre como descascar uma berinjela. Já puxei o gatilho por muito menos que uma berinjela. — *Berenjena*, era a palavra em espanhol para berinjela. Uma bela palavra. Poderia ser um nome de mulher.

Assim, Thibault pegou a faca e se pôs a trabalhar. Suas mãos permaneciam impressionantemente firmes enquanto descascava o legume com duas armas apontadas para ele. Carmen não participou da cena. Ela voltou a picar o alho, batendo a faca contra a tábua em golpes ríspidos e raivosos. Thibault mantinha o olhar na casca roxa e lustrosa.

— É difícil fazer isso com uma faca tão grande. Você tem que cortar logo abaixo da superfície da casca. Finja que está tirando a pele de um peixe. Veja. Bem de leve. É um trabalho delicado. — E o mais incrível é que a casca caía como fitas sobre o chão.

Havia algo de tranquilizador naquela cena, na maneira como a tarefa era realizada com tamanha perfeição.

— Tudo bem — disse Ishmael. — Já entendi. Pode me dar agora. — Baixou a arma e estendeu as mãos. Thibault girou a faca, entregou-a para o garoto pelo cabo de madeira lisa e lhe deu outra berinjela. O que diria Edith quando ela ouvisse que ele tinha levado um tiro por causa de uma berinjela ou por ligar a televisão? Se ele fosse morrer, esperava que houvesse um pouco mais de honra nesse momento.

— Bem — disse Ruben, enxugando o rosto com o pano de prato. — Nada aqui tem proporções reduzidas.

Beatriz esfregou as lágrimas com a manga da jaqueta verde-escura.

— Cebolas — disse, colocando o revólver meio untado de volta no cinto.

— Eu posso descascar em seu lugar com prazer, em qualquer momento, quando você me considerar capacitado — disse Thibault e foi lavar as mãos.

Gen ficou perto da pia tentando decidir a melhor maneira de formular uma pergunta. Independente da maneira que escolhesse, parecia falta de educação. Cochichou para Thibault em francês:

— Por que o senhor disse que ela podia atirar em mim?

— Porque eles *não iam* atirar em você. Eles gostam muito de você. Foi um gesto inofensivo de minha parte. Pensei que me daria maior credibilidade. Agora, dizer a ela que podia atirar em mim, *isso sim* seria um risco. Eles não ligam a mínima para mim e acham que você é tudo que há de melhor. Não é o mesmo do que se eu dissesse para atirarem em Ruben. Aquela garota podia realmente querer atirar em Ruben.

— Assim mesmo — disse Gen. Ele queria se manter firme nesse ponto de vista, mas se via cada vez menos seguro. Às vezes suspeitava ser a pessoa mais fraca em cativeiro.

— Eu soube que você deu seu relógio para ela.

— Quem contou para o senhor?

— Todo mundo sabe. Ela o exhibe sempre que tem oportunidade. Será que ela atiraria no homem que lhe deu o próprio relógio?

— Bem, isso nós não sabemos.

Thibault secou as mãos e abraçou Gen no pescoço displicentemente.

— Eu nunca deixaria que atirassem em você, como não deixaria que atirassem em meu próprio irmão. Vou lhe dizer uma coisa, Gen: quando isso acabar, você vem nos visitar em Paris. No segundo em que este pesadelo acabar, entrego minha carta de demissão e volto para Paris com Edith. Quando você se sentir novamente disposto a viajar, venha e traga o Sr. Hosokawa e Roxane. Você pode se casar com uma das minhas filhas, se quiser; então, você seria meu filho e não meu irmão. — Ele se inclinou e cochichou no ouvido de Gen:

— Nós vamos rir disso tudo no futuro.

Gen inalou o hálito de Thibault. Ele tentava absorver uma parte da coragem, da indiferença. Ele tentava acreditar que algum dia todos estariam em Paris no apartamento dos Thibault, mas não conseguia visualizar a cena. Thibault beijou Gen perto do olho esquerdo e soltou-o. Saiu à procura de uma caçarola de assar.

— Falando francês — disse Ruben para Gen. — Muita falta de educação.

— Por que falar francês é falta de educação?

— Porque todo mundo aqui fala espanhol. Não consigo me lembrar da última vez em que estive em um cômodo em que todos os presentes falassem a mesma língua. E você então começa a falar uma língua que não consegui aprender na escola. — Era verdade. Quando falavam espanhol, ninguém na cozinha esperava que a conversa fosse traduzida, ninguém se sentia forçado a olhar para o vácuo enquanto os outros se debatiam em meio a frases ininteligíveis. Ninguém ficava suspeitando que aquilo que estava sendo dito era, na verdade, algo terrível sobre ele. Das seis pessoas na cozinha, apenas Ruben tinha o espanhol como primeira língua. Gen falava japonês e Thibault, francês. Os três que manuseavam as facas tinham aprendido primeiro quíchua em sua aldeia de origem, e depois um misto de espanhol e quíchua que lhes permitia

utilizar a língua oficial de seu país com variados graus de sucesso.

— Você podia tirar o dia de folga — sugeriu Ishmael para o intérprete, tendo um fio de espiral de berinjela pendurado em sua faca. — Você não precisa ficar.

Com esse comentário, Carmen, que mantivera os olhos no alho que estava picando, levantou a cabeça. A coragem, que ela tinha descoberto por tão pouco tempo na noite anterior, lhe fugira o dia inteiro, e tudo o que ela conseguiu fazer foi evitar Gen. Mas isso não significava que ela quisesse que ele fosse embora. Ela tinha que acreditar que fora mandada para a cozinha por algum motivo. Rezou para Santa Rosa, para que a timidez que baixava sobre ela como um nevoeiro ofuscante se elevasse tão rapidamente quanto havia chegado.

Gen não tinha intenção de sair.

— Posso fazer mais, além de traduzir — disse. — Posso lavar os legumes. Posso mexer alguma coisa na panela.

Thibault retornou carregando uma enorme grelha de metal em cada mão. Colocou-as, uma de cada vez, sobre o fogão, sendo que cada panela cobria três bocas.

— Ouvi alguém falar em sair? Por acaso Gen está pensando em sair?

— Eu estava pensando em ficar.

— Ninguém vai sair! Jantar para cinquenta e oito pessoas, é o que esperam? Não vou perder um par de mãos, mesmo que as mãos pertençam ao nosso valioso intérprete. Eles acham que vamos fazer isso toda noite, todas as refeições? Acham que sou responsável por algum serviço de cozinha? Ela já acabou de picar as cebolas? Posso perguntar em que pé estão as cebolas ou você vai me ameaçar com um tiro?

Beatriz sacudiu a faca na direção de Thibault. O rosto dela estava molhado e vermelho por causa das lágrimas.

— Eu teria atirado se precisasse, mas não fiz isso. Então, fique agradecido. E já piquei essas porcarias de cebolas. Estou liberada?

— Você acha que o jantar parece pronto? — perguntou Thibault, entornando óleo nas panelas e acendendo as chamas azuis brilhantes do gás. — Vá lavar os frangos. Gen, traga as cebolas. Refogue-as.

— Por que ele é que tem que cozinhar as cebolas? — perguntou Beatriz. — São as minhas cebolas. E não vou lavar frango algum, porque isso não depende de faca. Só me mandaram aqui para trabalhar com as facas.

— Vou matar essa menina — comentou Thibault em francês, em um tom cansado.

Gen pegou a tigela cheia de cebolas e a abraçou contra o peito. Nunca era o momento certo ou sempre era o momento certo, dependendo do ponto de vista. Eles podiam ficar ali durante horas, a seis azulejos de distância um do outro e nunca dizer nada, ou então um dos dois, qualquer um, poderia dar um passo à frente e começar a falar. Gen esperava que fosse Carmen a ter a iniciativa, mas

depois Gen tinha esperanças de que todos fossem libertados, e nenhuma das duas alternativas provavelmente aconteceria. Gen deu as cebolas para Thibault, que as despejou nas duas panelas onde elas chiaram e assobiaram, como a própria Beatriz. Reunindo a pequeníssima porção de coragem que ainda possuía, Gen foi até a gaveta que ficava perto do telefone, que estava inutilmente pendurado na parede, sem o cabo. Encontrou um pequeno bloco de papel e uma caneta. Escreveu as palavras *cuchillo*, *ajo*, *chica*, cada uma em um pedaço de papel e levou para Carmen, enquanto Thibault e Beatriz discutiam sobre quem iria mexer as cebolas. Tentou manter a mente focada em todas as línguas que já tinha falado, todas as cidades que tinha conhecido, todas as palavras importantes de outros homens que tinham saído de sua boca. O que ele pedia a si mesmo era trivial e, ainda assim, suas mãos tremiam.

— Faca — disse e mostrou o primeiro pedaço de papel. — Alho. — Colocou o pedaço de papel em cima de uma cabeça de alho. — Moça. — O último pedaço deu a Carmen e, depois de olhá-lo por um instante, ela o enfiou dentro do bolso.

Carmen anuiu e produziu um som, algo como “ah”, não exatamente uma palavra.

Gen suspirou. Estava melhor agora, mas só um pouco.

— Você quer aprender?

Carmen anuiu novamente, os olhos fixos no puxador da gaveta. Ela tentou ver Santa Rosa de Lima no puxador, uma minúscula mulher de manto azul se equilibrando sobre a barra curva prateada. Tentou encontrar a voz por meio da oração. Pensou em Roxane Coss, cujas mãos haviam trançado seu cabelo. Isso não devia lhe dar forças?

— Não sei se sou um bom professor. Estou tentando ensinar espanhol para o Sr. Hosokawa. Ele escreve as palavras em um caderno e memoriza. Talvez pudessemos tentar o mesmo método com você.

Após um minuto de silêncio, Carmen emitiu o mesmo som, um breve “ah” que não indicava qualquer outra informação a não ser o fato de que ela o ouvira. Ela era uma estúpida. Uma boba.

Gen olhou ao redor. Ishmael os observava, mas não parecia se importar.

— A berinjela está perfeita! — disse Ruben. — Thibault, você viu essa berinjela? Os cubos cortados exatamente do mesmo tamanho.

— Eu me esqueci de tirar as sementes — disse Ishmael.

— As sementes não importam — afirmou Ruben. — Elas fazem bem.

— Gen, você vem refogar? — perguntou Thibault.

— Só um minuto — disse Gen e levantou a mão. — Você mudou de ideia? Ainda quer que eu a ajude? — sussurrou para Carmen.

E então, parece que a santa deu um tapa forte em Carmen, entre suas omoplatas, e a palavra que estava presa em sua garganta finalmente se

desprende, como um pedaço de osso de galinha preso na traqueia.

— Sim — disse ela, quase sem respirar. — Sim.

— Então vamos estudar?

— Todo dia. — Carmen pegou os pedaços com as palavras *faca* e *alho* e os colocou no bolso junto com *moça*. — Aprendi o alfabeto. Não estudo há muito tempo. Eu estudava todo dia, mas depois comecei a treinar para isso.

Gen imaginou-a nas montanhas, onde era sempre frio à noite, sentada em volta de uma fogueira, o rosto vermelho de calor e concentração, uma mecha de cabelo negro caindo por trás da orelha da maneira como estava agora. Ela está com um bloco barato, um toco de lápis. Em sua mente, Gen está próximo dela e elogia as letras que ela escreve — as linhas retas do *T* e do *H*, o círculo delicado do *Q*. Lá fora, ele ouve o último canto dos passarinhos que voam para seus ninhos antes do entardecer. Antes ele tinha pensado que ela era um rapaz e isso o aterrorizava, esse sentimento.

— Vamos treinar escrever as letras — disse. — Vamos começar daí.

— Eu sou a única que trabalha aqui? — Beatriz falou alto.

— Quando? — Carmen apenas moveu os lábios para formar a palavra.

— Hoje à noite — respondeu Gen. O que ele gostaria de fazer agora era algo em que ele mal podia acreditar. Ele queria envolvê-la em seus braços. Queria beijar a linha formada por seu cabelo repartido. Queria tocar os lábios dela com as pontas dos dedos. Ele queria sussurrar no ouvido dela em japonês. Talvez, se houvesse tempo, ele também pudesse ensinar japonês a ela.

— Hoje à noite no closet de louças — disse Carmen. — Hoje à noite você começa a me dar aulas.

O padre estava certo quanto ao clima, embora a mudança brusca estivesse chegando mais tarde do que ele previra. Em meados de novembro, a *garúa* terminara. Não foi embora aos poucos. Não diminuiu. Simplesmente cessou, de modo que em um dia tudo parecia estar tão úmido quanto um livro ensopado por ter caído dentro de uma banheira e no dia seguinte o tempo estava brilhante, fresco e extremamente azul. Aquele tempo fazia o Sr. Hosokawa se recordar da estação das cerejeiras desabrochando em Kioto; Roxane Coss lembrava do mês de outubro sobre o lago Michigan. Os dois ficavam juntos de manhã cedo, antes que ela comesse a cantar. Ele lhe mostrava um par de passarinhos amarelos, brilhantes como crisântemos, pousados no galho de uma árvore até então despercebida. Por certo tempo, as aves ficavam bicando a casca esponjosa e depois voavam, uma de cada vez, para cima e além do muro da casa. Um por um, todos os reféns e seus guardas se aproximavam das janelas da casa, miravam, piscavam e miravam novamente. Tantas pessoas encostavam as mãos e os narizes no vidro que o Vice-Presidente Iglesias depois tinha que vir com um pano e uma garrafa de amoníaco para limpar cada vidraça.

— Olhe o jardim — dizia ele para ninguém em especial. — As ervas daninhas estão tão altas quanto as flores.

Talvez se pensasse que, com tanta chuva e com tão pouca luz, a marcha do crescimento seria suspensa, quando, na realidade, tudo tinha florescido. O mato em volta dos canteiros de flores farejavam no ar a selva distante e estendiam suas raízes para baixo e suas folhas para cima, em uma tentativa de fazer com que o jardim da casa da vice-presidência voltasse à condição de mata selvagem. As plantas nativas aproveitavam cada gota de chuva. Poderiam ter sobrevivido por mais um ano de clima úmido. Se abandonadas, sem cuidados, tomariam a casa e derrubariam o muro do jardim. Afinal de contas, o terreno antes fora uma expansão do emaranhado de trepadeiras compactas e retorcidas que se alastravam bem ao lado das areias da orla da praia. A única coisa que evitava que as plantas nativas tomassem conta da casa era o jardineiro, que removia o que considerava sem valor, queimava, e depois podava o restante. O jardineiro, entretanto, agora estava de férias por um tempo indeterminado.

O sol estava alto e brilhando há cerca de uma hora no máximo e, neste período, diversas plantas já tinham crescido meio centímetro.

— Vou ter que tomar alguma providência a respeito do jardim. — Ruben soltou um suspiro, apesar de não saber como encontraria tempo com tudo o que era preciso arrumar dentro da casa. Apesar de que, a princípio, eles

provavelmente não o deixariam sair. Apesar de que, provavelmente, não lhe dariam os instrumentos necessários: tesouras de jardinagem, espátulas, facas de poda. Tudo o que havia no galpão do jardim era considerado uma arma letal.

Quando o Padre Arguedas abriu as janelas do salão, ele agradeceu a Deus pela luz e pela doce qualidade do ar. Embora estivesse dentro de casa, podia ouvir com mais clareza, do outro lado do jardim, além do muro, o burburinho da rua sem a chuva para abafar o som. Não havia mais mensagens gritadas vindas de trás dos muros, mas ele ainda imaginava uma grande multidão de homens e armas. O padre suspeitava que ou eles não tinham mais qualquer plano de ação ou que tinham um plano de ação tão complexo que não os incluía. Embora o General Benjamin continuasse a recortar do jornal qualquer menção às circunstâncias em que estavam, eles tinham captado um fragmento de notícia da televisão de que um túnel estaria sendo cavado, de que a polícia estava planejando entrar na casa pelo túnel, e de que então a crise iria terminar quase da mesma maneira como começara, com estranhos invadindo a casa e redirecionando o curso de suas vidas — mas ninguém acreditava nisso. Era artificial demais, parecido demais com um filme de espionagem para ser verdade. O Padre Arguedas olhou para baixo, para os pés, os sapatos de cadarço pretos baratos em cima do tapete caro, e imaginou o que estaria acontecendo embaixo da terra. Ele rezava por uma libertação segura para si, pela libertação segura de absolutamente todos os reféns, mas não rezava para ser resgatado através de um túnel. Aliás, ele não rezava para ser resgatado. Apenas para que se cumprissem os desígnios de Deus, e por Seu amor e proteção. Tentava liberar seu coração de pensamentos egoístas, enquanto, ao mesmo tempo, era grato por tudo o que Deus lhe concedera. Veja a missa, apenas como exemplo. Na sua vida anterior (era assim que ele a considerava agora), ele só tinha a permissão de celebrar a missa para os paroquianos quando todos os outros celebrantes estavam doentes ou de férias; assim mesmo, só ficava com a missa das seis da manhã ou uma missa na terça-feira. Suas principais responsabilidades na igreja eram praticamente as mesmas que cumpria antes de se tornar padre: distribuía a hóstia que ele não tinha consagrado no corredor da esquerda, ou acendia e apagava as velas. Aqui, após muita conversa, os Generais concordaram em permitir que Messner trouxesse os utensílios da comunhão e no último domingo, na sala de jantar, o Padre Arguedas celebrou a missa com todos os seus amigos. Pessoas que não eram católicas participaram e pessoas que não entendiam o que ele falava se ajoelharam. Todo mundo tem mais propensão a rezar quando há algo específico para pedir. Os jovens terroristas fecharam os olhos e inclinaram os queixos até o peito, enquanto os Generais ficaram no fundo da sala. Poderia ter sido de maneira inteiramente diferente. Há tantas organizações terroristas hoje que querem abolir qualquer forma de religião, em especial o catolicismo! Se tivessem sido capturados por La Dirección Auténtica, ao invés da muito mais

razoável La Familia de Martin Suarez, nunca lhes teriam dado permissão para rezar. A LDA teria arrastado um refém por dia ao telhado, para que toda a imprensa pudesse ver, e depois lhe daria um tiro na cabeça como uma tentativa de acelerar as negociações. O Padre Arguedas considerava esses fatos quando se deitava no tapete do salão tarde da noite. Afinal, eles tinham tido sorte. Não havia outra maneira de considerar suas circunstâncias. Será que ainda haveria liberdade no seu mais alto grau se não houvesse a liberdade para rezar? Em sua missa, Roxane Coss cantou “Ave Maria” — um evento de beleza tão impressionante que (sem querer parecer competitivo) simplesmente não havia nada igual em qualquer igreja do mundo, inclusive em Roma. A voz dela era tão pura, tão cristalina, que abria o teto e carregava as súplicas deles diretamente para Deus. A voz os dominava como as plumas de um par de asas, de modo que, com seu canto, todos se sentiam emocionados, consolados, experimentando nem que fosse uma pequena vibração de fé — até os católicos que não mais praticavam a religião, e os não católicos que vieram porque não havia mais nada para fazer, e todos aqueles que não tinham ideia do que estava sendo dito, e os ferrenhos ateus que não teriam dado importância alguma àquilo. O padre fitou o muro de reboco levemente amarelado que os protegia de tudo o que estivesse para acontecer do lado de fora. Devia ter cerca de três metros de altura e, em algumas partes, estava coberto por trepadeiras. Era um muro bonito, não muito diferente daquele que devia circundar o Monte das Oliveiras. Talvez não fosse óbvio à primeira vista, mas agora ele percebia como tal muro deveria ser considerado uma graça divina.

Roxane cantou Rossini naquela manhã, o que combinava com o clima. Uma das canções, “Bella crudele”, ela cantou sete vezes. Era evidente que tentava aperfeiçoar algum detalhe, encontrar algo que estava no meio da partitura e que ela sentia ainda não ter alcançado. Ela e Kato se comunicavam de uma maneira própria dos dois. Ela apontava uma linha de notas. Ele tocava. Ela batia os dedos em ritmo suave sobre a parte superior do piano. Ele tocava novamente. Ela cantava a frase musical sem acompanhamento. Ele tocava sozinho. Ela cantava enquanto ele tocava. Eles se completavam, ambos ignorando seus sentimentos, ambos se importando apenas com a música. Ela fechava os olhos enquanto ele iniciava a abertura e balançava ligeiramente a cabeça em sinal aprovação. Ele interpretava a partitura de forma tão fácil. Não fazia qualquer movimento pomposo e exagerado com os braços. Mantinha tudo delicado e leve, perfeito para a voz dela. Tocar para si mesmo era uma coisa, mas, quando a acompanhava, ele tocava como alguém que tenta não acordar os vizinhos.

Roxane tinha uma postura tão ereta que quase não se percebia como ela era baixa. Ela apoiava a mão sobre o piano, cruzava as palmas contra o coração. E cantava. Ela seguia o exemplo dos japoneses e abolira o uso dos sapatos. O Sr. Hosokawa mantivera a tradição do anfitrião e usara os sapatos durante a primeira

semana de cativoiro, mas, à medida que o tempo passava, sentia que não conseguia mais suportar esse costume. Usar sapatos dentro de casa era uma atitude de bárbaros. Havia quase tanta indignidade em usar sapatos dentro de casa quanto em ser sequestrado. Quando os sapatos do Sr. Hosokawa saíram de seus pés, foram seguidos pelos de Gen, e de Kato, depois do Sr. Yamamoto, do Sr. Aoi e do Sr. Ogawa, e finalmente os de Roxane. Ela deslizava por todo lado com um par de meias esportivas emprestadas pelo Vice-Presidente, cujos pés não eram muito maiores do que os dela. Ela cantava agora com essas meias. Quando sentia que a música estava exatamente como ela queria, seguia até o fim, sem um traço de hesitação. Era impossível dizer que seu canto tinha melhorado, mas havia algo na interpretação das frases musicais que havia se modificado quase imperceptivelmente. Ela cantava como se estivesse salvando a vida de cada pessoa da casa. Uma brisa fez as cortinas da janela ondularem por um momento, mas tudo ao redor estava imóvel. Nenhum som vindo da rua. Nenhum som vindo dos dois passarinhos amarelos.

Na manhã em que as chuvas cessaram, Gen esperou que Roxane cantasse a última nota e então se encaminhou para ficar perto de Carmen. Era uma hora especialmente boa para conversar sem que ninguém notasse, pois todos vagavam de um lado para outro em um estado de perturbação e deslumbamento depois de Roxane emitir a nota final. Se alguém pensasse em simplesmente sair porta afora, talvez não fosse impedido, mas ninguém estava pensando em sair. Quando o Sr. Hosokawa foi buscar a água de Roxane, ela se levantou para segui-lo e então deu seu braço a ele.

— Ela está apaixonada por ele — sussurrou Carmen para Gen. Por um breve instante ele não entendeu bem, ouviu apenas a palavra *apaixonada*. Então parou e se obrigou a recordar a frase inteira. Ele conseguia fazer isso. Era como se tivesse um gravador na cabeça.

— A Srta. Coss? Apaixonada pelo Sr. Hosokawa?

Carmen assentiu, a cabeça balançando minimamente, mas ele tinha aprendido a compreendê-la. Amor?

O que ele vira, e se esforçava por fazer vista grossa a respeito do assunto, era que o Sr. Hosokawa estava apaixonado por Roxane. A ideia de que o oposto poderia ser possível nunca lhe ocorrera e ele perguntou a Carmen o que ela notava.

— Tudo — sussurrou. — A maneira como ela olha para ele, e ela sempre escolhe ficar perto dele. Ela está sempre sentada ao lado dele e os dois não conseguem nem falar um com o outro. Ele é tão tranquilo... Ela gostaria de ficar com ele.

— Ela disse isso para você?

— Talvez. — Carmen sorriu. — Ela fala comigo às vezes de manhã, mas não entendo o que ela diz.

É claro, pensou Gen. Ele os olhou se afastando, seu patrão e a cantora.

— Eu diria que todo mundo está apaixonado por ela. Como ela poderia escolher?

— Você está apaixonado por ela? — perguntou Carmen. Seus olhos buscaram os de Gen de um modo como nunca teria sido possível uma semana atrás. Foi Gen que teve que desviar o olhar.

— Não — disse. — Não. — Gen estava apaixonado por Carmen. E, embora se encontrasse com ela todas as noites no closet de louças e a ajudasse a aprender a ler e escrever, nunca revelara essa verdade. Falavam de vogais e consoantes. Falavam de ditongos e pronomes possessivos. Ela copiava as letras em um caderno. Quanto mais palavras ele lhe passava, mais ela pedia. Ela ficaria com ele de bom grado a noite toda, repetindo, aprendendo, indagando. Ele passava a vida toda em um confuso estado onírico, em que não sabia nunca se estava acordado ou dormindo. Às vezes, imaginava se era amor ou apenas a falta de descanso que lhe torcia o coração com tanta ansiedade. Ele cambaleava. Ele divagava afundado em uma *bergère* e, nos minutos em que efetivamente dormia, sonhava com Carmen. Sim, ela era tímida, e sim, era uma terrorista da selva, mas era tão esperta quanto qualquer moça que ele conhecera na universidade. Dava para ver pela maneira como ela captava as coisas. Tudo de que ela precisava era uma pequena quantidade de instrução. Absorvia a informação como fagulhas de fogo sobre o feno e pedia mais. Tirava o revólver toda noite e o colocava ao lado da molheira azul no armário com portas de cristal. Ela se sentava no chão com o caderno balançando sobre os joelhos, o lápis apontado. Não havia moças como Carmen na universidade. Nunca houve uma moça como Carmen. Que senso de humor seria necessário para acreditar que a mulher que você ama não está em Tóquio, Paris, Nova York ou Atenas. A mulher que você ama é uma garota que se veste como um rapaz e vive em uma aldeia na floresta, cujo nome você não tem a permissão de saber, ainda que saber o nome da aldeia não seja especialmente útil para encontrá-la. A mulher que você ama coloca o revólver ao lado da molheira azul à noite, para que você a ensine a ler. Ela entrou em sua vida pelo duto de um ar-condicionado e como vai sair é a pergunta que o mantém acordado nos poucos momentos livres que você tem para dormir.

— O Sr. Hosokawa e a Srta. Coss — disse Carmen. — Dentre todas as pessoas do mundo, eles se encontraram. Quais são as chances de isso acontecer?

— E a Sra. Hosokawa? — perguntou Gen. Ele não conhecia muito bem a esposa do patrão, mas a via regularmente. Era uma mulher digna com mãos frias e voz tranquilizadora. Ela o chamava de Sr. Watanabe.

— A Sra. Hosokawa mora no Japão — disse Carmen, mantendo o olhar proposadamente na direção da cozinha —, que fica a um milhão de quilômetros daqui. Além do mais, ele não vai para casa e, apesar de ficar triste pela Sra.

Hosokawa, não acho que isso signifique que o Sr. Hosokawa seja obrigado a ficar sozinho.

— O que você quer dizer com “ele não vai para casa”?

Carmen sorriu levemente para Gen. Ela inclinou a cabeça para trás de modo que ele pudesse ver o rosto dela por baixo da aba do boné.

— É aqui que nós moramos agora.

— Mas não para sempre — disse Gen.

— Eu acho. — Carmen formou as palavras com os lábios sem emitir som. Ele estava pensando se ela tinha falado demais. Ela sabia que tinha que ser absolutamente leal aos Generais, mas contar as coisas para Gen não parecia o mesmo que contar para qualquer outra pessoa. Gen sabia guardar segredo, até porque tudo que se referia aos dois era segredo, o closet de louças, as aulas de alfabetização. Ela confiava plenamente nele. Ela puxou a lateral da mão dele com dois dedos e depois se afastou. Ele esperou um minuto antes de segui-la. Ela andava silenciosamente, os movimentos curtos e relaxados. Ninguém notava sua presença quando passava. Ela se encaminhou até o pequeno lavabo perto do saguão. Já não havia mais ali os belos sabonetes com essência de rosas, e as toalhas estavam sujas, mas o cisne dourado ainda se encontrava aninhado sobre a pia e, quando se girava a torneira em forma de asas, a água ainda caía de seu longo pescoço. Carmen tirou o boné e lavou o rosto. Tentou pentear o cabelo com os dedos. O rosto refletido no espelho estava áspero demais, escuro demais. Em sua aldeia, algumas pessoas a consideravam bonita, mas agora ela tinha conhecido a beleza e sabia que era algo que ela nunca possuiria. Em algumas manhãs, somente algumas, quando Carmen entrava no quarto para levar o café da manhã para Roxane, a cantora ainda estava dormindo, e Carmen pousava a bandeja e tocava o ombro da cantora. Quando os olhos grandes e claros piscavam no despertar, ela sorria para Carmen, puxava as cobertas para trás e indicava que a garota se deitasse ao lado dela nos quentes lençóis bordados. Ela tinha o cuidado de manter as botas penduradas para fora da cama. As duas fechavam os olhos e tiravam um cochilo de mais uns cinco minutos, depois de Roxane puxar as cobertas até o pescoço de Carmen. Com que rapidez Carmen começava a sonhar com as irmãs, com a mãe! Em alguns poucos minutos de sono, todas vinham visitá-la. Todas queriam vê-la ali, aninhada nos travesseiros de uma cama tão confortável, ao lado de uma mulher incrível. Cabelo louro, olhos azuis, pele como rosas brancas tingidas de cor-de-rosa. Quem não se apaixonaria por Roxane Coss?

— Gen! — exclamou Victor Fyodorov no momento em que ele se aproximava da porta do banheiro. — Como você consegue ser tão difícil de encontrar mesmo não tendo para onde ir?

— Eu não percebi...

— A voz dela, hoje de manhã, estava maravilhosa, não acha? Perfeita!

Gen concordou.

— Então, chegou a hora de falar com ela.

— Agora?

— Sei que agora é a hora ideal.

— Eu perguntei ao senhor todos os dias esta semana.

— E eu ainda não estava preparado, é verdade, mas hoje de manhã, quando ela repetiu o Rossini várias vezes, percebi que ela iria compreender minhas deficiências. É uma mulher compreensiva. Hoje tive certeza disso. — Fyodorov torcia as grandes mãos como se as estivesse lavando embaixo de uma corrente invisível de água. Embora sua voz soasse calma, havia um nítido traço de pânico em seus olhos, um pronunciado odor de pânico em sua pele.

— Para mim, a hora não é exatamente...

— Agora para *mim* — disse Fyodorov. — Vou perder minha compostura ao falar — acrescentou em voz baixa. Ele tinha se barbeado, desfazendo-se dos pelos que vinham crescendo em seu rosto, um processo ao mesmo tempo doloroso e demorado, dada a péssima qualidade das lâminas, e levou junto pedaços de seu próprio rosto rosado. Ele pediu ao Vice-Presidente para lavar e passar suas roupas enquanto esperava ao lado da máquina, tremendo, com uma toalha em volta da cintura. Tinha tomado banho e aparado os pelos do nariz e das orelhas com um alicate de cutícula que ele conseguira com Gilbert, mediante um maço de cigarros usado como suborno. Tendo a oportunidade, cortou as unhas e tentou fazer alguma coisa com o cabelo, mas isso se mostrou uma tarefa impossível com um alicate de unhas. Ele fizera tudo o que estava ao seu alcance. Hoje era definitivamente o dia.

Gen fez um gesto em direção à porta do banheiro.

— Estava indo para lá.

Fyodorov olhou por cima do ombro e então levantou a mão como se fosse indicar o caminho para Gen.

— É claro. É claro que isso não é nada. Eu posso esperar um pouco mais. O quanto for necessário. Esteja à vontade. Vou ficar do lado de fora da porta. Vou me assegurar de ser o primeiro da fila para usar os serviços do intérprete quando ele sair. — O suor escorria pelas laterais da camisa de Fyodorov, deixando uma nova mancha escura por cima de uma série de muitas outras manchas mais claras. Gen ficou imaginando se ele se referia a isso, quando disse ser incapaz de esperar mais tempo.

— Um minuto — disse Gen com calma e entrou no banheiro sem bater.

— Gostaria de saber do que vocês estavam falando. — Carmen riu. Ela tentou fazer uma mímica das palavras e falou um russo sem sentido que soava mais ou menos como “Eu nunca biscoito mesa”.

Gen levou um dedo aos lábios. O banheiro era pequeno e muito escuro, com paredes de mármore preto e piso de mármore da mesma cor. Uma das

lâmpadas, perto do espelho, tinha queimado. Gen teria que lembrar a Ruben para providenciar uma nova.

Ela se sentou na pia.

— Parecia muito importante. Era Ledbed, o russo? — sussurrava ela.

Gen disse que era Fyodorov.

— Ah, o grandão. Por que você também sabe falar russo? Como é que você fala tantas línguas?

— É meu trabalho.

— Não, não. É porque você nota alguma coisa e eu gostaria de saber também.

— Só tenho um minuto — sussurrou. Ele estava muito perto do cabelo dela, que era mais escuro e mais profundo do que o mármore. — Tenho que servir de intérprete para ele. Está esperando logo aqui na porta.

— Podemos nos falar à noite.

Gen balançou a cabeça.

— Queria conversar sobre o que você disse. O que você quer dizer com “É aqui que nós moramos agora”?

Carmen suspirou.

— Você sabe que não posso dizer. Mas pergunte a si mesmo: seria tão terrível se todo mundo ficasse aqui nesta linda casa? — O banheiro tinha um terço do tamanho do closet de louças. Os joelhos dela encostavam nas pernas dele. Se ele desse apenas meio passo para trás, estaria no vaso sanitário. Ela desejava poder pegar a mão de Gen. Por que ele iria querer deixá-la, deixar este lugar?

— Isso tem que acabar, mais cedo ou mais tarde — disse ele. — Esse tipo de coisa nunca se arrasta indefinidamente, alguém interrompe.

— Apenas se as pessoas fazem coisas horríveis. Nós não machucamos ninguém. Ninguém está infeliz aqui.

— *Todo mundo* está infeliz aqui. — Porém, mesmo ao dizê-lo, Gen não tinha tanta certeza de que era verdade. Carmen baixou o rosto e examinou as próprias mãos no colo.

— Vá traduzir para ele — disse.

— Se houver alguma coisa que você deva me contar...

Os olhos de Carmen estavam marejados e ela os piscou com força. Seria ridículo se ela chorasse. Será que era tão desagradável assim ficar ali? Os dois juntos tempo suficiente para ela aprender a falar um espanhol perfeito, a ler e a escrever, aprender a falar inglês e talvez um pouco de japonês? Mas isso era egoísmo da parte dela. Sabia disso. Gen está certo em querer se afastar dela. Ela não oferecia nada a ele. Apenas lhe tomava tempo.

— Não sei de nada.

Fyodorov bateu na porta. Seu nervosismo, que não parava de crescer, não

lhe deixou outra alternativa.

— In-tééér-pre-te? — Cantou a palavra.

— Um minuto — gritou Gen do outro lado.

Tinha-se acabado o tempo e Carmen havia perdido algumas lágrimas. Seriam necessários dias inteiros juntos. Seriam necessárias semanas e meses de convivência sem interrupções para dizer tudo que precisava ser dito.

— Talvez você esteja certa — disse ele finalmente. Da maneira como ela estava, sentada sobre a pia de mármore preto em frente ao espelho, ele podia ver tanto seu rosto quanto suas costas delgadas. Ele podia ver, no grande espelho oval com moldura de folhas douradas, seu próprio rosto sobre o ombro dela, olhando para ela. Ele podia ver, estampado no próprio rosto, um amor que estava evidente, de maneira tão óbvia que ela já devia saber tudo o que era possível saber. Ele estava tão próximo dela que partilhavam cada molécula de ar no pequeno espaço, e o ar ficou pesado com o desejo de ambos e conspirava para movê-los um em direção ao outro. Apenas com um passo curto o rosto dele afundou no cabelo dela e então os braços dela se enroscaram em volta das costas dele, e ficaram abraçados. Pareceu tão simples chegar a esse gesto, um alívio tão grandioso, que ele não conseguia imaginar por que não a tinha abraçado em todos os minutos desde que se viram pela primeira vez.

— Intérprete? — chamou Fyodorov, dessa vez com a voz um pouco preocupada.

Carmen se inclinou e o beijou. Não havia mais tempo para beijos, mas ela queria que ele soubesse que no futuro haveria. Um beijo no meio de tanta solidão era como uma mão puxando-o para a superfície da água, tirando-o do lugar em que você estava prestes a se afogar e lhe oferecendo uma temerária abundância de ar. Um beijo, outro beijo.

— Vá — sussurrou ela.

E Gen, que não queria mais nada no mundo a não ser esta garota e as paredes deste lavabo, beijou-a novamente. Ele estava sem fôlego e tonto, então teve que se apoiar um momento contra o ombro dela antes de se afastar. Carmen pulou da pia, ficou atrás da porta, abriu-a e o enviou de volta ao mundo.

— Você está passando mal? — perguntou Fyodorov, com um tom mais irritado do que preocupado. Agora as costas de sua camisa estavam úmidas e grudadas até os ombros. Será que o intérprete não percebia que isso não seria nada fácil para ele? Todo o tempo que tinha passado pensando nisso, primeiro considerando se devia ou não falar e depois decidido a fazê-lo, uma vez a decisão tomada, vinha a questão sobre o que deveria ser dito. Os sentimentos estavam claros no coração de Fyodorov, mas traduzir tais sentimentos em palavras era uma história completamente diferente. Ledbed e Berezovsky estavam solidários, mas logicamente eram russos. Entendiam a dor do amor de Fyodorov. Honestamente, eles próprios experimentavam dores semelhantes. Não era

impossível que no final eles também acabassem por encontrar coragem suficiente para chegarem perto do intérprete de modo a se aproximarem da cantora. Quanto mais Fyodorov falava dos desejos de seu coração, mais eles estavam certos de que se tratava de uma moléstia que tinha contaminado a todos.

— Peço desculpas pelo atraso — disse Gen. A sala diante dele se derretia e tremulava como a linha do horizonte no deserto. Ele se recostou contra a porta fechada do banheiro. Ela estava lá, a menos de três centímetros de distância dele.

— Você não parece bem — disse o russo, agora mostrando preocupação. Ele gostava do intérprete. — Sua voz está fraca.

— Logo vou ficar bem.

— Acho que você está pálido. Seus olhos estão muito molhados. Talvez, se você estiver realmente doente, os Generais o deixem sair. Desde o que aconteceu com o músico, eles ficaram muito cautelosos com essas questões de saúde.

Gen piscou, em uma tentativa de estabilizar os móveis que oscilavam, mas as listras brilhantes de um pufe continuavam a pulsar no ritmo do seu sangue. Ele se empertigou e balançou a cabeça.

— Olhe — disse um pouco inseguro. — Já estou bem. Não tenho qualquer intenção de sair daqui. — Ele fitou o sol que entrava através das altas janelas, as sombras das folhas caindo sobre o tapete. Finalmente, de pé aqui ao lado do russo, Gen conseguiu entender o que Carmen estava dizendo. Olhe para o salão! Os cortinados e os candelabros, as almofadas macias e fofas dos sofás, as cores, os dourados e verdes e azuis, cada tom uma verdadeira joia. Quem não gostaria de estar em um salão assim?

Fyodorov sorriu e deu um tapa nas costas do intérprete.

— Que homem você é! Tudo pelos outros. Ah, como o admiro!

— Tudo pelos outros — repetiu Gen. O idioma eslavo parecia uma aguardente de pera.

— Então, vamos falar com Roxane Coss! Não tenho mais tempo de me lavar. Se eu parar agora, vou perder toda a coragem para sempre.

Gen foi na frente até a cozinha, mas poderia estar caminhando sozinho. Seu pensamento não se prendeu em Fyodorov nem por um momento, em como ele sentia ou o que ele diria. A mente de Gen estava impregnada de Carmen. Carmen sobre a pia. Ele sempre se lembraria dela naquele lugar. Dali a anos, quando ele fosse pensar nela, seria sempre como ela estava naquele dia, sentada em cima do mármore preto, as pesadas botas de trabalho coladas com fita adesiva, as mãos espalhadas sobre a fria bancada. O cabelo lhe caía solto e reto, repartido no meio, preso atrás das graciosas orelhas. Ele pensou no beijo, nos braços dela em volta de seu pescoço, mas o maior prazer foi ver o rosto dela, o delicado formato quase exato de um coração, os olhos castanhos-escuros e as sobancelhas rebeldes, a boca redonda que ele queria tocar. O Sr. Hosokawa se distraía facilmente nos estudos. Era só lhe dizer uma palavra um dia e ele podia

esquecê-la no dia seguinte. Ele ria dos próprios erros e colocava pequenas marcas nas palavras que escrevia erradamente. Não Carmen. O que se dizia para Carmen ficava fixado para sempre nas dobras sedosas de seu cérebro. Ela fechava os olhos e dizia a palavra, soletrava alto e a escrevia no papel, e então tomava posse da palavra. Ele não precisava perguntar de novo. Eles prosseguiram, noite adentro, como se estivessem sendo caçados por lobos. Ela queria mais de tudo. Mais vocabulário, mais verbos. Ela queria que ele explicasse as regras de gramática e de pontuação. Ela queria os gerúndios, os infinitivos e os participípios. Ao final da lição, quando ambos já estavam cansados demais para tentar mais uma palavra, ela se recostava contra as prateleiras do closet de louças e bocejava.

— Agora me fale sobre as vírgulas — pedia ela, os pratos visíveis sobre a sua cabeça, um serviço com detalhes dourados para vinte e quatro pessoas, outro com uma extensa faixa em volta da borda para sessenta pessoas, cada xícara pendurada imóvel no gancho apropriado.

— Está muito tarde. Você não precisa aprender sobre as vírgulas hoje.

Ela dobrava os braços na frente do estreito tórax e deslizava as costas para o chão.

— Vírgulas terminam a sentença — ela disse, forçando-o a corrigi-la, a explicar.

Gen fechava os olhos, se inclinava para a frente e colocava a cabeça sobre os joelhos. O sono era um país para o qual ele não conseguia obter um visto.

— Vírgulas — dizia em meio a um bocejo — dão pausa a uma sentença e separam ideias.

— Ah — disse Fyodorov —, ela está com o seu patrão.

Gen levantou os olhos e Carmen tinha desaparecido, e ele estava na cozinha com Fyodorov. O closet de louças estava a apenas um metro e meio de distância. Pelo que sabia, ele e Carmen eram os únicos que costumavam ir ali. O Sr. Hosokawa e Roxane estavam de pé próximos à pia. Era estranho o fato de que eles nunca falassem e, ainda assim, pareciam estar conversando um com o outro. Ignacio, Guadalupe e Humberto estavam na mesa de café da manhã limpando as armas, um quebra-cabeças de peças de metal desconectadas espalhadas em cima de folhas de jornal, e esfregando-as com óleo. Thibault estava sentado na mesa com eles, lendo livros de receitas.

— Acho que devo deixar para outra ocasião — concluiu Fyodorov com ar triste. — Quando ela não estiver tão ocupada.

Roxane Coss não parecia estar ocupada. Ela simplesmente estava lá, de pé, passando o dedo pela borda de um copo, o rosto inclinado na direção da luz.

— Devemos pelo menos perguntar — afirmou Gen. Ele queria cumprir com suas obrigações, e não ter Fyodorov seguindo-o a todo lugar, dizendo estar pronto para falar e desistindo dois minutos depois.

Fyodorov apanhou um grande lenço de dentro do bolso e esfregou o rosto, como se estivesse tentando tirar uma nódoa de sujeira.

— Não tenho motivos para fazer isso agora. Nós não vamos a lugar algum. Jamais seremos libertados. Não será suficiente eu vê-la todos os dias? Esse é o maior luxo de todos. Mais que isso, não passa de egoísmo de minha parte. O que eu acho que tenho para falar com ela?

Gen, porém, não estava ouvindo. O russo não era absolutamente uma de suas melhores línguas e, se perdesse a concentração mesmo por um instante, tudo passava a ser um amontoado sem nexo de consoantes, letras cirílicas duras quicando como granizo sobre um telhado de zinco. Ele sorriu para Fyodorov e concordou, um tipo de preguiça à qual ele nunca teria se permitido na vida real.

— Você não acha que a luz do sol está extraordinária? — perguntou o Sr. Hosokawa a Gen quando reparou nele ali perto. — De repente, fiquei com fome e a única coisa que vai me alimentar é a luz do sol. Tudo o que quero fazer é me sentar perto das janelas. Fico pensando se não se trata de uma deficiência de vitamina.

— Eu pensaria que estamos todos sentindo falta de alguma coisa. — disse Gen. — O senhor conhece o Sr. Fyodorov.

O Sr. Hosokawa inclinou-se para ele, e Fyodorov, confuso, inclinou-se como resposta e depois inclinou-se na direção de Roxane, que também se inclinou, porém de forma mais discreta. Como estavam em círculo, pareciam nada menos do que gansos enfiando os longos pescoços na direção da água.

— Ele gostaria de falar com Roxane sobre a música. — Gen disse primeiro em japonês e depois em inglês. Tanto o Sr. Hosokawa quanto Roxane sorriram para Fyodorov, que por sua vez apertou o lenço contra a boca, como se quisesse mordê-lo.

— Então, vou jogar xadrez. — O Sr. Hosokawa olhou as horas. — Nós ficamos de jogar às onze. Não estarei tão adiantado assim.

— Tenho certeza de que não há necessidade de o senhor sair — disse Gen.

— Mas não há necessidade de ficar também. — O Sr. Hosokawa olhou para Roxane e, com uma certa ternura na expressão, parecia dizer em silêncio tudo o que aconteceria: ele se afastaria, iria jogar xadrez, ela viria e se sentaria perto deles mais tarde, se quisesse. Houve uma breve troca de sorrisos entre os dois, e em seguida o Sr. Hosokawa saiu da cozinha pela porta vaivém. Gen notou uma leveza em seu andar que não se lembrava de ter visto antes. O Sr. Hosokawa caminhava com a cabeça erguida. Usava com dignidade as surradas calças do smoking e a camisa que estava ficando encardida.

— Ele é um grande homem, o seu amigo — disse ela com voz tranquila, observando o espaço vazio deixado pelo Sr. Hosokawa.

— Sempre achei isso — concordou Gen. Ele ainda se sentia desconcertado, apesar da explicação de Carmen. A troca de olhares entre os dois, Gen podia

reconhecer. Gen estava amando, e o sentimento era tão desconhecido para ele que levava tempo para acreditar que outras pessoas também pudessem estar passando por isso. Com exceção, obviamente, de Simon Thibault, que permanecia sentado no mesmo lugar com seus livros de receita, usando a echarpe azul da esposa como uma bandeira. Todo mundo sabia que Thibault estava apaixonado.

Roxane levantou a cabeça para olhar o rosto de Fyodorov. Sua expressão ficou inteiramente diferente. Ela estava pronta para ouvir, pronta para ser cumprimentada profissionalmente, pronta para deixar o interlocutor sentir que o que ele dizia realmente fazia algum sentido para ela.

— Sr. Fyodorov, o senhor ficaria mais confortável no salão?

Fyodorov titubeou diante do peso de uma pergunta direta. Ele parecia estar confuso com a tradução e, justo quando Gen estava pronto para repetir, ele respondeu.

— Ficarei confortável onde a senhora estiver confortável. Fico muito feliz de permanecer na cozinha. Acho que é um cômodo agradável, no qual pessoalmente não tenho passado muito tempo. — De fato, por mais que confiasse em Ledbed e Berezivsky, em breve Fyodorov iria se declarar e o melhor era que isso acontece em um lugar onde ninguém pudesse escutar às escondidas em russo ou inglês. O som metálico ocasional dos canos das armas batendo contra o tampo da mesa ou o som de Thibault estalando a língua por causa de alguma receita pareciam preferíveis a correr o risco de ser ouvido.

— Aqui está bom para mim, claro — disse Roxane. Ela bebericou do copo de água. Essa visão fez Fyodorov estremecer, a água, os lábios dela. Foi obrigado a olhar para outro lado. O que ele queria dizer? Ele podia escrever uma carta, será que não seria mais apropriado? O intérprete poderia traduzir. Uma palavra era uma palavra, fosse ela falada ou escrita.

— Acho que preciso me sentar — disse Fyodorov.

Gen percebeu a fraqueza na voz dele e correu para pegar uma cadeira. O russo já estava desmoronando mesmo antes de a cadeira chegar, e Gen quase não conseguiu deslizá-la para baixo do corpo do homem a tempo. Exalando fortemente, como se seu fim tivesse chegado, o homenzarrão inclinou a cabeça para baixo em direção ao chão.

— Meu Deus — disse Roxane, se curvando sobre ele. — Será que está doente? — Ela apanhou um pano de prato do puxador da geladeira e o mergulhou em seu copo d'água. Ela tocou o rosado pescoço o russo com o frio tecido atalhado. Ele emitiu um som de lamúria quando ela descansou a mão contra o pano.

— Você sabe o que há de errado com ele? — perguntou Roxane a Gen. — Ele parecia perfeitamente bem-disposto quando entrou aqui. É exatamente como Christopf, a cor, a fraqueza. Será que ele é diabético? Toque nele, está frio!

— Traduza o que ela está dizendo — murmurou Fyodorov de sua posição curvada.

— Ela quer saber o que há de errado com o senhor — disse Gen.

Houve um longo silêncio e Roxane deslizou os dedos até o pescoço dele para sentir-lhe a pulsação estável. Dois dos seus delicados dedos se alojaram por baixo do grande lóbulo de sua orelha.

— Diga para ela que é amor — disse ele.

— Amor?

Fyodorov confirmou com a cabeça. O cabelo dele era grosso e ondulado e não estava exatamente limpo. Tinha ficado grisalho nas têmporas, mas a coroa da cabeça, a qual Gen e Roxane miravam agora, ainda estava escura, como a de um homem jovem.

— O senhor nunca me disse nada sobre amor — disse Gen, sentindo-se usado, sentindo que o outro o colocara em uma posição delicada.

— Não estou apaixonado por você — respondeu Fyodorov. — Por que eu falaria de amor com você?

— Não era isso que eu achava que iria traduzir.

Com um esforço verdadeiro, Fyodorov ergueu-se. Sua pele não estava exatamente como a de um mexilhão, mas tinha a cor do molusco.

— Então, o que você acha que tem para traduzir aqui? O que você considera apropriado? Nós somos obrigados a falar apenas sobre o clima? Desde quando é você quem decide o que as pessoas podem dizer umas às outras?

Fyodorov estava certo, Gen tinha que admitir. Os sentimentos pessoais do intérprete não entravam em questão aqui. Não era da alçada de Gen editar as conversas. Nem era de sua alçada ouvi-las.

— Tudo bem — disse ele. Era fácil soar cansado em russo. — Tudo bem, então.

— O que ele está dizendo? — perguntou Roxane. Ela levou o pano até a testa dele, agora que ele tinha se erguido.

— Ela quer saber o que o senhor está dizendo — disse Gen a Fyodorov. — Devo contar a ela sobre o seu amor?

Fyodorov deu um débil sorriso. Ele iria ignorar tudo isso. Nenhum mal fora feito ainda, tinha sido apenas uma breve fraqueza. Sua única esperança era começar do começo, iniciar o discurso que ele praticara centenas de vezes na frente de Ledbed e Berezovsky. Limpou a garganta.

— Em meu país, sou ministro do Comércio — iniciou com voz tímida. — Um cargo indicado, que significa que posso sair de uma hora para outra. — Ele estalou os dedos, mas não conseguiu obter o barulho desejado. Os dedos estavam suados e deslizaram um pelo outro sem emitir um som sequer. — Mas, por enquanto, é um cargo muito bom, e estou grato por ele. Um homem sabe o que tem quando tem, isso é o que faz um homem feliz. — Tentou olhar nos olhos dela,

mas foi demais para ele. Começou a sentir como se seu baixo ventre estivesse se contorcendo.

Gen traduziu e tentou não pensar para onde todo esse discurso estaria levando.

— Pergunte se ele está se sentindo melhor — disse Roxane. — Acho que a cor dele está melhor. — Ela tirou o pano da testa do homem, que pareceu desapontado.

— Ela quer saber se o senhor está se sentindo melhor agora.

— Ela está ouvindo a história?

— O senhor pode perceber isso tanto quanto eu.

— Diga para ela que estou bem. Relate o seguinte: a Rússia jamais teve alguma intenção de investir capital neste pobre país. — Ele mantinha os olhos em Roxane o máximo que conseguia. Porém, quando começava a se sentir muito cansado, desviava-os para Gen. — Nós mesmos somos um país pobre e, além disso, com muitos outros países pobres para sustentar. Quando chegou o convite para participar dessa festa, um amigo meu, o Sr. Berezovsky, um grande empresário, estava aqui e disse que eu deveria vir. Ele me disse que a senhora daria um recital. Nós frequentamos a escola juntos, Berezovsky, Ledbed e eu. Somos bons amigos. Faço parte do governo agora, Berezovsky tem seus próprios negócios e Ledbed, pode-se dizer que Ledbed lida com empréstimos. Nós três estudamos juntos em São Petersburgo cem anos atrás. Voltou a ser São Petersburgo. Nós sempre íamos à ópera. Quando jovens, ficávamos lá atrás, por poucos rublos, um dinheiro que nem tínhamos na época. Mas então começamos a trabalhar e passamos a comprar assentos para a ópera e, com empregos melhores, melhores assentos. É possível marcar nossa ascensão no mundo pela posição que ocupávamos no teatro para assistir a uma ópera, pelo que pagávamos e, mais tarde, pelo que recebíamos. Tchaikovsky, Mussorgsky, Rimsky-Korsakov, Prokofiev, vimos tudo o que era russo.

A tradução era lenta, e havia muito tempo de espera para as partes envolvidas.

— A Rússia produziu lindas óperas — disse Roxane. Ela deixou o pano de prato dentro da pia e foi procurar uma cadeira, já que ninguém parecia se dar o trabalho de fazer isso e, pelo andar da história, possivelmente ela seria bastante longa. Quando ela começou a segurar uma cadeira, um rapaz chamado Cesar se levantou da mesa onde estava limpando a arma e a carregou para ela.

— *Gracias* — disse ela. Pelo menos isso ela sabia.

— Perdoe-me — Gen disse, ainda de pé. — Não sei no que eu estava pensando.

— Imagino que você estivesse pensando em russo — disse Roxane. — Deve ser informação demais. Você tem alguma ideia de aonde essa história vai levar?

Fyodorov sorriu silenciosamente. Seu rosto estava rosa agora.

— Tenho uma vaga ideia.

— Bom, não me conte, quero ter a surpresa. Acho que vai ser o divertimento do dia. — Ela se recostou, cruzou as pernas e levantou a mão dando sinal para Fyodorov prosseguir.

Fyodorov esperou por um momento. Ele estava repensando a sua situação completamente. Depois de semanas de planejamento, percebia agora que a linha de pensamento que ele escolhera não era nem um pouco adequada. O que ele tinha que falar para ela não começava na escola. Não começava na ópera, mesmo que fosse isso que os reunira. A história que ele deveria contar tivera início muito antes. Ele começou, concentrando-se na Rússia e em sua infância, na escura escadaria em zigue-zague que levava ao apartamento onde a família dele morava. Ele curvou os ombros para a frente, na direção de Roxane. Imaginou em que direção estaria a Rússia, a partir do ponto em que se encontrava sentado.

— Quando eu era criança, a cidade se chamava Leningrado, mas a senhora sabe disso. Por um breve período de tempo, chamou-se Petrogrado, mas ninguém ficou contente com a escolha. Era melhor a cidade ter o nome antigo ou um nome inteiramente novo, mas nada que tentasse misturar um pouco de cada. Naquela época, todos vivíamos juntos, minha mãe, meu pai, meus dois irmãos, minha avó, que era mãe de minha mãe. Era minha avó que tinha o livro de pinturas, uma coisa impressionante. — Fyodorov levantou as mãos para mostrar as dimensões do livro no ar. Se fosse verdade o que ele mostrava, era um livro gigantesco. — Ela nos contou que havia ganhado de um admirador da Europa, quando ela tinha quinze anos, um homem chamado Julian. Se isso é verdade, não sei dizer. Minha avó gostava de contar histórias. Mais do que saber como ela ganhou o livro, continua um grande mistério para mim saber como ela conseguiu manter o livro durante a guerra. Que ela não tentasse vendê-lo ou queimá-lo para obter combustível, já que houve um tempo em que as pessoas queimavam qualquer coisa; que não tivessem tomado o livro dela, já que era um objeto difícil de esconder; tudo isso é extraordinário. Mas, quando eu era criança, a guerra já tinha terminado há muito tempo, e ela era uma mulher idosa. Nós não íamos a museus para ver as pinturas naquela época. Passávamos pelo Palácio de Inverno, um lugar maravilhoso, mas não entrávamos. Imagino que não tivéssemos dinheiro para isso. No entanto, à noite, minha avó trazia o livro e mandava que meus irmãos e eu fôssemos lavar as mãos. Só tive permissão para tocar nas páginas quando completei dez anos, mas antes disso eu lavava as mãos apenas para ter o privilégio de olhar. Ela guardava o livro embrulhado em um tecido embaixo do sofá da sala onde ela dormia. Precisava fazer esforço para carregá-lo, mas não deixava ninguém ajudar. Quando tinha certeza de que a mesa estava limpa, nós colocávamos o livro ainda embrulhado sobre ela e desdobrávamos o tecido lentamente. Então, minha avó se sentava. Era uma mulher pequena, e nós

ficávamos de pé ao lado dela. Ela era muito cuidadosa a respeito da luz que incidisse sobre a mesa. Não podia ser forte demais porque ela temia que as cores se desvanecessem, e não podia ser fraca demais porque ela sentia que assim as pinturas não seriam plenamente compreendidas. Ela usava luvas brancas de algodão absolutamente lisas que eram guardadas apenas para essa ocasião e virava as páginas enquanto nós olhávamos. Pode imaginar uma cena dessas? Não vou dizer que éramos extremamente pobres porque éramos tão pobres ou tão ricos quanto qualquer outra pessoa. Nosso apartamento era pequeno, meus irmãos e eu dividíamos uma cama. Nossa família não era diferente das demais famílias do prédio a não ser por esse livro. Um objeto extraordinário era o livro. Chamava-se *Obras-primas do período impressionista*. Ninguém sabia que tínhamos aquilo. Não tínhamos permissão para falar dele porque minha avó ficava com medo que alguém pudesse vir e tentar tirar o livro dela. Eram quadros pintados por Pissarro, Bonnard, Van Gogh, Monet, Manet, Cézanne, centenas de pintores. As cores que apreciávamos nessas noites, enquanto ela virava as páginas, eram milagrosas. Nós tínhamos que estudar cada quadro. Ela dizia que todos mereciam grande consideração. Certas noites, ela não virava mais do que duas páginas, e estou certo de que levou um ano para que eu visse o livro por completo. Era um livro extremamente bom, acho, produzido por especialistas. É evidente que não vi os originais de todos os quadros, mas aqueles que vi anos mais tarde pareciam muito com o que eu me recordava deles. Minha avó nos dizia que ela falava francês na juventude e que lia para nós o texto abaixo das figuras o mais precisamente possível, pelo que ela conseguia se lembrar. É claro que ela inventava, porque as histórias mudavam. Não que isso importasse. Eram lindas histórias. “Este é o campo onde Van Gogh pintou os girassóis”, contava ela. “Durante o dia todo ele ficava sentado no sol quente embaixo do céu azul. Quando as nuvens brancas e espiraladas passavam, ele se lembrava delas para pintar em outros quadros e aqui nesta tela ele colocou algumas delas.” Era dessa maneira que ela nos falava, fingindo que estava lendo. Às vezes, levava vinte minutos para ler um texto que continha poucas linhas. Ela dizia fazer isso porque o francês era uma língua muito mais complexa que o russo e cada palavra continha diversos significados na frase. Havia muitas pinturas para serem examinadas. Passaram-se muitos e muitos anos até que eu conseguisse memorizar todas elas. Mesmo agora sou capaz de dizer a você a quantidade de montes de feno que havia no campo e em que direção o vento sopra. — Fyodorov parou para dar a Gen uma oportunidade de acompanhá-lo. Aproveitou para olhar para as pessoas em volta da mesa: a avó, já falecida, a mãe e o pai, também falecidos, o irmão mais novo, Dimitri, afogado em um acidente de pesca aos vinte e um anos. Sobravam apenas dois. Ficou pensando no irmão, Mikal, que deveria estar seguindo as notícias sobre o sequestro em casa, pela imprensa. Se ele viesse a morrer aqui, pensou Fyodorov, Mikal ficaria

sozinho no mundo sem ninguém da família para consolá-lo. — De vez em quando ela não trazia o livro. Dizia estar cansada. Dizia que tanta beleza a magoava. Às vezes, passava-se uma semana, ou duas. Nada de Seurat! Eu me lembro de me sentir quase fora de mim, tal a dependência que desenvolvi em relação àquelas pinturas. Mas era o que acontecia em torno delas, a espera, que nos fez amar o livro tão apaixonadamente. Eu poderia ter tido um tipo de vida, mas tive outro por causa do livro que minha avó protegia — disse, a voz mais baixa agora. — Que milagre foi aquele? Aprendi a amar as coisas belas. Adquiri uma língua para considerar a beleza. Mais tarde, isso se estendeu à ópera, ao balé, à arquitetura, e ainda mais tarde percebi que aquilo que eu via nos quadros eu podia ver nos campos ou em um rio. Podia ver nas pessoas. Tudo isso atribuo àquele livro. Ao final de sua vida, como ela não conseguia mais levantar o livro, me chamava para pegá-lo. As mãos dela tremiam tanto que ela temia rasgar o papel e, por isso, nos deixava virar as páginas. Naquela altura, minhas mãos já eram grandes demais para as luvas dela, mas ela me mostrou como usá-las entre os dedos, como um pedaço de tecido, de modo que eu mantivesse tudo limpo. — Fyodorov suspirou, como se essa talvez fosse a recordação que mais o comovesse. — Agora o livro está com meu irmão. Ele é médico e vive fora de Moscou. De tantos em tantos anos, nós passamos de um para o outro. Nenhum de nós dois consegue ficar inteiramente sem o livro. Tentei encontrar outra cópia, mas nunca tive sucesso. Acredito que não há outro exemplar deste livro no mundo. — Ao falar, Fyodorov conseguia relaxar. Falar era seu ponto forte. Sentiu a respiração voltar novamente. Nunca antes fizera a conexão entre o livro e o ponto importante da história e agora imaginava como tinha deixado isso passar. — Foi uma tragédia para a minha avó que nenhum de nós mostrasse talento para a pintura. Até o fim de sua vida, quando eu estudava administração, ela me dizia para tentar de novo. Mas não era algo que eu fosse capaz de aprender. Ela gostava de dizer que meu irmão Dimitri teria sido um grande pintor, mas só porque Dimitri já tinha morrido. Podemos imaginar os mortos como quisermos. Meus irmãos e eu éramos excelentes observadores. Algumas pessoas nascem para produzir uma grande arte e outras nascem para apreciar essa arte. A senhora não acha? Também é um tipo de talento, ser a plateia, esteja você apreciando obras em uma galeria ou ouvindo a voz da maior soprano do mundo. Nem todos podem ser artistas. Devem existir os que testemunham a arte, que amam e apreciam aquilo que têm o privilégio de ver. — Fyodorov falava lentamente. Preenchia suas frases com longas pausas de modo que Gen não precisasse se esforçar para acompanhá-lo. Porém, por causa disso, era difícil dizer quando ele tinha terminado de falar.

— É uma linda história — disse Roxane finalmente.

— Mas ela tem um motivo.

Roxane se acomodou na cadeira para ouvir o motivo.

— Pode não parecer evidente de imediato que eu seja um homem capaz de uma profunda compreensão da arte e quero que a senhora saiba disso. O ministro de Comércio da Rússia, quem seria ele para a senhora? No entanto, por causa de meu histórico, sinto que sou especialmente qualificado.

Novamente, Roxane esperou para ver se havia uma parte da frase faltando e, quando ele pareceu parar, ela perguntou:

— Qualificado para quê?

— Para amar a senhora — disse Fyodorov. — Eu a amo.

Gen olhou para Fyodorov e piscou. Ele sentiu o sangue desaparecer de seu rosto.

— O que ele disse? — perguntou Roxane.

— Continue — disse Fyodorov. — Diga para ela.

O cabelo de Roxane estava puxado para cima e preso em um elástico cor-de-rosa que tinha sido encontrado no quarto da filha mais velha do Vice-Presidente e lhe fora ofertado. Sem maquiagem ou joias, sem o cabelo para emoldurar-lhe o rosto, talvez se pensasse que sua aparência era singela, ou até cansada, se a pessoa não conhecesse seu potencial. Gen pensou que ela fora paciente em ouvir uma história tão comprida, mantendo os olhos em Fyodorov, nunca os desviando para olhar a janela. Pensou que falava em prol de seu caráter o fato de ter escolhido o Sr. Hosokawa para fazer companhia a ela, em vez de outros homens, menos interessantes, que estavam disponíveis e falavam inglês. Gen admirava fortemente o talento dela, não havia como questionar isso. Todos os dias, quando ela cantava, ele se sentia profundamente comovido, mas ele não a amava. Não que lhe pedissem isso. Não que ela tivesse pensado que fosse isso o que ele pretendia, que ele, Gen, a amava, mas ainda assim ele se debatia em proferir aquelas palavras. Ele nunca pensara nisso antes, mas agora estava certo de que efetivamente já tinha pensado nisso e que nunca dissera ou escrevera aquelas palavras, para ou por alguém. As cartas para casa e os cartões de aniversário terminavam com *por favor, cuide-se bem*. Ele nunca dissera *eu amo você* para um dos pais ou uma das irmãs. Ele nunca dissera para qualquer uma das três mulheres com quem dormira ou para alguma das garotas da escola que ele havia acompanhado até em casa vez ou outra. Simplesmente nunca lhe ocorrera dizer as palavras e agora, no primeiro dia de sua vida em que ele considerara apropriado falar de amor a uma mulher, estaria declarando amor para outra mulher, em nome de outro homem.

— Você vai me dizer? — Roxane interrompeu seus pensamentos. Na segunda vez em que perguntou, ela demonstrou apenas um pouco mais de interesse. Fyodorov esperava, as mãos fechadas, uma aparência de extremo alívio estampada no rosto. Ele tinha recitado a sua parte. Ele havia se estendido o máximo possível.

Gen engoliu a saliva que havia se acumulado sobre a língua e tentou olhar

para Roxane de maneira profissional.

— Ele se sente qualificado para amar a senhora. Ele diz: Eu a amo. — Gen deu uma entonação que imprimisse uma característica tanto apropriada quanto possível.

— Ele me ama como cantora?

— Como pessoa — disse Gen explicitamente. Ele não achou que precisasse consultar Fyodorov. O russo sorriu.

Agora Roxane afastou o olhar de propósito. Inspirou profundamente e ficou olhando para fora da janela por um instante, como se tivesse recebido algum tipo de oferta e agora a estivesse avaliando. Quando retornou o olhar, ela sorriu para Fyodorov. O ar de seu rosto era tão tranquilo, tão terno que por um momento Gen pensou que talvez ela também amasse o russo. Seria possível que uma tal declaração de amor pudesse atingir o efeito desejado? Que ela simplesmente iria amá-lo porque ele a amava?

— Victor Fyodorov — começou ela. — É uma linda história.

— Obrigado. — Fyodorov inclinou a cabeça.

— Fico imaginando o que terá acontecido ao jovem europeu, Julian — disse ela, embora parecesse estar falando consigo mesma. — Uma coisa é dar um colar para uma mulher. Vem em uma caixa pequena. Até um colar muito caro não representa um grande problema. Mas dar um livro para uma mulher, trazer um livro de longe, de outro país, é uma atitude absolutamente notável. Posso imaginar o rapaz no trem carregando aquele objeto embrulhado em papel.

— Se formos acreditar que algum dia houve um Julian.

— Não há motivo para não acreditar. Certamente não faria mal algum acreditar na história que ela contou para vocês.

— Tenho certeza de que a senhora tem razão. De agora em diante, só vou me lembrar dela como se fosse verdadeira.

A cabeça de Gen estava novamente tomada por Carmen. Ele gostaria que ela estivesse esperando por ele, ainda sentada em cima do mármore preto da pia, mas sabia que isso era impossível. Provavelmente ela estava de vigia agora, andando para baixo e para cima pelos corredores do segundo andar, com um rifle, conjugando os verbos quase em silêncio.

— Quanto à questão do amor... — disse Roxane finalmente.

— Não precisa dizer nada — interrompeu Fyodorov. — É um presente. Pronto. Um presente que ofereço à senhora. Se eu tivesse um colar ou um livro de arte, eu lhe daria no lugar. Eu lhe daria o presente, além do meu amor.

— Então, você é muito generoso com seus presentes.

Fyodorov encolheu os ombros.

— Talvez a senhora tenha razão. Em outro contexto, seria ridículo, grandioso demais. Em outro contexto, não aconteceria, porque a senhora é uma mulher famosa e, na melhor das hipóteses, eu a cumprimentaria por um segundo

enquanto a senhora estivesse colocando seus famosos pés dentro de seu carro após um espetáculo. Porém, aqui, eu posso ouvi-la cantar todos os dias. Aqui, eu posso observá-la ao comer o seu jantar. E o que meu coração sente é amor. Não há por que não lhe contar isso. Afinal de contas, essas pessoas que agora nos detêm de forma tão simpática podem decidir fuzilar a todos. É uma possibilidade. E, se assim acontecer, então por que devo carregar este amor comigo para o outro mundo? Por que não dar para a senhora o que é seu?

— E se eu não tiver nada para dar em troca? — Ela parecia estar interessada no raciocínio de Fyodorov.

Ele balançou a cabeça em negativa.

— Que coisa a dizer, depois de tudo o que a senhora já me deu. Mas não se trata de saber quem deu o quê. Não se deve pensar dessa maneira, quando o assunto são presentes. Nós não estamos gerenciando um negócio. Se eu ficaria satisfeito se a senhora me dissesse que também me ama? Que o que a senhora quer é ir para a Rússia e viver com o ministro do Comércio, frequentar jantares oficiais, beber seu café na cama? Um belo pensamento, certamente, mas a minha esposa não ficaria satisfeita. Quando a senhora pensa em amor, pensa como uma americana. A senhora teria que pensar como uma russa. De uma maneira mais expansiva.

— Os americanos têm o péssimo hábito de pensar como americanos — respondeu Roxane com delicadeza. Em seguida, sorriu para Fyodorov, e todos ficaram quietos por um momento. A conversa tinha chegado ao fim, e não havia mais a dizer.

Finalmente, Fyodorov se levantou da cadeira e bateu palmas.

— Eu, pelo menos, me sinto muito melhor. Que peso isso tem sido para mim! Agora, posso ter algum descanso. A senhora foi muito gentil de me ouvir. — Ele esticou a mão para Roxane e, quando ela se levantou e a ofereceu, ele beijou a mão da soprano e a levou à face, segurando-a ali por um instante.

— Vou me lembrar para sempre deste dia, deste momento, de sua mão. Nenhum homem poderia pedir mais do que isso. — Ele sorriu e soltou a mão dela. — Um dia maravilhoso. Que coisa maravilhosa que a senhora me deu em troca. — Ele se virou e caminhou para fora da cozinha sem proferir uma palavra para Gen. Com todo o seu entusiasmo, ele se esquecera de que Gen estava ali, da mesma forma como as pessoas se esquecem quando uma tradução transcorre fluentemente.

Roxane se sentou na cadeira, e Gen se sentou onde Fyodorov estivera.

— Bem — disse ela. — Isso, sem dúvida, foi exaustivo.

— Eu estava pensando o mesmo.

— Pobre Gen. — Roxane inclinou a cabeça para o lado. — Todas as coisas enfadonhas que você tem que ouvir...

— Isso foi embaraçoso, mas não enfadonho.

— Embaraçoso?

— A senhora não acha embaraçoso que um estranho se declare assim? — Mas talvez ela não ache, não é mesmo? As pessoas devem se apaixonar por ela a todo momento. Ela deve ter uma equipe de tradutores para lidar com as declarações de amor e propostas de casamento.

— É mais fácil amar uma mulher quando você não pode entender uma palavra do que ela está falando — disse Roxane.

— Eu gostaria que nos mandassem alguns coelhos! — gritou Thibault para Gen em francês. *Des lapins*. Ele tamborilava sobre o livro de receitas. — Rapazes, vocês gostam de coelho? — perguntou aos terroristas em espanhol. *Conejo*.

Os rapazes levantaram os olhos, desviando-os do trabalho que executavam. Os revólveres estavam quase todos remontados. No início, eles já estavam limpos e agora estavam apenas mais limpos. Quando você se acostuma com revólveres, contanto que não estejam apontados para você, eles podem ser vistos quase com interesse, discretas esculturas para mesas nas laterais do sofá.

— *Cabayo* — disse o mais alto, Gilbert, que tinha pensado em atirar em Thibault há não muito tempo, na confusão envolvendo o aparelho de televisão.

— *Cabayo*? — repetiu Simon Thibault. — Gen, o que é *cabayo*?

Gen pensou por um minuto. A mente dele ainda estava impregnada de russo.

— Aqueles bichos peludos, mas não hamsters... — Estalou os dedos. — Porquinhos-da-índia!

— O que você quer comer são porquinhos-da-índia, e não coelhos — disse Gilbert. — Muito macios.

— Ah — disse Cesar, dobrando as mãos sobre o revólver. — O que eu não daria agora por um porquinho-da-índia! — Delicadamente mordeu as pontas dos dedos com o pensamento de tal iguaria. Cesar tinha uma pele ruim, que parecia estar melhorando durante essa temporada no cativeiro.

Thibault fechou o livro. Em Paris, uma de suas filhas, quando criança, mantivera um porquinho-da-índia branco em um grande aquário de vidro. Milou era seu nome, um pobre substituto para o cãozinho que ela gostaria de ter. Foi Edith que acabou alimentando o animal. Ela ficava com pena dele, dia após dia sozinho, observando a vida da família dela através do vidro. Às vezes, Edith deixava o porquinho em seu colo enquanto ela lia. E lá ficava Milou, enroscado como uma bola contra a barra da suéter de Edith, o focinho se mexendo de prazer. Thibault sentia uma ligação forte com esse porquinho-da-índia, como um irmão, pois tudo o que ele queria agora era o privilégio que o animal tinha conseguido, o direito de deitar a cabeça no colo de sua mulher, o rosto voltado para a barra da suéter. Será que Thibault conseguiria imaginar o animalzinho (que a esta altura já tinha morrido há muito, mas como e quando? Ele não se lembrava) pelado e refogado? Milou para o jantar. Uma vez que um animal

recebe um nome, não pode mais ser comido. Uma vez que você pensou nele como seu irmão, ele deve desfrutar da liberdade de um irmão.

— Como é que se prepara um porquinho-da-india?

E se iniciou uma conversa a respeito da melhor maneira de cozinhar aquele animal, e como era possível ler a sorte cortando as suas tripas enquanto ainda estivesse vivo. Gen se afastou.

— As pessoas amam umas às outras por todo tipo de motivos, os mais diferentes possíveis — disse Roxane, o seu desconhecimento de espanhol preservando-a da conversa, porquinhos-da-india assados lentamente em um espeto. — Na maioria das vezes, somos amados mais pelo que fazemos do que pelo que somos. Não é tão ruim, ser amado pelo que você pode fazer.

— Mas o outro jeito é melhor — afirmou Gen.

Roxane puxou os pés para a cadeira e abraçou os joelhos contra o peito.

— É melhor. Detesto dizer que é melhor, mas é. Se alguém o ama pelo que você pode fazer, isso é lisonjeiro, mas por que você ama alguém? Se alguém o ama pelo que você é, então ele tem que conhecer você, o que significa que você tem que conhecer a pessoa. — Roxane sorriu para Gen.

* * *

Uma vez que todos haviam saído da cozinha, primeiro os outros garotos, depois Gen, Roxane e Thibault — as pessoas que Cesar passou a pensar como os adultos, em vez de refêns —, Cesar começou a cantar Rossini enquanto terminava sua tarefa. Ele ficou sozinho na cozinha por um instante e quis aproveitar esse raro momento de solidão. O sol chegou através das janelas e brilhou radiante sobre seu rifle limpo e, ah, como ele adorava ouvir as palavras saindo da própria boca. Ela tinha cantado a peça tantas vezes de manhã que ele tivera a oportunidade de aprender de cor toda a letra. Não importava que ele não entendesse a língua, ele sabia o que *significava*. A letra e a música se mesclavam e se tornavam uma parte dele. Repetidas vezes ele cantou o coro, quase sussurrando com medo de que alguém pudesse ouvi-lo, zombar dele, puni-lo. Ele sentia isso com intensidade demais para pensar que fosse algo do qual pudesse se livrar. Ainda assim, ele gostaria de se abrir, da forma como ela fazia, berrar a plenos pulmões, vasculhar dentro de si para ver o que realmente havia ali. Ficava comovido quando a ouvia cantar mais alto, mais agudo. Se não estivesse segurando o rifle a sua frente, ele ficaria estrangido, pois sempre que ela cantava ele era tomado de uma paixão tão atroz e pungente que o seu pênis reagia antes que ela terminasse a primeira linha, ficando cada vez mais duro à medida que a música prosseguia, até que ele se perdia em uma confusão de prazer e uma dor terrível, esfregando o cabo do rifle imperceptivelmente para cima e para baixo, levando-o até o alívio. Ele se

recostava contra a parede, tonto e excitado. Elas se manifestavam por causa ela, essas ereções furiosas. Todos os rapazes sonhavam em subir por cima dela, encher a boca da cantora com a língua enquanto penetravam em seu corpo. Eles a amavam e, nas fantasias que lhes vinham, sonhando ou acordados, ela os amava também. Para Cesar, porém, era mais do que isso. Cesar sabia que o que o excitava era a música. Como se a música fosse algo separado, como se pudesse ser seduzida, com a qual se pudesse fazer amor, com a qual se pudesse trepar.

Havia uma saleta ao lado de quarto de hóspedes onde os Generais faziam as reuniões e, nesse cômodo, os encontros do Sr. Hosokawa com o General Benjamin para jogar xadrez duravam horas e horas. Parecia ser a única coisa que tirava a cabeça de Benjamin da dor do herpes-zóster. Desde que havia alcançado o olho, este havia infeccionado, e a infecção tinha levado à conjuntivite; e agora o olho estava de um vermelho intenso e rodeado de pústulas. Quanto mais completamente se concentrasse no xadrez, mais conseguia deixar a dor de lado. Ele nunca se esquecia dela, mas, durante o jogo, seu pensamento se distraía com outro assunto.

Por um longo tempo, os reféns só tiveram permissão de circular em locais limitados da casa, mas agora que as coisas estavam se afrouxando, havia um acesso esporádico a outras áreas. O Sr. Hosokawa nem sabia que aquela saleta existia até ser convidado a jogar. Era um cômodo apertado, uma mesa de jogos e duas cadeiras perto da janela, um pequeno sofá, um móvel com uma escrivaninha e prateleiras envidraçadas cheias de livros encadernados em couro. Havia cortinas amarelas na janela, um tapete de flores azuis no chão, um quadro de um veleiro. Não era um cômodo excepcional de maneira alguma, mas era pequeno, e um cômodo pequeno, depois de três meses na ampla caverna do salão, dava ao Sr. Hosokawa uma enorme sensação de alívio, aquele tipo de conforto aconchegante que uma criança experimenta quando está agasalhada com uma suéter e um casaco. Ele não tinha pensado nisso até a terceira vez em que jogaram, que no Japão nunca se estava em um cômodo tão grande, a não ser que fosse o saguão de um hotel ou o teatro da ópera. Ele gostava do fato de que, nessa saleta, se ficasse em pé em cima de uma cadeira, podia tocar o teto com as pontas dos dedos. Ele ficava especialmente agradecido por qualquer coisa que fizesse o mundo parecer mais próximo e familiar. Tudo o que o Sr. Hosokawa conhecera ou desconfiara sobre como a vida funcionava havia se revelado incorreto nesses últimos meses. Onde antes havia intermináveis horas de trabalho, negociações e compromissos, agora havia partidas de xadrez com um terrorista por quem ele sentia um apreço inexplicável. Onde antes havia uma família respeitável, que funcionava na mais perfeita ordem, agora havia pessoas a quem ele amava e com quem não conseguia conversar. Onde antes havia poucos minutos de ópera no aparelho estéreo antes de dormir, agora havia horas de música todos os dias, o calor vivo da voz em toda sua perfeição e falibilidade, uma mulher que possuía aquela voz e se sentava a seu lado rindo, segurando sua mão. O mundo lá fora pensava que o Sr. Hosokawa sofria, e ele nunca

conseguiria explicar a eles que esse não era absolutamente o caso. O mundo lá fora. Ele nunca conseguia afastá-lo completamente do pensamento. A compreensão de que no final iria perder toda a doçura que havia chegado até ele apenas o fazia manter essas coisas mais perto do peito.

O General Benjamin jogava xadrez muito bem, mas não melhor do que o Sr. Hosokawa. Nenhum dos dois era do tipo de jogar com um cronômetro, e faziam cada movimento como se o tempo ainda estivesse para ser inventado. Como eram ambos igualmente talentosos e igualmente lentos, nunca ficavam impacientes um com o outro. Uma vez, enquanto esperava sua vez, o Sr. Hosokawa foi até o pequeno sofá e fechou os olhos; quando acordou, o General Benjamin ainda estava movimentando a torre para frente e para trás nos mesmos três quadrados, com cuidado para nunca tirar os dedos da cabeça do cavalo. Eles tinham estratégias diferentes. O General Benjamin tentava controlar o centro do tabuleiro. O Sr. Hosokawa jogava na defensiva: um peão aqui, depois o cavalo. Um ganhava e depois o outro, e nenhum deles fazia qualquer comentário sobre isso. O jogo, francamente, era mais pacífico sem conversa. Movimentos habilidosos não precisavam receber os parabéns, uma situação de perigo não era lamentada. Eles davam uma batidinha na rainha, depois no rei, uma vez para xeque, duas vezes para xeque-mate, já que nenhum dos dois se lembrava das palavras que Gen anotara para eles. Até as finalizações dos jogos eram tranquilas, um rápido aceno de cabeça como reconhecimento e em seguida o trabalho de preparar tudo de novo para que, quando o dia seguinte chegasse, eles estivessem prontos para recomençar. Nenhum dos dois sonharia em deixar a sala com as peças espalhadas na mesa do lado contrário do tabuleiro.

Apesar de ser uma casa enorme para qualquer padrão, não havia privacidade alguma para as pessoas que estavam morando na propriedade da vice-presidência, com exceção de Carmen e Gen, que se encontravam no closet de louças depois das duas da madrugada no intuito de manterem as aulas em segredo. A ópera, a culinária e os jogos de xadrez estavam lá para consumo público. O quarto de hóspedes era do mesmo lado da casa em que ficava o escritório, onde a televisão tagarelava horas a fio; então, se um dos jovens terroristas estivesse procurando algo com que se entreter, seria de supor que deixaria o xadrez de lado. Quando os refêns recebiam permissão de passar pelo corredor, por um capricho de quem estivesse empunhando a arma na porta, provavelmente ficariam dez ou quinze minutos assistindo à partida. Podiam, porém, se considerar sortudos se, durante esse tempo, vissem algum movimento dos jogadores. Eles estavam acostumados ao futebol. Tentavam considerar o xadrez como um tipo de esporte, certamente era um jogo, mas queriam ver alguma coisa acontecendo. A sala tinha o mesmo efeito nos espectadores que longos serviços litúrgicos, aulas de álgebra, um sonífero.

Os dois observadores que conseguiam ficar, e sem cair jamais no sono,

eram Ishmael e Roxane. Roxane vinha assistir à performance do Sr. Hosokawa, o qual, afinal de contas, passava grande parte do tempo assistindo à performance da cantora; e Ishmael ficava porque, no devido tempo, gostaria de jogar xadrez com o General Benjamin e o Sr. Hosokawa, apenas não tinha certeza se tal coisa seria realmente permitida. Todos os terroristas mais jovens tentavam conhecer seus limites e não pedir mais do que conseguiriam obter. Como todas as crianças, eles talvez os pressionassem de vez em quando, mas eram respeitosos com os Generais e sabiam não pedir em exagero. Talvez ficassem tempo demais assistindo à televisão, mas nunca faltavam a seus postos de vigilância. Não pediam a Messner para trazer potes de sorvete. Apenas os Generais podiam fazer isso e, até agora, só tinham feito duas vezes. Não brigavam entre si, embora às vezes tivessem uma irresistível tentação de fazê-lo. Os Generais puniam as brigas com severidade, e o General Hector assumiu a tarefa de bater nos garotos de maneira mais intensa e mais forte do que eles jamais conseguiriam bater no companheiro, para ensinar-lhes que tinham de trabalhar juntos. Se houvesse uma necessidade terrível, uma discussão que só pudesse ser resolvida dessa maneira, eles se encontravam no porão, tiravam as camisas e eram cuidadosos para nunca atingir o outro no rosto.

Algumas coisas eram contra as regras, regras que eram memorizadas e repetidas nos treinos. Algumas regras (falar respeitosamente com um oficial superior) continuavam firmes. Outras (nunca falar com um refém a não ser que fosse para corrigi-lo) se enfraqueceram e caíram por terra. Nem sempre ficava claro o que os Generais permitiriam ou não. Silenciosamente, Ishmael memorizava o tabuleiro. Ele não sabia os nomes das peças porque ninguém na sala nunca emitia uma palavra. Ele treinava em pensamento qual seria a maneira mais apropriada de abordar o assunto. Considerou pedir a Gen para perguntar por ele. Gen tinha uma maneira de fazer as coisas parecerem especialmente importantes. Ou ele podia pedir para Gen pedir a Messner, que era o homem que cuidava das negociações. Mas Gen parecia muito ocupado ultimamente, e Messner, honestamente, não parecia estar fazendo um trabalho tão bom assim, considerando que ainda estavam todos lá. Acima de tudo, ele desejava que pudesse perguntar ao Vice-Presidente, o homem a quem ele estimava muito e considerava como sendo seu amigo, mas os Generais procuravam o tempo todo ridicularizar Ruben; então tudo o que este pedisse seria certamente negado.

Logo, se Ishmael quisesse algo, a única pessoa lógica para cumprir essa tarefa era ele próprio e, após esperar mais alguns dias, encontrou a coragem para fazer a pergunta. Um dia era exatamente igual ao outro; por isso, concluiu que nunca haveria uma hora certa ou errada para perguntar. O General Benjamin havia acabado de completar seu movimento, e o Sr. Hosokawa estava apenas nos primeiros estágios de considerar sua nova posição. Roxane se

encontrava acomodada no pequeno sofá, inclinada para a frente, os cotovelos nos joelhos, as mãos formando um suporte confortável embaixo do queixo. Ela observava o tabuleiro como algo que pudesse tentar fugir. Ishmael desejava poder falar com ela. Ele imaginava se ela também estava aprendendo a jogar.

— Senhor — começou Ishmael, uma lasca afiada de gelo cravada na garganta.

O General Benjamin olhou para cima e piscou. Ele não havia notado o garoto na sala. Um garoto tão pequeno, um órfão cujo tio o havia alistado à causa apenas alguns meses antes do ataque, dizendo que todos os garotos da família eram pequenos, mas passavam por impressionantes estirões de crescimento. No entanto, Benjamin estava começando a duvidar de que isso algum dia fosse acontecer. O corpo de Ishmael não parecia estar pronto para passar por qualquer estirão impressionante. Ainda assim, o menino fazia o melhor que podia para se manter no mesmo nível que os outros garotos e aguentar as provocações. E era útil ter pelo menos uma pessoa do tamanho dele, alguém que pudesse ser levantado, empurrado pelas janelas.

— O que foi?

— Eu estava pensando, senhor, se o senhor podia considerar. — Ele parou, se recompôs e recomeçou. — Eu estava pensando, se tivesse tempo mais tarde, se eu podia jogar com o vencedor. — Ocorreu a ele que havia cinquenta por cento de chances de o vencedor ser o Sr. Hosokawa, o que seria um pedido inapropriado. — Ou com o perdedor.

— Você joga xadrez? — perguntou o General Benjamin.

O Sr. Hosokawa e Roxane mantinham os olhos no tabuleiro. Houve uma época em que, por educação, eles pelo menos olhariam para a pessoa que estava falando, mesmo que não conseguissem entender uma única palavra do que estava sendo dito. Agora ambos sabiam um pouco de espanhol e não se preocupavam em dirigir o olhar para quem falava. O Sr. Hosokawa estava se movendo na direção do bispo do adversário. Roxane podia perceber o que ele estava pensando.

— Acho que sim. Estive observando. Acho que agora estou entendendo.

O General Benjamin riu, mas não era uma risada grosseira. Ele deu um tapinha no braço do Sr. Hosokawa, que levantou os olhos, empurrou os óculos no nariz e assistiu, enquanto o General Benjamin pegou uma das pequenas mãos de Ishmael entre as suas e a colocou em um peão, e depois saltou com o peão de casa em casa no tabuleiro. Ele se movimentou entre os três, e ficou claro para todos. O Sr. Hosokawa sorriu e bateu no ombro do garoto.

— Então você vai jogar com o vencedor — disse o General Benjamin. — Está tudo acertado.

Ishmael, sentindo estar em seu dia de sorte, tomou lugar junto aos pés de Roxane e mirou o tabuleiro da maneira como ela mirava, como se fosse algo

vivo. Ele tinha apenas meia partida para aprender tudo o que se havia para saber sobre xadrez.

Gen deu uma leve batida na moldura da porta do escritório. Messner estava atrás dele. Toda a fisionomia de Messner parecia cansada, exceto seu cabelo, que era tão claro quanto a luz do dia. Ele ainda usava uma camisa branca, calças pretas e uma gravata preta e, assim como os reféns e os terroristas, suas roupas davam sinais de uso. Ele cruzou os braços e assistiu ao jogo. Estivera na equipe de xadrez da faculdade, viajara de ônibus para jogar com franceses, italianos. Ele gostaria de jogar agora, mas, se ficasse na casa por três horas, seria esperado dele que tivesse algo de significativo para mostrar quando saísse.

O General Benjamin levantou a mão sem olhar. Ele estava começando a sentir que seu bispó estava em perigo.

Messner observou o curso dos olhos dele. Ele considerou dizer ao General que o bispó não era exatamente o seu problema, mas Deus sabe que Benjamin nunca teria escutado.

— Diga a ele que eu trouxe os jornais de hoje — disse a Gen em francês. Ele podia muito bem ter falado aquilo em espanhol, mas sabia que o General apenas daria uma olhada para ele, falando no meio do movimento.

— Vou dizer.

Roxane Coss levantou uma das mãos e acenou para Messner, mas manteve os olhos no tabuleiro, assim como Ishmael, que sentia a bilis de medo de se remexendo no esôfago. Talvez ele não soubesse jogar xadrez, afinal de contas.

— Você está planejando nos liberar a qualquer hora agora? — perguntou Roxane.

— Ninguém se mexe — disse Messner, tentando manter uma certa leveza. — Nunca vi uma paralisação dessa maneira. — Estranhamente ele sentiu inveja de Ishmael, sentado lá aos pés dela. O menino só precisava deslizar a mão cinco centímetros para roçar o tornozelo dela.

— Eles podiam nos fazer morrer de fome — disse Roxane, a voz firme e calma, como se não quisesse interromper o jogo. — A comida não é tão terrível, não tão ruim quanto deveria ser se eles realmente quisessem fazer as coisas andarem. Eles não podem ter tanta vontade de nos libertar quando essencialmente nos dão tudo o que queremos.

Messner coçou atrás da cabeça.

— Ah, acho que isso tem a ver com a senhora. Se a senhora achava que era famosa antes de vir para este lugar, deveria ler sobre si mesma agora. A senhora está fazendo Callas parecer uma figurante. Se tentassem matá-la de fome, o governo seria deposto essa tarde.

Roxane olhou para ele e deu uma charmosa piscadela de palco, grande e satisfeita.

— Então, se eu sair daqui viva, posso dobrar meu cachê?

— Pode triplicar.

— Meu Deus! — disse Roxane, e lá estavam seus dentes, uma visão deixou Messner comovido. — Você percebe que contou a ele como depor o governo e ele nem sabe? É tudo o que ele sempre quis, e não percebeu.

O General Benjamin estava com a mão no bispo. Ele o balançava de um lado para outro. As palavras passavam por ele, ao largo dele, como água passando por uma rocha.

Messner observava Ishmael. O garoto parecia prender a respiração até que o General decidisse qual seria o movimento. Mais do em qualquer outra negociação que Messner jamais estivera envolvido, ele pensou que não se importava muito com quem ganhasse esta especificamente. Mas não era exatamente assim, já que os governos sempre ganhavam. É que ele não se importaria em usar todas essas pessoas libertadas, todas elas. Ele desejava que elas pudessem em ver do túnel que o exército estava cavando, desejava que elas pudessem se rastejar de volta para os dutos de ar-condicionado e para o túnel, e voltassem para as florestas de onde tinham saído. Não que elas tivessem sido muito brilhantes, mas, talvez por esse mesmo motivo, não mereciam o castigo que consequentemente teriam. Ele sentia muito por elas todas, era isso. Ele nunca antes havia se sentido assim em relação a sequestradores.

Ishmael soltou um suspiro quando o General Benjamin tirou a mão do bispo e preferiu mover o cavalo. Não era um bom movimento. Até Ishmael percebia isso. Ele se inclinou para trás contra o sofá e, quando fez isso, Roxane colocou um braço em volta do ombro e a outra mão no topo da cabeça do garoto, tocando o cabelo dele tão distraidamente como fazia com o próprio. Mas Ishmael mal sentiu. Ele mantinha os olhos na partida de xadrez, que, em mais seis movimentos, estaria acabada.

— Bem, já chega — disse o General Benjamin para ninguém. Assim que a partida terminou, o dique se abriu novamente e colocou toda a dor em movimento. Ele apertou a mão do Sr. Hosokawa, da maneira rápida e formal, como faziam depois de cada partida. O Sr. Hosokawa se inclinou várias vezes e Benjamin se inclinou de volta, um hábito estranho que ele havia adotado como o tique nervoso de outra pessoa. Depois de todos os cumprimentos, ele se esticou e se moveu para dar o lugar a Ishmael. — Mas só se o cavalheiro quiser jogar de novo. Não se imponha para ele. Gen, pergunte ao Sr. Hosokawa se ele prefere esperar e jogar amanhã.

O Sr. Hosokawa estava feliz em jogar com Ishmael, que estava se acomodando de forma realmente confortável na cadeira de braço do General Benjamin. Ele começou a arrumar o tabuleiro.

— O que você tem para mim? — perguntou o General a Messner.

— Mais do mesmo, na verdade. — Messner passou os dedos pelos papéis. Uma carta imperativa do Presidente. Uma carta imperativa do chefe da polícia.

— Eles não vão ceder. Tenho que dizer, eles agora parecem menos inclinados do que pareciam antes. O governo não está tão desconfortável com a maneira como as coisas estão caminhando. As pessoas estão começando a se acostumar com tudo isso. Elas passam pela rua e nem param mais. — Ele entregou a lista diária de exigências do exército enquanto Gen traduzia. Alguns dias, eles nem tinham se incomodado em repetir as contrapropostas palavra por palavra. Apenas tiravam cópias e mudavam as datas com um lápis.

— Bem, eles vão ver, nós somos gênios na arte de esperar. Podemos esperar para sempre. — O General Benjamin mexeu a cabeça com pouco entusiasmo enquanto revirava os papéis. Em seguida, abriu a pequena escrivania francesa e tirou sua própria pilha de papéis, que Gen datilografara na noite anterior. — Dê isso a eles.

Messner pegou os papéis sem olhar. Seria tudo igual. As exigências que eles faziam haviam se tornado absurdas no último mês. A libertação de prisioneiros políticos de outros países, homens que eles nem conheciam, distribuição de alimentos para os pobres, uma mudança na lei da votação. O General Hector pensou nessa última depois de ler alguns dos livros jurídicos do Vice-Presidente. Em vez de diminuir suas exigências, não conseguir nada apenas os fizera querer mais. Como de hábito, fizeram ameaças, promessas de começar a matar os reféns, mas *ameaça*, *promessa* e *exigência* haviam se tornado apenas palavras decorativas. Elas não valiam mais do que os selos e carimbos que o governo afixava nos papéis.

O Sr. Hosokawa deixou Ishmael começar. O garoto abriu com seu terceiro peão. O General Benjamin sentou-se para assistir ao jogo.

— Devíamos conversar sobre isso — disse Messner.

— Não há o que conversar.

— Eu acho... — começou Messner. Ele estava sentindo um peso de responsabilidade. Estava começando a pensar que, se fosse um homem um pouco mais esperto, nesta altura já teria resolvido tudo. — Há certos pontos que você deve considerar.

— Shh — fez o General Benjamin e levou o dedo aos lábios. Apontou para o tabuleiro. — Está começando agora.

Messner encostou-se na parede, subitamente exausto. Ishmael tirou a ponta do dedo do peão.

— Deixe que eu o acompanho — disse Roxane a Messner.

— O quê? — indagou o General Benjamin.

— Ela disse que vai acompanhar o Sr. Messner até a porta — respondeu Gen.

O General Benjamin não se preocupou em ir junto. Ele estava interessado em ver se o garoto realmente sabia jogar.

— Quero que me diga o que eles vão fazer — disse Roxane enquanto

caminhavam pelo corredor. Gen tinha vindo junto, então os três falavam em inglês.

— Eu não tenho ideia.

— Você tem alguma ideia — disse Roxane.

Ele a fitou. Toda vez que a via, ficava novamente surpreso por notar como ela era pequena. De noite, em sua memória, ela era altiva, poderosa. Mas, de pé ao lado dela, ela era tão baixa que dava para se esconder por baixo de um casaco, se ele estivesse vestindo um casaco, tão baixa que poderia se esgueirar para fora da casa calmamente por sob o braço dele. Ele tinha o casaco perfeito para isso em Genebra; tinha sido de seu pai, que fora um homem mais robusto. Assim mesmo, Messner o usava, por causa de um sentimento combinado de amor e praticidade, e, quando caminhava, o casaco movimentava-se como se fizesse ondas por trás dele.

— Sou um mensageiro, um serviço de entregas. Trago os papéis, levo outros papéis de volta, asseguro que haja bastante manteiga para os pãezinhos. Eles não me dizem nada.

Roxane deu o braço a ele, não de uma maneira galanteadora, mas como a heroína de um romance do século XIX indo passear com um cavalheiro. Messner podia sentir o calor da mão dela através da manga da camisa. Ele não queria sair do lado dela.

— Conte para mim — sussurrou ela. — Estou perdendo a noção do tempo. Alguns dias, acho que é aqui que eu vivo, onde eu sempre vou viver. Se eu soubesse disso com certeza, poderia me sentir estabelecida. Você entende? Se for por um tempo longo, eu quero saber.

Vê-la todos os dias, ficar parado na calçada de manhã com a multidão aglomerada para ouvi-la cantar, não era algo notável?

— Eu imagino — disse Messner calmamente — que será um tempo muito longo.

Enquanto andavam, Gen os seguia como um mordomo bem-treinado, tanto discreto quanto presente, para se fosse necessário de alguma forma. Ele escutou. Messner falou. *Um tempo muito longo*. Ele pensou em Carmen, em todas as línguas que existiam para uma garota esperta aprender. Eles talvez precisassem de um tempo muito longo.

Quando Ruben viu os três chegando, passou energicamente pelo corredor antes que qualquer dos soldados pudesse impedi-lo.

— Messner! — chamou ele. — É um milagre! Eu o estou esperando, e então você surge na minha frente. Como está nosso governo? Já me substituíram?

— Impossível — respondeu Messner. Roxane se afastou, deu um passo atrás na direção de Gen, e Messner sentiu o ar se resfriar em volta dele.

— Precisamos de sabão — comentou o Vice-Presidente. — Todos os tipos de sabão, sabonete, detergente, sabão em pó.

Messner estava distraído. A conversa com Roxane devia ter durado mais tempo. Eles não precisavam de Gen. Messner frequentemente sonhava em inglês. Nunca havia um momento para ficar sozinho.

— Vou ver o que posso fazer.

O rosto de Ruben se fechou.

— Não estou pedindo nada muito complicado.

— Vou trazer amanhã — disse ele, a voz com um tom mais suave. Por que toda essa delicadeza repentina? Messner queria voltar à Suíça, onde o carteiro que nunca o reconhecia quando passava pelo corredor colocava a correspondência na caixa certa. Ele queria ser desnecessário, desconhecido. — Vejo que seu rosto finalmente cicatrizou.

O Vice-Presidente, sentindo que sua raiva era ridícula, e o peso que recaía sobre o amigo, tocou a própria face.

— Nunca achei que fosse ficar bom. É uma grande cicatriz, não acha?

— Vai fazê-lo virar um herói para seu povo — disse Messner.

— Vou dizer que foi você que fez — respondeu Ruben, fitando os olhos pálidos de Messner. — Um briga de facas em um bar!

Messner foi até a porta e estendeu os braços, e Beatriz e Jesus, os dois guardas na porta, o revistaram até que ele se sentisse constrangido pela persistência das mãos de Beatriz. Era uma coisa, a maneira como o revistavam quando ele entrava. Mas ele não conseguia entender por que todo o processo se repetia na saída. O que ele poderia estar levando?

— Eles pensam que você pode estar roubando o sabão — alegou o Vice-Presidente, como se estivesse lendo a mente do amigo. — Eles ficam imaginando o que aconteceu para acabar o sabão, já que eles próprios não usaram.

— Volte para o sofá — disse Jesus, e colocou dois dedos direcionais no topo da arma. O Vice-Presidente estava pronto para uma soneca e tomou aquele rumo sem mais instruções. Messner saiu pela porta sem dizer adeus.

* * *

Todo o tempo Roxane estava pensando. Ela pensava em Messner e como lhe parecia que ele preferia ser um refém a carregar o peso de ser a única pessoa no mundo que tinha liberdade para entrar e sair. Ela pensava nos *lieder* de Schubert, nas árias de Puccini, nas apresentações às quais ela faltara na Argentina e nas apresentações que também não fizera em Nova York e cujas negociações haviam tomado muito tempo e que eram tão importantes para ela, embora não tivesse admitido na época. Ela pensava no que cantaria amanhã no salão... mais Rossini? E, principalmente, pensava no Sr. Hosokawa, em como se tornara tão

dependente dele. Se ele não estivesse lá, ela achava que teria perdido completamente a cabeça na primeira semana, mas é claro que, se ele não estivesse lá, ela nunca teria vindo a este país, ela nunca teria sido nem requisitada. Sua vida teria prosseguido como um trem cumprindo o horário: Argentina, Nova York, uma visita a Chicago, então de volta à Itália. Agora ela estava completamente parada. Ela pensava em Katsumi Hosokawa sentando-se perto da janela, escutando-a cantar, e se perguntava como era possível amar alguém com quem você nem conseguia conversar. Ela acreditava agora que havia uma razão para que tudo isso tivesse acontecido: o aniversário dele e o convite para ela ser, de certo modo, seu presente, o motivo por que eles estavam presos aqui esse tempo todo. De que outra maneira eles teriam se conhecido? Que outra maneira haveria de conhecer alguém com quem não se pudesse conversar, alguém que vive do outro lado do mundo, a não ser que lhes fosse dada uma quantidade enorme de tempo ocioso para simplesmente sentar e esperar juntos? Ela teria que se ocupar de Carmen, essa era a primeira coisa a fazer.

— Você conhece Carmen — disse Roxane a Gen. Eles estavam voltando para ver como estava progredindo o jogo de xadrez, mas ela o parou no meio do corredor quando estavam distantes de qualquer porta.

— Carmen?

— Sei que você sabe quem é ela, mas você também a conhece um pouco mais, não é? Eu já os vi conversando.

— Claro. — Gen sentiu uma emoção crescendo no peito e desejou que ela não fosse além, como se alguém pudesse desejar tal coisa.

Mas Roxane não estava olhando para ele. Os olhos da cantora pareciam ligeiramente fora de foco, como se ela estivesse cansada. Era apenas meio-dia, mas ela ficava frequentemente cansada após cantar de manhã. Os guardas a deixavam ir para cima sozinha para voltar a dormir. Se Carmen não estivesse fazendo a vigilância, às vezes ela a encontrava, pegava seu pulso, e Carmen a seguia. Era tão mais fácil dormir quando ela estava lá! A jovem era provavelmente vinte anos mais nova, mas havia algo nela, algo que acalmava Roxane.

— Ela é uma garota doce. Ela me traz café da manhã. Às vezes, eu abro a porta do quarto à noite e ela está dormindo no corredor — disse ela. — Mas não o tempo todo.

Não o tempo todo. Não enquanto ela estava com ele.

Roxane olhou de volta para ele e sorriu um pouco.

— Pobre Gen, está sempre no meio de alguma coisa. Qualquer pessoa que possua um segredo precisa passar por você.

— Tenho certeza de que há muita coisa de que eu não sei.

— Eu preciso que você me faça um favor, assim como todos os outros.

Preciso que você faça algo. — Porque, se Messner estava certo, se eles ainda ficariam confinados por um longo tempo, então ela merecia ter isso. E se, ao final desse longo tempo, eles fossem mortos mesmo, porque essa era sempre a conversa, que o exército atiraria neles para imobilizar os terroristas, ou que os terroristas iriam matá-los em um momento de desespero (embora ela achasse isso difícil de acreditar), então ela merecia ainda mais. E, se o terceiro cenário fosse verdade, que eles seriam soltos rapidamente e ilesos, que todos eles voltariam para suas vidas normais e superariam a situação toda, então ela merecia mais do que tudo, porque certamente não veria Katsumi Hosokawa de novo. — Encontre Carmen essa noite e diga a ela para dormir em outro lugar. Diga a ela que não venha trazer o café da manhã. Você faria isso por mim?

Gen aquiesceu.

Mas isso não era pedir quase nada. Isso não era pedir tudo porque ela não tinha qualquer maneira de dizer pessoalmente ao Sr. Hosokawa que ele viesse encontrá-la à noite. Ela queria convidá-lo para ir a seu quarto, mas só havia uma maneira de fazer isso: pedir a Gen para ir até ele e lhe falar em japonês, e o que ela queria dizer, exatamente? Que ela desejava que ele passasse a noite com ela? E Gen teria que pedir a Carmen para achar uma maneira de fazer o Sr. Hosokawa ir até o andar de cima, e, se eles fossem descobertos, o que aconteceria com o Sr. Hosokawa, e com Carmen? O costume era que, se você conhecia alguém e queria encontrar-se com essa pessoa, talvez fossem jantar, tomar um drinque. Ela se apoiou na parede. Dois garotos armados passaram, mas eles nunca faziam provocações ou se cutucavam quando Roxane estava presente. Depois que os dois se foram, ela respirou fundo e disse a Gen tudo o que queria. Ele não disse para ela que era uma loucura. Ele a escutou como se ela não estivesse pedindo nada de anormal, anuindo com a cabeça enquanto ela falava. Talvez um intérprete não fosse diferente de um médico, um advogado, até um padre. Eles deviam ter algum código de ética que os impedia de falar dos outros. E, mesmo que ela não estivesse segura quanto à lealdade dele, ela sabia que ele faria qualquer coisa para proteger o Sr. Hosokawa.

Ruben Iglesias entrou no cômodo que ele ainda pensava como o quarto de hóspedes, mas que se transformara no escritório dos Gerais, com o intuito de esvaziar as lixeiras. Ele estava indo de quarto em quarto com um grande saco de lixo verde, pegando não só o que havia sido jogado fora nas latas de lixo, mas também o que estava no chão: garrafas de refrigerantes, cascas de banana, os pedaços de jornal que haviam sido editados. Ruben secretamente colocava esses recortes nos bolsos para poder ler de noite, com uma lanterna. O Sr. Hosokawa e Ishmael estavam jogando xadrez, e ele ficou parado na porta um minuto para assistir. Ele tinha muito orgulho de Ishmael, que era tão mais inteligente do que os outros garotos. Ruben havia trazido aquele jogo para ensinar ao filho, Marco, mas ele achava que o garoto ainda era muito novo para jogar. O General Benjamin

estava sentado no sofá e, depois de um tempo, olhou para Ruben. A visão de seu olho, tão infectado, fez Ruben ficar sem fôlego.

— Esse é Ishmael, ele aprende rápido — disse o General Benjamin. — Ninguém lhe ensinou como jogar, sabia? Ele aprendeu apenas observando. — A façanha do garoto havia deixado o General de bom humor. Fez com que ele se lembrasse de quando lecionava na escola.

— Venha ao corredor por um instante — disse Ruben para ele calmamente. — Eu quero falar com você sobre uma coisa.

— Então fale comigo aqui.

Ruben lançou os olhos na direção do menino, indicando que isso era um assunto privado entre os homens. Benjamin suspirou e se arrastou para fora do sofá.

— Todos têm um problema — disse ele.

Do lado de fora da porta, Ruben colocou no chão o grande saco de lixo. Ele não gostava de falar com os Generais. Seu primeiro encontro com eles havia firmado um precedente ao qual ele seguia, mas nenhum homem decente podia fingir que não estava notando aquela coisa.

— Do que você precisa? — disse Benjamin, a voz pesada.

— Do que você precisa — rebateu Ruben. Ele enfiou a mão no bolso e tirou um frasco de comprimidos com seu nome escrito. — Antibióticos. Olhe, me deram mais do que eu precisava. E a infecção em meu rosto está curada.

— Bom para você — respondeu o General Benjamin.

— E para você também. Tem muitos aqui. Tome. Vai ficar surpreso com a diferença.

— Você é médico?

— Não precisa ser médico para identificar uma infecção. Eu estou falando. Benjamin sorriu para ele.

— Como eu sei que você não quer me envenenar, pequeno Vice-Presidente?

— Sim, sim — suspirou Ruben. — Eu quero envenená-lo. Quero que nós dois morramos juntos. — Ele abriu o frasco e jogou um dos comprimidos na boca e, após se certificar de mostrar a Benjamin que a pílula estava na língua, engoliu-a. Então entregou o frasco para o General. — Não vou perguntar o que pretende fazer com os remédios, mas estão aqui, são seus.

Depois disso, Benjamin voltou ao jogo de xadrez, enquanto Ruben recolheu o lixo e se encaminhou para o próximo quarto no corredor.

Era sábado, mas, como todos os dias eram essencialmente iguais, as únicas duas pessoas que pensavam nos dias da semana eram o Padre Arguedas, que ouvia confissões no sábado e planejava a missa de domingo, e Beatriz, que achava que o final de semana era insuportavelmente imprestável, já que seu programa favorito, *A história de Maria*, só passava de segunda a sexta-feira.

— É saudável esperar — comentou o General Alfredo com ela, porque ele

também gostava do programa. — Dá uma sensação de expectativa.

— Eu não quero esperar — disse ela, e de repente percebeu que podia chorar de frustração, o branco torpor da tarde empurrando infinitamente em todas as direções. Ela já havia limpado a arma e feito a inspeção e não precisava montar guarda até a noite. Ela podia tirar uma soneca ou folhear uma das revistas que já havia visto sem entender centenas de vezes antes, mas pensar nisso tudo parecia insuportável. Ela queria sair deste lugar. Ela queria andar pelas ruas da cidade como qualquer outra garota e ouvir os homens buzinares quando ela passava. Queria fazer alguma coisa. — Vou falar com o padre — disse a Alfredo. Rapidamente, virou o rosto. Chorar era estritamente proibido. Ela pensava que era a pior coisa que podia fazer.

O Padre Arguedas adotara uma política de “tradutor opcional” no que concernia à confissão. Se as pessoas escolhessem se confessar em uma língua diferente de espanhol, então ele ficava feliz de se sentar e escutar e aceitar que os pecados seriam filtrados por ele e purificados por Deus exatamente como teriam sido se ele entendesse o que as pessoas estavam falando. Se as pessoas preferissem ser compreendidas de maneira mais tradicional, então elas eram bem-vindas ao trazerem Gen junto, se se encaixassem na agenda dele. Gen era perfeito para o trabalho, já que parecia ter uma notável habilidade em não ouvir as palavras saindo da própria boca. Mas isso não importava hoje porque Oscar Mendoza estava se confessando na língua com que ambos haviam crescido. Eles estavam sentados um de frente para o outro, em duas cadeiras da sala de jantar puxadas para um canto. As pessoas respeitavam esse arranjo e evitavam a sala de jantar quando viam que o padre estava sentado lá com alguém. Primeiro, o Padre Arguedas havia dado a ideia de tentar montar algum tipo de confessionário mais apropriado no armário de casacos, mas os Generais não permitiram. Nenhum refém poderia estar oculto de forma alguma, pois todos deviam estar claramente à vista o tempo todo.

— Peça que me perdoe, padre, porque eu pequei. Já faz três meses desde a minha última confissão. Em casa, eu vou toda semana, eu lhe asseguro, mas não temos muita oportunidade de pecar em nossas atuais circunstâncias — disse Oscar Mendoza. — Sem bebidas, sem apostas, apenas três mulheres. Até tentar pecar com nós mesmos é quase impossível. Temos tão pouca privacidade...

— Há recompensas pela maneira como vivemos.

Mendoza anuiu, embora mal conseguisse ver a situação dessa maneira.

— Mas estou tendo sonhos. Alguns tipos de sonhos podem constituir um pecado, padre?

O padre encolheu os ombros. Ele gostava da confissão, a oportunidade de falar com as pessoas, possivelmente aliviá-las do peso que sentiam. Ele podia contar em uma das mãos o número de vezes que lhe fora permitido ouvir confissões antes do sequestro, mas, desde então, houve situações em que várias

peessoas fizeram fila esperando para falar com ele. Talvez escolhesse considerar um pouco mais os pecados, se isso deixasse as pessoas mais tempo com ele.

— Sonhos são uma matéria do subconsciente. É um território obscuro. Mesmo assim, acho que seria melhor se o senhor me contasse. Então talvez eu possa ajudar.

Beatriz enfiou a cabeça pela porta, a pesada trança balançando contra a luz.

— Vocês já terminaram?

— Ainda não — respondeu o padre.

— Vai acabar logo?

— Vá brincar por um tempo. Falarei com você em seguida.

Brincar. Ele achava que ela era uma criança? Ela olhou para o grande relógio de Gen em seu pulso. Passavam dezesete minutos de uma hora. Ela entendia o relógio perfeitamente agora, embora ele a controlasse um pouco. Ela não podia passar mais de três minutos sem checar a hora, por mais que tentasse ignorar. Beatriz se deitou em um pequeno tapete oriental vermelho do outro lado da porta, onde o padre não pudesse vê-la mas ela conseguisse confortavelmente ouvir a confissão. Ela deslizou a ponta da trança para dentro da boca. Oscar Mendoza tinha uma voz possante como os próprios ombros, e era fácil de escutar, mesmo quando ele sussurrava.

— É mais ou menos o mesmo sonho toda noite. — Oscar Mendoza parou, sem ter certeza absoluta de querer falar algo tão medonho para um padre tão jovem. — Sonhos de uma violência terrível.

— Contra nossos sequestradores? — perguntou o padre calmamente.

Do lado de fora no saguão, Beatriz levantou a cabeça.

— Ah, não, nada do tipo. Eu queria que eles nos deixassem em paz, mas não desejo a eles qualquer violência em particular, pelo menos não na maior parte do tempo. Não, os sonhos que eu tenho são com minhas filhas. Eu volto para casa. Escapo daqui ou sou libertado, é diferente em cada sonho, e, quando chego em casa, está cheia de garotos. Parece uma espécie de colégio de garotos. Garotos de todos os tamanhos, com a pele clara, com a pele escura, alguns gordos, alguns magricelas. Eles estão por toda parte. Estão comendo o que há em minha geladeira e fumando cigarros na varanda da minha casa. Estão no banheiro, usando minha lâmina de barbear. Quando eu passo, eles levantam os olhos, me fitam de maneira insensível, como se realmente nada os incomodasse, e então voltam para o que quer que estivessem fazendo. Mas essa não é a parte terrível. Esses garotos, o que eles mais estão fazendo, eles estão... eles estão conhecendo as minhas filhas. Eles estão enfileirados do lado de fora dos quartos delas, até dos quartos das minhas duas pequenas. É uma coisa terrível, padre. De algumas portas, ouço risadas, e de outras, soluços, e começo a matar os garotos, um a um, desço até a entrada e quebro todos eles como se fossem palitos de fósforo. Eles nem se afastam de mim. Todos parecem muito surpresos logo antes de eu

quebrar seus pescoços com as mãos. — As mãos de Oscar estavam tremendo, e ele as cruzou e as pressionou entre os joelhos.

Beatriz tentou espiar discretamente para ver se aquele homem grande estava chorando. Ela achou que podia detectar um tremor na voz dele. Era esse tipo de coisa com que as outras pessoas sonhavam? Era isso o que confessavam? Ela checkou o relógio: uma e vinte da tarde.

— Ah, Oscar. Oscar. — O Padre Arguedas bateu no ombro dele. — É só a pressão. Não é pecado. Rezamos para nossas mentes não se voltarem para coisas terríveis, mas às vezes isso acontece e está além do nosso controle.

— Na hora parece muito real — disse Oscar e então adicionou relutantemente:

— Não estou tão infeliz nos sonhos. Sinto raiva, mas estou contente de matar os garotos.

Essa informação talvez fosse mais aflitiva.

— Então o que se pode fazer é aprender. Rezar pela força de Deus, pela Sua justiça. Então, quando chegar a hora de o senhor voltar para casa, seu coração vai estar em paz.

— Imagino que sim. — Oscar aquiesceu devagar, sem se sentir convencido. Ele percebia agora que o que queria não era que o padre o absolvesse, mas o confortasse, dizendo que eram impossíveis as coisas com que ele sonhava. Que suas filhas estavam seguras e sossegadas em casa.

O Padre Arguedas olhou para o outro homem bem de perto, curvou-se e disse, a voz exalando gravidade:

— Reze para a Virgem Maria. Três rosários. O senhor me entende? — Ele tirou seu próprio rosário do bolso e pressionou-o nas grandes mãos de Oscar.

— Três rosários — repetiu Oscar e, com certeza, sentiu uma folga na pressão que contraía seu peito assim que começou a se ocupar com as contas entre os dedos. Ele saiu da sala agradecendo ao padre. Pelo menos, se rezasse, estaria fazendo alguma coisa.

O padre ficou ainda alguns minutos rezando pelos pecados de Oscar Mendoza e, quando terminou, limpou a garganta e chamou:

— Beatriz, você se divertiu?

Ela esperou, secou a trança na manga e simplesmente rolou sobre a barriga de modo a olhar diretamente para a sala.

— Não sei o que você quer dizer.

— Não devia ficar escutando a confissão dos outros.

— Você é um prisioneiro — disse ela, mas sem muita convicção. Ela não devia apontar sua arma para um padre; em vez disso, apontou o dedo. — Tenho todo o direito de escutar o que vocês estão dizendo.

O Padre Arguedas se recostou na cadeira.

— Para ter certeza de que não estávamos aqui tramando matar você

enquanto estivesse dormindo.

— Exatamente.

— Agora venha e faça sua confissão. Você já tem o que confessar. Isso vai facilitar. — O Padre Arguedas estava blefando. Nenhum dos terroristas se confessava, embora muitos deles viessem à missa, e ele os deixava comungar do mesmo jeito. Ele achava que provavelmente era uma regra dos Generais, nada de confissão.

Mas Beatriz nunca havia se confessado na vida. Em sua aldeia, o padre aparecia sem muita regularidade, apenas quando sua agenda permitia. O padre era um homem muito ocupado, que servia a uma extensa região nas montanhas. Às vezes, passavam-se meses entre suas visitas e, então, quando ele vinha, seu tempo ficava ocupado não só com a missa, mas com batizados e casamentos, funerais, disputas de terras, comunhão. A confissão era guardada para os assassinos e os enfermos terminais, não para garotas desocupadas que não haviam feito nada pior do que beliscar as irmãs ou desobedecer às mães. Destinava-se aos muito crescidos e aos muito fracos e, para falar a verdade, Beatriz não se considerava nenhuma coisa nem outra.

O Padre Arguedas estendeu a mão e falou com ela em um tom extremamente gentil. Na realidade, era o único que falava com ela nesse tom.

— Venha aqui — disse. — Vou facilitar as coisas para você.

Era tão simples ir até ele, sentar-se na cadeira. Ele pediu que ela abaixasse a cabeça; depois, colocou as mãos sobre o cabelo dela e começou a rezar. Ela não ouviu a prece. Apenas algumas palavras aqui e acolá, palavras lindas, *pai, abençoada e perdão*. Era uma sensação tão prazerosa, o peso das mãos dele em sua cabeça. Quando o padre finalmente tirou a mão, depois do que pareceu ser um tempo bem longo, ela se sentiu deliciosamente leve, liberta. Levantou o rosto e sorriu para ele.

— Agora você pode se lembrar dos seus pecados — disse ele. — Em geral, deve fazer isso antes de vir. Primeiro, deve rezar a Deus para dar a coragem para se lembrar dos seus pecados e a coragem para aliviá-los. E depois, quando vier ao confessionário, você diz: “Peço que me perdoe, padre, porque eu pequei. Esta é minha primeira confissão.”

— Peço que me perdoe, padre, porque eu pequei. Esta é minha primeira confissão.

O Padre Arguedas esperou por uns instantes, mas Beatriz continuou somente sorrindo para ele.

— Agora você me conta seus pecados.

— Quais são eles?

— Bem — disse ele —, para começar, você ouviu a confissão do Sr. Mendoza quando você sabia que era errado.

Beatriz balançou a cabeça.

— Isso não foi pecado. Eu já disse, estava fazendo meu trabalho.

O Padre Arguedas colocou as mãos nela, nos ombros dessa vez, o que teve o mesmo efeito maravilhosamente calmante.

— Quando você está se confessando, deve dizer a verdade absoluta. Você está dizendo aquela verdade para Deus através de mim e eu nunca direi nada a outra alma viva. Tudo o que é dito aqui fica entre você, eu e Deus. É um rito sagrado e você nunca, nunca deve mentir quando se confessar. Você entende isso?

— Entendo — murmurou Beatriz. Ele tinha o rosto mais bonito de todas as pessoas dali, mais bonito até do que o de Gen, de quem antes ela tinha gostado um pouquinho. Todos os outros reféns eram velhos, os garotos da tropa eram muito novos e os Generais eram os Generais.

— Reze — disse o padre. — Pense no que falei e tente entender com convicção.

Porque ela gostava do padre, tentou seguir o que ele dizia. Com a sensação das mãos dele nos ombros, fechou os olhos e rezou, e subitamente lhe pareceu muito claro. Sim, ela sabia que não devia escutar às escondidas. Foi uma sensação como se pudesse ver através dos olhos fechados, e isso a deixou feliz.

— Eu confesso que escutei a confissão. — Tudo o que ela precisou fazer foi falar, e lá se foi o pensamento, fluindo para fora dela. Não era mais seu pecado.

— E o que mais?

Algo mais. Ela pensou novamente. Encarou com força a escuridão dos olhos fechados, o lugar onde sabia que os pecados se empilhavam como lenha, seca e pronta para o fogo. Havia algo mais, muito mais. Ela começou a ver tudo. Mas era demais, e ela não sabia como nomeá-los, como transformar tantos pecados em palavras.

— Eu não devia ter apontado a arma — disse ela finalmente, porque não havia maneira de nada daquilo fazer sentido. Ela sentia que, mesmo que ficasse para sempre ali, nunca seria capaz de confessar todos os pecados. Não que ela tivesse a intenção de parar de fazer alguma daquelas coisas. Ela não podia parar. Não lhe seria permitido e nem ela queria. Ela podia ver seus pecados agora e sabia que continuaria cometendo-os cada vez mais.

— Deus a perdoa — disse o padre.

Beatriz abriu os olhos e piscou para o padre.

— Então eles vão embora?

— Você vai ter que rezar. Você vai ter que se arrepender.

— Isso eu posso fazer. — Talvez essa fosse a resposta, um tipo de ciclo de pecar e se arrepender. Ela podia vir todo sábado, talvez até mais frequentemente, e ele continuaria fazendo Deus a perdoar. Assim, ela ficaria livre para ir para o Céu.

— Eu quero que você faça umas orações agora.

— Eu não sei oração alguma de cor.

O Padre Arguedas assentiu.

— Podemos rezar juntos. Posso ensinar as palavras para você. Mas, Beatriz, preciso que você seja gentil, prestativa. Isso faz parte da penitência. Eu quero que você tente só por hoje.

* * *

Carmen estava no salão, mas o General Hector também estava, assim como meia dúzia dos garotos maiores. Quatro rapazes jogavam baralho e o restante assistia. Eles tinham enfiado as facas na mesa onde jogavam, algo que deixara o Vice-Presidente à beira de um ataque de nervos. A mesa era uma peça do início do século XIX, entalhada a mão por artesãos espanhóis que nunca poderiam prever que algum dia o tampo de madeira polida seria usado para espetar as facas, como se fossem os espinhos de um porco-espinho. Gen passou por eles lentamente. Ele não ousava tentar capturar o olhar de Carmen. Tudo o que podia fazer era esperar que ela o visse e tivesse a ideia em segui-lo. Gen parou e conversou com Simon Thibault, que estava estirado em um sofá próximo, lendo *Cem anos de solidão* em espanhol.

— Vou levar a vida inteira para ler este livro — disse Thibault em francês.

— Talvez cem anos. Pelo menos sei que tenho tempo.

— Quem diria que ser sequestrado parecesse tanto com ir à universidade?

— disse Gen.

Thibault riu e virou a página. Será que ela os ouvira conversando? Será que ela o vira se afastando? Ele entrou na cozinha, que felizmente estava vazia, deslizou para o do closet de louças, e esperou. Todas as vezes que ele tinha entrado no closet de louças, Carmen já estava lá, esperando por ele. Ele nunca estivera lá dentro sozinho, e a visão de todos aqueles pratos empilhados acima de sua cabeça enchia seu coração com amor por Carmen. Pratos nos quais duas pessoas podiam jantar por um ano sem nunca ter que lavar louça. Nunca havia um minuto sozinho, um minuto no qual ninguém estivesse lhe pedindo para falar alguma coisa. Sua cabeça estava sempre ocupada com os sentimentos de outras pessoas, que os expressavam de forma exagerada; mas agora ele desfrutava de um silêncio total e podia imaginar Carmen sentada perto dele, as pernas longas e delgadas cruzadas, enquanto ele conjugava verbos. Ela havia lhe pedido um favor, e agora ele iria lhe pedir auxílio. Juntos eles ajudariam o Sr. Hosokawa e a Srta. Coss. Normalmente, ele diria que a vida privada do patrão de alguém não era de jeito algum de sua conta — mas ninguém podia mais fingir que estavam em uma situação normal. Ele não conseguia pensar na Sra. Hosokawa nem na

Nansei nem no Japão. Essas coisas haviam ficado tão para trás que era quase impossível acreditar que elas já tinham existido. O que ele acreditava estava neste closet de louças, molheiras e sopeiras, torres de pratos de bolo. Ele acreditava nesta noite. Ele ficou impressionado de ter procurado Carmen antes, de não ter ido falar primeiro com o Sr. Hosokawa, que provavelmente ainda estaria jogando xadrez com Ishmael. Ele não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo, e finalmente se sentia assentado, sentiu o chão da cozinha duro e frio embaixo de seu traseiro, sentiu a leve dor em suas costas. Ele estava aqui, só aqui, neste país que não conhecia, esperando pela garota a quem ensinava e amava, esperando para ajudar o Sr. Hosokawa, a quem também amava. Lá estava Gen, que passara do estado de não amar ninguém para o estado de amar duas pessoas.

Sem o relógio, ele não sabia quanto tempo tinha se passado. Ele nem conseguia mais adivinhar. Cinco minutos pareciam durar tanto quanto uma hora. *L'amour est un oiseau rebelle que nul ne peut apprivoiser; et c'est bien en vain qu'on l'appelle, s'il lui convient de refuser.* Ele apenas disse as palavras para si mesmo, murmurando de leve. Ele desejava saber cantá-las, mas Gen não sabia cantar.

E então Carmen chegou, vermelha como se tivesse corrido, quando na verdade andara até a cozinha tão devagar quanto fosse possível. Ela fechou a porta atrás de si e afundou no chão.

— Achei que era isso que você queria — sussurrou, colada ao lado dele como se estivesse frio. — Achei que você estaria esperando por mim.

Gen pegou as mãos dela, tão pequenas. Como ele chegara a pensar que ela era apenas um garoto bonito?

— Preciso pedir uma coisa. — *O amor é um pássaro rebelde que ninguém pode domar*, ele pensou novamente e a beijou.

Ela retribuiu o beijo, tocou o cabelo dele, cujo brilho e peso ela considerava uma fonte interminável de fascinação.

— Não quis me levantar logo. Achei que devia esperar um tempo antes de seguir você.

Ele a beijou. Havia uma lógica tão incrível em um beijo, uma atração tão intensa entre duas pessoas, como a de um metal e um ímã, que era incrível eles encontrarem forças para evitar sucumbirem a cada segundo. Para ser justo, o mundo deveria ser um redemoinho de beijos, no qual nós mergulhávamos e nunca encontrávamos a disposição para sair.

— Roxane Coss veio falar comigo. Ela disse que quer que você durma em outro lugar hoje e não lhe leve o café da manhã.

Carmen o empurrou, mantendo uma das mãos em seu peito. Roxane Coss não queria que ela levasse o café da manhã?

— Eu fiz algo de errado?

— Ah, não — disse Gen. — Ela gosta muito de você. Ela me disse. — Ele a enlaçou, e ela respirou no ombro dele. Então era assim, ser um homem com uma mulher. Isso era o que Gen havia perdido, por mais que tivesse traduzido em tantas línguas.

— Você tinha razão, sobre o que você achava, os sentimentos dela pelo Sr. Hosokawa. Ela quer ficar com ele hoje à noite.

Carmen levantou a cabeça.

— Como ele vai subir?

— Roxane quer que você os ajude.

Gen vivia uma vida e, nesta vida, ele era sempre um prisioneiro e seus amigos eram os outros prisioneiros. E, embora ele amasse Carmen e se desse bem com alguns dos terroristas, nunca se confundiu e pensou em entrar para a LFDMS. Mas para Carmen era diferente. Ela claramente tinha duas vidas. Ela treinava suas flexões de manhã e fazia a inspeção. Ela portava o rifle carregado. Mantinha uma faca para desossar na bota e sabia como usá-la. Ela obedecia às ordens. Ela era, como lhe fora explicado, parte de uma força que provocaria transformações. Mas ela também era a garota que ia para o closet de louças à noite, que estava aprendendo a ler em espanhol e que já podia dizer várias frases em inglês. *Good morning. I am very well, thank you. Where is the restaurant?* Em algumas manhãs, Roxane Coss a deixava subir nos lençóis incrivelmente macios de sua grande cama, a deixava fechar os olhos por alguns minutos e fingir que lá era seu lugar. Então ela fantasiava que era uma das prisioneiras, que vivia em um mundo com tantos privilégios que não havia nada pelo que lutar. Mas, por mais que os dois lados se dessem bem, sempre haveria dois lados e, quando ela ia de um para outro, estava na realidade ultrapassando uma fronteira. Ou ela dizia a Gen que não podia levar o Sr. Hosokawa para cima, e nesse caso ela desapontaria Gen, o Sr. Hosokawa e a Srta. Coss, que sempre foram tão gentis com ela, ou ela dizia que podia, e nesse caso quebrava cada juramento que fizera para seu grupo e se arriscava a uma punição que nem podia imaginar. Se Gen compreendesse alguma coisa a respeito disso, ele nunca lhe teria feito tal pedido. Para ele, era simplesmente uma questão de ajudar, de ser amigo. Era como se ele só quisesse pegar um livro emprestado. Carmen fechou os olhos e fingiu estar cansada. Ela rezou para Santa Rosa de Lima.

— Santa Rosa, peço que me guie. Santa Rosa, ilumine-me.

Ela apertou os olhos fechados e implorou pela mediação da única santa que conhecia pessoalmente, mas uma santa é de muito pouca ajuda quando se trata de infiltrar um homem casado para dentro do quarto de uma cantora de ópera. Nessa questão, Carmen estava sozinha.

— Claro — sussurrou Carmen, os olhos ainda fechados, a orelha pressionada nas batidas estáveis do coração de Gen. A mão dele acariciou-lhe o cabelo, mais e mais uma vez, da maneira como a mãe dela fazia quando Carmen era uma

criança e estava com febre.

* * *

Na mansão da vice-presidência, nenhum dos refêns, nem mesmo o próprio Ruben Iglesias, conhecia a casa tão bem quanto os membros da LFDMS. Parte do trabalho diário do grupo era a memorização das janelas, assim como quais delas eram largas o suficiente para pular. Eles calculavam as quedas, faziam uma estimativa dos danos nos próprios ossos. Cada um sabia o comprimento dos corredores, os cômodos de onde podiam atirar sem obstáculos para o lado de fora, as maneiras mais rápidas de atingir o telhado, o jardim. Então, naturalmente, Carmen sabia que havia uma escada nos fundos do corredor perto da cozinha que dava para os quartos dos empregados, e que no quarto onde Esmeralda dormia havia uma porta que dava para os aposentos das crianças, e que a sala das crianças tinha uma porta que se abria para o corredor principal do segundo andar, e que esse corredor levava ao quarto onde Roxane Coss dormia. Claro, outras pessoas também dormiam no segundo andar. Os Generais Benjamin e Hector tinham quartos naquele pavimento. (O General Alfredo, o que dormia pior, conseguia descansar um pouco na suíte de hóspedes do primeiro andar.) Vários garotos dormiam no segundo andar e nem sempre no mesmo lugar, e essa era a razão pela qual Carmen escolheu dormir no corredor do lado de fora do quarto de Roxane Coss, apenas no caso de um desses garotos acordar no meio da noite e agir de maneira descuidada. Carmen usava esse caminho para o closet de louças todas as noites, os pés calçados com meias silenciosamente caminhando sobre o chão de madeira polida. Ela sabia a localização de cada tábua que rangia, conhecia cada pessoa que tinha sono leve. Ela sabia como se esgueirar pelas sombras quando alguém virava no corredor em direção ao banheiro. Ela podia deslizar por aquele chão de maneira tão silenciosa quanto uma lâmina desenhando no gelo. Carmen era treinada, uma especialista em manter o silêncio. Assim, ela podia sentir a profundidade da habilidade do Sr. Hosokawa em ser silencioso. Graças a Deus, Roxane Coss não havia se apaixonado por um dos russos. Ela duvidava que eles conseguissem subir as escadas sem parar para fumar um cigarro e contar pelo menos uma história em voz alta que ninguém conseguiria entender. Gen iria trazer o Sr. Hosokawa para o corredor de trás às duas da manhã, e ela o guiaria até o quarto de Roxane Coss. Duas horas mais tarde, ela viria buscá-lo no corredor para levá-lo de volta. Eles não diriam nada um para o outro, mas essa parte era muito fácil. Mesmo que nesse caso fossem aliados, não havia como se falarem.

Uma vez que os planos estavam prontos, Carmen deixou Gen a fim de assistir à televisão com os soldados. Lá, ela viu a reprise de um capítulo de *A*

história de Maria. Maria havia ido para a cidade para procurar o amante, que ela tinha mandado embora. Ela andava pelas ruas apinhadas de gente com sua maleta na mão, e, em cada esquina, estranhos espreitavam das sombras, tramando arruiná-la. Todo mundo no escritório do Vice-Presidente chorava. Carmen estava jogando damas quando o programa terminou e ela ajudou com a lista de suprimentos e se ofereceu para cobrir a vigilância do turno da tarde se alguém estivesse cansado. Ela seria exemplarmente prestativa e participaria de todas as atividades de bom grado. Não queria ver Gen, o Sr. Hosokawa ou Roxane Coss, por medo de enrubescer e se entregar, por medo de ficar zangada com eles por terem pedido tanto a ela.

* * *

Até que ponto uma casa sabe daquilo que ocorre em seu interior? Podia não ter havido um único comentário sobre os outros, mas ainda assim havia uma ligeira tensão no ar, uma eletricidade indefinida que fazia os homens levantarem as cabeças, olharem para os lados e não encontrarem nada. O jantar composto de peixe salgado e arroz não caiu bem e, um após outro, todos colocaram suas porções inacabadas na mesa e se afastaram. Kato tocou Cole Porter no piano, e a noite caiu, em sua luz suave e azul. Talvez fosse o tempo bom, a irritação de mais uma vez não poderem andar do lado de fora. Meia dúzia de homens estavam parados perto da janela aberta e tentavam respirar o ar da noite à medida que a escuridão se instalava, tirando pouco a pouco a visão do jardim florido. Ouviam motores distantes do outro lado do muro, carros que possivelmente estariam a quarteirões de distância daquela rua, e por um momento os homens na janela se lembraram de que havia um mundo lá fora — e com a mesma rapidez deixaram esse pensamento fugir de suas mentes.

Roxane Coss havia ido cedo para a cama. Como Carmen, ela não queria mais estar lá embaixo, uma vez que tinha tomado a decisão. O Sr. Hosokawa estava sentado ao lado de Gen na namoradeira perto do piano.

— Diga de novo para mim — pediu ele.

— Ela quer ver o senhor hoje à noite.

— Foi isso o que ela disse?

— Carmen vai guiar o senhor até o quarto dela.

O Sr. Hosokawa olhou para as mãos. Eram mãos de um velho. As mãos de seu pai. Suas unhas estavam compridas.

— É muito estranho que Carmen saiba disso. Que você saiba.

— Não havia outro jeito.

— E se for perigoso para a garota?

— Carmen sabe o que está fazendo — disse Gen. Perigoso? Ela descia as

escadas toda noite para ir ao closet de louças. Ele não pediria que ela fizesse algo que não fosse seguro.

Lentamente, o Sr. Hosokawa balançou a cabeça em concordância. Ele tinha a nítida sensação de que o salão estava balançando, de que o salão havia se transformado em um barco em um mar revolto. Ele havia parado de pensar no que mais queria há tantos anos, talvez até quando ainda era criança. Ele se disciplinara para somente querer o que fosse possível ter: uma indústria enorme, uma família produtiva, o entendimento de música. E agora, alguns meses depois de seu aniversário de cinquenta e três anos, em um país que nunca havia visto de verdade, sentiu um desejo em seu íntimo mais profundo, o tipo de desejo que só pode vir quando a coisa que você quer está muito perto de você. Quando era criança, sonhava com amor, não apenas em testemunhá-lo, da maneira como o via na ópera, mas em senti-lo. Mas isso, ele decidira, era uma loucura. Era querer demais. Para essa noite, ele desejava pequenas coisas, a oportunidade de tomar um banho quente, uma muda de roupa apresentável, um presente para levar, pelo menos algumas flores, mas então o salão balançou ligeiramente na outra direção e ele abriu as mãos e tudo aquilo lhe escapou e ele não queria mais nada. Ele havia sido convidado a ir ao quarto dela às duas da manhã e, diante disso, não havia mais nada no mundo para se querer, nada.

Quando chegou a hora de dormir, o Sr. Hosokawa se deitou esticado de costas e olhou o relógio com a luz brilhante da lua. Ele estava com medo de cair no sono, mas sabia que nunca pegaria no sono. Ele admirou Gen, que tinha respirações serenas, uniformes, no chão a seu lado. O que ele não sabia era que Gen acordava toda noite às duas da manhã, com tanta regularidade quanto um bebê despertando com fome, e deslizava para fora do salão sem sequer ser notado. O Sr. Hosokawa observava a ronda dos guardas da noite, Beatriz e Sergio, e fechava as pálpebras sempre que eles chegavam perto. Os dois pararam para olhar certos membros do grupo dormindo. Sussurraram um para o outro e aquiesceram. À uma da manhã, haviam desaparecido, exatamente da maneira como Gen disse que eles fariam. Este era o mundo da noite, do qual ele não conhecia nada. O Sr. Hosokawa podia sentir as temporadas pulsando, os pulsos, o pescoço. Esticou as pontas dos pés. Estava na hora. Ele estivera dormindo por uma eternidade. Ele estivera morto. Agora estava vivo, súbita e completamente.

Às cinco para as duas, Gen se sentou como se um alarme tivesse tocado. Ele se levantou, olhou para o patrão, e juntos cruzaram o salão, apoiando os pés delicadamente no chão, entre os amigos e os conhecidos que dormiam. Lá estavam os argentinos. Lá estavam os portugueses. Os alemães dormiam perto dos italianos. Os russos estavam seguros na sala de jantar. Lá estava Kato, as adoráveis mãos cruzadas sobre o peito, os dedos se mexendo quase imperceptivelmente no sono, como um cão sonhando com Schubert. Lá estava o padre, deitado de lado, ambas as mãos embaixo de um lado do rosto. Espalhados

entre eles havia um punhado de soldados, deitados de costas como se o sono fosse um carro que os houvesse atingido até a morte, os pescoços torcidos para o lado, as bocas escancaradas, os rifles repousando nas mãos abertas como frutas maduras.

Carmen estava aguardando em um corredor perto da cozinha, exatamente como Gen disse que ela estaria, o cabelo escuro preso em uma trança, os pés descalços. Ela olhou para Gen primeiro, e ele tocou o ombro dela de leve em vez de falar, e tudo ficou entendido entre os três. Não fazia sentido esperar, já que a espera só faria piorar. Carmen gostaria de estar no closet de louças agora, as pernas cruzadas no colo de Gen, lendo em voz alta o parágrafo do exercício que ele escrevera para ela, mas ela havia feito uma escolha. Ela havia concordado. Ela fez uma rápida oração para a santa, que a ignorava agora, e fez o sinal da cruz rápida e delicadamente, como se fosse um beija-flor a tocá-la quatro vezes. Então, ela se virou e atravessou o corredor, o Sr. Hosokawa se movendo silenciosamente atrás dela. Gen os observou enquanto eles se viraram, sem nunca ter percebido que era pior ser deixado para trás.

Quando chegaram à escada estreita, em espiral, cujos degraus eram de material barato e só serviam para levar os criados de um andar para o outro, Carmen se voltou e olhou para o Sr. Hosokawa. Ela se abaixou e tocou o tornozelo dele e depois tocou o próprio; colocou os pés de ambos juntos e, quando se levantou, ele fez um movimento com a cabeça para ela. Estava muito escuro e, quanto mais subiam as escadas, mais escuro ficava. As preces dela nunca haviam falhado completamente. Ela tentou acreditar que isso era apenas uma lição, um atraso necessário e que, se eles fossem pegos, ela não ficaria sozinha para sempre.

Tudo o que o Sr. Hosokawa podia ver agora era a silhueta das costas estreitas de Carmen. Ele tentou fazer o que ela tinha lhe mostrado, colocar o pé exatamente no lugar onde o pé dela pisava, mas ele não conseguia deixar de pensar como ela era menor do que ele. Ele tinha emagrecido com o cativeiro e, enquanto subia as escadas, ficou grato por cada quilo perdido. Ele prendeu a respiração e escutou. Na verdade, eles estavam silenciosos. Ele nunca ficou tão consciente da completa ausência do som. Ele não havia subido escadas nos meses em que estivera dentro da casa, e esse ato agora parecia corajoso e ousado. Como era bom subir! Como ele estava feliz de finalmente poder se arriscar. Quando chegaram ao topo, Carmen empurrou a porta, abrindo-a com as pontas dos dedos, e um pouco de luz bateu em seu rosto, uma certeza de que pelo menos parte da viagem estava para trás agora. Ela se virou e sorriu para ele. Era uma garota linda. Era a própria filha dele.

Eles avançaram no corredor estreito até o quarto da babá e, quando ela abriu aquela porta, ouviram um leve ruído. Não foram eles que fizeram barulho, o breve ruído viera da porta. Também havia alguém na cama. Isso não acontecia

com frequência. A garota que cuidava das crianças tinha a cama menos confortável em toda a casa e raramente alguém dormia lá, mas aconteceu, nessa noite aconteceu. Carmen colocou a mão contra o peito do Sr. Hosokawa para que pudessem esperar um minuto até o quarto se esquecer do som que a porta havia feito. Ela sentia o coração dele bater tão nitidamente que era como se ela o estivesse segurando na mão. Carmen inspirou profundamente e esperou; depois acenou com a cabeça sem olhar para trás e moveu um pé para frente. Talvez isso fosse difícil, mas não era impossível. Não era nada comparado a invadir a mansão pelos dutos do ar-condicionado. Houve outras noites em que ela encontrara pessoas dormindo nessa cama.

Era Beatriz. Ela havia se deitado no meio da noite em que montava guarda. Todos faziam isso. Carmen certamente fazia. Era tempo demais para se manter acordado. Sergio estaria em algum outro quarto, mergulhado em um sono pesado e culpado. Beatriz não usava cobertor e mantinha as botas calçadas. Dormindo, havia abraçado o rifle como a uma criança. O Sr. Hosokawa tentou fazer os pés se moverem para a frente, mas agora ele estava com medo. Fechou os olhos e pensou em Roxane Coss, pensou no sentimento e tentou fazer uma oração para o amor e, quando abriu os olhos, Beatriz sentou-se na cama e rapidamente ergueu a arma. Com a mesma rapidez, Carmen se colocou entre eles. De duas coisas o Sr. Hosokawa tinha certeza: Beatriz apontou o rifle para ele e Carmen se colocou na frente da arma. Ela foi até Beatriz, que devia ser sua amiga, a única outra garota em uma tropa de tantos homens, e a agarrou e a segurou apertado, deixando o rifle apontado para o teto.

— O que você está fazendo? — sibilo Beatriz. Até ela sabia que essa era uma situação que exigia silêncio. — Afaste-se de mim.

Mas Carmen a segurou. Ela praticamente caiu em cima da outra, tão amedrontada e tão estranhamente aliviada agora que havia sido pega.

— Não conte a ninguém — sussurrou ela no ouvido da garota.

— Você trouxe o japonês para o segundo andar? Você está encrencada! — Beatriz lutou e viu que Carmen era mais forte do que imaginava. Ou talvez fosse porque ela estava dormindo tão profundamente. Dormindo quando devia estar em vigilância, o que talvez Carmen quisesse contar também.

— Shh — fez Carmen. Ela enterrou o nariz no cabelo solto onde a trança de Beatriz havia sido desfeita durante o sono e continuou segurando-a forte. Por um segundo, ela se esqueceu do Sr. Hosokawa; eram apenas as duas, apenas este problema imediato. Ela sentia as costas de Beatriz ainda quentes por causa da cama, e o tambor frio da arma pressionando seu rosto e, embora não tivesse pensado em pedir ajuda, ouviu a querida voz de Santa Rosa de Lima dizer:

— Conte a verdade.

— Ele está apaixonado pela cantora de ópera — disse Carmen. Ela não se importava com os segredos agora. Sua única esperança era fazer o que fora

pedido. — Eles queriam ficar juntos sozinhos.

— Você podia ser morta por causa disso — disse Beatriz, embora achasse que isso provavelmente não fosse acontecer.

— Peça que me ajude — pediu Carmen. Ela queria dizer isso apenas para a santa, mas, em seu desespero, as palavras lhe escorregaram da boca. Beatriz pensou por um momento estar ouvindo a voz do padre. Ele a havia perdoado. Ele a havia instruído que fosse caridosa. Ela pensou nos próprios pecados e na oportunidade de perdoar os pecados dos outros e levantou o que podia do braço preso e o colocou levemente nas costas de Carmen.

— Ela ama esse homem? — perguntou Beatriz.

— Eu virei buscá-lo daqui a duas horas.

Beatriz mudou de posição nos braços de Carmen e nesse momento a outra a soltou. Ela mal podia ver o rosto de Carmen. E não estava totalmente certa de que era o Sr. Hosokawa naquela escuridão. Ele a havia ensinado a ver as horas. E sempre sorria para ela. Uma vez, quando chegaram à porta da cozinha ao mesmo tempo, ele se curvou para ela. Beatriz fechou os olhos, procurou na escuridão por sua própria pilha de pecados.

— Eu não vou contar — sussurrou ela. E de novo, pela segunda vez no dia, sentiu uma leveza, como se um tanto de peso tivesse sido retirado de seu corpo.

Carmen beijou seu rosto. Ela estava cheia de gratidão e sentiu pela primeira vez que tinha sorte. Então voltou a entrar nas sombras. Beatriz tinha a intenção de conseguir uma promessa dela em troca, a de que Carmen não contaria que a havia visto dormindo, mas é claro que ela não contaria, ela não poderia fazer isso. Beatriz se deitou de novo na cama, embora não quisesse, e em um minuto estava dormindo e todo aquele assunto tinha acabado tão rápido quanto havia começado.

Nos aposentos das crianças, em uma tomada baixa na parede, ainda brilhava uma luz noturna em formato de lua, iluminando algumas bonecas solitárias. Passando por essa sala e pelo banheiro contíguo, que tinha uma banheira de porcelana branca maior do que algumas canoas nas quais Carmen já tinha andado, eles chegaram ao corredor principal, onde a casa se tornava novamente a casa que eles conheciam, ampla, graciosa e grandiosa. Carmen guiou o Sr. Hosokawa até a terceira porta e então parou. Ali era onde ela dormia na maioria das noites, durante o pouco tempo que dormia. Estava segurando a mão dele desde que ela o vinha guiando para longe de Beatriz e continuava segurando agora. Parecia que tinham percorrido um longo caminho, mas os filhos do Vice-Presidente podiam ir do quarto da mãe, passar pela sala das crianças, cortar caminho pelo quarto de Esmeralda e descer as escadas de trás para a cozinha em bem menos de um minuto, muito embora já houvessem lhes dito para nunca correrem dentro de casa. Carmen gostava do Sr. Hosokawa. Ela desejava poder dizer-lhe isso; todavia, se ela soubesse sua língua, não teria

coragem. Em vez disso, apertou a mão dele uma vez e depois a soltou.

O Sr. Hosokawa se inclinou para ela, o rosto apontando para os joelhos, e se manteve nessa posição por um tempo que pareceu a Carmen longo demais. Então ele se levantou novamente e abriu a porta.

Havia uma janela alta no corredor de cima, e a escadaria principal estava inundada com a luz brilhante da lua, mas Carmen não pegou a escada da frente. Ela fez o percurso por trás, através da sala das crianças e do quarto onde Beatriz dormia profundamente. Carmen parou para tirar os dedos de Beatriz do gatilho do rifle. Encostou a arma na parede e puxou uma colcha até os ombros da garota. Ela esperava que Beatriz não decidisse contar o que se passara quando acordasse ou, melhor ainda, que pensasse que tudo não passara de um sonho. Descendo as escadas da cozinha, Carmen sentiu um tipo diferente de batida forte em seu coração. Ela imaginou Roxane Coss do outro lado da porta, ansiosa com toda a espera. Ela imaginou o Sr. Hosokawa, silencioso e digno, tomando-a nos braços. A doçura daquele toque, a segurança dentro do abraço, Carmen levantou a mão até a fina linha de suor na nuca. Ela estava quieta, e os degraus vinham mais rápido agora, quatro, três, dois, um — finalmente ela chegou ao corredor e à cozinha. Escorregou para parar bem dentro do maravilhoso mundo do closet de louças, onde Gen estava sentado no chão, um livro fechado nos joelhos. Quando ele olhou para cima, ela levou os dedos aos lábios. Tanto brilho no rosto dela, as faces rubras, os olhos arregalados. Como ela se virou, é claro que ele se levantou e a seguiu.

Quanta sorte uma pessoa pode ter em uma noite? Ela vem em uma cota limitada, como leite em uma garrafa, e quando um tanto já foi entornado, então quanto sobra? Ou a sorte é uma questão de dia e, no dia em que você tem sorte, você é ilimitadamente sortudo? Se fosse o primeiro caso, então certamente Carmen já havia despendido toda a sua sorte levando o Sr. Hosokawa em segurança para o quarto de Roxane Coss. Mas, se fosse o segundo caso, e no seu íntimo ela sentia que essa era a verdade, então esta era sua noite de sorte. Se todos os santos no Céu a estavam guardando agora, sua sorte deveria continuar por mais algumas horas. Carmen pegou a mão de Gen e o guiou pela cozinha e para o portão de trás, onde ele nunca havia estado. Ela abriu a porta, simplesmente colocando a mão na maçaneta, e juntos ganharam a noite.

Olhe para esta noite: a lua, um holofote tingindo o que uma vez havia sido um jardim arrumado, a luz da lua derramando-se como água por cima do muro de reboco. O ar estava impregnado do aroma das grossas trepadeiras de jasmim e dos lírios da noite que há muito tinham terminado seu trabalho e se fechado para o dia. A grama estava alta, passando dos tornozelos e roçando forte nas panturrilhas, e fazia um chiado enquanto eles andavam; eles pararam para apreciar as estrelas, esquecendo-se de que estavam bem no meio do quarteirão de uma cidade. Não havia mais do que meia dúzia de estrelas para serem

apreciadas.

Carmen ia lá fora com frequência. Até na chuva, ela ia todos os dias, para cumprir seu turno de vigilância ou apenas para esticar as pernas. Para Gen, porém, a noite parecia um milagre, o ar e o céu, a suave pressão da grama sob o calcanhar. Ele estava de volta ao mundo, e o mundo parecia ser, naquela noite, um lugar incompreensivelmente belo. Apesar daquela visão tão limitada que lhe era oferecida, ainda assim ele podia jurar que o mundo era lindo.

Por toda sua vida, Gen se lembraria dessa noite de duas maneiras bem diferentes.

Primeiro, ele iria imaginar o que não fez:

Nessa versão, ele pega a mão de Carmen e a leva para além do portão no final do caminho da frente da casa. Há militares do outro lado do muro, mas eles também são jovens e estão dormindo. Assim, lado a lado, Carmen e Gen passam pelos soldados e simplesmente adentram a capital do país anfitrião. Ninguém os conhece para pará-los. Eles não são famosos e ninguém se importa com eles. Eles vão ao aeroporto, pegam um voo de volta para o Japão e vivem lá, juntos, felizes para sempre.

Depois, ele vai recordar exatamente o que aconteceu:

Não lhe ocorreu sair, assim como não ocorre a um cachorro sair, uma vez que fora treinado para ficar no jardim. Ele apenas se sente abençoado pela pouca liberdade que lhe é dada. Carmen pega a mão dele e juntos caminham para o lugar onde Esmeralda costuma fazer piqueniques com os filhos do Vice-Presidente, um lugar onde o muro faz uma curva para trás e proporciona um espaço reservado, de grama e árvores delgadas, do qual não se avista a casa claramente. Carmen o beija, e ele a beija, e desse momento em diante, ele nunca mais conseguirá separar o cheiro dela do cheiro da noite. Eles estão afundados na viçosa grama alta, em uma parte do jardim que é coberta por sombras feitas pelo muro, e Gen não consegue ver nada. Mais tarde, ele se lembraria de que seu amigo, o Sr. Hosokawa, estava dentro da casa no segundo andar, na cama com a cantora, mas, naquela noite, ele não pensa neles. Carmen tirou o casaco, embora houvesse um vento frio. Ela desabotoa a camisa dele, enquanto ele cobre os seios dela com as mãos. No escuro, eles não são eles mesmos. Eles se sentem seguros. Gen a puxa para baixo, e ela o puxa para cima. Eles desafiam a gravidade em sua lenta queda para a terra. Nenhum dos dois está de sapatos e suas calças, naquela altura largas demais para eles, deslizam de seus corpos, trazendo aquela sensação, o primeiro toque de luxúria no contato de pele com pele.

Às vezes, Gen vai parar sua lembrança ali.

A pele dela, a noite, a grama, estar do lado de fora e então estar dentro de Carmen. Ele não sabe querer mais porque nada em sua vida tem sido tanto quanto o que tem agora. No momento em que ele poderia estar levando-a

embora, ele a estava puxando para mais perto. O cabelo dela estava enrolado no pescoço dele. Naquela noite, ele pensa que ninguém nunca tivera tanto e apenas mais tarde ele saberá que deveria ter pedido mais. Os dedos dele deslizam por dentro das suaves ondulações entre as costelas dela, as delicadas cavidades esculpidas pela fome. Ele sente os dentes dela, toma sua língua. Carmen, Carmen, Carmen, Carmen. No futuro, ele tentará dizer o nome dela o quanto puder, mas não vai conseguir.

* * *

Do lado de dentro, a casa dormia, hóspedes e guardas, e ninguém sabia a diferença. No andar de cima, o japonês e sua amada soprano na cama; no lado de fora, sob as estrelas, o intérprete e Carmen; ninguém deu pela falta de qualquer um deles. Somente Simon Thibault estava acordado, e ele havia acordado por ter sonhado com Edith, sua esposa. Quando despertou totalmente e pôde ver onde estava, e se lembrou de que a esposa não estava com ele, começou a chorar. Tentou se controlar, mas, por outro lado, ele podia vê-la com tanta nitidez! No sonho, eles estavam na cama. Estavam fazendo amor e, nesse amor, cada um dissera gentilmente o nome um do outro. Quando acabou, Edith havia se sentado no emaranhado de cobertas e enrolado a echarpe azul em volta dos ombros dele para mantê-lo aquecido. Agora, Simon Thibault enterrava o rosto naquela echarpe, mas o choro só veio mais tarde. Nada que ele pudesse pensar interromperia seu pranto e, depois de um tempo, ele nem tentou.

De manhã, tudo estava nos seus devidos lugares. O sol despejava seus raios através das janelas e cobria o tapete com uma série de manchas irregulares. Do lado de fora, os pássaros assobiavam e cantavam. Dois dos rapazes, Jesus e Sergio, andavam ao redor da casa, as botas pesadas de orvalho, os rifles levantados. Se estivessem em casa, talvez atirassem em um ou outro pássaro, mas aqui isso era Estritamente Proibido a Não Ser Que Seja Absolutamente Necessário. Os pássaros passavam por eles como flechas, as asas provocando uma brisa no cabelo dos rapazes. Eles olharam pela janela e viram Carmen e Beatriz juntas na cozinha, pegando os pãezinhos de grandes pacotes de plástico enquanto os ovos cozinhavam no fogão. Eles trocaram olhares, e Carmen sorriu levemente, mas Beatriz fingiu não ver, o que Carmen considerou um bom sinal, ou pelo menos razoável. O cômodo cheirava a café forte. Carmen desapareceu no closet de louças e voltou carregando uma pilha de pratos azuis e dourados com a palavra *Wedgwood* impressa no verso — afinal, de que valia ter aqueles pratos e nunca usá-los?

Tudo permanecia igual a todas as outras manhãs. Exceto pelo fato de que Roxane Coss não havia descido para perto do piano. Kato ficara esperando. Depois de um tempo, ele se levantou do banco do piano e esticou as pernas. Inclinou-se e apanhou uma partitura de Schumann, uma peça simples que todos conhecem, música para passar o tempo. Ele nem olhava para o teclado. Era como se estivesse falando para si mesmo, e não parecia perceber que todos podiam ouvi-lo. Roxane estava dormindo. Carmen não tinha levado o café da manhã para ela. Não era algo tão horrível assim. Afinal de contas, ela cantava todo dia; não merecia um descanso?

No entanto, não seria estranho que o Sr. Hosokawa também estivesse dormindo? Deitado no sofá, com todo mundo se movimentando à sua volta, ele ainda estava deitado de costas, os óculos dobrados sobre o peito, os lábios abertos. Ninguém nunca o vira dormir. Ele era sempre o primeiro a se levantar de manhã. Talvez estivesse doente. Dois dos garotos, Guadalupe e Humberto, os sentinelas internos do turno da manhã, se curvaram sobre as costas do sofá e o observaram para verificar se ele ainda estava respirando — e estava, por isso o deixaram em paz.

Às oito e quinze, Beatriz soube as horas porque tinha o relógio. Trepada em excesso, pensou, mas não disse para Carmen. Ela estava deixando Carmen pensar que ela tinha esquecido, o que não ocorreria. Ela não sabia como usaria essa informação, mas a saboreava como se fosse um dinheiro não despendido.

Havia tantas possibilidades para uma informação desse tipo...

As pessoas se acostumam às pequenas rotinas. Elas tomavam o café, escovavam os dentes e depois iam para o salão, onde Roxane Coss cantava. Assim decorria a manhã. Agora, porém, fitavam a escada. Onde ela estava? Se não estava doente, então não deveria ter descido? Será que esperar alguma coerência seria pedir muito? Se lhe ofereciam tanto respeito, tanta glória, não seria correto pensar que ela também deveria respeitá-las? As pessoas observavam Kato, que permaneceu no mesmo lugar, como o funcionário da estação de trem que fica observando a porta aberta do trem muito tempo depois de todos os passageiros terem desembarcado. Como o namorado que você sabe que foi dispensado muito antes que ele perceba. Ele dedilhava o teclado distraído, ainda de pé. Estava pensando em qual seria o momento a partir do qual poderia se sentar e efetivamente tocar sem a presença dela. Era a primeira vez que Kato tinha que perguntar a si mesmo: O que seria dele sem ela? O que aconteceria quando tudo isso terminasse, e ele não fosse mais passar dias inteiros ao piano, lendo partituras à noite? Ele agora era um pianista. Ele tinha fileiras de delgados tendões azuis nos dedos para provar. Será que ele conseguiria voltar para sua vida anterior, em que acordava às quatro da manhã para tocar furtivamente por uma hora, antes de se arrumar para o trabalho? O que aconteceria quando ele se reintegrasse ao cargo de vice-presidente sênior da Nansei e uma vez mais se tornasse o homem dos números, o homem sem a soprano? Ele seria apenas isso. Ele se lembrava do que ocorrera ao primeiro pianista acompanhador, como ele escolhera morrer em vez de seguir para o mundo sozinho. O vazio deprimente do futuro de Kato fez seus dedos se endurecerem e deslizarem para fora do teclado sem emitir um som.

Foi então que algo extraordinário aconteceu.

Outra pessoa começou a cantar, uma voz a capela vinda do fundo do salão, uma voz conhecida e fascinante. No início, as pessoas ficaram confusas, mas depois todos os rapazes começaram a rir, um por um, Humberto e Jesus, Sergio e Francisco, Gilbert e outros que vinham do corredor, gargalhadas altas e fartas, gargalhadas que os obrigavam a dobrar os braços em volta dos pescoços uns dos outros para se manterem de pé. Cesar, porém, continuou cantando “*Vissi d’arte, vissi d’amore, non feci mai*”, da *Tosca*. E era realmente engraçado, porque ele imitava Roxane à perfeição. Era como se, enquanto todo mundo dormia, ele tivesse se transformado nela, o modo como ela suspendia a mão quando cantava “Sempre com fé sincera, espalhei flores sobre o altar”. Ao mesmo tempo, tratava-se de uma cena estranha, pois certamente Cesar não era em nada parecido com a Diva. Ele era um garoto comprido, com a pele marcada e costeletas compostas de duas dúzias de pelos pretos e sedosos. No entanto, vê-lo era quase como vê-la, o jeito como ele inclinava a cabeça e, em seguida, fechava os olhos, justamente no mesmo momento em que ela o faria. Ele não

parecia perceber as risadas. Seu olhar não tinha foco. Não cantava para ninguém em particular. Não parecia estar exatamente zombando dela; era mais como se estivesse tentando preencher o espaço onde ela deveria estar. Seria zombaria se imitasse apenas os gestos. Mas não. Era a voz dela. A lendária voz de Roxane Coss. Ele mantinha as notas altas e cristalinas. Ele buscava nas profundezas dos pulmões a força, o volume que não se permitia quando cantava sozinho quase sem emitir som. Estava realmente cantando agora, uma peça em um tom agudo demais para ele, e, assim mesmo, elevava a voz e atingia a extremidade da nota. Ele se esforçava e sustentava a nota. Não tinha ideia do significado do que cantava, mas sabia estar pronunciando corretamente. Não tinha como errar, prestara cuidadosa atenção. Enrolava a pronúncia de cada palavra como um arco perfeito da língua. Ele não era soprano. Ele não falava italiano. Mas, de alguma forma, tanto um quanto outro pareciam ser a verdade, e, por um momento, a plateia acreditou nele. A risada dos rapazes diminuiu e depois sumiu. Todo mundo, os reféns, os rapazes, os Generais, todos fitavam Cesar agora. Carmen e Beatriz vieram da cozinha, de orelhas em pé, sem se darem conta se o que acontecia era bom ou ruim. O Sr. Hosokawa, que conhecia a música melhor do que os outros, acordou pensando que era a voz familiar, acordou pensando que a voz dela soava estranha, e imaginou se ela estaria cansada, olhe, ele próprio ainda estava dormindo. Mas ele acordou pensando que era a voz dela.

Não era uma peça muito extensa e, quando acabou, Cesar mal recuperou o fôlego. Ele continuou, porque será que teria outra oportunidade de cantar? Ele nem tinha planejado, mas, quando percebeu que ela ainda não tinha descido, que todo mundo a esperava, as notas brotaram em sua garganta como uma onda, e ele não conseguiria fazer nada para interrompê-las. Como fora estupendo cantar! Como fora maravilhoso ouvir a própria voz. Ele prosseguiu com uma ária de *La Wally*. Ele só sabia cantar as músicas favoritas de Roxane, aquelas que ela cantava e cantava sem parar, aquelas cujas letras eram as únicas sobre as quais ele tinha absoluta certeza; e, se ele fingisse as palavras, se emitisse alguns sons que eram próximos mas que poderiam criar algo com um sentido inteiramente diferente, então todo mundo o consideraria uma fraude. Cesar não sabia que apenas quatro pessoas na casa falavam italiano. Teria sido mais fácil cantar alguma música que não associassem a ela, para que ele não levasse a pior em uma comparação entre os dois. Mas ele não tinha alternativa, não tinha de onde retirar outra peça. Ele não sabia que havia canções para homens e canções para mulheres, que partes distintas eram talhadas para as capacidades distintas das vozes. Até agora, ele só ouvira as partes próprias para soprano; então, por que não poderiam ser boas para ele também? Ele não se comparava a ela. Não havia essa possibilidade. Ela era a cantora. Ele não passava de um garoto que a adorava pelo que ela cantava. Ou será que ele adorava o fato de cantar? Não conseguia mais se lembrar. Não conseguia ter um distanciamento para perceber.

Fechou os olhos e seguiu a própria voz. Em algum lugar distante, ouviu um piano que o acompanhava em atraso, depois o alcançava e logo o guiava. O final da ária era muito agudo e ele não fazia ideia se conseguiria completá-lo. Era como cair, não, como mergulhar, retorcendo o corpo no ar sem pensar em como seria a aterrissagem.

O Sr. Hosokawa agora estava próximo do piano, com cara de sono, o cabelo desgrenhado, a parte de baixo da camisa amarrotada. Ele simplesmente não sabia como agir. Uma parte dele achava que deveria interromper o garoto, no caso de ele estar sendo desrespeitoso, mas, na verdade, tudo parecia notável, e ele amava *La Wally*. Ainda assim, era de certa maneira enervante assistir a esse garoto, que agora cruzava as mãos sobre o coração, da mesma forma que Roxane. O que saía da boca do rapaz não era a voz dela, mas algo que a lembrava, como se ele estivesse ouvindo uma gravação ruim dela. Ele fechou os olhos. Sim, havia uma diferença considerável. Não havia como confundir agora, mas de alguma maneira esse garoto provocou a sensação acalentadora do amor. O Sr. Hosokawa amava Roxane Coss. Talvez o rapaz nem estivesse cantando. Talvez seu amor fosse capaz de fazer com que os objetos mais ordinários se transformassem nela.

Roxane Coss estava de pé entre os outros, escutando. Como é que ninguém a vira descendo a escada? Ela não tinha chegado a se vestir e estava usando um pijama de seda branca, além de um robe de alpaca azul da mulher do Vice-Presidente, mesmo sendo quente demais para o clima. Estava descalça, e o cabelo caía pelas costas. Após tantos meses, a raiz tinha crescido, e era fácil ver que a cor de seu cabelo era de um tom mais sutil de castanho-claro, salpicado de um prateado brilhante. O garoto estava cantando. Ouvi-lo cantar a tinha despertado de um sono profundo. Ela ainda teria dormido por mais muitas horas, mas ouvir alguém cantar a acordou, e ela seguiu a voz, descendo as escadas em um estado de confusão. Uma gravação? A capela? Mas então ela o viu, Cesar, o garoto que não havia feito nada para se destacar até agora. Quando ele tinha aprendido a cantar? A mente dela corria em várias direções. Ele era bom. Ele era excelente. Se alguém cruzasse com um talento cru assim em Milão, em Nova York, o garoto seria mandado para um conservatório em um minuto. Ele seria um astro, porque agora ele não era nada, nem um minuto de treinamento e ouça a profundidade em seu tom! Ouça a força que sacodia seus ombros finos. Ele estava vacilando em direção ao final, em direção ao dó agudo para o qual ele não podia estar preparado. Ela conhecia aquela música tão bem quanto conhecia a própria respiração e correu até ele, como se ele fosse um criança perdida na rua, como se a nota fosse um carro em alta velocidade pronto para atropelá-lo. Ela agarrou seu pulso.

— *Detengase! Basta!* — Ela não sabia falar espanhol, mas essas duas palavras ela ouvia todos os dias. Pare. Chega.

Cesar parou de cantar de imediato, mas tristemente deixou a boca aberta, com a forma da última palavra que havia cantado. E quando ela não disse “Comece novamente!”, os lábios dele exibiram um leve tremor.

Roxane Coss estava tocando seu braço. Ela estava falando rápido demais e ele não entendia uma só palavra do que ela dizia. Ele a encarou sem expressão e pôde perceber que ela estava frustrada, em pânico até. Quanto mais em pânico ela ficava, mais altas e rápidas saíam suas palavras sem sentido, e, como ele continuava não respondendo, ela gritou:

— Gen!

Porém, a sala inteira os estava observando agora, e era horrível. Cesar sentiu o tremor apossar-se de seu corpo todo e, mesmo que ela estivesse parada bem ao lado dele, tocando-o, ele se virou e saiu correndo do salão. Todos os outros ficaram parados, constrangidos e em silêncio, como se de súbito o garoto houvesse corrido completamente nu. Foi Kato quem pensou em juntar as mãos para aplaudir, e os italianos, Gianni Davansate e Pietro Genovese, que gritaram:

— Bravo!

E então todos no salão estavam batendo palmas e chamando pelo garoto, mas ele tinha ido embora, tinha saído pela porta de trás e subido em uma árvore de onde frequentemente assistia ao mundo passar. Ele podia ouvi-los, o zumbido vindo do interior da casa, mas quem poderia dizer que eles não era uma terrível zombaria? Talvez ela estivesse lá agora fazendo sua própria imitação: fingindo ser ele quando ele fingia ser ela.

— Gen! — Roxane pegou a mão do intérprete. — Vá atrás dele. Diga a alguém para ir atrás dele.

E quando Gen se virou, lá estava Carmen. Carmen sempre estava lá, os brilhantes olhos escuros voltados para ele, prontos para ajudá-lo como a vida de alguém que tivesse sido salva por você. Ele nem precisava dizer. Era assim que eles se entendiam. Ela se virou e rapidamente desapareceu.

Alojados tão de perto por tanto tempo como estavam, todos sabiam exatamente do que o outro gostava. Ishmael, por exemplo, seguia o Vice-Presidente como um cão. Procurando Ishmael? Encontre o Vice-Presidente e eram grandes as chances de que o garoto estivesse em seu encalço. Beatriz sempre estaria na frente do aparelho de televisão, a não ser que tivesse recebido ordem expressa para estar em outro lugar. Gilbert era louco por uma banheira, principalmente a que ficava no banheiro do quarto principal, que rugia com bolhas violentas quando se ligava um interruptor (qual não foi sua surpresa da primeira vez que isso aconteceu!). Cesar gostava da árvore, um robusto carvalho que se inclinava para o muro, uma árvore com galhos baixos e fortes, fáceis de escalar, e galhos altos e largos, confortáveis para se sentar. Os outros soldados achavam que ele era especialmente tolo ou corajoso, porque às vezes subia tão alto que ia além da altura do muro, onde qualquer militar poderia atingi-lo como

a um esquilo. Às vezes, os Generais lhe pediam para olhar para a cidade e fazer um relatório, e lá ia ele para a árvore. Então Carmen não tinha muitas dúvidas quanto a onde deveria procurar. Ela saiu para o jardim, um lugar que parecia completamente diferente para ela depois da última noite. Pegou o longo caminho margeando o jardim a fim de passar pelo ponto onde o muro fazia a curva formando o recanto privado, e veja, a grama ainda estava amassada, denunciando a pressão das costas dela. Ela sentiu cada gota de sangue correr para sua cabeça e colocou as mãos no muro, tonta. Meu Deus, e se alguém tiver percebido? Será que ela deveria parar agora e gastar um pouco de tempo para tentar ajeitar o local? Será que a grama poderia ser afogada novamente? Será que ficaria daquela forma para sempre? Mas então Carmen percebeu que planejava amassar aquele mesmo trecho de grama novamente esta noite, que queria pressionar cada folha no jardim com os quadris, os ombros, as solas das calças dos pés. Se fosse possível, ela teria levado Gen naquela hora e naquele lugar, teria enrolado as pernas em volta dele e subido nele como em uma árvore. Quem poderia imaginar que um homem daqueles iria querer ficar com ela? Ela estava tão distraída com a certeza do amor que por um instante esqueceu por que estava lá fora em primeiro lugar ou quem ela estava procurando. Então, ao longe, viu uma bota balançando, como se fosse uma fruta grande e feia pendendo das folhas mais altas, e o mundo voltou correndo para ela. Carmen foi até o carvalho, agarrou um galho por cima da cabeça e subiu.

Lá estava Cesar, tremendo, chorando. Qualquer outra pessoa que subisse naquela árvore, ele a teria jogado de cabeça para baixo. Ele teria dado um chute forte no queixo da pessoa e a mandado de volta voando. Mas a cabeça que chegou até ele foi a de Carmen, e de Carmen ele gostava. Ele achava que ela o entendia porque era evidente que ela amava Roxane Coss. Dentre eles todos, ela era a mais sortuda, pois levava o café da manhã lá em cima para Roxane e dormia do lado de fora da porta dela. (Sendo Carmen completamente discreta, ele não sabia de nada além: que ela havia dormido na cama de Roxane, penteado seu cabelo, que Carmen havia levado o amante de Roxane às escondidas para ela no meio da noite e que ela lhe fazia confidências. Se soubesse de tudo aquilo, talvez ele implodisse de inveja.) E, embora ninguém devesse vê-lo chorando como uma criança, seria menos terrível saber que a pessoa que o viu foi Carmen. Antes que ele se apaixonasse por Roxane, bem antes de eles virem para a cidade, ele pensava constantemente em como gostaria de beijar Carmen, beijá-la e outras coisas, mas ele desistira da ideia após um forte tapa do General Hector. Esse assunto era completamente proibido entre os soldados.

— Você canta de um jeito tão lindo — disse ela.

Cesar virou o rosto para longe dela. Um pequeno galho arranhou seu rosto de leve.

— Eu sou um idiota — disse ele voltado para as folhas.

Carmen se balançou até chegar a um galho em frente a ele e apertou as pernas em volta do galho.

— Não é idiota! Você tinha que fazer aquilo. Você não tinha escolha. — Do ponto onde estava agora, ela conseguia ver o espaço de grama amassada. Era diferente deste ângulo de visão, maior e quase perfeitamente redondo, como se eles tivessem girado em grandes círculos, o que parecia possível. Ela era capaz de sentir o cheiro da grama no cabelo. Amor era ação. Vinha até você. Não era uma escolha.

Mas Cesar não tornou a olhar para ela. Da posição em que estava, se ela se esticasse um pouquinho, poderia ver além do muro. Mas não o fez.

— Roxane Coss me pediu para levar você de volta — disse Carmen. Era bem perto da verdade. — Ela quer falar com você sobre o jeito que você canta. Ela acha que você é muito bom. — Ela podia dizer isso porque sabia que ele era muito bom, e claro que Roxane lhe diria o mesmo. Ela não entendia quase nada de inglês que fosse suficiente para decifrar o que havia sido dito no salão, mas estava desenvolvendo a habilidade de descobrir as coisas sem ter que saber todas as palavras exatas.

— Você não sabe de nada.

— Sei, sim. O intérprete estava lá.

— Ela disse: *Pare*. Ela disse: *Chega*. Eu entendi o que ela disse. — Um pássaro arremeteu uma vez passando pela árvore, esperando pousar, mas depois disparou para longe.

— Ela queria falar com você. O que ela sabe falar? Você tem que pedir ajuda a Gen. Ele é a única maneira de entender as coisas.

Cesar fungou, cobriu os olhos com os punhos da camisa. Em um mundo perfeito, não seria Carmen naquela árvore. Seria a própria Roxane Coss que o teria seguido até lá em cima. Ela estaria tocando o rosto dele, falando com ele em um espanhol perfeito. Eles cantariam juntos. A palavra para aquilo era *dueto*. Eles viajariam pelo mundo todo.

— Bem, você não é um esquilo — disse Carmen. — Você não vai ficar aqui em cima para sempre. Vai ter que descer para ficar no seu turno de guarda e, quando fizer isso, ela mesma vai falar isso com a ajuda do intérprete. Ela vai dizer como você é bom e aí você vai se sentir um idiota por ter vindo se esconder aqui em cima. Todo mundo quer lhe dar os parabéns. Você está perdendo tudo.

Cesar deslizou a mão pela casca áspera. Carmen nunca falara dessa maneira antes. Quando eles estavam em treinamento juntos, ela era quase tímida demais para falar qualquer coisa, uma das coisas que a tornava tão atraente. Ele nunca a havia visto formar duas frases inteiras juntas.

— Como você sabe tudo isso?

— Eu já disse, o intérprete.

— E como você sabe que ele está falando a verdade?

Carmen o fitou como se ele fosse maluco, mas não disse uma palavra. Ela alcançou o galho abaixo dela, o segurou, deixou os pés caírem e então abriu as mãos para cair no chão. Era especialista em pular. Mantinha os joelhos flexionados e os esticava imediatamente após os pés atingirem o chão. Assim, não perdia nem um pouco do equilíbrio. Ela se afastou de Cesar sem não mais do que uma olhadela por cima do ombro. Deixe que ele apodreça lá. No caminho de volta para a casa, passou por uma das janelas que dava para o grande salão. Como era estranho olhar a cena pelo lado de fora. Ela parou por um tempo e ficou imóvel atrás de um arbusto que havia sido podado cuidadosamente quando eles chegaram e agora estava quase tão alto quanto ela. Gen se encontrava perto do piano, conversando com Roxane Coss e o Sr. Hosokawa. Kato estava lá. Ela via Gen, as costas retas e a boca macia, as mãos que a haviam ajudado a sair das roupas e depois a haviam embrulhado cuidadosamente dentro delas novamente. Ela desejava poder bater no vidro e acenar para ele, mas era uma coisa milagrosa poder observar a pessoa que se ama escondido, como se você fosse um estranho vendo-a pela primeira vez. Ela podia apreciar a beleza dele como alguém que estivesse começando a conhecê-lo. Veja aquele homem lindo, aquele homem brilhante, ele me ama. Fez uma oração para Santa Rosa de Lima. Segurança para Gen. Felicidade e vida longa. Que a santa cuide dele e o guie. Ela continuou olhando pela janela. Ele estava falando com Roxane agora, Roxane que fora tão boa para ela, e assim Carmen a incluiu na sua oração. Depois, ela inclinou a cabeça por um minuto e rapidamente fez o sinal da cruz, apressando a oração enquanto se punha a caminho.

* * *

— Eu não devia ter dito para ele parar — disse Roxane. Gen traduziu para japônês.

— O garoto não tem lugar algum para ir — respondeu o Sr. Hosokawa. — Ele vai ter que voltar. Não se preocupe com isso. — No Japão, ele frequentemente ficava desconfortável com essa modernidade de afeição, homens e mulheres jovens dando as mãos em público, dando beijos de despedida nos trens do metrô. Não havia nada nesses gestos que ele entendesse. Ele acreditara que o que um homem sentia no coração era um assunto privado e, portanto, deveria permanecer com ele, mas nunca tivera tanto sentimento no coração antes. Não havia espaço suficiente para tanto amor, e ficava uma sensação de dor no peito. Dor no coração! Quem diria que isso era verdade? Agora tudo o que ele queria era pegá-la pela mão ou passar o braço em volta do ombro dela.

Roxane Coss se inclinou na direção dele, mergulhou a cabeça em seu ombro

apenas por um segundo, apenas o tempo suficiente para seu rosto tocar a camisa dele.

— Ah — disse o Sr. Hosokawa suavemente. — Você é tudo no mundo para mim.

Gen olhou para ele. Aquilo era para ser traduzido, a ternura com que seu padrão havia sussurrado? O Sr. Hosokawa pegou uma das mãos de Roxane. Ele a levantou até o seu peito, pousando-a em sua camisa no lugar acima do coração. Ele anuiu. Estava anuindo para Gen? Estava dizendo para Gen ir em frente? Ou estava anuindo para ela? Gen sentiu um terrível desconforto. Ele queria sair dali. Era um assunto particular. Agora ele já sabia o que essas palavras significavam.

— Tudo no mundo — disse o Sr. Hosokawa novamente, mas dessa vez olhou para Gen.

E então Gen disse a ela, tentando manter a mesma suavidade na voz.

— Com todo o respeito — disse ele a Roxane —, o Sr. Hosokawa gostaria que a senhora soubesse que é tudo no mundo para ele. — Ele se lembrava de ter dito algo muito semelhante em russo.

Sabidamente, Roxane não olhava para Gen. Ela mantinha os olhos exatamente nos olhos do Sr. Hosokawa e recebia as palavras dele.

Carmen voltou. Ela estava agitada e todos pensaram que tivesse a ver com Cesar, quando, na verdade, ela praticamente tinha se esquecido dele. Ela queria ir até Gen, mas antes foi ao General Benjamin.

— Cesar está em cima da árvore — disse ela. Ela ia continuar a falar, mas então se lembrou. Sempre é mais sábio esperar.

— O que ele está fazendo lá? — perguntou o General. Ele não conseguia deixar de perceber como aquela garota estava ficando bonita. Se ela já fosse bonita assim antes, ele nunca a teria deixado se alistar. Ele deveria lhe dizer para manter o cabelo sob o boné. Deveria liberá-la para ir para casa logo que eles voltassem.

— Está emburrado.

— Não entendo por quê.

— Ele está envergonhado.

Talvez fosse errado deixar uma garota bonita ir atrás dele. Um dos garotos deveria ter ido para simplesmente chacoalhar a árvore até Cesar cair. O General Benjamin suspirou. Ele ficara impressionado com o canto de Cesar. Imaginou se o talento faria com que o garoto ficasse muito sensível, da mesma maneira que a soprano, que era sensível demais. Se fosse o caso, seria obrigado a dispensar Cesar também, e então ele teria perdido dois soldados. Enquanto pensava nisso, lembrou-se de onde estava, e o pensamento de algum dia voltar para casa, de algum dia ter que fazer uma escolha tão simples como deixar alguém ir embora ou mantê-lo parecia impossível. Por que ele estava perdendo seu tempo com isso? Cesar em cima de uma árvore? Que importância tinha isso?

— Deixe-o lá. — O General Benjamin olhou por cima da cabeça de Carmen para o outro lado do salão, que era sua maneira de dizer que a conversa estava terminada.

— Posso dizer à Srta. Coss?

Ele olhou de novo para ela e piscou. Ela era obediente, bem-educada. Era uma pena que as coisas não tivessem se saído melhor. Certamente haveria um lugar para mulheres bonitas na revolução. Não havia sentido em ser duro com ela.

— Eu acho que ela ia gostar de saber.

Carmen, feliz, agradecida, se curvou para ele.

— Salve! — disse ele categoricamente.

Carmen o saudou, o rosto tão sério quanto qualquer outro soldado, e apressou-se em sair.

— Cesar está na árvore — disse Carmen. Ela estava entre o Sr. Hosokawa e o Sr. Kato. Estava do lado oposto a Gen, de onde não seria tentada a segurar na manga dele na frente de todo mundo. Ela amava o som da voz dele traduzindo.

— Ele não vai entrar? — perguntou Roxane. Seus olhos azuis ganharam uma sombra roxa. Carmen nunca a vira tão cansada, exceto bem no início.

— Ah, ele vai entrar. Está apenas envergonhado. Ele acha que fez papel de bobo. E acha que a senhora acha que ele é um idiota por tentar cantar. — Ela olhou para Roxane, sua amiga. — Eu disse que a senhora não achava nada disso.

Gen traduziu aquelas palavras para inglês e japonês. Os dois homens e Roxane Coss concordaram com a cabeça. As palavras de Carmen traduzidas para o japonês. Elas tinham um som tão bonito...

— Você poderia perguntar ao General se eu posso ir lá fora? — pediu Roxane a Carmen. — Você acha que seria possível?

Carmen ouviu. Ela estava incluída. Eles consideravam que ela seria a melhor pessoa para fazer o pedido. Tinham solicitado sua opinião. Era mais do que ela podia acreditar — de todas as pessoas na sala, com tanto dinheiro, educação e talento, eles achavam que ela era a pessoa certa. Ela queria dizer a Roxane Coss, da maneira mais educada, que “Não, eles não vão deixá-la ir lá fora, mas eu fico muito satisfeita que a senhora tenha pedido a mim”. Não que ela tivesse alguma ideia de como dizer aquilo em inglês. Os Generais estavam ignorando a conversa deles, os Generais Hector e Alfredo já haviam até deixado o salão, nenhum dos garotos se importava, mas Beatriz estava escutando. Carmen podia vê-la pelo canto do olho. Ela queria confiar em Beatriz. Ela havia confiado nela. E, de qualquer modo, ela nada estava fazendo de errado agora.

— Diga a ela que vou ficar feliz de pedir — disse Carmen a Gen. Ela estava consciente da sua postura e tentou ficar ereta como Roxane Coss. Tentou treinar os ombros para irem para trás, embora o efeito fosse quase todo perdido dentro da camisa verde-escuro que se pendurava nela como um pedaço de lona.

Eles lhe agradeceram em inglês, em japonês e depois em espanhol. Gen estava orgulhoso dela, ela podia notar. Gen, se as circunstâncias permitissem, teria colocado a mão no ombro dela e dito isso na frente dos amigos.

De forma alguma Roxane Coss teria permissão para ir lá fora falar com Cesar na árvore. Manter os refêns do lado de dentro era de máxima prioridade. Certamente, ninguém sabia disso melhor do que Carmen, que havia acabado de quebrar essa importante regra na noite anterior. Ninguém havia pedido uma resposta a Carmen, pediram apenas que ela fizesse a pergunta ao General. Na verdade, ela preferia não fazê-la. Qual era o sentido de perguntar algo que já se sabe que será negado? Carmen pensou que podia perguntar outra coisa ao General, quer dizer, se ele queria uma xícara de café fresco, então todos a veriam perguntando sem poder ouvi-la. Ela poderia voltar com a notícia de que o pedido havia sido negado. Mas ela não queria mentir para Roxane Coss nem para o Sr. Hosokawa, pessoas que valorizavam sua opinião e a tratavam como uma amiga, e certamente ela não podia mentir a Gen. Ela teria que perguntar por que ela disse que faria isso. Seria melhor se pudesse esperar uma ou duas horas. Os Generais não gostavam de ser abordados se já tivessem sido perturbados há tão pouco tempo. Mas não havia uma ou duas horas para esperar. Daqui a uma ou duas horas, Cesar já teria descido da árvore há muito tempo. Carmen havia se sentado ela própria naquela árvore e sabia que era tanto agradável quanto desconfortável. O tempo que qualquer pessoa pudesse ficar emburrado enquanto estivesse sentado em uma árvore era limitado, e a questão era que Roxane Coss queria ter a chance de convencê-lo a descer. Não havia sentido em tentar explicar como funcionava a mente do General a seus refêns mais chegados, não mais do que ela se preocuparia em tentar explicar os motivos de Roxane Coss ao General Benjamin, que certamente não se importaria. Tudo o que ela podia fazer era perguntar. Carmen sorriu e deixou o grupo, cruzou novamente de volta para o salão até onde o General Benjamin estava, acomodado em uma *bergère* perto da lareira vazia. Ele estava lendo alguns papéis. Ela não conseguia dizer que papéis eram aqueles, embora visse que estavam escritos em espanhol. Ela sabia ler um pouco agora, mas não tão bem assim. As sobranceiras dele estavam franzidas para baixo, na direção do centro do nariz, e os olhos estavam estrábicos. O herpes-zóster corria cruzando o lado do rosto e para dentro do olho como um corte preenchido com lava derretida, mas não parecia mais estar infectado. Ele levantou um dedo e tocou a ferida delicadamente; depois, estremeceu e voltou à leitura. Para falar a verdade, Carmen sabia que era melhor não perturbá-lo.

— Senhor? — sussurrou ela.

Eles tinham se falado havia menos de cinco minutos, mas agora ele lhe pareceu confuso. Seus olhos estavam vermelhos e molhados, especialmente o olho esquerdo, que estava rodeado de bolhas não maiores do que cabeças de alfinete.

Carmen esperou que ele falasse com ela, mas ele não disse nada. Dependia dela dar início à conversa.

— Peço que me perdoe por incomodar o senhor de novo, General, mas Roxane Coss me pediu para perguntar... — Ela pausou, pensando que ele certamente a interromperia, diria para que fosse embora, mas ele não fez isso. Ele não fez qualquer movimento. Se ele tivesse se virado e voltado a ler seus papéis, ela entenderia. Ela teria sabido como agir se gritasse com ela, mas o General Benjamin então a encarou. Ela tomou fôlego, endireitou os ombros e recomeçou. — Roxane Coss gostaria de ir lá fora para falar com Cesar. Cesar na árvore? Ela quer dizer que ele cantou muito bem. — Novamente ela esperou, mas nada aconteceu. — Acho que o intérprete teria que ir também, se for para Cesar entender o que ela disser. Podíamos mandar alguns guardas com eles. Eu podia pegar minha arma. — Ela parou e esperou pacientemente para ele negar o pedido. Ela nunca considerara outra possibilidade, mas ele nada disse e, por um minuto, ele fechou os olhos como se não quisesse mais olhar para ela. Carmen deu uma olhada nos papéis que ele estava segurando e sentiu um arrepio gelado passar por seu fino peito. Ela estava subitamente com medo de que o General tivesse recebido más notícias, que houvesse algo naqueles papéis que destruiriam sua felicidade.

— General Benjamin — disse ela, se inclinando para que somente ele pudesse ouvi-la. — Senhor, está tudo bem? — O cabelo dela estava solto por trás de uma orelha e caíra por cima do ombro do General. Recendiam a limão. Roxane havia lavado o cabelo de Carmen com o xampu de limão importado da Itália que Messner lhe havia trazido.

O cheiro de limão. Ele se vê como um garoto da cidade, um quarto de limão cerrado entre os dentes enquanto vai para a escola, o amarelo brilhante da casca do limão entre os lábios abertos, a acidez impossível, a perfeita clareza do gosto no qual ele era viciado. Seu irmão, Luis, está com ele, correndo a seu lado, um garoto pequeno. Ele é mais novo do que Benjamin, então ele é de responsabilidade de Benjamin. Luis também está com um limão na boca, e eles se entreolham e começam a rir tanto que têm que levantar as mãos para as bocas para pegar as cascas agora vazias. O cheiro de limão o traz de volta. Carmen queria alguma outra coisa. Ele ainda estava no salão. Por que só agora ele compreendia que as coisas não iam terminar bem? Não parecia estranho que ele soubesse, mas sim que não tivesse sabido desde o início, que não tivesse juntado as tropas e as mandado imediatamente de volta para os dutos de ar-condicionado no momento em que ficou estabelecido que o Presidente Masuda não estava na festa. Esse erro era quase impossível de se compreender agora. Era tudo culpa da esperança. A esperança era uma assassina.

— Ela quer ir lá fora? — perguntou ele.

— Sim, senhor.

— Cesar ainda está lá?

— Acredito que sim, senhor.

O General Benjamin anuiu com a cabeça.

— O tempo está bom agora. — Ele olhou para fora da janela por um longo tempo para ter certeza de que o que estava dizendo era verdade. — Leve todos para fora. Diga a Hector e Alfredo. Coloque soldados ao longo do muro. — Ele olhou para Carmen. Se ele soubesse alguma coisa, teria prestado mais atenção a ela. — Precisamos de ar aqui, você não acha? Mande todo mundo ir para o sol.

— Todo mundo, senhor? O senhor se refere à Srta. Coss e ao intérprete?

— Eu me refiro a todos. — Ele estendeu uma mão para o salão. — Tire todos daqui.

* * *

Foi assim que aconteceu que, logo no dia seguinte ao que Carmen levava Gen para fora de casa, o restante do grupo teve permissão para ir também. Ela não queria ser a pessoa a informar aos Generais Hector e Alfredo, mas agiu como se tivesse recebido uma ordem direta. Parou na porta do gabinete, ainda chocada com a novidade. Lá fora. Os Generais estavam assistindo ao futebol. Estavam sentados na beira do sofá, as mãos em volta dos joelhos, gritando para a televisão. Na frente deles, cartas de baralho abandonadas no meio de um jogo; espetadas entre as almofadas, duas pistolas automáticas. Quando ela conseguiu ganhar a atenção deles, não disse que havia pedido para ninguém ter permissão de ir lá fora, ou que Roxane Coss gostaria de falar com Cesar na árvore, apenas disse que o General Benjamin havia tomado uma decisão e que ela fora instruída a informá-los qual era. Ela usou a menor quantidade de palavras possível.

— Lá fora! — exclamou o General Alfredo. — Loucura! Como vamos controlar todo mundo lá fora? — Ele gesticulou com a mão que não tinha dois dedos, uma visão que sempre enchia Carmen de pena.

— O que temos que controlar? — questionou o General Hector, esticando os braços por cima da cabeça. — Como se eles fossem a algum lugar...

Foi uma surpresa. Hector geralmente era contra qualquer ideia. Se Hector tivesse discordado firmemente, eles provavelmente fariam o General Benjamin mudar de ideia, mas o sol estava brilhando através de cada janela, e tudo à volta dele parecia estar ficando mofado. Por que não abrir as portas? Por que não hoje, já que todos os dias eram exatamente iguais? Eles foram para o salão, e os três Generais juntaram as tropas e disseram aos soldados para pegar as armas e carregá-las. Mesmo após tantos meses deitados nos sofás, os garotos, junto com Beatriz e Carmen, ainda podiam se movimentar rapidamente. Eles não sabiam por que estavam carregando as armas, mas não perguntaram. Eles obedeciam a

ordens e, fazendo isso, seus olhos mantinham certa frieza. O General Benjamin não podia evitar o pensamento de que, se pedisse que matassem todos os reféns agora, eles o fariam. Eles farão o que eu disser. Era boa a ideia de levar o grupo para fora. Poria os soldados para trabalhar. Lembraria aos reféns tanto de sua autoridade quanto de sua benevolência. Era hora de sair da casa.

Roxane Coss tinha o braço do Sr. Hosokawa para se apoiar, mas Gen foi deixado sozinho para assistir à sua amada correndo pelo salão com os outros soldados, o rifle mantido alto contra o peito.

— Não estou entendendo — sussurrou o Sr. Hosokawa. Ele sentiu Roxane tremendo a seu lado e apertou-lhe a mão. Era como se um interruptor tivesse sido ligado, e as pessoas que eles conheciam de repente virassem pessoas que eles nunca haviam visto antes.

— Você consegue entender o que eles estão dizendo? — sussurrou Roxane para Gen. — O que aconteceu?

Claro que ele podia entender o que eles estavam dizendo. Estavam gritando, afinal. *Carreguem as armas. Preparem as formações.* Mas não havia sentido em contar aquilo à Roxane. Os outros reféns estavam junto deles agora. Eles estavam grudados como ovelhas em um grande campo em um dia de chuva forte. Trinta e nove homens e uma mulher, um súbito nervosismo crescendo como vapor.

Então o General Benjamin deu um passo à frente e disse:

— *Traductor!*

O Sr. Hosokawa tocou o braço do intérprete quando ele deu um passo a frente. Gen desejava ser um homem corajoso. Embora Carmen não estivesse com eles agora, ele desejava que ela o achasse corajoso.

— Eu decidi que todos devem ir lá para fora — disse o General Benjamin. — Diga às pessoas para irem lá para fora agora.

Mas Gen não traduziu. Não era mais sua profissão. Em vez disso, ele perguntou:

— Para qual propósito? — Se fosse haver uma execução, ele não seria a pessoa que lideraria essas ovelhas para serem alinhadas contra o muro. Não era suficiente traduzir o que estava sendo dito, era preciso saber a verdade.

— Qual o propósito? — disse o General Benjamin. Ele andou na direção de Gen, tão perto que o intérprete podia ver linhas vermelhas com a metade da espessura de agulhas de costura fazendo uma teia no seu rosto. — Fui informado de que Roxane Coss pediu para ir lá fora.

— E o senhor está deixando todo mundo sair?

— Você tem alguma objeção? — O General Benjamin estava quase mudando de ideia. O que ele tinha mostrado a essas pessoas a não ser decência, e agora elas o encaravam como se fosse um assassino? — Você acha que vou levar todos para fora e fuzilá-los?

— As armas... — Gen havia cometido um erro. Agora ele percebia.

— Proteção — disse o General, os dentes cerrados.

Gen deu meia-volta e encarou o grupo que pensava ser o seu. Ele viu suas expressões se suavizarem ao som da sua voz.

— Iremos lá para fora — disse Gen em inglês, em japonês, em russo, italiano, francês. — Iremos lá para fora — disse em espanhol e dinamarquês. Apenas quatro palavras, mas em cada língua ele pôde transmitir que eles não seriam executados, que não era um engodo. As pessoas riram e suspiraram e se afastaram umas das outras. O padre fez o sinal da cruz em gratidão por uma prece atendida. Ishmael abriu a porta e os reféns se enfileiraram em direção à luz.

Gloriosa luz.

O Vice-Presidente Ruben Iglesias, que pensara que não viveria para sentir mais uma vez a sensação da grama sob os pés, pisou para fora do caminho de pedras e afundou no luxo do seu próprio jardim. Ele o havia encarado todos os dias da janela do salão, mas agora que estava realmente lá, parecia um novo mundo. Será que ele já tinha andado em seu próprio gramado à noite? Ele já havia gravado em sua mente aquelas árvores, os milagrosos galhos floridos que cresciam em volta do muro? Quais eram seus nomes? Ele enterrou o rosto em um ninho de flores de um roxo-escuro e inspirou. Querido Deus, se ele pudesse sair disso vivo, seria atencioso com suas plantas. Talvez fosse trabalhar como jardineiro. As folhas novas eram de um verde brilhante, com uma sensação aveludada ao toque. Ele as segurou entre o polegar e o indicador, com cuidado para não machucá-las. Tantas noites ele havia voltado para casa depois de escurecer. Ele via a vida no jardim de sua casa como uma série de sombras e silhuetas. Se houvesse algo como uma segunda chance, ele tomaria café da manhã no lado de fora. Ele viria para casa para almoçar com a esposa em cima de uma toalha colocada sob as árvores. Suas duas filhas estariam na escola, mas ele colocaria o filho nos joelhos e lhe ensinaria os nomes dos pássaros. Como ele acabara vivendo em um lugar tão bonito? Ele caminhou pelo gramado em direção ao lado oeste da casa e viu que a grama estava tão espessa que seria difícil apará-la. Ele gostava assim. Talvez ele nunca mais cortasse a grama. Se um homem tinha um muro de três metros, então ele podia fazer o que quisesse com o jardim. Podia fazer amor com a esposa tarde da noite no lugar onde o muro criava um local reservado e havia três árvores delgadas em semicírculo. Eles podiam sair depois que as crianças estivessem na cama, depois que os criados tivessem ido dormir, e quem os veria? A terra em que se deitariam é tão macia quanto a cama. Ele imaginou o longo cabelo escuro da mulher solto e espalhado sobre a pesada grama. Ele seria um marido melhor no futuro, um pai melhor. Ele ficou de joelhos e aproximou as mãos dos altos lírios amarelos. Arrancou um mato que estava tão alto quanto as flores, o caule grosso como um

dedo, depois outro e mais outro. Encheu as mãos com caules verdes, raízes e terra. Havia muito trabalho pela frente.

Os soldados não empurraram as pessoas nem as guiaram em qualquer direção. Eles simplesmente ficaram parados contra o muro, a intervalos regulares. Encostaram-se ao muro e aproveitaram sol. Era bom fazer algo diferente. Era bom até estar armado de novo, fazer parte de uma fileira de soldados portando armas. Os reféns levantaram os braços sobre as cabeças e se espreguiçaram. Alguns se deitaram na grama, outros examinaram as flores. Gen não estava olhando as plantas, estava olhando os soldados e, quando achou Carmen, ela fez um breve aceno para ele e apontou a ponta do rifle muito de leve na direção da árvore de Cesar. Todos estavam mais do que contentes por se encontrarem do lado de fora, à luz do sol. Carmen queria dizer que havia feito isso por ele, que tinha sido ela a pedir, mas ficou perfeitamente quieta. Ela precisava afastar o olhar da direção de Gen para evitar um sorriso.

Gen encontrou Roxane com o Sr. Hosokawa, andando de mãos dadas, como se este fosse outro jardim e eles estivessem sozinhos. Eles pareciam diferentes esta manhã, sem transmitir a aparência de que formavam um casal tão improvável, e Gen imaginou se ele próprio pareceria diferente. Pensou que talvez não devesse incomodá-los, mas não fazia ideia de quanto tempo eles teriam permissão para permanecer do lado de fora.

— Eu localizei o garoto — informou Gen.

— O garoto? — perguntou o Sr. Hosokawa.

— O cantor.

— Ah, sim, o garoto, claro.

Gen disse de novo em inglês, e juntos os três se encaminharam até uma árvore perto do muro traseiro.

— Ele está lá em cima? — perguntou Roxane, mas ela mal conseguia se concentrar, o vento a distraía, as magníficas plantas que se entrelaçavam. Ela sentiu o sol batendo em seu rosto. Ela queria tocar o muro, queria enroscar os dedos na grama. Ela nunca pensara em grama antes na vida.

— É esta a árvore.

Roxane voltou a cabeça para cima e com certeza viu as solas de duas botas balançando nos galhos. Avistou a camisa do garoto, a parte debaixo do queixo.

— Cesar?

Um rosto olhou para baixo por entre as folhas.

— Diga a ele que ele canta lindamente — disse Roxane a Gen. — Diga que eu quero ser a professora dele.

— Ela está brincando comigo — gritou Cesar para baixo.

— Por que você acha que estamos todos aqui fora? — disse Gen. — Isso parece brincadeira para você? Ela queria vir aqui para falar com você, e os Generais decidiram que todo mundo podia vir junto. Isso não lhe parece

preocupação o suficiente?

Era verdade. De onde ele estava sentado, Cesar podia ver tudo o que acontecia. Os três Generais e todos os soldados, exceto Gilbert e Jesus, estavam do lado de fora. Eles deviam ter ficado lá dentro para vigiar a casa. Todos os reféns estavam perambulando pelo jardim, como se estivessem bêbados ou cegos, tocando e cheirando, mexendo e depois, subitamente, sentando no chão. Eles estavam apaixonados pelo lugar. Não iriam partir mesmo que derrubassem o muro. Se você empurrasse alguém para trás com uma arma e lhe dissesse para ir embora, ainda assim ele correria em sua direção.

— Então vocês estão aqui fora — disse Cesar.

— Ele não está planejando ficar nesta árvore, está? — perguntou Roxane.

Era digno de nota até para Cesar que ele não fora chamado para baixo para cumprir suas tarefas. Ele teria ido. E só podia imaginar que, na excitação de decidir deixar todos saírem, ele havia sido esquecido. Ele fora esquecido por todos, menos por Roxane Coss.

— Ela não acha que eu sou um bobo?

— Ele quer saber se você acha que ele é um bobo — traduziu Gen.

Ela suspirou por causa da autoindulgência do garoto.

— Ficar em cima das árvores parece bobagem, mas cantar, de jeito nenhum.

— Bobo por ficar na árvore, e não por cantar — reportou Gen. — Venha para baixo e converse com ela.

— Estou na dúvida — disse Cesar. Mas ele tinha certeza. Ele já tinha imaginado os dois cantando juntos, suas vozes crescendo, as mãos entrelaçadas.

— O que você vai fazer, morar na árvore? — gritou Gen. Seu pescoço estava doendo de tanto inclinar a cabeça para trás.

— Como é que você parece tanto a Carmen falando? — disse Cesar. Ele se abaixou e agarrou um galho embaixo dele. Já estava lá em cima há muito tempo. Uma das pernas estava dura e a outra completamente dormente. Quando seus pés atingiram o chão, não tiveram força para apoiar o corpo do garoto, que desabou como um fardo, batendo com a cabeça no tronco da árvore que o havia abrigado.

Roxane Coss caiu de joelhos e colocou as mãos em ambos os lados da cabeça do garoto. Ela sentiu o sangue pulando em suas têmporas.

— Meu Deus, eu não queria que ele se jogasse da árvore.

O Sr. Hosokawa viu um esboço de sorriso cruzar o rosto de Cesar. Apareceu de relance e, tão rápido quanto, foi reprimido, o garoto mantendo os olhos fechados.

— Diga a ela que ele está bem — disse o Sr. Hosokawa a Gen. — E diga ao garoto que ele pode se levantar agora.

Gen ajudou Cesar a se sentar, recostando-o como um boneco desengonçado

contra a árvore. Embora a cabeça de Cesar estivesse latejando, ele não se importou de abrir os olhos. Roxane Coss estava agachada tão perto dele que era como se ele conseguisse ver dentro dela. Repare o azul dos olhos dela! Eles eram tão mais profundos, mais complexos do que ele podia imaginar a distância. Ela ainda estava de roupão e pijama branco e, a menos de doze centímetros de seu nariz, o pijama dela formava um V no qual ele podia ver o lugar onde os seios dela se juntavam. Quem era esse japonês velho que estava sempre com ela? Ele parecia muito o Presidente. Na verdade, Cesar suspeitava de que talvez ele *fosse* o Presidente, bem na frente deles o tempo todo, não obstante qualquer mentira que ele pudesse ter contado.

— Preste atenção — disse ela, e então o intérprete repetiu em espanhol. Ela cantou cinco notas. Ela queria que ele escutasse e repetisse, seguisse as notas. Ele podia ver dentro da boca dela, uma caverna rosa, úmida. Era a coisa mais íntima de todas.

Ele abriu a boca e grasnou um pouco, e depois tocou a cabeça com as pontas dos dedos.

— Tudo bem — disse Roxane. — Você pode cantar mais tarde. Você cantava em casa, antes de vir para cá?

Certamente ele cantava, assim como as pessoas cantam, sem pensar no assunto, enquanto se está fazendo outra coisa. Ele podia imitar os cantores que ouviam às vezes, quando o rádio funcionava, mas não era tanto na intenção de cantar, mas de fazer as pessoas rirem.

— Ele quer aprender? Ele aceitaria praticar muito para ver se tem realmente uma boa voz?

— Praticar com ela? — perguntou Cesar a Gen. — Só nós dois?

— Imagino que outras pessoas estariam junto.

Cesar tocou a manga de Gen.

— Diga que sou tímido. Diga que eu trabalharia muito melhor se pudessemos ficar sozinhos.

— Quando você aprender inglês, você mesmo vai poder dizer isso para ela — disse Gen.

— O que ele quer? — perguntou o Sr. Hosokawa. Ele estava parado por cima deles, tentando proteger os olhos de Roxane do sol.

— Coisas impossíveis — respondeu Gen. E em seguida disse ao garoto em espanhol:

— Sim ou não, você quer que ela o ensine a cantar?

— Claro que sim — respondeu Cesar.

— Vamos começar esta tarde — disse Roxane. — Vamos começar com as escadas. — Ela pegou a mão de Cesar e deu um tapinha. Ele ficou pálido de novo e fechou os olhos.

— Deixe-o descansar — disse o Sr. Hosokawa. — O garoto quer dormir.

Lothar Falken colocou as mãos abertas contra o muro e esticou os tendões, pressionando um calcanhar para baixo e depois o outro. Tocou os dedos dos pés e balançou os quadris de um lado para outro e, quando sentiu que as pernas estavam aquecidas e flexíveis, começou a correr descalço pelo gramado. A princípio, os soldados ficaram eriçados, se inclinaram para frente, apontaram as armas de maneira frouxa na sua direção, mas ele continuou correndo. Era um jardim grande em termos de tamanho de gramados de cidade, mas ainda era pequeno enquanto pista de corrida e, alguns minutos depois, Lothar já havia saído da vista de qualquer um e já tinha voltado novamente, a cabeça erguida, os braços bombeando contra o peito. Era um homem esbelto com pernas longas e graciosas e, embora talvez tivesse passado despercebido quando estava deitado no sofá, aqui no sol, correndo em círculos em volta da mansão da vice-presidência, era fácil ver que o alemão, fabricante de produtos farmacêuticos, já fora um atleta. A cada volta completa, ele sentia novamente o corpo, a relação dos músculos com o corpo, o oxigênio impulsionando seu sangue. Ele levantava os pés alto atrás de si, cada passo entrando fundo na grama pesada. Depois de um tempo, o espanhol Manuel Flores começou a correr a seu lado, mantendo seu ritmo a princípio e logo ficando para trás. Simon Thibault começou a correr e provou a si mesmo que podia ficar quase empatado com Falken. Victor Fyodorov entregou o cigarro ao amigo Yegor e se juntou a eles em duas voltas. Um dia tão bonito, parecia adequado para uma corrida ao ar livre. Desistiu exatamente no local onde tinha começado, o coração batendo na prisão das costelas com uma fúria desenfreada.

Enquanto os outros corriam, Ruben Iglesias arrancava as ervas daninhas de um dos muitos canteiros de flores. Era um gesto pequeno em face de tanto trabalho, mas tudo o que ele queria era começar. Oscar Mendoza e o jovem padre se ajoelharam para ajudá-lo.

— Ishmael — o Vice-Presidente chamou o amigo. — Por que você está aí parado segurando o muro? Venha até aqui e comece a trabalhar. Podemos usar esse rifle do qual você é tão orgulhoso para aerar o solo.

— Não implique com o garoto — pediu Oscar Mendoza. — Ele é o único com quem eu simpatizo.

— Você sabe que eu não posso ir aí — disse Ishmael, mudando o rifle para o outro ombro.

— Ah, você poderia vir aqui, sim — respondeu Ruben. — Você não quer esujar as mãos. Quer que elas fiquem limpas para o jogo de xadrez. Você não quer trabalhar. — Ruben sorriu para o garoto. Na verdade, ele desejava que Ishmael fosse até lá. Ele ensinaria ao garoto quais das plantas eram ervas daninhas. Ele se pegou pensando que Ishmael poderia ser seu filho, seu outro

filho. Ambos eram pequenos e, de qualquer modo, as pessoas acreditariam no que quer que você lhes dissesse. Havia espaço suficiente na casa para mais um garoto pequeno.

— Eu trabalho muito — disse Ishmael.

— É verdade, eu já vi — confirmou Oscar Mendoza, esfregando a terra das mãos. — Ele faz mais do que todos os outros. Não é tão grande, talvez, mas é forte como um touro, além de inteligente. Você tem que ser inteligente para jogar xadrez e ganhar. — O homenzarrão se inclinou na direção no muro, na direção do garoto. — Ishmael, eu lhe daria um emprego, se você quisesse. Quando isso acabar, você poderia vir trabalhar comigo.

Ishmael estava acostumado a ser provocado. Os irmãos o provocavam com brutalidade. Os outros soldados o provocavam exageradamente. Uma vez, pegaram um balde, amarraram seus pés juntos e o desceram em um poço de cabeça para baixo, até que o topo da sua cabeça afundasse na água fria. Ele gostava da maneira como o Vice-Presidente brincava com ele, porque o fazia sentir-se especial. Mas, quanto a Oscar Mendoza, ele não estava bem certo. Não havia nada na sua expressão que afastasse a piada.

— Você quer um emprego? — repetiu Oscar.

— Ele não precisa de um emprego — disse Ruben, puxando um monte de ervas daninhas para o colo. Ele viu a oportunidade. Oscar deu a abertura. — Ele vai morar comigo. Ele vai ter tudo de que precisa.

Oscar olhou para o amigo, e cada homem viu que o outro estava sério.

— Todo homem precisa de um emprego — rebateu Oscar. — Ele vai morar com você e trabalhar para mim. Parece bom, Ishmael?

Ishmael colocou a arma entre os pés e olhou para eles. Ele viveria nessa casa? Ele ficaria? Ele teria um emprego e ganharia seu próprio dinheiro? Ele sabia que deveria rir e dizer que o deixassem em paz. Ele deveria fazer uma piada a respeito: “Não morar neste lugar? Nem morto.” Essa era a única maneira de lidar com as coisas se sempre provocam você. Fazer uma piada de volta. Mas ele não conseguiu. Ele queria demais acreditar que os dois estavam falando a verdade.

— Sim. — Foi tudo o que ele conseguiu dizer.

Oscar Mendoza estendeu a mão suja para Ruben Iglesias, e eles se apertaram as mãos.

— Estamos nos cumprimentando por você — disse Ruben, a voz traindo sua felicidade.

— Isso sela o acordo. — Ele teria outro filho. O garoto seria adotado legalmente. O garoto seria conhecido depois disso como Ishmael Iglesias.

O padre, que estava apenas observando, acocorou-se, as mãos sujas repousando nas coxas. Ele sentiu algo gélido e alarmante percorrer seu coração. Os homens não deveriam falar com Ishmael dessa maneira. Eles estavam se

esquecendo das circunstâncias. O único jeito de as coisas funcionarem seria tudo ficar exatamente da maneira como estava, seria ninguém falar do futuro, pois falar no futuro poderia fazê-lo acontecer.

— O Padre Arguedas aqui vai ensinar-lhe catecismo. Não vai, padre? Você pode voltar para cá para dar as lições ao Ishmael e todos vamos almoçar juntos.

— Ruben estava perdido na sua história agora. Ele desejava poder ligar para a esposa e contar-lhe as novidades. Ele contaria a Messner, e Messner ligaria para ela. Quando ela conhecesse o garoto, iria se apaixonar por ele.

— Claro que sim. — A voz do padre estava fraca, mas ninguém notou.

O Sr. Hosokawa aprendeu a encontrar o caminho no escuro. Em algumas noites, ele fechava os olhos em vez de apertá-los para tentar ver. Ele conhecia os horários e os hábitos de todos os guardas, por onde caminhavam e onde dormiam. Ele sabia quais eram aqueles que faziam a cama no chão e como passar por cima deles com cuidado. Ele sentia os cantos das paredes com as pontas dos dedos, evitava as tábuas que rangiam, conseguia virar uma maçaneta tão silenciosamente quanto uma folha caindo. Ele era tão eficiente em se movimentar pela casa que, mesmo que não tivesse lugar algum para ir, ficava tentando a se levantar e esticar as pernas, indo de um cômodo a outro pelo simples motivo de que conseguia fazê-lo. Até lhe ocorreu que talvez fosse capaz de escapar, se quisesse, simplesmente atravessando o caminho da frente da casa até o portão à noite, e daí para a liberdade. Mas ele não queria.

Tudo o que ele sabia, aprendera com Carmen, que lhe ensinara sem o auxílio de um intérprete. Para ensinar alguém a ser completamente silencioso, não é preciso falar. Tudo o que o Sr. Hosokawa necessitava desesperadamente saber, Carmen ensinara-lhe em dois dias. Ele ainda carregava o caderno para todo lado, acrescentava dez novas palavras à sua lista de vocabulário toda manhã, mas nadava contra a maré no quesito memorização. Para o silêncio, porém, ele tinha um dom. Ele percebia isso pela expressão de aprovação nos olhos de Carmen, pelo leve toque de seus dedos nas costas da mão dele. Ela lhe ensinou a ir de um cômodo a outro da casa à vista de todo mundo e ainda assim não ser visto, porque ele aprendia com Carmen como se tornar invisível. Era um aprendizado de humildade, assumir que as pessoas não mais notariam quem você era ou aonde estaria indo. Só depois que Carmen começou com essas lições foi que o Sr. Hosokawa percebeu o gênio da garota, porque o gênio dela não era para ser notado. Devia ser extremamente difícil para uma jovem bonita estar em uma casa cheia de homens inquietos, mas, ainda assim, ele descobriu que ela praticamente não chamava atenção alguma. Ela tinha conseguido se passar por um rapaz e, o mais impressionante, tinha conseguido se manter inteiramente esquecida depois de se revelar uma bela garota. Quando Carmen andava por uma sala sem querer ser percebida, ela mal movimentava o ar a seu redor. Ela não se esquivava. Ela não corria para se esconder atrás do piano e, depois, de uma cadeira. Ela simplesmente atravessava o cômodo, sem perguntar nada, sem emitir um som, mantendo a cabeça no mesmo plano. De fato, ela começara a ensinar essa lição ao Sr. Hosokawa desde o primeiro dia em que se viram juntos na casa, mas só agora ele percebia isso.

Ela o acompanharia para o andar de cima toda noite. Ela disse isso a Gen. Mas era melhor que ele soubesse como ir sozinho. Nada deixava as pessoas mais desajeitadas do que o medo, e ela sabia como mostrar-lhe a não ter medo.

— Ela é uma moça extraordinária — disse o Sr. Hosokawa a Gen.

— Parece que sim — comentou Gen em resposta.

O Sr. Hosokawa lhe deu um sorriso breve, amigável, e fingiu que não havia mais nada a dizer. Também essa faceta fazia parte de sua nova vida. A vida privada. O Sr. Hosokawa tinha uma vida privada agora. Ele sempre pensara em si mesmo como um homem reservado, mas agora via que não havia nada em sua vida anterior que fosse de fato privado. Não significava que ele não tinha segredos antes e agora, sim. A diferença é que naquele momento havia algo que dizia respeito a ele e a outra pessoa, algo tão inteiramente dos dois que não fazia sentido nem mesmo mencioná-lo para outra pessoa. Ele ficava pensando agora se todo mundo tinha uma vida privada. Ficava pensando se a mulher dele tinha. É possível que todos esses anos ele tivesse ficado sozinho, sem jamais saber que existia um mundo por inteiro e ninguém falava disso.

Durante todo o tempo do cativeiro, ele dormira a noite inteira, mas agora sabia como dormir e como despertar na escuridão completa sem o auxílio de um despertador. Frequentemente, quando despertava, Gen não estava lá. Então, ele se levantava e caminhava, com tanta calma, tão acima de qualquer suspeita que, se alguém acordasse e o visse, pensaria simplesmente que ele estava indo buscar um copo d'água. Ele passava por cima dos vizinhos, dos compatriotas, e se dirigia para as escadas do fundo, atrás da cozinha. Certa vez, ele notara uma luz vindo da fresta debaixo da porta de um closet e pensou ouvir cochichos, mas não parou para verificar o que podia ser. Não dizia respeito a ele, o que consistia parte de se tornar invisível. Ele flutuava escada acima. Ele nunca se sentira tão bem dentro da própria pele. Pensou que nunca se sentira tão vivo e tão fantasmagórico ao mesmo tempo. Seria bom se tivesse que escalar esses degraus para sempre, para sempre o amante indo ao encontro da amada. Estava feliz e, a cada degrau galgado, se sentia mais feliz. Ele gostaria de parar o tempo. Por mais que estivesse inundado de amor, o Sr. Hosokawa não conseguiria despistar o que sabia ser verdadeiro: cada noite em que estavam juntos poderia ser considerada um milagre por uma centena de razões diferentes, não sendo a menor delas o fato de que, em algum momento, estes dias terminariam para eles. Ele tentava não se deixar levar por fantasias: ele se divorciaria; ele a seguiria de cidade em cidade, sentando-se na poltrona da primeira fila de todos os teatros de ópera do mundo. Faria isso de bom grado, abrir mão de tudo por causa dela. Porém, ele sabia que ambos estavam vivendo circunstâncias extraordinárias e, se algum dia retornassem às suas vidas passadas, nada mais seria como antes.

Quando abriu a porta do quarto dela, seus olhos estavam marejados, mais do que de costume, e ele agradeceu por estar escuro. Ele não queria que ela

pensasse que havia algo errado. Ela se aproximou dele, que levou o rosto molhado contra a cascata de cabelo cheirando a limão. Ele estava apaixonado e nunca sentira tal afeto em relação a outra pessoa. Nunca recebera tal afeto. Talvez a vida privada não durasse para sempre. Talvez as pessoas a tivessem por um tempo curto e depois passassem o restante da vida recordando-a.

* * *

No closet de louças, Carmen e Gen tomaram uma decisão: duas horas inteiras de estudos antes de fazerem amor. Carmen ainda estava completamente decidida a aprender a ler e escrever em espanhol — olhe o progresso que ela tinha alcançado! Embora hesitasse um pouco, já conseguia ler um parágrafo inteiro sem ajuda. Estava integralmente comprometida a aprender inglês. Sabia toda a conjugação de dez verbos e conhecia pelo menos cem substantivos e outras classes de palavras. Ainda nutria esperanças de aprender japonês para conversar com Gen na língua dele quando tudo isto acabasse e eles pudessem ficar juntos na cama à noite. Gen estava igualmente firme em sua decisão de prosseguir com as aulas de Carmen. Não havia propósito em abandonar tudo, depois de terem chegado tão longe, só porque estavam apaixonados um pelo outro. O amor não era exatamente isso? Querer o melhor para o ser amado, ambos se auxiliando, exatamente como Carmen e Gen faziam? Não, eles iriam estudar e praticar por duas horas, não menos do que faziam antes. Depois disso, sim, o tempo seria para os dois, e podiam fazer o que bem entendessem. Carmen roubou o contador de tempo em forma de ovo da cozinha. Puseram-se a trabalhar.

Espanhol primeiro. Carmen tinha encontrado uma mochila cheia de livros escolares no armário da filha do Vice-Presidente, livros estreitos com fotos de cãezinhos roliços na capa, um livro mais espesso com páginas contendo linhas contínuas e pontilhadas para praticar caligrafia. A garota só tinha usado cinco páginas. Ela tinha escrito o alfabeto e os números. E o nome dela, *Imelda Iglesias*, repetidas vezes em letras delicadamente arredondadas. Carmen escreveu o próprio nome embaixo. Ela copiava as palavras que Gen lhe dizia: *pescado, calcetín, sopa*. Peixe, meia, sopa. Tudo o que ele queria era tocar seus lábios na lateral do pescoço dela. Mas ele não interromperia a lição. Ela continuava debruçada sobre o caderno, trabalhando com afinco para que a caligrafia dela ficasse tão bonita quanto a da filha do Vice-Presidente, que tinha oito anos. Dois espessos fios de cabelo caíram sobre o caderno. Carmen os ignorou e, para se concentrar, mordeu o lábio inferior. Ele ficou imaginando se seria possível morrer por desejar tanto uma pessoa. Neste cubículo cheio de louça, o odor que ele sentia era o odor de Carmen: de limão, o cheiro poeirento e descorado de seu uniforme e o aroma mais sutil e suave de sua pele. Trinta

segundos para beijar-lhe o pescoço, não era pedir demais. Ele nem ia se importar que ela continuasse a escrever. Ele a beijaria delicadamente, o lápis que ela segurava nem precisava se afastar do papel.

Quando Carmen levantou o olhar, o rosto dele estava bem próximo ao dela. Tanto, que ela não conseguia mais recordar a palavra que ele dissera e, se ele fosse repetir, ela não sabia mais como soletrá-la ou como desenhar uma única letra a partir de uma linha reta. Tudo que precisava era de um beijo, um único beijo para desanuviar sua mente; aí ela voltaria à tarefa, totalmente concentrada. Ela não conseguia engolir ou piscar. Tinha certeza de que com um beijo poderia estudar a noite inteira. Um beijo não a tornaria menos estudiosa. De qualquer maneira, sua cabeça não mais estava voltada às letras, tudo que ela conseguia pensar era na grama, a grama, as árvores e o céu escuro da noite, o aroma do jasmim na primeira vez em que ele tirou a camisa dela e se ajoelhou para beijar sua barriga, seus seios.

— *Pastel* — disse Gen, a voz irregular.

Talvez ela estivesse treinada em modos que não compreendia, como um cão policial, e *bolo* fosse a palavra que a libertaria, porque, assim que ele acabou de pronunciá-la, ela caiu sobre ele, o livro e o lápis deslizando pelo chão. Ela o beijou com sofreguidão, devorou-o ávida e intensamente, pressionou a língua contra a língua dele, rolou até as prateleiras mais baixas onde se empilhavam as tigelas de sopa, cada uma perfeitamente acomodada dentro da outra.

Naquela noite, não voltaram às lições.

Então, na noite seguinte, chegaram a um acordo: uma hora de aula antes de ceder. Eles se aplicavam aos estudos com grande seriedade. Porém, na realidade, o plano foi três minutos menos bem-sucedido do que o que tinham combinado na noite anterior. Os dois ficavam desesperados, ansiosos, precipitados, e tudo o que faziam, precisavam repetir.

Experimentaram com espaços de tempo mais curtos, mas nenhuma tentativa logrou êxito, até que Gen propôs o seguinte plano: eles fariam amor imediatamente, no segundo em que fechassem a porta atrás deles, e depois disso se dedicariam aos estudos. Foi esse o plano que, de longe, obteve o maior sucesso. Às vezes, adormeciam por um breve período, Carmen aninhada no peito de Gen, Gen dentro da curva formada pelos braços de Carmen. Como soldados abatidos em uma batalha, ficavam deitados onde caíam. Outras vezes, tinham que fazer amor de novo, estando a primeira vez esquecida logo que terminavam. Contudo, na maior parte do tempo, conseguiam fazer algum progresso nos estudos. Antes que estivesse próximo de amanhecer, eles davam um beijo de despedida, e Carmen voltava a dormir no corredor em frente ao quarto de Roxane, e Gen voltava para o chão perto do sofá do Sr. Hosokawa. Ocasionalmente, detectavam um ligeiro som de seus movimentos quando ele descia a escada. Ocasionalmente, Carmen cruzava com ele no saguão.

Será que os outros sabiam? Possivelmente, mas não diriam nada. Suspeitavam apenas de Roxane Coss e do Sr. Hosokawa, que não hesitavam em ficar de mãos dadas ou trocar um beijo breve durante o dia. Se alguém suspeitasse de Gen e Carmen, talvez fosse apenas que eles ajudassem o outro casal a se encontrar. Roxane Coss e o Sr. Hosokawa, por mais improváveis que fossem para aqueles que os cercavam, eram membros da mesma tribo, a tribo dos reféns. Tantos homens estavam apaixonados por ela que, obviamente, seria natural que ela também se apaixonasse por um deles. No entanto, o caso de Gen e Carmen era diferente. Mesmo que os Generais confiassem nas traduções feitas por Gen, bem como em suas refinadas habilidades como secretário, mesmo que o considerassem extremamente inteligente e bastante agradável, nunca se esqueciam de quem ele era. E, mesmo que os reféns tivessem um sentimento de afeto por Carmen, na maneira como ela mantinha o olhar para baixo, sua relutância em apontar a arma diretamente para qualquer pessoa, quando havia algum chamado dos Generais, ela ficava do lado deles.

* * *

Recentemente, a vida tinha melhorado para todos os reféns, não apenas para aqueles que estavam amando. Uma vez que a porta da frente se abria, ela agora se abria com regularidade. Todos os dias os reféns iam lá para fora, aproveitar o sol quente. Lothar Falken encorajou os outros homens a começarem a correr. Ele os liderava em uma série de exercícios de aquecimento, e depois o grupo corria ao redor da casa. Os soldados jogavam futebol com uma bola que haviam encontrado no porão, e em alguns dias havia verdadeiros jogos, terroristas de um lado e reféns do outro, ainda que os terroristas, por serem bem mais jovens e estarem em melhor forma, quase sempre ganhassem.

Quando Messner vinha agora, frequentemente encontrava todos no quintal. O padre, que estava cavando, levantou-se e acenou.

— Como está o mundo? — perguntou o Padre Arguedas.

— Impaciente — respondeu Messner. Ele falava espanhol cada vez melhor, mas, ainda assim, perguntou por Gen.

O Padre Arguedas apontou a figura esparramada embaixo de uma árvore.

— Dormindo. É terrível como fazem o Gen trabalhar tanto. Você também. Eles o fazem trabalhar tão arduamente quanto ele. Se não se importa que eu diga, parece cansado.

Era verdade que recentemente Messner tinha perdido o sangue-frio que todo mundo achava tão reconfortante no início. Ele tinha envelhecido dez anos nos quatro meses e meio que eles viviam aqui, e, embora todo mundo parecesse se importar cada vez menos, Messner claramente se importava ainda mais.

— Este sol todo não faz bem para mim — disse Messner. — Todo cidadão suíço deveria viver nas sombras.

— Está realmente quente — concordou o Padre Arguedas. — Mas as plantas acham uma maravilha, chuva, sol, seca, não há como segurar seu crescimento.

— Não vou mais atrapalhar seu trabalho. — Messner deu um tapinha no ombro do padre, lembrando-se das diversas vezes que tentaram liberá-lo e o padre recusara. Ele ficava imaginando se, no final, o Padre Arguedas se lamentaria de ter permanecido. Provavelmente não. O arrependimento não parecia fazer parte da natureza do padre, ao contrário do que acontecia com Messner.

Paco e Ranato vieram correndo do gramado lateral, que agora chamavam de campo de jogos, e sem um mínimo de entusiasmo fizeram um esforço para revistá-lo. A revista consistia de nada mais do que algumas apalpadelas perto dos bolsos. Depois, correram de volta para a partida, que tinha sido interrompida para aquele propósito.

— Gen — disse Messner e, aproximando-se do rapaz que dormia, tocou-o no ombro com a ponta do sapato. — Pelo amor de Deus, levante-se.

Gen dormia o sono pesado dos drogados. Sua boca estava aberta e frouxa e seus braços estavam estendidos para os lados. Um leve e ondulado som de ronco saía de sua garganta.

— Ei, intérprete. — Ele se curvou e pegou uma das pálpebras de Gen entre o polegar e o indicador. Gen o enxotou e abriu os olhos lentamente.

— Você fala espanhol — disse Gen com a voz pastosa. — Desde o início. Agora me deixe em paz. — Ele se virou para o lado e puxou os joelhos para o peito.

— Não falo espanhol. Não falo nada. Levante-se. — Messner pensou sentir a terra tremer. Gen provavelmente teria sentido também, deitado com o rosto na grama. Seria sua imaginação que a terra realmente pudesse desmoronar debaixo deles? O que esses engenheiros sabiam? Quem garantiria que o solo não os engoliria, a diva da ópera e criminosos comuns na mesma mordida fatal. Messner se ajoelhou. Forçou a palma da mão contra a grama e, quando decidiu que estava apenas experimentando uma loucura momentânea, balançou Gen novamente. — Me escute — disse em francês. — Nós temos que convencer os Generais a se renderem. Hoje. Isso não pode continuar. Está me entendendo?

Gen rolou para ficar deitado de costas, se espreguiçou como um gato e depois dobrou os braços atrás da cabeça.

— E então diremos às árvores para darem plumas azuis. Você não prestou atenção em nada, Messner? Eles não vão ser convencidos de coisa alguma. E, em especial, não por alguém como nós.

Alguém como nós. Messner ficou pensando se Gen estava insinuando que

ele não tinha feito seu trabalho corretamente. Quatro meses e meio vivendo em um quarto de hotel meio mundo longe de Genebra, quando ele só tinha vindo a este lugar para passar as férias. Ambos os lados estavam irredutíveis, e o que o grupo dentro destes muros não entendia era que o governo era sempre irredutível, de qualquer país, em quaisquer circunstâncias. O governo não cedia, e, quando as autoridades do governo diziam que estavam cedendo, era mentira em todas as vezes, você podia ter certeza disso. Do ponto de vista de Messner, sua tarefa não era conseguir um acordo, mas apenas evitar uma tragédia. Não havia muito tempo mais para concluir a sua tarefa. Apesar do som ritmado dos homens correndo e da visão dos rapazes jogando futebol, ele definitivamente sentia que algo estava acontecendo sob o solo.

A marca da Cruz Vermelha, assim como a própria bandeira da Suíça, representava uma neutralidade pacífica. Messner deixara de usar a bráçadeira há muito tempo, mas continuava acreditando nela piamente. Os membros da Cruz Vermelha traziam alimentos e medicamentos, às vezes levavam papéis para arbitragem, mas não eram informantes. Eles não espionavam. Joachim Messner não teria dito aos terroristas o que os militares tinham planejado, assim como não diria aos militares o que acontecia no outro lado do muro.

— Levante-se — repetiu.

Preguiçosamente, Gen se sentou e levantou um braço para que Messner o ajudasse a se erguer. Isso aqui era um piquenique? Eles já tinham bebido tão cedo? Ninguém parecia estar sofrendo nem um pouco. Na verdade, todos tinham as faces rosadas e aparentavam esbanjar energia.

— Os Generais provavelmente ainda estão no campo de jogos — disse Gen.
— Devem estar jogando.

— Você tem que me ajudar — disse Messner.

Gen penteou o cabelo para trás com os dedos, a fim de conseguir alguma aparência de ordem, e depois, finalmente desperto, lançou o braço em volta dos ombros do amigo.

— E quando foi que eu deixei de ajudá-lo?

* * *

Os Generais não estavam jogando bola, mas sentados na extremidade do campo em três cadeiras de ferro forjado trazidas do pátio. O General Alfredo gritava instruções para os jogadores, o General Hector observava em silêncio, concentrado, e o General Benjamin mantinha a face inclinada, paralela ao sol. Os três estavam com os pés afundados na grama alta.

Gilbert deu um belo chute, e Gen esperou até a jogada acabar para anunciar a visita.

— Senhor — disse, para qualquer um dos três que levantasse a cabeça. — Messner está aqui.

— Outro dia — disse o General Hector. A segunda haste de seus óculos tinham-se quebrado de manhã e agora ele os usava apoiados no nariz, como se fossem um pincenê.

— Preciso falar com vocês — disse Messner. Se a voz dele revelava algum tipo de urgência, nenhum deles percebeu dadas a gritaria e a algazarra dos garotos no jogo.

— Permissão para falar — concedeu o General Hector. O General Alfredo não desviara os olhos do jogo e o General Benjamin sequer abrira os seus.

— Preciso falar com um de vocês lá dentro. Precisamos conversar sobre as negociações.

Ao ouvir isso, o General Alfredo virou a cabeça para Messner.

— Eles estão prontos para negociar?

— Negociações da parte de vocês.

O General Hector balançou a mão na direção de Messner, como se nunca tivesse estado tão entediado em toda sua vida.

— Você está desperdiçando o nosso tempo. — Voltou a atenção para o jogo e começou a gritar: — Francisco! A bola!

— É sério o que tenho a dizer — disse Messner com a voz baixa em francês. — Pelo menos uma vez. Eu fiz muito por vocês. Trouxe comida, trouxe cigarros. Levei suas mensagens. Estou pedindo que se reúnam comigo agora e conversem. — Mesmo no sol abrasador, o rosto de Messner tinha perdido toda a cor. Gen olhou para ele e traduziu a mensagem, tentando manter o mesmo tom de voz de Messner. Os dois permaneceram ali, de pé, mas os Generais não mais voltaram a olhar para cima. Geralmente, esse era o sinal para Messner se retirar, mas ele permaneceu ali, com os braços dobrados na frente, e esperou.

— Já chega? — sussurrou Gen em inglês, mas Messner não olhou para ele. Esperaram por mais de meia hora.

Finalmente, o General Benjamin abriu os olhos.

— Está bem — disse, a voz tão cansada quanto a de Messner. — Vamos para o escritório.

* * *

Cesar, que fora tão destemido ao cantar uma ária da *Tosca* na frente da casa inteira, na verdade preferia ensaiar à tarde, quando todo mundo estava do lado de fora, principalmente porque ensaiar com frequência o obrigava a fazer as escalas, que ele achava humilhantes. E ele e Roxane Coss nunca estavam sozinhos, não havia algo parecido com estar sozinho. Kato estava ali para tocar

piano e o Sr. Hosokawa estava ali porque sempre estava ali. Hoje, Ishmael, que com frequência era humilhado no futebol, colocara o tabuleiro de xadrez em uma mesa baixa perto do piano e jogava com o Sr. Hosokawa. Tanto ele quanto Cesar portavam revólveres já que, como haviam preferido ficar dentro de casa, ambos eram os sentinelas designados para cobrir a parte interna. Se Cesar reclamasse a respeito de outras pessoas ficarem para ouvi-lo e se houvesse alguém ali para traduzir do espanhol para o inglês e de novo para o espanhol (e muitas pessoas podiam fazer isso), Roxane Coss lhe diria que o propósito de cantar era ser ouvido por outras pessoas e que ele acabaria se acostumando. Ele queria aprender canções, árias, óperas inteiras, mas ela o fazia, na maior parte das vezes, praticar escalas e cantar linhas sem sentido. Ela o fazia bradar, contrair os lábios e prender a respiração até ele cair sentado e colocar a cabeça entre os joelhos. Ele teria convidado todo mundo para ouvir se ela lhe tivesse deixado cantar uma canção acompanhado pelo piano; isso, porém, era algo a ser conquistado, dizia ela.

— Agora há também um garoto que canta? — perguntou Messner. — É o Cesar? — Ele parou no salão para ouvir, e o General Benjamin e Gen pararam junto com ele. O casaco de Cesar estava curto demais nas mangas e os punhos do rapaz pendiam como cabos de vassouras com as mãos frouxas.

O General Benjamin estava claramente orgulhoso do menino.

— Ele já está cantando há semanas. Você é que ainda não tinha chegado na hora certa. Cesar canta o tempo todo. A Señorita Coss diz que ele tem potencial para ser excelente, assim como ela.

— Lembre-se da respiração — disse Roxane, e inspirou profundamente para mostrar a Cesar como fazer.

Cesar vacilou em uma nota, subitamente nervoso por ver o General ali.

— Pergunte a ela como ele está se saindo — disse Benjamin a Gen.

Roxane colocou a mão sobre o ombro de Kato, e ele levantou os dedos das teclas, como se ela tivesse apertado o botão de desligar. Cesar cantou mais três notas e depois parou, ao perceber que a música cessara.

— Nós começamos há muito pouco tempo, mas acho que ele tem um potencial enorme.

— Peça para ele cantar uma canção para o Messner ouvir — disse o General Benjamin. — Messner precisa de música hoje.

Roxane Coss concordou.

— Escute — disse ela. — Estamos trabalhando nessa.

Ela cantou algumas palavras quase em um sussurro de modo que Cesar entendesse o que deveria cantar. Ele não sabia ler ou escrever em espanhol e certamente não entendia italiano, mas era fantástica sua capacidade de memorizar e repetir um som, repeti-lo com tal *pathos* que o ouvinte pensaria que ele compreendia inteiramente o que estava dizendo. Uma vez dada a deixa para

Cesar, Kato começou a tocar a abertura de “Malinconia, Ninfa Gentile”, a primeira canção curta de *Sei Ariette*. Gen reconheceu a música. Ele a ouvira flutuando pelas janelas durante as tardes. O garoto fechou os olhos e em seguida olhou para o teto. *Ah, Melancolia, ninfa gentil, a ti consagro a minha vida*. Quando esquecia uma estrofe, Roxane Coss cantava com uma surpreendente voz de tenor: *Fontes e colinas pedi aos deuses; finalmente, me escutaram*. Então, Cesar repetia a estrofe. Era mais ou menos como ver um bezerro se levantar pela primeira vez em suas pernas delgadas, ao mesmo tempo algo um pouco desajeitado e belo. A cada passo ele aprendia como era andar, e a cada nota ele cantava com mais segurança. Era uma canção muito curta, começava e terminava logo. O General Benjamin bateu palmas, e Messner assoviou.

— Não elogiem muito — disse Roxane. — Ou vão acabar por estragar o menino.

O rapaz, as faces rosadas de orgulho ou falta de ar, fez uma reverência.

— Bom, só olhando não se dá nada por ele — disse o General Benjamin, caminhando pelo corredor, de volta ao escritório, com Messner e Gen. Era verdade. A única coisa mais torta do que os dentes de Cesar era o seu nariz. — Fico até imaginando... Todas as coisas brilhantes que nós podíamos fazer com nossas vidas se soubéssemos como.

— Eu sei que nunca vou cantar — disse Messner.

— Isso também sei. — O General Benjamin acendeu a luz do cômodo e os três homens se sentaram.

— Quero dizer que logo, logo, eles não vão mais me deixar entrar na casa — começou Messner.

Gen ficou surpreso. A vida sem Messner?

— Você está perdendo seu emprego — retrucou o General.

— O sentimento no governo é de que já colocaram esforço demais nas negociações.

— Não vi absolutamente esforço algum. Eles não nos fizeram qualquer oferta razoável.

— Estou falando isso como uma pessoa que gosta de vocês — continuou Messner. — Não vou dizer que sejamos amigos, mas quero o que for melhor para todos aqui. Abra mão disso. Façam isso hoje. Caminhem até lá fora, onde todo mundo possa vê-los, e se entreguem. — Messner sabia que sua fala não era convincente, mas não conhecia uma forma melhor de falar. Em sua confusão, ele transitava de um idioma a outro, dentre aqueles que falava: alemão, que tinha adquirido em casa, quando criança; francês, que tinha aprendido na escola; inglês, que tinha usado nos quatro anos em que morara no Canadá, quando era jovem; e espanhol, que estava aprendendo cada vez mais todo dia. Gen se empenhava em manter o ritmo daquela colcha de retalhos, mas em cada frase ele tinha que esperar e pensar. Era a incapacidade de Messner de ficar com

apenas um país que aterrorizava Gen, mais do que aquilo que ele dizia. Não havia tempo para ele se concentrar no conteúdo do que ele dizia.

— E em relação a nossas exigências? Você falou com eles como está falando comigo? Falou com eles como amigos?

— Eles não vão abrir mão de nada — disse Messner. — Não há qualquer chance, por mais que vocês esperem. Vocês têm que acreditar em mim.

— Então, vamos matar os reféns.

— Não, não vão — disse Messner, esfregando os olhos com os dedos. — Eu disse na primeira vez em que nos encontramos: vocês são homens razoáveis. Mesmo que efetivamente matassem, isso não mudaria o resultado final. O governo ficaria ainda menos inclinado a negociar com vocês.

Vinda do longo corredor no salão, ouviam a voz de Roxane cantando uma frase musical, seguida por Cesar. Eles cantavam várias vezes, um belo recital.

Benjamin escutou a música por um tempo e depois, como se tivesse ouvido uma nota que não combinava com ele, bateu com o punho na mesa que usavam para jogar xadrez. Não tinha importância, o tabuleiro estava em outro cômodo.

— Por que é de nossa responsabilidade fazer todas as concessões? Será que nós temos que ceder só porque temos uma longa história de desistir das coisas? Estou tentando libertar os homens que conheço da prisão. Não estou tentando me juntar a eles. Não é minha intenção trancar meus soldados naqueles porões. Prefiro ver meus soldados mortos e enterrados.

Você talvez os veja mortos, pensou Messner, mas não vai ter a oportunidade de vê-los enterrados. Ele soltou um suspiro. Não havia um país como a Suíça. Na verdade, o tempo tinha parado. Ele sempre estivera aqui e sempre estaria aqui.

— Receio de que essas sejam as duas opções possíveis — disse.

— A reunião acabou. — O General Benjamin se levantou. Seria possível mapear o curso desta história por meio de sua pele, que agora estava em chamas. O herpes-zóster flamejava a cada palavra que saía de sua boca e a cada palavra que escutava.

— Não pode acabar. Temos que continuar conversando até conseguirmos algum acordo; é imperativo. Eu imploro para que vocês pensem sobre o assunto.

— Messner, e o que eu tenho feito o dia inteiro? — retrucou o General e saiu.

Messner e Gen continuaram sentados, sozinhos, na suíte de hóspedes, onde os reféns não tinham permissão de sentar, a não ser que fossem vigiados por soldados. Escutaram o pequeno relógio esmaltado bater a uma hora da tarde.

— Acho que não vou mais suportar isso — disse Messner após vários minutos.

Suportar o quê? Gen sabia que tudo estava melhorando, e não apenas para ele. As pessoas estavam felizes. Olhe, todos estavam lá fora agora. Ele conseguia vê-los pela janela, correndo.

— É um impasse — disse Gen. — Talvez um impasse permanente. Se nos mantiverem aqui para sempre, nós vamos lidar bem com isso.

— Você ficou maluco? — perguntou Messner. — Você era o mais inteligente daqui e agora ficou tão louco quanto os outros. O que você está pensando, que vão simplesmente manter o muro intacto e fingir que é um zoológico, e trazer a comida, cobrar entrada? “Vejam, reféns indefesos e terroristas mal-encarados vivendo juntos em coexistência pacífica.” Isso não vai continuar. Alguém vai interromper, e é preciso que haja uma decisão sobre quem vai ser responsável pela interrupção.

— Você acha que os militares têm algum plano?

Messner encarou Gen.

— Só porque vocês estão aqui dentro não significa que o resto do mundo ficou paralisado.

— Então vão prender os outros?

— Na melhor das hipóteses.

— Os Generais?

— Todos eles.

Mas Carmen não podia ser considerada como todos eles. Nem Beatriz, ou Ishmael, ou Cesar. Quando Gen repassava a lista de terroristas na cabeça, ele não conseguia pensar em ninguém de quem quisesse abrir mão, nem mesmo os brigões e os tolos. Ele se casaria com Carmen. Ele pediria ao Padre Arguedas para casá-los, e então teriam uma situação legal e duradoura, de forma que, quando viessem prendê-los, ele diria que ela era a esposa dele. No entanto, essa providência só salvaria uma pessoa, embora fosse a mais importante. Quanto aos outros, ele não tinha a menor ideia. Como é que ele tinha chegado a querer salvar todos eles? As pessoas que o seguiam por todo lado com armas carregadas. Como é que ele tinha passado a amar tantas pessoas?

— O que vamos fazer?

— Você pode tentar convencer o Generais a se entregarem — respondeu Messner. — Mas, francamente, nem estou seguro se isso será bom para eles.

* * *

Em toda sua vida, Gen tinha se esforçado para aprender o R alveolar em italiano, a junção de vogais em dinamarquês. Quando criança, em Nagano, ele se sentava em um tamborete alto na cozinha, repetindo o sotaque americano da mãe, enquanto ela picava os legumes para o jantar. Ela frequentara a escola em Boston e falava francês tão bem quanto inglês. O pai de seu pai tinha trabalhado na China quando mais jovem e, por isso, seu pai falava chinês e tinha estudado russo no colégio. Na infância, parecia que a língua que falavam mudava de hora

em hora e ninguém tinha mais habilidade para acompanhar essas mudanças do que Gen. Ele e as irmãs brincavam com palavras, em vez de brinquedos. Ele estudava e lia, escrevia substantivos em cartões, escutava fitas de ensino de idiomas no metrô. Ele não parava. Mesmo sendo um poliglota natural, nunca se fiava apenas em seu talento. Ele aprendia. Gen tinha nascido para aprender.

Porém, esses últimos meses tinham provocado uma reviravolta em Gen, e agora ele via que havia tanta virtude em remover da mente o que se sabia quanto, como sempre pensara, em agregar novas informações. Ele se esforçava para esquecer tanto quanto sempre se esforçara para aprender. Ele se esforçava para não se lembrar de que Carmen era um soldado em uma organização terrorista que o tinha sequestrado. Não se tratava de tarefa fácil. Todo dia ele se forçava a praticar até que fosse capaz de olhar para Carmen e ver apenas a mulher que amava. Ele se esquecia do futuro e do passado. Ele se esquecia de seu país, de seu trabalho e daquilo que aconteceria com ele quando tudo tivesse terminado. Ele se esquecia de que a forma como viviam agora teria fim algum dia. E Gen não era o único. Carmen também se esquecia. Ela não se lembrava das ordens diretas que recebera de não criar qualquer laço emocional com os reféns. Quando ela achava extremamente penoso deixar tal informação importante sair de sua memória, os outros soldados a ajudavam a esquecer. Ishmael esquecia porque queria ser filho de Ruben Iglesias e trabalhar para Oscar Mendoza. Ele se imaginava partilhando um quarto com Marco, o outro filho de Ruben, e sendo um amável irmão mais velho para o garoto. Cesar se esquecia porque Roxane Coss tinha dito que ele podia ir com ela para Milão e aprender a cantar. Como era fácil imaginar-se em um palco com a diva, uma chuva de botões de flores brancas caindo a seus pés. Os Generais os ajudavam a esquecer por fazerem vista grossa a qualquer tipo de afeição e negligência que os cercava, e podiam fazer isso porque eles próprios estavam esquecendo de tanta coisa. Eles tinham que esquecer que foram eles a recrutar esses jovens de suas famílias com promessas de trabalho e oportunidades, além de uma causa pela qual lutar. Eles tinham que esquecer que o Presidente do país tinha deixado de comparecer à festa da qual seria sequestrado a partir de um plano tão minucioso, e de que assim tiveram que mudar de planos e tomar como reféns todos os outros presentes no evento. Acima de tudo, eles tinham que esquecer que não haviam descoberto uma maneira de sair. Eles tinham que pensar que alguma maneira apareceria, se esperassem um tempo considerável. Por que deveriam pensar sobre o futuro? Ninguém mais parecia se lembrar dele. O Padre Arguedas se recusava a pensar nele. Todo mundo comparecia à missa de domingo. Ele ministrava os sacramentos: comunhão, confissão, até a extrema-unção. Ele colocara as almas desta casa em ordem, e isso era tudo o que importava; então por que ele iria pensar no futuro? O futuro nem passava pela mente de Roxane Coss. Ela se tornara tão eficiente em esquecer que nem considerava mais a

esposa de seu amante. Ela não se importava que ele administrasse uma empresa no Japão, ou que eles não falassem a mesma língua. Mesmo aqueles que não tinham motivos para esquecer, o fizeram. Eles levavam suas vidas considerando apenas a hora seguinte. Lothar Falken só pensava em correr ao redor da casa. Victor Fyodorov não pensava em mais nada que não fosse jogar baralho com os amigos e ficar comentando sobre seu amor por Roxane Coss. Tetsuya Kato pensava em suas responsabilidades como pianista acompanhador e se esquecia do restante. Era esforço demais lembrar coisas que você podia não ter de novo, e assim, um por um, eles abriram as mãos e deixaram escapar. Com exceção de Messner, cujo trabalho era lembrar. E Simon Thibault, que mesmo no sono não pensava em outra coisa senão na mulher.

Então, ainda que compreendesse que havia algo real e perigoso esperando por eles, Gen começou a se esquecer disso quase na mesma hora em que Messner deixou a casa naquela tarde. Ele se ocupou digitando novas listas de exigências dos Generais e, mais tarde, ajudou a servir o jantar. Naquela noite, foi dormir e acordou às duas da manhã para se encontrar com Carmen no closet de louças e contou para ela, mas não com a premência que tinha sentido durante a tarde. Foi do senso de urgência que ele acabou se esquecendo.

— O que Messner disse hoje me deixou preocupado — disse Gen. Carmen estava sentada no colo dele, ambas as pernas apoiadas em seu lado esquerdo, ambos os braços em volta de seu pescoço. *Deixou-me preocupado*. Será que ele não deveria ter dito uma palavra que demonstrasse mais veemência?

E Carmen, que deveria ter ouvido, que deveria ter lhe feito algumas perguntas, para sua própria segurança e a dos outros soldados, seus amigos, apenas o beijou, porque o mais importante era esquecer. Era a tarefa deles, era com isso que se ocupavam. Aquele beijo era como um lago, profundo e cristalino, e eles nadavam nele, esquecendo.

— Vamos ter que esperar para ver — disse Carmen.

Será que eles deveriam fazer alguma coisa, tentar fugir? Devia ter uma maneira de escapar agora, todos estavam tão relaxados. Quase não havia mais vigilância. Gen perguntou a ela, as mãos subindo sob sua camisa, sentindo suas omoplatas se arquearem ao contato dos dedos.

— Podíamos pensar em fugir — disse ela. Mas os militares a pegariam e a torturariam, isso é o que os Generais lhes diziam no treinamento, e, entre as dores da tortura, ela acabaria contando alguma coisa. Ela não conseguia se lembrar do que ela não podia contar, mas aquilo seria o que levaria todos os outros à morte. Só havia dois lugares no mundo para ir: dentro e fora. A questão era: qual deles era mais seguro? Dentro da casa, dentro deste closet de louças, ela nunca se sentira mais segura em toda sua vida. Era evidente que Santa Rosa de Lima vivia dentro desta casa. Aqui ela estava protegida. Ela recebia em abundância as graças que pedia em orações. Sempre era melhor ficar onde estava o seu santo.

Ela beijou Gen na garganta. Todas as garotas sonhavam em amar como ela.

— Então, vamos falar disso? — perguntou Gen, mas agora ela já não vestia mais a blusa, que estava estirada como um tapete para eles se deitarem. Os dois acabaram com a distância entre seus corpos e o chão.

— Vamos falar disso — concordou ela, fechando os olhos delicadamente.

* * *

Assim que Roxane Coss se apaixonou, ela novamente ficou apaixonada. As duas experiências foram completamente diferentes e, assim mesmo, da forma como aconteceram, uma logo seguida da outra, ela teve que necessariamente ligá-las em sua mente. Katsumi Hosokawa veio para seu quarto no meio da noite e, pelo tempo mais longo de todos, ficou ali perto da porta do quarto e a abraçou. Era como se ele tivesse retornado de algo do qual ninguém sobrevive, um acidente de avião, um navio à deriva no mar, e não conseguisse imaginar outra coisa que não fosse ela em seus braços. Não podiam dizer uma palavra um ao outro, mas Roxane acreditava que falar a mesma língua não era absolutamente a única maneira de as pessoas se comunicarem. Além do mais, na verdade, o que havia para dizer? Ele a conhecia. Ela se recostava nele, os braços em volta do pescoço dele, as mãos dele esparramadas nas costas dela. Às vezes, ela inclinava a cabeça, e ele a balançava para frente e para trás. Pelo modo como ele respirava, ela achou que ele estivesse chorando, e ela compreendia o motivo. Ela também chorava, chorava pelo alívio que era estar com ele naquele quarto escuro, o alívio que era amar alguém e ser amada. Eles teriam ficado ali a noite toda, ele teria saído sem pedir mais nada, se em algum momento ela não tivesse agarrado uma das mãos que descansavam em suas costas e o guiasse para a cama. Havia tantas formas de falar! Ele a beijou quando ela se reclinou para trás, as cortinas fechadas, o quarto inteiramente nas trevas.

De manhã, ela acordou por um minuto, se espreguiçou, rolou para o lado e voltou a dormir. Ela não sabia dizer quanto tempo havia dormido, mas então ouviu alguém cantar e, pela segunda vez, lhe veio o pensamento de que não estava sozinha. Não que ela estivesse apaixonada por Cesar, mas ela se apaixonara pelo talento do rapaz.

Então passou a ser assim: toda noite, o Sr. Hosokawa vinha até seu quarto e toda manhã Cesar a esperava para treinar. Se havia algo mais para desejar, ela tinha se esquecido.

— Respire — disse ela. — Assim. — Roxane encheu os pulmões, inalou mais ar, em seguida mais ainda, e prendeu a respiração. Não importava que ele não compreendesse as palavras que ela dizia. Ela se posicionou atrás dele e colocou a mão espalmada sobre o diafragma do rapaz. O que ela queria dizer

estava claro. Ela empurrou todo o ar do corpo dele e depois fez com que ele inalasse novamente. Ela cantou uma estrofe de Tosti, movendo a mão para trás e para a frente, como um metrônomo, e ele a repetiu. Cesar não era um aluno de conservatório que achava que, para agradar, tinha que ser cuidadoso. Ele não tinha uma vida inteira de instrução medíocre para superar. Ele não tinha medo. Era um garoto, cheio de desafios de garoto e, quando sua repetição se fez ouvir, era alta e apaixonada. Ele cantava cada frase musical, cada escala, como se cantar fosse salvar sua vida. Estava se fixando na própria voz agora, e era uma voz que a maravilhava. Ela teria vivido e morrido na selva, essa voz, se Roxane não tivesse chegado para resgatá-la.

* * *

Continuava uma temporada boa, a não ser pelo fato de que Messner não ficava mais por ali. Ele estava mais magro agora. Suas roupas ficavam suspensas nos ombros como se estivessem acomodadas em um cabide de arame. Ele apenas deixava os pacotes e saía da casa apressado.

* * *

Cesar tivera a aula de manhã e, por mais que suplicasse que todo mundo fosse lá para fora, as pessoas se sentavam perto dele e escutavam. Ele melhorava rapidamente, e até os outros rapazes perceberam que o que estavam presenciando era mais interessante do que a televisão. Ele não parecia mais Roxane ao cantar. Agora ele estava encontrando o próprio caminho. Toda manhã ele desenrolava a voz diante deles como se fosse um raro leque com pedras preciosas; quanto mais se ouvia, mais intrincada ficava. A multidão que se aglomerava no salão podia sempre ter certeza de que ele seria melhor naquele dia do que tinha sido no dia anterior. Era isso o que mais os espantava. Ainda estava para ser revelado o mínimo indício dos limites aos quais Cesar era capaz de chegar. Ele cantava com paixão hipnótica e depois com luxúria apaixonada. Parecia impossível uma voz tão possante emanando de um rapaz tão comum. Seus braços ainda ficavam pendurados sem utilidade nos lados do corpo.

Quando Cesar soltou a última nota, todos estavam roucos, batendo os pés e assobiando.

— Ave, Cesar! — gritaram, tanto os reféns quanto os terroristas. Aquele rapaz era deles. Não havia um homem ou mulher ali dentro que não aclamasse a excelência de seu talento.

Thibault se inclinou e sussurrou ao ouvido do Vice-Presidente:

— É de se imaginar como a nossa diva está levando esse acontecimento.

— Com elegância, sem dúvida — Ruben sussurrou de volta e depois colocou dois dedos na boca e soltou um longo e alto assvio.

Cesar fez algumas reverências nervosas e, quando terminou, a multidão começou a clamar por Roxane.

— Cante! Cante! — pediam. Ela balançou a cabeça em negativa diversas vezes, mas o grupo não aceitou. Seu gesto apenas fazia com que gritassem mais. Quando ela finalmente se levantou, estava rindo, porque quem não sentia alegria na música? Ela levantou as mãos tentando mantê-los em silêncio.

— Apenas uma! — disse. — Não posso competir com isso. — Ela se abaixou e murmurou algo no ouvido de Kato, que anuiu. O que ela teria dito? Eles não falavam a mesma língua.

Kato tinha transcrito a música de *Il Barbiere di Siviglia* para o piano e seus dedos pulavam das teclas tão alto como se a pele estivesse queimando ao contato com o piano. Houve uma época em que ela sentira falta da orquestra, do delicado peso de tantos violinos à sua frente, mas agora não pensava mais nisso. Ela entrou na música, como se fosse um riacho fresco em um dia quente, e começou com “Una voce poco fa”. A música agora soava perfeita para ela, do modo como ela imaginava que Rossini a pretendia. Apesar do que as pessoas poderiam cochichar, ela certamente poderia competir, e vencer. Seu canto era como um merengue e, quando trina nas notas mais altas, colocava as mãos nos quadris e balançava para a frente e para trás, sorrindo maliciosa para a plateia. Ela era uma atriz, além de tudo. Deveria ensinar esse papel para Cesar. *Mil truques caprichosos e manobras sutis, vou usá-los antes que devam guiar meus desejos.* Eles a aclamaram. Ah, como adoravam essas notas ridículamente agudas, a impressionante acrobacia que ela fazia como se não fosse nada fora do comum. No final, ela os deixou tontos e então levou as mãos para cima e disse:

— Para fora, todos vocês.

E, mesmo que não entendessem o que ela estava dizendo, seguiram sua ordem e saíram para desfrutar a luz do sol.

O Sr. Hosokawa riu e beijou-lhe a face. Quem poderia acreditar que existisse uma mulher como aquela? Ele se dirigiu à cozinha, para preparar uma xícara de chá para Roxane, e Cesar ficou sentado ao lado dela no banco do piano, com esperança de que sua aula pudesse se alongar agora que os outros não estavam mais lá.

Tinham todos saído para jogar futebol ou sentar na grama e assistir ao jogo. Ruben conseguira solicitar uma pá e um ancinho de mão do depósito de jardinagem, que ficava trancado, e revirava o solo dos canteiros de flores, de onde ele havia cuidadosamente arrancado todas as gramíneas e ervas daninhas. Ishmael não quis jogar a fim de ajudar Ruben. Ele não se importava. Nunca gostara mesmo de jogar. Ruben lhe dera um talher de prata, uma colher de

servir, para cavar.

— Meu pai tinha um jeito maravilhoso com as plantas — contou Ruben. — Ele só precisava dizer algumas palavras para o solo e tudo florescia. Ele queria ser fazendeiro, como o pai, mas a seca atrapalhou seus planos. — Ruben encolheu os ombros e enfiou a pá no solo duro, revolvendo-o.

— Ele ficaria orgulhoso de nós dois agora — disse Ishmael.

Os rapazes que montavam guarda escalaram as touceiras de trepadeiras no fundo do quintal, apoiaram as armas contra o muro de reboco e entraram no jogo. Os corredores pararam de correr para jogar. “Una voce poco fa” ainda saltitava na cabeça de todos e, mesmo que não conseguissem cantarolar a música, corriam atrás da bola ao ritmo da canção. Beatriz tinha roubado a bola de Simon Thibault e feito o passe para Jesus, que estava em posição de dar um chute certo na direção entre as duas cadeiras que estabeleciam os limites da trave. Os Generais gritaram:

— Agora! Agora!

A luz estava entrecortada pelos galhos das árvores, cujas folhas haviam crescido muito nos últimos meses. Assim mesmo, havia luz por todo lado. Era cedo, faltava muito para o almoço. Kato deixou o piano e foi para fora sentar-se na grama ao sol, ao lado de Gen; assim, o único som era o chute na bola, além dos nomes dos garotos, Gilbert, Francisco, Paco, enquanto corriam.

Quando Roxane Coss gritou, foi porque viu um homem que não reconheceu entrando rapidamente no salão. Ela não se assustou com o uniforme ou a arma — já estava acostumada a ambos —, mas a maneira como o homem entrou foi aterrorizante. Ele caminhava como se nenhuma parede pudesse detê-lo. Fosse qual fosse sua intenção, já era uma decisão tomada, e nada que ela pudesse tentar ou cantar faria qualquer diferença. Cesar deu um pulo do banco do piano, onde estava sentado, e, antes que sequer se aproximasse da porta, levou um tiro. Ele caiu para a frente, de uma vez, sem levantar as mãos para se defender, sem esboçar um pedido de socorro. Roxane se agachou sob o piano, sua voz servindo como um alarme. Engatinhou até o garoto que ela tinha certeza de que chegaria a ser o maior cantor de sua época e, com seu próprio corpo, cobriu o dele, para que nada pior pudesse lhe acontecer. Ela sentiu o sangue quente ensopando a própria camisa, molhando sua pele. Agarrou a cabeça do garoto entre as mãos e beijou suas faces.

Com o som da bala, parecia que o homem com a arma se dividia, primeiro em dois, depois quatro, oito, dezesseis, trinta e dois, sessenta e quatro. A cada estampido alto, mais apareciam e se espalhavam por toda a casa, pulando pelas janelas e se despejando pelas portas até o jardim. Ninguém conseguia ver de onde eles surgiam, apenas que estavam em todos os lugares. Suas botas pareciam chutar a casa toda, abrir todas as entradas. Eles cobriram o campo de jogo enquanto a bola ainda estava sendo arremessada para longe. As armas

começaram a espoucar mais e mais, e era impossível dizer se as pessoas que caíam estavam tentando se proteger ou se tinham sido atingidas. Foi apenas um instante, mas naquele momento tudo o que se sabia sobre o mundo fora esquecido e reaprendido. Os homens gritavam algo, porém, com o sangue zumbindo nos ouvidos, o nauseante fluxo de adrenalina, a surdez provocada pelo tiroteio, nem mesmo Gen conseguia entendê-los. Ele viu o General Benjamin olhar para trás na direção do muro, possivelmente avaliando a altura, e então, com um único tiro, Benjamin foi abatido, a bala atingindo-o direto na lateral da cabeça. Com um único tiro, ele perdeu duas vidas, a dele próprio e a do irmão, Luis, que logo seria retirado da prisão e executado sob acusação de conspiração. O General Alfredo já tinha caído. Humberto, Ignacio, Guadalupe, todos mortos. Então, Lothar Falken colocou as mãos para cima e o Padre Arguedas também colocou as mãos para cima, e Bernardo, Sergio e Beatriz fizeram o mesmo gesto.

— *Ort und Stelle bleiben!* — gritou Lothar, *Fiquem onde estão*, mas onde estava o intérprete? O idioma alemão era inútil para ele agora. O General Hector começou a colocar as mãos para cima, mas foi alvejado antes que elas passassem do peito.

Os estranhos dividiram o grupo, como se conhecessem intimamente cada integrante. Não houve um minuto de hesitação sobre quem deveria ser afastado, levado pela fila de homens até os fundos da casa, onde o som de tiros disparados repercutia de volta sem parar. Não havia muitas pessoas dentro da casa. Mesmo que quisessem atirar cem vezes em cada terrorista, eles não teriam realizado tantos disparos. Ranato estava com os pés acima do chão, se sacudindo e berrando como um animal selvagem, ao ser levado por dois homens, cada um segurando o garoto por um dos braços. O Padre Arguedas correu para ajudá-lo, mas rapidamente foi atingido. Pensou ter sido acertado por um tiro, uma bala entrando na nuca, e nesse momento ele se lembrou do seu Deus. Porém, quando se viu deitado na grama, ele percebeu que estava errado. Ele estava bem vivo. Abriu os olhos e se pegou olhando para Ishmael, seu amigo, que morrera há menos de dois minutos. O Vice-Presidente estava chorando junto ao pescoço do garoto, os olhos apertados, a boca completamente aberta. Ele segurava a adorável cabeça do filho nas mãos. Nas mãos de Ishmael, ainda estava a colher que tinha usado para cavar.

Beatriz colocou as mãos para o alto, acima da cabeça, e o sol atingiu o cristal do mostrador do relógio de Gen e jogou um perfeito círculo de luz contra o muro. À sua volta, estavam as pessoas que ela conhecia. Lá estava o General Hector, caído de lado, sem óculos, a camisa suja e ensopada. Lá estava Gilbert, que ela tinha beijado uma vez porque não havia mais nada para fazer. Ele estava esparramado de costas, os braços esticados para os lados como se quisesse voar. E lá estava um outro, mas com uma aparência horrível. Ela nem conseguia ver quem era. E ficou com medo delas agora, das pessoas que conhecia. Ela tinha

mais coisas em comum com os estranhos que estavam atirando, porque ela e os estranhos se encontravam vivos. Ela ia manter os braços o mais esticados possível. Essa era a diferença. Faria exatamente o que mandassem e seria poupada. Fechou os olhos e procurou em sua sombria pilha de pecados, esperando que pudesse se ver livre de mais alguns sozinha, sem a ajuda do padre, pensando que ter menos pecados lhe daria uma leveza que esses novos homens reconheceriam. Mas os pecados já tinham terminado. Procurou e procurou por trás da escuridão de suas pálpebras, mas não havia mais qualquer pecado a ser encontrado, e ela ficou surpresa. Ouviu Oscar Mendoza chamar o nome dela, “Beatriz! Beatriz!” e abriu os olhos. Ele vinha em sua direção, os braços abertos. Ele corria na direção dela como um apaixonado e ela lhe sorriu. Então, ela ouviu outro tiro, que, dessa vez, empurrou-a para fora do chão. A dor explodiu forte no peito e a cuspiu deste mundo terrível.

Gen viu Beatriz cair e chamou por Carmen. Onde estava Carmen? Ele não sabia se ela estava do lado de fora. Ele não a via em lugar algum. Ninguém era mais esperto do que Carmen. Ninguém tinha mais probabilidade de escapar, a não ser que fizesse alguma coisa tola. E se ela tivesse o ímpeto de salvá-lo?

— Ela é minha esposa! Ela é minha esposa! — gritou ele no meio do tumulto, pois era o único plano que lhe veio à mente, mesmo que ele não a tivesse pedido em casamento, ou pedido ao padre para abençoá-los. Ela era a esposa dele naquilo que interessava, e isso iria salvá-la.

No entanto, nada poderia salvá-la. Carmen já estava morta, abatida logo no início. Ela se encontrava na cozinha guardando os pratos no closet de louças, quando o Sr. Hosokawa entrou para preparar o chá. Ele se inclinou para ela, o que sempre a fazia sorrir timidamente. Ele ainda não tinha apanhado a chaleira quando os dois ouviram Roxane Coss gritar. Não uma canção, mas um grito seguido de um longo uivo, parecido com o de um lobo. Juntos se dirigiram até a porta, o Sr. Hosokawa e Carmen. Correram juntos pelo corredor, Carmen, mais jovem e mais rápida, na frente dele. Estavam atravessando a sala de jantar quando ouviram o tiro que abateu Cesar. Entraram no salão e neste exato momento um homem com uma arma se virou para encará-los, justo na hora em que Roxane pegou o corpo do estudante nos braços. O tempo, que estivera suspenso havia muito, retornava agora com tal força que os eventos se sobrepunham e tudo acontecia simultaneamente. Roxane os viu no momento em que o homem com a arma os viu, em que Carmen viu Cesar e em que o Sr. Hosokawa viu Carmen e fez um escudo para ela, a força de seu braço atingindo a lateral da cintura dela com uma pancada. Ele estava na frente dela no instante em que foi jogada para trás dele, no instante em que o homem que a vira na frente, separada do Sr. Hosokawa, apertou o gatilho. A menos de dois metros de distância, não havia como errar, a não ser pela confusão, pelo tiroteio, pela algazarra de vozes, pelo homem que estava na lista para ser salvo se colocando

na frente dela. Um tiro reuniu-os em um par que ninguém tinha considerado antes: Carmen e o Sr. Hosokawa, a cabeça dela à esquerda do rosto dele como se ela estivesse olhando por cima de seu ombro.

Quando a cerimônia terminou, o grupo saiu para o sol do fim de tarde. Edith Thibault beijou a noiva e o noivo, e, para completar, beijou o próprio marido. Ela exalava um brilho que faltava nos outros três. Ela ainda acreditava ser uma criatura de sorte. Fora ela quem insistira com Simon para que viessem até Lucca por um dia, a fim de serem os padrinhos de Gen e Roxane. Era o correto, vir desejar-lhes o melhor.

— Achei lindo — disse em francês. Os quatro se comunicavam em francês.

Thibault segurava a mão da mulher como se estivesse tonto. Teria sido formidável se alguém tivesse se lembrado de trazer o Padre Arguedas para celebrar a cerimônia, mas ninguém pensara nisso antes e agora era tarde. O governo francês esperava que Thibault reassumisse plenamente seu posto após um compreensível período de descanso. Porém, quando deixaram a casa rumo a Paris, os Thibault levaram todos os seus itens pessoais. Simon e Edith nunca mais poriam os pés naquele país abandonado por Deus. *Quel bled*, diziam agora.

Era o início de maio e a temporada turística ainda não começara em Lucca. As velhas ruas de pedra logo estariam abarrotadas de universitários segurando seus guias de viagens, mas, por ora, estavam completamente vazias. Era como uma cidade particular, só deles, o que era exatamente aquilo que a noiva quisera, um matrimônio tranquilo na cidade natal de Giacomo Puccini. Uma brisa soprou e ela segurou o chapéu.

— Estou feliz — disse Roxane; olhou para Gen e repetiu a frase. Ele a beijou.

— Os restaurantes ainda estão fechados — disse Edith. — Ela examinou a praça protegendo os olhos com uma das mãos. Era uma cidade antiga, parecia abandonada, como se tivesse surgido intacta de uma escavação arqueológica. Nenhum lugar em Paris era assim. — Por favor, veja se você consegue encontrar um bar aberto. Precisamos de uma taça de vinho para brindar. Roxane e eu podemos esperar aqui. Essas ruas não combinam com saltos altos.

Thibault sentiu uma leve onda de pânico, mas controlou-se rapidamente. A praça era excessivamente ampla e estava excessivamente calma. Ele se sentira melhor dentro da igreja.

— Sem dúvida, um brinde. — Beijou a esposa perto dos olhos, depois nos lábios. Afinal, tratava-se de um casamento, um casamento na Itália.

— Você não se importa em esperar? — perguntou Gen a Roxane. Ela sorriu.

— Mulheres casadas não se importam em esperar.

Edith Thibault pegou a mão da noiva e admirou a bela aliança.

— Elas se importam imensamente, mas ainda assim apreciam uma boa taça de vinho.

As duas mulheres se sentaram na ponta de uma fonte, Roxane com um buquê de flores no colo, e observaram os dois homens se afastarem pelas ruas estreitas e idênticas. Quando não conseguiram mais avistá-los, Edith achou que talvez tivesse cometido um erro. Ela e Roxane deveriam ter tirado os sapatos e acompanhado os dois.

Gen e Thibault atravessaram duas *piazze* antes que algum deles tomasse a palavra, e o silêncio de ambos deixava que os sons de seus sapatos ecoassem pelas altas muralhas.

— Então, vocês vão morar em Milão — disse Thibault.

— É uma linda cidade.

— E seu trabalho? — Porque o trabalho de Gen tinha sido o Sr. Hosokawa.

— Agora me dedico principalmente à tradução de livros. Fico com o tempo mais flexível. Gosto de acompanhar Roxane nos ensaios.

— Sim, claro — disse Thibault, distraído, e enfiou as mãos no fundo dos bolsos. — Sinto falta de ouvi-la cantar.

— Vocês deviam vir nos visitar.

Um garoto passou em uma brilhante vespa vermelha e depois dois homens levando dachshunds saíram de uma padaria e vieram na direção deles. Afinal, a cidade não estava tão deserta.

— Você vai sentir saudades do Japão?

Gen balançou a cabeça.

— É melhor para ela aqui, e tenho certeza de que vai ser melhor para mim, também. Todos os cantores de ópera deviam morar na Itália. — Ele apontou para um prédio na esquina — Olhe ali, um bar aberto.

Thibault parou. Ele nem teria notado. Não estava prestando a menor atenção.

— Ótimo, então cumprimos nossa missão. Vamos voltar para as nossas esposas.

Gen, porém, não deu meia-volta. Ele ficou mirando o bar por um longo tempo, como se fosse um lugar onde tivesse morando anos antes.

Thibault perguntou se havia algo errado. De vez em quando, ele ficava paralisado daquela forma.

— Eu queria perguntar a você — disse Gen, mas demorou mais um minuto para encontrar as palavras. — Carmen e Beatriz nunca foram mencionadas nos jornais. Tudo o que eu li diz que havia cinquenta e nove homens e uma mulher. Foi assim que noticiaram na França?

Thibault confirmou que não houvera qualquer menção às moças.

Gen anuiu.

— Acho que torna a história mais interessante assim, cinquenta e nove contra uma. — Ele usava uma rosa branca na lapela do terno de casamento. Fora Edith que trouxera para ele em uma caixa de papelão junto com o buquê de rosas brancas para Roxane. Ela mesma havia prendido a flor na lapela de Gen. — Entrei em contato com os jornais e pedi para publicar uma retificação, mas ninguém se interessou. É como se elas nunca tivessem existido.

— Nada do que você lê nos jornais é verdade — disse Thibault. Ele estava pensando sobre a primeira vez em que foram cozinhar, todos aqueles frangos, e as garotas e Ishmael chegando com as facas.

Gen continuava sem encarar Simon. Ele falava como se estivesse contando a história para alguém no bar.

— Eu telefonei para Ruben, contei para você? Telefonei para informar sobre o casamento. Ele disse que achava melhor que nós esperássemos, que seria errado tomar qualquer atitude com tanta pressa. Ele foi muito gentil, você sabe como ele é. Mas nós não quisemos esperar. Eu amo Roxane.

— Não — disse Thibault. — Vocês agiram certo. Casar foi a melhor coisa que já me aconteceu. — Se bem que agora ele estava pensando em Carmen. Como é que ele nunca tinha pensado nisso antes? Ele claramente se lembrava dos dois juntos, dia após dia, juntos no fundo do salão, cochichando, o rosto de Carmen se iluminando quando ela olhava para Gen. Thibault não quis ver o rosto dela novamente.

— Quando escuto Roxane cantar, ainda consigo pensar que o mundo é bom — disse Gen. — Este é um mundo em que alguém escreveu uma música tão bela, um mundo em que ela ainda pode cantar a música com tanta paixão. É uma prova, não é? Acho que agora não conseguiria sobreviver um dia sequer sem isso.

Mesmo quando Thibault fechou os olhos e os esfregou com o polegar e o indicador, ele ainda via Carmen. O cabelo penteado em uma trança na parte de trás do pescoço delgado. Ela está sorrindo.

— Ela é uma garota bonita — disse.

Foram até o bar. Ele precisava voltar para Edith agora. Passou o braço em volta dos ombros do amigo e guiou-o de volta na direção da Piazza San Martino. Sentiu-se ficando sem ar e precisou se concentrar nos músculos das pernas para evitar correr. Ele tinha certeza de que Gen e Roxane tinham se casado por amor, o amor de um pelo outro e o amor de todas as pessoas de que se recordavam.

Quando viraram a esquina, a rua se abria para a arejada praça, e lá estavam as esposas, ainda sentadas na fonte. As duas olhavam na direção da catedral, mas Edith se virou e, quando viu o marido, que alegria em seu rosto! Elas se levantaram e caminharam em direção aos homens, Edith com o cabelo negro brilhando, Roxane ainda usando o chapéu. Qualquer uma delas poderia ser a noiva. Thibault estava certo de que nunca houve mulheres tão bonitas, e as

mulheres bonitas vinham na direção deles com os braços abertos.

Sobre a autora



Ann Patchett é autora de cinco romances, incluindo *Estado de graça*, lançado pela Intrínseca. Publicou também duas obras de não ficção e colabora para diversos veículos, como *New York Times Magazine*, *Elle*, *GQ*, *Financial Times*, *Paris Review* e *Vogue*. Eleita pela revista *Time* uma das 100 pessoas mais influentes do mundo em 2012, Ann Patchett é proprietária de uma pequena livraria na cidade de Nashville, Tennessee, onde mora.

Outro título da autora



[Estado de graça](#)